COMENTÁRIO BÍBLICO

Ney Brasil Pereira

SIRÁCIDA ou ECLESIÁSTICO
A Sabedoria de Jesus, Ben Sirá

Cosmovisão de um sábio judeu no final do Antigo Testamento
e sua relevância hoje

2ª. edição, revista

A meus professores e mestres,
desde a Irmã Bernadeta, que me ensinou o abc
no curso primário, do Colégio Stella Matutina
em São Francisco do Sul,
até o Pe. De la Potterie,
do Pontifício Instituto Bíblico de Roma,
sem poder nomear um por um,
mas incluindo todos,
todos os que me ensinaram a dar os passos
no caminho da Sabedoria,
a eles dedico este Comentário
da obra de um Sábio,
de alguém que, como eles,
tendo caminhado à frente, ensinou a caminhar.

"Farei luzir a instrução como a aurora
e a levarei a brilhar até bem longe;
derramarei o ensino como profecia
e o legarei às gerações futuras.
Vede que não trabalhei somente para mim,
mas para todos os que a Sabedoria procuram".

(Sr 24,32-34)

ABREVIAÇÕES

AT - Antigo Testamento
NT - Novo Testamento
BJ - Bíblia de Jerusalém
BV - Bíblia Vozes
Vg – Vulgata
NV – Nova Vulgata
Si - Sirácida
aC, dC - antes de Cristo, depois de Cristo
cf. - confira
c., cc. - capítulo, capítulos
v., vv. - versículo, versículos
gr. – grego
hebr. – hebraico
hebr. I – texto hebraico primitivo
hebr. II - texto hebraico expandido
gr. I - tradução grega original, do neto do Sirácida
gr.II - tradução grega do hebr. II
it. - literalmente
ms, mss - manuscrito, manuscritos
prl- paralelo, paralelos

As citações bíblicas, quando não tiverem indicação de outro livro, serão sempre do Sirácida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO[1]

1. TÍTULO DO LIVRO E NOME DO AUTOR

Até pouco tempo atrás, o título em português era somente *"Eclesiástico",* oriundo da antiga versão latina que depois entrou na Vulgata e era muito aproveitada na liturgia da Igreja católica antes do Vaticano II (o livro do AT mais citado, depois dos Salmos!). De uns anos para cá, tem entrado em voga o titulo *"Sirácida"* (ou, segundo querem alguns, *"Siracides"),* forma grega que corresponde à expressão hebraica *Ben Sirá*, isto é, Filho de Sirac, a qual aparece no início e no fim dos mss da versão grega e no fim dos mss do texto original, como sendo o nome do autor. Ainda quanto à diferença entre “Sirá” e “Sirac”: *Sirac* é a transliteração grega do hebraico *Sirá'.* Quanto ao texto original e suas versões, daremos mais detalhes adiante.

Além de, no Ocidente, ser denominado *"Eclesiástico",* isto é, "livro da Igreja", nosso livro também foi chamado, na Igreja oriental, "A Sabedoria de todas as virtudes" ou, por Clemente de Alexandria, "O Pedagogo". Santo Agostinho declarava, no fim da vida, ter neste livro encontrado mais sugestões para a educação na vida espiritual do que em qualquer outro livro bíblico, entenda-se, do AT.

Mas por que este livro é o "Eclesiástico", enquanto Coélet é o *"Eclesiastes"?* A razão está em que *"Eclesiastes"* é um substantivo, a forma gr. da palavra hebr. *Qohélet,* e significa, possivelmente, "Convocador da assembléia" (hebr. *qahal,* gr. *ekklesía);* enquanto "Eclesiástico" é um adjetivo latino, qualificando o livro, e significa "referente à Igreja" (lat. *ecclésia).* E, aqui, dois significados: 1) "referente à Igreja" por ser um livro muito apreciado na instrução dos catecúmenos e na liturgia, especialmente na Igreja ocidental, desde o século III; ou 2) na explicação de Rufino, contemporâneo e discípulo de São Jerônimo, "Eclesiástico" porque não canônico, mas, assim mesmo, "lido na Igreja"... Na Igreja ocidental, aliás, essa hesitação fora dirimida já em fins do século IV, no sínodo de Hipona, 393, quando foi definido o mesmo cânon bíblico que o concílio de Trento, mil anos depois, confirmou, incluindo o Eclesiástico/Sirácida com os demais deuterocanônicos no conjunto da Bíblia.

---

[1] **NOTA PRÉVIA**

Muito do que se encontra neste Comentário foi extraído das obras congêneres de MACKENZIE, ALONSO-SCHÖKEL e MINISSALE, alguma coisa também de DI LELLA, SPICQ e MICHAUD, citados na bibliografia. Esta observação justifica o não-recurso às notas ao pé da página. O mérito da obra, espero, está em reunir, adaptar e colocar esses dados à disposição do leitor brasileiro, dentro de uma leitura não só teológica, mas também pastoral, atenta à realidade do Sirácida e também à nossa realidade. Quanto ao texto comentado, basicamente é o da Bíblia-Vozes, edição de 1982, embora com bastantes modificações, justificadas na Introdução, n. 6. Ainda quanto ao texto, que nesta coleção é apresentado em grifo, os versículos em redondo são considerados acréscimos secundários, incorporados porém ao texto na edição crítica de ZIEGLER, cf. Introdução, ainda n. 6.

Para efeito de clareza, seria bom abandonar de vez um desses dois títulos que se confundem: *Eclesiastes* ou *Eclesiástico.* Mais ainda se confundem suas abreviaturas: Ecl e Eclo. Melhor, pois, oficializar, p. ex., *"Sirácida",* o nosso autor, em vez de "Eclesiástico", no caso de se manter o "Eclesiastes". E as siglas, coerentemente, poderiam ser *"Ecl",* de *Eclesiastes,* e *"Si",* de *Sirácida,* opção que seguiremos neste Comentário. Ainda quanto ao nome do autor, alternaremos a forma grega "*Sirácida*", "filho de Sirac", com a forma hebraica "*Ben Sirá*", "filho de Sirá".

2. AUTOR E DATA

Embora ele tenha tido o cuidado de assinar a sua obra (50,27), não temos certeza da forma exata do seu nome. Provavelmente era, em hebr., "*Joshuá Ben Eleazar Ben Sirá*", traduzindo: "Jesus, filho de Eleazar, filho de Sirac", como está no versículo citado.

Cidadão de Jerusalém, segundo nos informa também 50,27, sua genealogia denota uma família de certas posses. Deve ter recebido boa educação, sendo provavelmente trilíngüe: além do hebraico e do aramaico, deve ter conhecido o grego, como é o caso, certamente, do neto-tradutor (cf. Prólogo). Desde a juventude dedicou-se ao cultivo e à busca da sabedoria (cf. seu testemunho, em 51,13-22), através do treinamento escribal e do estudo dos livros sagrados (cf. 39,1-3). Viajou bastante e exerceu funções de embaixador (cf. 39,4 e 33,9-12). Estabelecido em Jerusalém, criou sua família e administrou sua propriedade, talvez mantendo algum tipo de comércio (cf. 26,29-27,3). Exerceu cargos públicos e participou com fidelidade na vida religiosa e litúrgica da capital (cf. 34,21--35,13 e 50,1-21).

Mas acima de tudo foi um sábio e pedagogo. Os jovens das "boas famílias" de Jerusalém devem ter sido enviados à sua escola, e os vários temas expostos em provérbios, em forma poética, ao longo do livro, devem ter sido as lições a eles propostas, inclusive para serem aprendidas de memória, depois coligidas.

Graças ao prólogo do tradutor grego, que se apresenta como neto do autor, a data do livro pode ser estabelecida com bastante certeza. Uma vez que o tradutor fez o seu trabalho por volta do ano 130 aC (cf Prólogo v.7), o livro deve ter sido escrito uns 60 anos antes, por volta de 190-180 aC, isto é, depois do falecimento de Simão II, o sumo sacerdote elogiado no c. 50 e falecido em 195 aC. Antes, porém, da deposição de Onias III e do começo do reinado de Antíoco IV, em 175 aC (cf. quadro cronológico, p. 254s). Pode ser que o livro foi editado em partes sucessivas, p.ex., 24,32-34 representando a conclusão da primeira parte, e 50,21-29 sendo a conclusão da segunda parte; mas temos também uma aparente conclusão parcial em 33,16-18.

O Sirácida não é só um dos últimos "sábios" mas é também um dos primeiros "escribas" (cf. 38,24; ver também Esd 7,11-12), cuja reflexão se processa em torno dos escritos do passado, nos quais ele pôde perscrutar a Lei. A sua casa, portanto, terá sido uma escola chamada "casa do midraxe" (51,23), isto é, casa da "procura" (hebr. *darash*) da Sabedoria, da investigação do sentido da Lei.

3. MOLDURA HISTÓRICA

Já tendo situado a data de publicação do livro, por volta de 190-180 aC, será interessante apresentar mais alguns dados do seu enquadramento histórico, em plena época helenística, junto com o que precede e o que segue.

a) Período persa (538-332 aC)

São os primeiros dois séculos do pós-exílio, cujas conseqüências naturalmente chegam até o Sirácida. O domínio persa favorecia a instalação de uma *teocracia* nacional, na pequena região da Judéia, sob o governo dos *sacerdotes* do Templo, este, restaurado em 515 aC. Embora os sacerdotes da época sejam alvo de censuras, p. ex. de Esdras e de Neemias (cf Esd 9,1 e 10,18; Ne 9,34), e também de Malaquias (cf Ml 1,6—2,9), Ben Sirá vê neles o esteio da nação (cf 50,1-4; também 45,26), e considera mais relevante a aliança divina com Aarão e Finéias do que a celebrada com Davi (45,25).

Outro grande evento do período persa é a promulgação oficial da Lei por intermédio de Esdras (provavelmente em 398 aC), com o conseqüente reconhecimento do Pentateuco e a veneração da Torá - a Lei. O próprio Esdras se apresenta como escriba zeloso da Lei (Esd 7,6.10-11), qualidade que o Sirácida assume para si em 38,24. Diversamente, porém, da intransigência de Esdras, cujo nome ele omite no "elogio dos antepassados", embora recorde Neemias (49,13), Ben Sirá pratica uma abordagem menos legalista e mais compreensiva da Lei, abordagem que podemos qualificar exatamente de sapiencial.

Pelo final do período persa consumou-se o *cisma dos samaritanos,* que entre 350 e 300 aC construíram o seu Templo sobre o monte Garizim (cf Jo 4,20), depois de haverem dificultado a reconstrução dos muros de Jerusalém na época de Neemias. Daí o ressentimento do Sirácida contra eles, esse "*povo insensato que habita em Siquém*" (50,26).

b) Período helenista (332-63 aC)

Este período se estende por mais de dois séculos, desde a invasão de Alexandre (332 aC) até a vitória do romano Pompeu sobre o último asmoneu, em 63 aC. É o período marcado pela difusão da cultura grega no Oriente, inclusive na Palestina, um de cujos sinais mais concretos foi a helenização de várias cidades, helenização caracterizada por templos dos deuses gregos e principalmente pela construção de "ginásios" para a cultura física (cf. 1Mc 1,11-15).

Como Estado-tampão entre Síria e Egito, a Judéia vai sofrer, ao longo do século III aC, várias guerras entre os sucessores de Alexandre, Lágidas no Egito e Selêucidas na Síria. Como conseqüência da batalha de Pânion (a "Cesaréia de Filipe" dos sinóticos), em 199 aC, a Palestina passa definitivamente dos Lágidas (Ptolomeus) para os Selêucidas. O rei selêucida na época era Antíoco III o Grande (+ 187 aC), pai do famigerado Antíoco IV Epífanes. Contra este vai estourar, em 167, a insurreição dos Macabeus.

É este período de transição, do domínio dos Lágidas para o dos Selêucidas, por volta do ano 200 aC, que é a época da atividade pedagógica e literária do Sirácida, numa Jerusalém provinciana que gravita em torno do Templo, centro religioso e também econômico. O sistema tributário, estruturado pelos Ptolomeus e continuado pelos Selêucidas, confiava a arrecadação dos impostos a coletores nativos, sendo seu responsável maior o sumo sacerdote. Abaixo dos aristocratas que colaboravam com as forças da ocupação, vivia a massa popular, oprimida e silenciosa, como uma "colônia" de estrangeiros em sua própria terra, sofrendo um processo crescente de escravização, como resultado da incapacidade de pagar tributos escorchantes. O levante dos Macabeus, aglutinando as forças populares, eclodirá quando a unidade tácita entre o soberano, selêucida, e o sumo sacerdote, judeu, chegar ao impasse dos excessos helenizantes dos "ímpios" Jasão e Menelau (cf. 2Mc 4).

Notar também, nesse período, a difusão das correntes filosóficas do *estoicismo* de Zenão (+ 262 aC) e do *epicurismo* de Epicuro (+ 270 aC), ambos atuantes a partir de Atenas, e cujas idéias parecem encontrar ressonâncias em certas passagens do Sirácida, embora não se comprovem citações literais.

Uma última observação sobre o *farisaísmo* ou *saduceísmo* de Ben Sirá. No seu tempo ainda não se contrapunham essas duas tendências, que vão ser tão proeminentes no NT. De um lado, a simpatia pelo sacerdócio e a ausência de uma escatologia ultraterrena o aproximam dos saduceus, enquanto a sua convicta adesão à Lei o aparenta aos fariseus, embora deles se distinga por uma adesão mais sapiencial que legalista.

4. CONTEÚDO DOUTRINAL

O autor do livro de Jó, do séc. V, tem um problema especial em vista, que é o seu desacordo com a teologia da retribuição. Da mesma forma, embora a seu modo, e mais radicalmente ainda, o Eclesiastes, no séc. III. O Sirácida, escrito depois do Eclesiastes, provavelmente respondendo a ele, retoma, mas ambém a seu modo, a teologia da retribuição. A sua resposta é ampla, ocupando-se em harmonizar um vasto conjunto de material tradicional. E isso, combinando numa consistente filosofia de vida *duas tradições* originalmente bem distintas: a tradição *mosaica,* com a sua teologia da Aliança, e a tradição *sapiencial,* com a sua teologia da Criação. Essas duas tradições já tinham feito contacto, segundo MACKENZIE, no livro dos Provérbios, no qual o único Criador, que envia a Sabedoria para a humanidade toda, é claramente identificado com YHWH, o Senhor, o qual estabelece a sua Aliança através de Moisés só com Israel.

O sentido do termo *Sabedoria* é ambíguo, ou melhor, polissêmico, porque continuou a ser empregado em vários níveis diferentes: 1) originalmente, nada mais é do que habilidade e *know-how,* p. ex., a "sabedoria" do artesão, do ferreiro, do oleiro, que é "competente" (lit. "sábio") em seu ofício, como Beseleel, no livro do Êxodo (Ex 31,1-5); aqui, 38,31b; 2) num nível mais alto, é a inteligência, a habilidade de lidar com as pessoas, a capacidade de discernir e escolher bem, a experiência da vida, como aparece nas seções mais antigas do livro dos Provérbios; 3) num nível ainda mais alto, é a inteligência e habilidade e conselho infinitamente superior, do próprio Deus, inacessível ao homem; 4) o quarto nível acontece quando Deus comunica a sua Sabedoria à humanidade, como

aparece em Pr 8. Mas podemos, com o Sirácida, concretizar mais ainda, num quinto nível: é a identificação da Sabedoria divina, comunicada, com a revelação do Sinai, a Lei de Moisés (cf. 24,23-29). E isto é surpreendente e original, por realizar a síntese entre a *Lei,* que vem de cima, de Deus, e a *Sabedoria,* que brota da vida, de baixo, do ser humano.

Outro importante fator da síntese de Ben Sirá é a sua *teodicéia*, isto é, a sua "justificação de Deus" diante do problema do mal, que tanto atormentou Jó e excitou o pessimismo do Eclesiastes. A solução que ele apresenta, diferente desses dois predecessores, é a sua convicção da bondade fundamental de todas as criaturas e o princípio do duplo aspecto, isto é, da associação constante e harmoniosa dos elementos opostos e complementares, do bem e do mal, como do dia e da noite (cf. 39,16-25). Nesse sentido, repito, o seu livro, escrito depois do Eclesiastes, parece ter a intenção expressa de contrapor-se ao negativismo desse autor.

Entretanto, quanto à *retribuição na outra vida,* com uma possível discriminação entre bons e maus no além-túmulo, ele não tem nada de novo a dizer. Segundo os autores que o precederam, não há tal distinção no mundo subterrâneo do *Xeol* (em gr. *Hades*), para onde descem as sombras dos bons e maus igualmente. A diferença está apenas no bom nome e na honrada descendência dos bons, contrastando com o esquecimento e a lamentável descendência dos maus (cf 39,9-11 sobre a recompensa do sábio; 23,25-26 sobre o castigo da adúltera).

Um conceito central no livro, praticamente paralelo à Sabedoria e à Lei, é o do *"temor de Deus"* (cf 1,11-21), o qual, levando a observar os mandamentos da Lei é o "princípio da Sabedoria". Esse "temor", que equivale não ao medo, mas ao respeito sagrado, produz uma sã piedade, na qual a confiança em Deus não prejudica a seriedade do seu serviço, e a humildade da submissão ao Senhor defende da leviandade o seu amor.

Característico também do Sirácida é o seu apreço pelo *culto* e o *sacerdócio,* apreço que chega às raias do entusiasmo na apresentação do sumo sacerdote Simão II, na liturgia do Templo (50,1-21), e na evocação da memória dos sacerdotes Aarão e Finéias (45,6-26). Este apreço, porém, não o impede de denunciar profeticamente o formalismo do culto, numa das mais belas passagens do livro (34,21--35,22). É que ele considerava muito importante, para a defesa do judaísmo, o apelo ao ritual do Templo entre os leigos, e o exercício de uma consciente liderança por parte dos sacerdotes (cf 45,26). Infelizmente, essa liderança falhou, pouco depois.

Entre outras características marcantes do livro está ainda a sua insistência no perdão dos inimigos (28,1-7), suas repetidas denúncias da opressão dos pobres (p. ex., 34,21-27; 35,14-22), e seu apreço pelos livros sagrados, dos quais extrai o "elogio dos antepassados" (c. 44--49).

Menos simpática para nós é o que nos parece a excessiva severidade na educação dos filhos e, mais ainda, das filhas (30,1-13 e 42,9-14), e a sua abordagem patriarcal e machista do casamento, especialmente da mulher (cf 25,13--26,27). Nem lhe passa pela cabeça discutir como deveria ser o "bom marido", do ponto de vista da mulher. Também não lhe ocorre glorificar uma figura feminina sequer, na sua galeria dos heróis do passado (c. 44--49): as únicas que aparecem, anônimas, são as mulheres às quais "se entregou"

Salomão, para sua ruína (47,19)! Tendo nós hoje, graças a Deus, outra perspectiva, mais abrangente e mais justa, sobre a realidade homem-mulher, cabe-nos corrigir e completar essa visão deficiente do Sábio que, aqui, não soube aplicar o seu princípio do "duplo aspecto" das coisas, tão importante na sua teodicéia.

5. ENTRE O ANTIGO E O NOVO TESTAMENTO

a) O Sirácida e os livros anteriores

Ben Sirá faz claras referências a quase todos os livros do cânon hebraico, com exceção de Daniel, que ainda não estava escrito, e também excetuados Rute, Cântico e Ester, que talvez não fossem ainda, no seu tempo, reconhecidos sem hesitação. Assim, no elogio dos antepassados, c. 44--49, ele alude a praticamente todos os livros da "Lei" e dos "Profetas" anteriores e posteriores, chegando até Neemias. Quanto aos "Escritos", o *livro dos Provérbios* é o que mais o inspirou, tanto a seção mais antiga, de Pr 10—29, quanto seus capítulos mais recentes, Pr 1--9, dos quais retoma a personificação da Sabedoria (c. 24, cf. Pr 8).

Quanto a *Jó,* o discurso do Sirácida sobre a inacessibilidade da Sabedoria em 1,1-10 evoca Jó 28; e a excepcional passagem pessimista do c. 40,1-7 evoca também várias passagens desse livro. Com o *Eclesiastes,* o Sirácida tem uma relação francamente polêmica, como já observamos, reafirmando o princípio deuteronomista da retribuição contra o pessimismo desse autor; e o princípio do duplo aspecto das coisas, antecipado agnosticamente em Ecl 3 e 7, é uma das peças-chave da teodicéia siracidiana. Compare-se, p. ex., Ecl 1,4-5.9-10; 3,1-8; 7,13-15.23-24 e Si 39,16-25.32-35.

Além disso, temos as retomadas dos *Salmos,* p. ex. do Sl 79 na súplica ardente pelo povo em 36,1-22; do Sl 104, no hino ao Deus Criador em 43,1-26; dos Sl 18, ou 30, ou 34, na oração pessoal de 51,1-12.

b) O Sirácida e os livros posteriores do AT

Junto com Tobias, Judite, 1-2 Macabeus, Sabedoria, e Baruc, o Sirácida é um dos sete livros *deuterocanônicos*, aceitos plenamente na Igreja ocidental desde fins do século IV (no sínodo de Hipona, em 393), "canonização" confirmada onze séculos depois, em 1546, no Concílio de Trento. Eles pertencem ao “segundo cânon”, o “cânon amplo” da Bíblia grega, a Septuaginta.

Desses sete livros, o Sirácida é o mais antigo, só Tobias podendo ter sido composto na mesma época (daí também a semelhança do ideal de piedade em ambos os livros, p. ex., a mesma insistência na esmola). Com Judite e 1-2 Macabeus praticamente não há contactos. Com Baruc e Sabedoria há diversas analogias, p. ex. a identificação da Sabedoria com a Lei em Br 3,9--4,4, a personificação da Sabedoria em Sb 7,22--8,8, e a evocação da história passada em Sb 10-19. Completa novidade do livro da Sabedoria, em relação ao Sirácida, é a escatologia ultraterrena, ,com a decidida afirmação da imortalidade dos justos em Sb 3-5.

c) Reflexos no NT e no Judaísmo rabínico

Não temos citações explícitas de Ben Sirá no NT, mas apontam-se vários contactos, p. ex. com a *carta de Tiago* (Si 15,11-12 sobre a tentação e Tg 1,13; Si 28,13-26 sobre os males da língua e Tg 3,1-10; Si 5,11 sobre a prontidão em escutar, mais que para falar, e Tg 1,19; Si 39,5-6 sobre a Sabedoria como dom que se pede e se alcança e Tg 1,5); com as *cartas de Paulo* (Si 10,1-5 sobre os governantes e Rm 13,1; Si 13,2.17-18 sobre incompatibilidades e 2Cor 6,14-16); com os *evangelhos* e a doutrina de Jesus (Si 4,10b sobre a filiação divina para quem ajuda o próximo e Lc 6,35; Si 28,1-5 sobre o perdão das ofensas e Mt 6,14; Si 29,10 sobre a ferrugem que corrói o dinheiro e Mt 6,19; Si 11,19 sobre o rico que acumula bens para os outros e Lc 12,16-21; Si 35,17-19 sobre o clamor da viúva, que sobe até Deus, e a parábola do juiz iníquo em Lc 18,1-7; Si 51,23-26 sobre o convite a freqüentar a escola da Sabedoria e Mt 11,28-30).

O judaísmo rabínico, que excluiu o Sirácida do cânon hebraico, no entanto professou ensinamentos afins a esse livro, chegando a citá-lo literalmente no tratado da Mixná (de fins do século II dC, portanto quase quatro séculos depois), na coleção intitulada *Pirqê Avot* ("Ensinamentos dos Pais"). Um pouco mais tarde, no século IV, Rabbi Iosef reitera a exclusão do Sirácida, embora conceda que se possa citá-lo. De fato, mesmo antes da descoberta dos mss hebr. do livro na Genizá do Cairo, em fins do século passado, já se conheciam, em fontes rabínicas, oitenta e duas dessas citações do seu texto original.

d) Na história da Igreja

Já lembramos que, antes da reforma litúrgica após o Concílio Vaticano II, reforma que introduziu a leitura contínua de toda a Bíblia, o Sirácida era o livro do AT mais utilizado na liturgia, depois dos Salmos. Isto, devido especialmente ao uso, considerado legítimo, de "acomodar" os textos à comemoração visada. Assim, p.ex., o famoso texto *"Ecce Sacerdos Magnus"* ("Eis o grande Sacerdote"), da Missa dos Confessores Pontífices, papas ou bispos, era um texto composto de Si 44,16.2-23, referindo-se literalmente a Henoc, Abraão, e Jacó, mas iniciado com 50,1, que se refere ao sumo sacerdote Simão II... Outro exemplo famoso é o texto de Si 51,1-12, a oração de Ben Sirá, adaptada na liturgia como primeira leitura da Missa de uma Virgem e Mártir, aliás por boas razões, em sentido acomodado.

Enquanto as Igrejas orientais logo se conformaram ao cânon ocidental, aceitando oficialmente o Sirácida com os demais deuterocanônicos a partir de 692 (no segundo Concílio Trulano, de Constantinopla), os protestantes, desde 1520, com a argumentação de Carlstadt, passaram a reportar-se ao cânon hebraico, sem os deuterocanônicos. Apesar de tudo, ainda nos séculos XVII e XVIII publicavam-se, entre os luteranos, dezenas de esquemas de sermões baseados no Sirácida, com vasta divulgação! Ultimamente, nas edições ecumênicas da Bíblia, como na TEB, está-se voltando a incluir os deuterocanônicos, portanto também o Sirácida. Em 2003, Verônica Koperski publicava um artigo retomando o que outros historiadores do Cânon, não católicos, têm defendido: a canonicidade do Sirácida e do Livro da Sabedoria. A Sociedade Bíblica do Brasil, SBB,

em 2005, publicou a “Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, em coedição com Paulinas, incluindo os deuterocanônicos. Nessa edição, o subtítulo do Eclesiástico está como “Sabedoria de Jesus, filho de Siraque” (em vez de “filho de Sirac”).

6. CANONICIDADE E TEXTO

Pelo final do século I dC, os rabinos sobreviventes à tragédia do ano 70, da destruição de Jerusalém e do Templo, discutiram em Jâmnia a fixação do cânon das suas Escrituras. Por razões que não estão bem claras, uma das quais pode ter sido a abordagem menos legalista e mais sapiencial da Lei por parte de Ben Sirá, numa linha considerada saducéia, os rabinos, que eram praticamente só fariseus, decidiram excluí-lo do cânon.

Por outro lado, como parte integrante da Septuaginta, que a Igreja primitiva assumiu como o seu AT, o texto grego do Sirácida foi automaticamente aceito pelos cristãos, que dele fizeram largo uso, como já comentamos, tanto na catequese como na liturgia. Do texto grego fez-se a versão latina, anterior a São Jerônimo, já no século II, depois incluída na Vulgata. No final do século IV, apesar da posição contrária do mesmo São Jerônimo, foi confirmado em Hipona (393) e Cartago (398) o cânon amplo, que incluía os deuterocanônicos e que vigorou em toda a Igreja ocidental até o século XVI, quando, impugnado pelos protestantes, foi reconfirmado pelo Concílio de Trento.

Quanto ao ***texto*** do Sirácida, a história é complicada. O texto hebraico original (Hebr. I) foi traduzido pelo neto do autor, segundo sua informação no Prólogo, depois do ano 132 aC, sendo essa tradução o texto Gr. I, que chegou até nós através dos mss mais importantes. Durante o século I aC, o texto original, Hebr. I, sofreu modificações e acréscimos, talvez no ambiente de Qumrã, originando-se o texto Hebr. II. Este, por sua vez, é traduzido para o grego já na era cristã, pelo final do século I dC, dando origem ao texto Gr. II. Finalmente, pelo final do século II dC, um cristão da África do Norte traduziu em latim o texto Gr. II, com ainda outros acréscimos. E é esse texto latino que entrou na Vulgata, como já dissemos acima, e que foi reconhecido como canônico pela Igreja. Atualmente, o texto latino oficial é o da Nova Vulgata, promulgada em 1979 e revista em 1986.

Acontece que, depois das descobertas de boa parte do texto original hebraico no Cairo em 1896, em Qumrã em 1947, e em Massadá em 1965, o quadro do texto de Ben Sirá modificou-se e complicou-se ainda mais. Várias edições modernas passaram a valorizar o texto Gr. I e mesmo o texto Hebr. I, resultando daí uma grande diversidade na numeração dos versículos, antes numerados de acordo com o texto latino, o mais longo de todos. Nesta edição seguimos a numeração da edição crítica de ZIEGLER, que incorpora no texto os acréscimos de Gr. II (o texto original, de Gr I, é apresentado em itálico e os acréscimos em redondo). Na prática, quando se deve checar uma citação do Sirácida, é preciso estar preparado para não identificá-la numa primeira tentativa. Verifiquem-se então os versículos vizinhos, antes ou depois do v. indicado... De resto, quanto à canonicidade e inspiração, na prática devemos reconhecê-las para ambas as formas do texto, o mais curto (Gr. I, dependente de Hebr. I) e também o mais longo.

Como dissemos acima, o texto latino oficial, agora, é o da Nova Vulgata (ed. de 1986). Esta, levando em conta os dados recentes da crítica textual, fez numerosas correções no texto da Vulgata (praticamente é o da *Vetus Latina*, pois São Jerônimo recusou-se a traduzir para o latim o texto hebr. original, ainda existente no seu tempo). Quanto à tradução do Sirácida na Bíblia da CNBB, ela adota a numeração da NV, acrescentando em subscrito itálico a numeração de Ziegler, sempre que há divergência. De resto, essa multiplicidade de textos e variantes, ao mesmo tempo que fator de complicação (!), é a maior prova da aceitação e difusão do livro.

Uma última palavra quanto à *tradução.* A que apresento reproduz, embora com bastantes modificações, o texto publicado na Bíblia Vozes, ed. 1982. As modificações surgiram ao longo do Comentário, ao examinar mais de perto o texto grego, segundo as sugestões e de acordo com as variantes propostas pelos comentaristas e tradutores já citados: MACKENZIE, ALONSO-SCHÖKEL, MINISSALE, e também DI LELLA, SPICQ e MICHAUD.

7. ESTRUTURA DO LIVRO E SEU CONTEÚDO

Toda a primeira parte do livro, c. 1-42, não tem uma estrutura lógica. É simplesmente uma coletânea de temas, que às vezes se repetem, compostos quem sabe em épocas diferentes da vida. Neste Comentário, à semelhança de outros, identificamos mais de cem desses "temas" nessa primeira parte, dando a cada um deles um título que procura caracterizá-los (cf. o Índice e, no Índice, os títulos em negrito).

A *estrutura de conjunto* do livro é a que segue:

1. Prólogo da tradução grega: 15 v.

2. *Primeira Parte, temática:* c. 1,1--42,14.

a) cc. 1--23, marcados por vários textos que se referem diretamente à *Sabedoria:* 1,1-10; 4,11-19; 6,18-37; 14,20--15,10. Notar o tema da criação em 16,24--17,14, tema que vai ser retomado no início da segunda parte.

b) cc. 24,1--42,14, marcados pela auto-apresentação da *Sabedoria* no c. 24, texto que poderia ter sido a conclusão do livro numa primeira edição, e agora tem a função de peça central de todo o grande conjunto dos cc. 1--42. Em 33,7-15 e 39,12-35 aborda-se o tema da *teodicéia,* ou "justificação de Deus" perante o mal no mundo, tema que voltará em 42,15-25. Em 33,16-18 temos um pós-escrito do autor, que poderia ter sido uma conclusão de nova seção da obra.

3. *Segunda Parte, hínica,* c. 42,15-50,21

Nesta parte, diferente da primeira porque não há mais temas soltos nem tampouco há mais provérbios, a forma literária é hínica e o tema é um só, o *louvor* de *Deus* na criação e na história. Podemos, no entanto, distinguir também duas seções:

a) c. 42,15--43,33: hino à glória de Deus na criação.
b) c. 44,1--50,21: elogio dos antepassados de Israel.

4. Conclusão: 50,22--51,30

a) Conclusão propriamente dita: 50,22-29.
b) Apêndices: c. 51.

Quanto ao seu conteúdo, podemos assim especificar os *temas:*

1. A Sabedoria, o temor de Deus, a Lei: 1,1-30
4,11-19
6,18-37
16,24--17,24
19,20-30
24,1-31
25,3-6.10-12
37,16-26
2. Louvor do Autor da Sabedoria: 18,1-14
39,12-35
42,15--43,33

3. Elogio dos antepassados de Israel: 44,1--50,21

4. Servir a Deus é reinar: 2,1-18
10,19-11,6
17,25-32
32,14--33,15
34,14-20

5. O verdadeiro culto e o Sacerdócio: 7,29-31
34,21--35,26
45,6-26
50,1-21

6. Súplicas individuais e súplica coletiva: 22,27--23,6
36,1-22
51,1-12

7. Referências autobiográficas: 24,30-34
33,16-18
34,12-13
50,25-29
51,1-12.13-22

8. O Sábio: 14,20-15,10
20,1-32
21,11-28

38,24-39,11

Especificando ainda o tema da Sabedoria "aplicada", podemos distinguir:

1. *Sabedoria aplicada à vida individual:*

a. humildade: 3,17-25; 4,7; 10,26--11,1; 35,21-25
b. caridade (esmola): 3,30--4,10; 7,32-36; 12,1-7; 29,8-13
c. virtudes e vícios da língua: 5,9--6,1;7,12-14; 19,4-17; 20,5-8.13;
20,18-20.24-29; 22,6; 22,27--23,4;
23,7-15; 27,4-7; 28,13-26
d. soberba, insensatez, pecado: 3,26-28; 10,6-18; 16,1-23; 21,1-28;
25,2; 27,12-15.28; 33,5-6
e. raiva, malícia, vingança: 1,22-24; 27,30--28,12
f. mau desejo, paixão: 6,2-4; 18,30--19,3; 23,4-6.16-28
g. outros vícios e virtudes: 4,20-31; 5,1-8; 7,1-17; 8,1-19; 9,10--10,5;
11,7-22; 15,11-20; 18,15-29; 25,7-12;
27,8-21; 37,27-31

2. *Sabedoria aplicada ao dia-a-dia, no convívio social:*

a. pais: 3,1-16; 7,27-28; 23,14
b. filhos: 7,23-25; 16,1-14; 22,3-4; 25,7; 30,1-13; 41,5-10
c. mulheres (incluindo esposas e filhas): 7,19.24-26; 9,1-9; 19,2-4;
22,3-5; 23,22-26;
25,13--26,27;
28,15; 36,26-31; 40,19.23;
42,9-14
d. amigos e sócios: 6,5-17; 7,18; 9,10; 11,29-34; 12,8-18;
22,19-24;27,16-21; 37,1-15
e. riqueza: 10,30-31; 11,14.18-19.23-28; 13,15-14,10;
25,2; 26,28-27,3; 31,1-11
f. pobreza: 10,30--11,6; 11,14; 13,18-24; 25,2
g. proveito da vida: 14,11-19
h. empréstimo e fiança: 29,1-7.14-20
L temperança: 29,21-28
j. saúde e médicos: 30,14-20; 38,1-15
k. operários: 38,25-34
l. luto e morte: 38,16-23; 41,1-4
m. alegria e prazer: 30,21-25; 40,18-26
n. boas maneiras e autodomínio à mesa: 31,12-32,13; 37,27-31
o. administração da casa: 7,18-28; 33,20-33
p. viagens: 34,9-13
q. mendicância: 40,28-30
r. bom nome: 41,11-13
s. verdadeira e falsa vergonha: 41,14-42,8

8. O SÁBIO DO EQUILÍBRIO

Escrevendo em pleno período do helenismo (cf. supra, n. 3), época, portanto de confronto entre essa novidade e a fidelidade aos valores da religião nacional, Ben Sirá se caracteriza pelo equilíbrio de um pensamento ao mesmo tempo tradicional e inovador. Tradicional, porque liga a Sabedoria à Lei; inovador, porque apresenta a Sabedoria como participada por todos os seres humanos, mesmo fora de Israel. Assim, embora mantendo vivo o sentido de uma suficiência fundamental da Lei revelada ao seu povo, ele demonstra abertura aos valores humanos universais.

Esse equilíbrio de perspectiva revela-se também nas suas orientações práticas. De um lado, sua abertura para o próximo parece às vezes prudente demais, pragmática e interesseira; de outro lado, ele é capaz de lances desinteressados e ousados, como em 29,10: *"Sacrifica* o *dinheiro por um irmão e amigo; não o deixes enferrujar sob uma pedra"...*

Observador atento e participante da vida ao seu redor, ele percebe especialmente a alternância do bem e do mal, de momentos alegres e de tristeza, de poesia e de nojo, como mais vezes relembra, p. ex.: *"Os bens* e *os males*, *a vida e a morte, pobreza e riqueza, vêm do Senhor"* (11,14). Isto, porém, não fatalisticamente, porque ele percebe que o mal é, tantas vezes, fruto do mau uso da liberdade humana, cf. 15,11-20.

A paixão e o entusiasmo com que fala da sua profissão de escriba e sábio não o impedem de apreciar a contribuição imprescindível das atividades braçais para o bem-estar da cidade, cf. 38,24--39,11. A severidade, mesmo dureza, para com os escravos, é contrabalançada pela benignidade, embora interesseira: 33,25-33; da mesma forma, as suas diatribes, contra a mulher perversa, logo são contrastadas por verdadeiros hinos à esposa fiel e dedicada,em 25,13--26,27... A sua atenção se volta para o recesso do lar, mas também para o Templo, o cosmo e a história. Se ele estigmatiza o orgulho dos poderosos, por outro lado respeita a sua função social. Tem consciência da dignidade do ser humano e do valor dos bens da terra, e contudo recomenda moderação no seu uso (cf. c. 31 sobre as riquezas e os banquetes).

Tem uma grande fé e amor a Deus, o que transparece no entusiasmo com que descreve as obras do seu poder e da sua Providência (cf. 16,24--18,14; também o hino de louvor de 39,12-35; e ainda o hino de 42,15--43,33). Mas essa fé e esse amor não se estendem para além desta vida. Será preciso esperar pelo Novo Testamento, para que o horizonte do além-túmulo se ilumine. Não se procure, portanto, nele, o que nele ainda é prematuro.

9. DO SIRÁCIDA A MATEUS

A sorte da obra de Ben Sirá é um desses casos em que o resultado prefixado parece realizar-se, mas de um modo bem diverso de como podia prever o seu autor. Traduzido em grego pelo neto, conseguiu uma difusão na diáspora alexandrina, tão grande que deu origem a uma complexa interação entre as ulteriores edições do texto, na língua original e nas traduções. Conhecido e utilizado em Qumrã, encontrou-se um seu exemplar entre os resistentes de Massada, guardado entre os outros volumes na sinagoga da fortaleza, assim

como, séculos depois, restos de cópias não mais utilizadas serão guardadas com veneração na Genizah do Cairo, sendo de lá, em fins do séc. XIX, trazidas à luz pelos arqueólogos. Doutos mestres e rabinos, entretanto, haviam-se referido a esse texto, em coleções depois incorporadas ao Talmud, certos de tratar-se de obra profundamente judaica. Entre esses mestres, incluem-se vários autores do Novo Testamento, especialmente **Mateus, o escriba cristão**, discípulo do Reino (cf Mt 13,52). De fato, um terço da centena de alusões a Ben Sirá no NT encontra-se no primeiro evangelista.

Essa afinidade, entre o Sirácida e Mateus, já foi notada por E. NORDEN em 1971, o qual chamava a atenção para o inegável paralelismo entre Si 51,1-30 e Mt 11,25-30. Assim, apenas Ben Sirá, na literatura judaica do Segundo templo, contém um convite do sábio a acolher o jugo da Sabedoria, associando-o, como Mt 25,28-30, à promessa de repouso. Esta associação se encontra na linha dos mistérios revelados aos justos, como em *1 Henoc*, mas em Mateus concretiza-se o repouso na presença de Jesus, Sabedoria encarnada, entre os seus, "até o fim deste *éon*". O paralelo se estende ao gênero dos macarismos em série (cf Si 14,20—15,1 e Mt 5,3-12). As bem-aventuranças que o rabi de Nazaré proclama nos inícios do seu ministério são declarações de felicidade para quem se ponha no seguimento da Sabedoria-Jesus. Se Ben Sirá pôde falar de recompensa aos seguidores da Sabedoria, Jesus tem a seu dispor pessoal, para transmiti-la, a recompensa do Pai.

Sabedoria e Profecia, soldadas pelo Sirácida, encontram na exposição evangélica uma confirmação que o antigo Sábio não podia prever. De ora em diante, profetas, sábios e escribas, não mais estão à espera de quem, acolhendo o convite, venha à sua escola. Mas sentem-se enviados a ensinar a Sabedoria do Evangelho sendo eles próprios cultores dessa Sabedoria, oferecendo a profecia da sua vida. A Sabedoria revelou assim os seus mistérios "aos humildes": trata-se da posse do Reino, do intercâmbio recíproco do Pai que entrega tudo ao Filho e do Filho que louva o Pai pelo dom feito aos pequenos, revelando assim os verdadeiros sábios. Terminou, pois, o esforço penoso, e o jugo tornou-se leve. De agora em diante, o descanso há de ser o gozo da presença do Emanuel, que permanece entre os seus enquanto eles tornam discípulas todas as nações, proclamando a Sabedoria não mais de "*Jesus, Ben Eleazar Ben Sirá*", mas de Jesus o Cristo, filho de Davi, filho de Abraão, filho de Deus.

Deve ter sido este o clima no qual Ben Sirá, escriba de Jerusalém, leigo, mas vizinho às classes sacerdotais, dotado de férvida imaginação, mas também de uma rara experiência sapiencial, procurou caminhos novos, uma nova terra de bênçãos no sulco de uma tradição que não podia ficar entregue à inércia de uma continuidade condenada a ser reacionária, incapaz de de abrir-se ao novo no qual o Deus dos Pais continuava a atuar. É muito provável que a mudança de uma sabedoria repetitiva a uma criativa tenha ocorrido progressivamente ao longo do tempo, enquanto ele, Ben Sirá, como sábio, descobria a herança da própria tradição de fé. Era a revisitação de uma "sabedoria escondida", de um "tesouro invisível" (Si 20,30; 41,14), impenetrável ao olho agudo da águia, mas não ao ouvido do coração de quem aprendeu a temer o Senhor praticando a humildade: assim Ben Sirá tinha aprendido a reconhecer o sentido e a riqueza da própria tradição. Uma realidade, portanto, viva e em transformação, que continuava escondida aos demais, revelando-se apenas aos olhos dos que aprendiam a considerar a Sabedoria como um riacho de montanha que com invencível tenacidade busca a sua passagem para o momento presente,

guardando insuspeitados tesouros. A lei é antes de tudo *Torá*, iluminação oferecida por Deus como revelação escrita; é o livro que se torna o dom divino por excelência (Si 24,23), o instrumento que permite ao plano de Deus realizar-se por meio da obediente e inteligente conduta humana.

Ben Sirá era um escriba de vasta e sólida cultura, que não ignorava as tendências filosóficas e as escolhas morais emergindo em outras áreas culturais, da reflexão grega ao ensinamento sapiencial aramaico e egípcio, de onde hauria com liberdade o que considerava útil ao seu magistério escribal. A sua metodologia, ancorada na sua fé inteligente, com uma atitude amorosa e reverencial para com Deus, o preservava de seguir de modo acrítico o que de positivo encontrava em outras tradições. A mesma atitude prudente caracterizou o seu juízo sobre as concepções apocalípticas intrajudaicas das quais teve conhecimento. Delas tomou distância, não concordando com a autolesiva fuga do presente, na espera passiva de um novo início, sonhado em tempo trágico de convulsão política e social. Os obstáculos às acelerações do mundo apocalíptico, para um escriba que experimentou a sabedoria de quem colaborou com o plano histórico de Deus, eram de natureza teológica mais do que política. Como podia aceitar, quem havia contemplado o divino que tinha entrado no mundo como Sabedoria, buscando o encontro pessoal com o crente, que Deus fosse concebido como força impessoal que age sozinha diante de humanos considerados meros espectadores passivos?

O seu otimismo, radicado na fé dos Pais, embora conhecendo o “ceticismo” dentro do judaísmo do seu tempo, quer testemunhar a força invencível de uma esperança que persiste em acreditar na eleição divina, continuando a apostar na fidelidade de Deus mais do que na solidez das próprias tradições. Com fina ironia, fez-se notar que ao texto do Sirácida foi reservada a mesma sorte que ao próprio Moisés: se este contemplou de longe a terra prometida, na qual não pôde jamais entrar, àquele, através do seu neto, foi dado indicar a tríplice divisão do futuro cânon hebraico, sem contudo poder entrar nele. E como Moisés ainda hoje tem que o lê *nas sinagogas aos sábados* (At 15,21), assim também o Sirácida é proclamado na *ekklesía* dos novos filhos de Abraão. A metamorfose da Sabedoria em livro tinha sido possível pela evolução laboriosa da figura do profeta na do sábio, o qual, como Mateus, soube tirar *do seu tesouro coisas novas e velhas* (cf Mt 13,52).

10. O SIRÁCIDA E A INSPIRAÇÃO

Já falamos do destino estranho deste livro. Esta verdadeira síntese de toda a tradição do AT foi rejeitada pelos rabinos, seus sucessores, exatamente no momento em que o AT foi canonizado! Por outro lado, a Igreja cristã, quem sabe poupando a seus catecúmenos a dureza das exigências paradoxais do Evangelho, ou pelo menos para amenizá-las, apreciou neste livro o seu aspecto prático muito humano, jamais legalista, marcado exatamente pelo equilíbrio acima comentado, e o canonizou tornando-o o *"Eclesiástico"!* Esse "equilíbrio" peca pela falta de radicalidade? De definição? De opção? Não me parece, desde que o situemos no seu tempo, e desde que levemos em conta todo o Sirácida, essa verdadeira *"Sabedoria de todas as virtudes",* como o intitulou a Igreja oriental.

Querer encontrar num livro da Bíblia, especialmente se do AT, a expressão perfeita da fé, é defender um conceito monofisita e estático da Inspiração. Explico-me. "monofisita" seria o conceito de Inspiração que fizesse da Bíblia um livro somente divino,

só "palavra de Deus", esquecendo-se de que essa Palavra encarnou-se na linguagem humana com todas as suas limitações, menos a falsidade, assim como encarnou-se em Jesus de Nazaré com as suas limitações humanas, menos o pecado, cf. Hb 4,15. Aliás, o Vaticano II na "*Dei Verbum*", depois de reafirmar a inerrância da Escritura naquilo que Deus quis "que em *vista de nossa salvação* fosse escrito" (DV n. 11), reconhece também as "coisas imperfeitas e transitórias" que contêm os livros do AT. Aliás, por que não acrescentar que, apesar da sua proeminência em relação aos do AT (cf. DV n. 17), também os livros do NT contêm coisas "imperfeitas e transitórias" a nível da expressão humana da fé, mesmo que essa expressão seja "canônica", isto é, reconhecida como inspirada?

Qual o critério, então, e um critério objetivo, para discernirmos num livro, numa passagem bíblica - no caso, aqui, no Sirácida - aquilo que é, de fato, "palavra de Deus" para nós? Além da Tradição e do Magistério da Igreja, que para nós, católicos, são a instância autoritativa nas dúvidas, o *critério* objetivo para todos os cristãos é o *projeto de Deus revelado plenamente em Jesus Cristo:* e esse projeto é *libertar* – quem está oprimido, *salvar* – quem está perdido, *levar à plenitude de vida* – quem está semivivo. E a vida, "vida eterna", o que é? É *"conhecer a ti, Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, teu Filho, que enviaste"* (Jo 17,3).

Voltemos a Ben Sirá, o Sirácida. Ele procurou, sinceramente, a Sabedoria; descobriu-a na Lei, chegou a ela através do temor de Deus, reverenciou-a na criação e reconheceu-a na história do seu povo... E não guardou essa descoberta egoisticamente para si: partilhou-a com os seus discípulos, em sua "casa do ensino" (51,23b). Partilhou-a também com a posteridade, através do seu livro, essa "instrução de inteligência e ciência", "sabedoria do coração" "derramada como chuva" (cf. 50,27).

> *"Feliz, quem* se *voltar incessantemente a estes ensinamentos:*
> *quem os fixar em seu coração há de tornar-se sábio"* (50,28).

COMENTÁRIO

PRÓLOGO DO TRADUTOR

[1] Muitas e grandes lições nos deram a Lei, os Profetas e os outros, que os seguiram. [2]É graças a eles que se deve louvar Israel por sua instrução e sabedoria. [3] Mas não basta que somente aqueles que os lêem adquiram a ciência. [4] Aqueles que se empenham em estudá-los, devem também poder ser úteis aos de fora, tanto em palavras como por escrito.

[5]Foi assim que, após dedicar-se com afinco à leitura da Lei, dos Profetas, e dos outros livros dos nossos antepassados, e tendo-se feito bastante versado neles, também meu avô Jesus foi levado a escrever alguma coisa sobre a instrução e a sabedoria. [6] E isto para que, também familiarizando-se com estas coisas, os que desejam aprender progridam, ainda mais, na vida segundo a Lei.

[7] No ano 38 do rei Ptolomeu Evergetes, cheguei ao Egito. [8] Permanecendo lá por mais tempo, encontrei um exemplar desta importante instrução. [9] Julguei, então, muito necessário eu mesmo empregar algum esforço e aplicação em traduzir o presente livro. [10] Nesse espaço de tempo, dediquei ao trabalho muitas vigílias e muita ciência, para levar a bom termo o esforço e publicar o volume. [11] Tive em vista especialmente os que, vivendo em terra estranha, desejam aprender, e estão predispostos, por seus costumes, a viver em conformidade com a Lei.

[12] Sois, portanto, convidados a fazer sua leitura com benevolência e atenção. [13] Mostrai também indulgência para com as passagens em que, apesar de todo o nosso cuidado na interpretação, pode ser que não tenhamos reproduzido o sentido exato de algumas expressões. [14] É que as expressões do original hebraico, quando vertidas para outra língua, já não têm a mesma força. [15] E não é só neste escrito. A própria Lei, as Profecias e os outros livros apresentam grande diferença quando lidos no original.

Este Prólogo, escrito em grego pelo neto-tradutor, obviamente não faz parte do texto original do Sirácida. Mas tem grande valor histórico pelas preciosas informações que nos dá através dos seus poucos versículos. Estes costumam ser distribuídos em três (cf. BJ) ou quatro parágrafos (cf. BV e o nosso texto, acima), cuja ordem parece ter sido transposta. Seguindo MACKENZIE, acreditamos restaurá-la fazendo o quarto parágrafo anteceder ao terceiro. A numeração que propomos para os períodos não é oficial.

O autor do Prólogo se apresenta como o neto do Sábio, e como conhecedor tanto do hebraico como do grego, confessando, porém, candidamente, a dificuldade da arte de traduzir. Ele nos informa ter chegado ao Egito *"no ano 38 do rei Ptolomeu Evergetes",* data que, segundo os especialistas, corresponde ao ano 132 aC. Na Palestina, após o assassinato do último dos Macabeus, Simão, em 134, havia começado a reinar o primeiro dos Asmoneus, João Hircano (Cf Tábua cronológica, pp. 00-00).

O neto-tradutor, cujo nome ignoramos, dá testemunho de um espírito missionário, preocupado com os seus coirmãos judeus na diáspora e também com os não-judeus. Tem

conhecimento de um como "cânon" dos livros bíblicos, distribuídos em três grupos (Lei, Profetas, Escritos), e sabe que esses livros já estão traduzidos, reconhecendo inclusive a imperfeição dessa tradução, diante da força do original hebraico. Podemos tranqüilamente identificá-la como a tradução "dos Setenta", produzida pela comunidade judaica de Alexandria desde meados do século III aC. O esforço do neto é um tributo ao valor da obra do avô, cuja preciosidade e utilidade justificam as "muitas vigílias" empregadas no trabalho.

"Encontrei um exemplar desta importante instrução" (v. 8 supra): frase obscura, que dá a impressão de a obra do avô ter sido "encontrada" quase por acaso, quando o lógico seria supor que o neto a tivesse trazido consigo da Judéia, para então, no Egito, provavelmente na mesma cidade de Alexandria, ao entrar em contacto com a referida tradução dos Setenta, sentir a necessidade e chegar à decisão de traduzir também a *"importante instrução"* do seu avô.

"Muitas e grandes lições..." (v. 1 supra): o estilo deste Prólogo é bastante elaborado, segundo as normas da retórica helenística, caracterizada por longos períodos, como aqui, e lembrando o estilo do prólogo de Lucas (Lc 1,1-4). Aliás, antes de Lucas, e quase contemporâneo ao do tradutor, temos o prólogo do 2º livro dos Macabeus (2Mc 1,19-32). São confissões significativas da humanidade da palavra de Deus: o autor humano se exprime com candura, expondo suas intenções, método, dificuldades, esperanças.

"A Lei, os Profetas, e os outros..." (v. 1, 5 e 15 supra): é a tripartida divisão do AT, que já era familiar ao Sirácida (39,1), encontra-se aludida em Lc 24,44, e é mantida ainda hoje nas bíblias hebraicas. A "Lei" quer dizer o Pentateuco; os "Profetas" são os "anteriores", isto é, nossos livros "históricos" de Josué a Reis, não incluindo Rute; mais os "posteriores", isto é, Isaías, Jeremias (sem as Lamentações nem Baruc), Ezequiel, e os Doze (era um volume, um rolo de pergaminho, contendo os nossos "profetas menores"), portanto sem Daniel. Finalmente, "os outros" eram a parte ainda aberta das Escrituras, que começava com os Salmos (cf. Lc 24,44), seguidos de Provérbios e Jó, e haveria de incluir livros mais recentes, como o de Daniel.

O cânon judaico, isto é, a lista dos livros considerados sagrados e normativos para Israel, só foi "fechado" pelo final do século I dC. Na época em que o tradutor escreve, pelo final do século II aC, todos esses livros já tinham sido traduzidos para o grego, pois os judeus do Egito não conheciam mais o hebraico. O conjunto dessas traduções é que constitui a Septuaginta, ou seja, a tradução "dos Setenta", mencionada acima, a qual serviu de modelo para o trabalho do neto.

"Sois, portanto, convidados..." (v. 12 supra): é o convite final a uma leitura benevolente e atenta do trabalho, que porá o leitor, através do ministério do tradutor, em contacto com esta *"importante instrução"*, muito útil para os que estejam *"predispostos a viver em conformidade com a Lei"*. Notar, aliás, que a "Lei" é mencionada no início e no fim do Prólogo (além de mais três referências em todo o texto), formando assim uma "inclusão". De fato, a Lei era o elemento-chave da vida religiosa judaica, estando, pois no centro das preocupações do neto, como o era também para o avô, segundo o que o livro demonstra abundantemente.

Uma observação ainda. Este Prólogo nos põe em contacto, depois de tantos séculos, com dois homens que nos deram notável exemplo de serviço abnegado à palavra de Deus. Cada um por sua vez: um compondo, outro traduzindo, ambos dedicaram longos anos de suas vidas, sem pensarem em lucro pessoal, para um trabalho que eles julgaram útil à maior glória de Deus e ao bem de seus irmãos de raça e de fé. A simples leitura deste Prólogo já nos faz perceber o que é o amável "temor do Senhor", que é o princípio da Sabedoria.

I. COMENTARIO de 1,1 a 4,10

1. A ORIGEM E O DOM DA SABEDORIA (1,1-30)

a) Sua origem em Deus (1,1-10)

[1] *Toda sabedoria vem do Senhor*
e *está com ele para sempre.*
[2] *Quem pode contar a areia dos mares,*
as gotas da chuva, os *dias do tempo?*
[3] *Quem pode atingir a altura do céu,*
a extensão da terra, a profundeza do abismo?
[4] *A sabedoria foi criada antes de todas as coisas,*
e a inteligência prudente vem da eternidade.
[5] Fonte da sabedoria é a palavra de Deus
no mais alto dos céus,
e seus caminhos são os mandamentos eternos.
[6] *A quem foi revelada a raiz da sabedoria?*
Quem lhe conheceu os desígnios secretos?
[7] A ciência da sabedoria, a quem foi manifestada?
E quem compreendeu sua grande experiência?
[8] *Só um é sábio, e muito temido,*
sentado em seu trono.
[9] *É o Senhor quem a criou, quem a viu* e *mediu*
e a derramou sobre todas as suas obras
[10] *e em toda carne, segundo sua liberalidade:*
Ele a concedeu àqueles que o amam.
O amor do Senhor é uma sabedoria gloriosa;
àqueles aos quais se revela, ele a comunica para que o vejam.

Belo início da obra de um Sábio. De alguém que cultivou e procurou a Sabedoria e pretende, agora, após apreciável experiência, partilhá-la. A primeira afirmação deixa clara, logo de início, a visão teológica do autor: a Sabedoria é uma realidade divina, que "vem de Deus e está com ele para sempre". Não é o simples saber-fazer humano, a habilidade, a inteligência, a experiência da vida, embora tudo isso provenha da sabedoria divina, dela nada mais sendo que pálidos reflexos.

Essa divina sabedoria, apesar de em si inacessível como a "altura do céu" ou a "profundeza do abismo" (1,3), da qual já haviam falado os autores de Jó (Jó 28,1-27) e dos Provérbios (Pr 8,23-31), é no entanto "*derramada sobre todas as suas obras*", sobre "*toda carne*" (visão positiva e universalista, que evoca o derramamento, a efusão universal do Espírito segundo Joel 3,1), e Deus a concede "àqueles que o amam" (1,10).

Em quem estaria pensando o Sirácida, ao começar desta maneira o seu "Manual" de Sabedoria? Estaria pensando nos seus conacionais, fascinados com o brilho da sabedoria helenista, num período em que o conflito entre ambas as culturas - inícios do século II aC -

ainda não chegara ao desenlace violento da perseguição? Talvez. Em todo caso, a sua maneira de recomendar a Sabedoria judaica é aparentemente serena, aparentemente dispensando o que pudesse dar a impressão de polêmica ou apologética. Esse tom à primeira vista sereno, que alguém poderia qualificar de acomodado ou pouco crítico, é perturbado de vez em quando por alusões ou afirmações que revelam o conflito, p. ex. no v. 8: "Só um é sábio, e muito temido... no seu trono", decidida afirmação da soberania de YHWH, em contraposição às pretensões divinas dos reis helenistas. Aliás, o v. inicial já é uma inequívoca tomada de posição contra a pretendida sabedoria grega: "*Toda sabedoria vem do Senhor*"!

b) A Sabedoria e o temor de Deus (1,11-21)

[11] 0 temor do Senhor é glória e louvor,
é alegria e coroa de júbilo.
[12] O temor do Senhor alegra o coração,
dá alegria, regozijo e vida longa.
O temor do Senhor é um dom que dele vem
e que se encontra nas veredas do amor.
[13] Quem teme o Senhor, estará bem no final
e será abençoado no dia de sua morte.
[14] O princípio da sabedoria é temer o Senhor;
entre os fiéis, ela é criada com eles no seio materno.
[15] Entre os humanos fez seu ninho em alicerces eternos,
e entre seus descendentes permanecerá fielmente.
[16] A plenitude da sabedoria é temer o Senhor;
ela inebria os humanos com seus frutos.
[17] Toda a sua casa, ela a enche com o que desejam;
e com os seus produtos, os celeiros.
[18] Coroa da sabedoria é o temor do Senhor,
que faz florescer a paz e a boa saúde.
Uma e outro são dons de Deus para a paz,
fazendo crescer a ufania daqueles que o amam.
[19] É ele que a viu e a mediu,
que faz cair, como chuva, a ciência
e o conhecimento inteligente,
e aumenta a glória daqueles que a possuem.
[20] A raiz da sabedoria é temer o Senhor;
e seus ramos, uma vida longa.
[21] O temor do Senhor repele os pecados;
se permanecer, afastará toda a cólera.

Após o hino à inacessibilidade da Sabedoria divina (1,1-8) que, no entanto, o Senhor prodigamente concede aos que o amam (1,9-10), Ben Sirá fala agora da atitude religiosa fundamental que abre caminho ao dom da Sabedoria: é o "temor de Deus". Nisto, como em tantas outras passagens do seu livro, ele não é original. Ele recolhe da mais pura tradição sapiencial esse tema e não se cansará de nele insistir: "*o temor de Deus é o princípio da Sabedoria*" (1,14), como já o haviam ensinado Jó 28,28; Pr 1,7 e 9,10; Sl 111,10 etc.

Que "temor" é esse, tão essencial e frutífero, que "alegra o coração" (1,12)? Evidentemente não pode ser o "medo", o medo servil de Deus e dos seus castigos, "medo" que, segundo a primeira carta de João (1Jo 4,18), não pode conviver com o amor. É, antes, o "respeito", o temor reverencial de quem reconhece a grandeza de Deus e sua autoridade suprema, numa atitude que dá a dimensão obediencial ao nosso amor: "*Se alguém me ama, guardará a minha palavra...*" (Jo 14,23).

Esse temor, sim, esse reconhecimento de que o primeiro lugar pertence a Deus, amado "*sobre todas as coisas*", esse temor é o que nos torna felizes (1,11s) e é princípio, plenitude, coroa e raiz da Sabedoria. Esse temor é o que liberta de qualquer outro medo (Is 8,12s; Sl 23,4) e inclui o amor e a obediência, como o lembra Dt 10,12-13: "*E agora, Israel, o que exige de ti o Senhor teu Deus senão que o temas, seguindo por todos os seus caminhos,* amando *e servindo ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e* guardando *os mandamentos do Senhor e suas leis...*?"

A insistência da tradição sapiencial no "temor" de Deus, praticamente mais do que no "amor" a Deus, me traz à mente a fórmula do compromisso matrimonial, que faz os noivos prometerem "amar-se e respeitar-se" todos os dias de sua vida. Por que não basta prometer "amar", se "amar" é tudo? Por que, ainda, "respeitar"? É que o "respeito" dá uma dimensão nova, diferente, mais rica e mais comprometedora, e mais exigente, ao amor. Ou, pelo menos, explicita essa dimensão, em si incluída no amor verdadeiro.

Outra observação, esta, literária. Impressiona a riqueza da imaginação poética do Sirácida, quando aborda um tema que o entusiasma. Aqui, p.ex., entre os vv. 14 e 20, sucedem-se as imagens: seio materno, ninho, alicerces, frutos, casa, celeiros, coroa, flores, chuva, raiz, ramos... Também na perícope anterior, entre os vv. 2 e 6: areia do mar, gotas de chuva, altura do céu, extensão da terra, profundeza do abismo, fonte, raiz. .. E assim ao longo de todo o livro, até a exuberância das imagens que encontramos no c. 50,6-10, na descrição grandiosa do sumo sacerdote na liturgia do Templo.

c) Como obter a Sabedoria (1,22-30)

22 A cólera injusta não poderá ser justificada,
pois o excesso da ira causará a ruína.
23 Quem é paciente resistirá, até o momento oportuno;
depois, a alegria lhe será restituída.
24 Até o momento oportuno guardará seus pensamentos;
e os lábios de muitos proclamarão sua inteligência.
25 Entre os tesouros da sabedoria estão
os provérbios da ciência;
para o pecador, porém, é uma abominação a piedade.
26 Se desejas a sabedoria, observa os mandamentos
e o Senhor a concederá.
27 Pois o temor do Senhor é sabedoria e instrução;
do seu agrado é a fidelidade e a mansidão.
28 Não sejas rebelde ao temor do Senhor,

nem dele te aproximes com duplicidade de coração.
[29] *Não sejas hipócrita diante dos outros*
e vigia sobre teus lábios.
[30] *Não te exaltes a ti mesmo, para não vires a cair nem atraíres sobre ti a desonra. .*
Pois o Senhor revelará teus segredos
e te abaterá no meio da assembléia,
por não teres procurado o temor do Senhor
e teres o coração cheio de engano.

Como, afinal, obter a Sabedoria? A resposta, dada com simplicidade e sem rodeios, está no v. 26: "*guarda os mandamentos*". Ela antecipa a palavra de Jesus ao jovem rico: "*Se queres entrar na vida* - obter a Sabedoria! - *guarda os mandamentos*" (Mt 19,17). E logo a seguir vêm duas referências ao "temor de Deus", continuando o tema já abordado na perícope anterior. E como se o Sábio quisesse deixar bem claro que não há temor-de-Deus verdadeiro sem a observância sincera dos seus mandamentos.

Daí também, em conseqüência, a advertência dos vv. 28-30 contra a hipocrisia, duplicidade de coração, orgulho, em suma, o formalismo religioso tantas vezes denunciado por Jesus nos evangelhos. A recomendação da humildade, no v. 30, antecipa também a palavra de Jesus em Mt 23,12: "*Todo aquele que se exalta será humilhado*".

Mas temos ainda, nesta perícope, a recomendação da paciência, como fruto e ao mesmo tempo raiz, condição, da verdadeira Sabedoria (v. 22-24). O Sirácida admite a cólera "justa", uma vez que põe em guarda contra a "injusta". Mas insiste na moderação, na resistência, na atitude que hoje chamamos de "não-violência ativa", na "mansidão" - que é uma das bem-aventuranças de Jesus (cf. Mt 5,4),

2. CONFIANÇA EM DEUS NA PROVAÇÃO (2,1-18)

Logo após sua apresentação da Sabedoria e do caminho para alcançá-la, o Sirácida afronta o problema do sofrimento, da provação pela qual passam mesmo os justos, os que temem a Deus. Esta bela passagem pode ser facilmente subdividida em duas partes: a primeira, em que o Sábio se dirige paternalmente ao discípulo (2,1-6), e a segunda, em que seu auditório se alarga e quem fala agora é o pregador, que se dirige à assembléia reunida (2,7-18).

a) O Sábio ao discípulo (2,1-6)

[1] *Filho, se te apresentas para servir ao Senhor,*
prepara tua alma para a provação.
[2] *Orienta retamente o coração e sê constante,*
não tenhas pressa no momento da adversidade.
[3] Sofre as demoras de Deus, *apega-te a ele e não o largues,*
para no fim seres enriquecido.
[4] *Aceita tudo o que te acontecer,*
e nas vicissitudes da humilhação tem paciência.

[5] *Pois é no fogo que se prova o ouro*
e é no cadinho da humilhação que se experimentam
as pessoas agradáveis a Deus.
Nas doenças e na pobreza, confia nele.
[6] *Confia no Senhor e ele cuidará de ti,*
endireita teus caminhos e espera nele.

O vocativo é semelhante ao que encontramos nos primeiros capítulos de Provérbios, a partir de Pr 1,8, nos quais o discípulo é apostrofado carinhosamente como "meu filho", segundo praxe encontrada já nos escritos sapienciais da Babilônia e do Egito.

"*Se te apresentas para servir ao Senhor, prepara-te...*" (v. 1); chama a atenção a liberdade da escolha a ser feita, e a ser feita conscientemente, sabendo das exigências. É uma advertência semelhante àquelas, mais fortes ainda, que Jesus repetirá, tantas vezes, a seus discípulos: "*Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz...*" (Mt 16,24). No v. 3, a Nova Vulgata conserva a adição da Vulgata ao texto gr.: "*sofre as demoras de Deus*", belo pensamento que motiva a exortação a "apegar-se ao Senhor", ainda quando Ele pareça ausente ou demore a intervir. A propósito, cf Lm 3,26: "*É bom esperar em silêncio a salvação do Senhor*".

"*Aceita tudo o que te acontecer... pois é no fogo que se prova o ouro*" (v. 4-5): Ben Sirá não se demora em procurar argumentos para incutir essa verdade, para ele clara como a luz. Não há que discutir sequer com quem quisesse argumentar que a fidelidade à Lei tinha que trazer felicidade, segundo a antiga teologia deuteronomista, expressa p. ex. no Sl 128. O Sábio já havia aprendido que essa felicidade prometida não é automática nem fatal. E que o Senhor "*castiga aqueles a quem ama*", como já afirmara Pr 3,12. Na última das cartas às sete igrejas, o autor do Apocalipse (Ap 3,19) vai também recordá-lo
.

Entretanto, esse sofrimento, por maior que seja, será suportável e passageiro e se mudará, a seu tempo, em gozo (v. 3), desde que se confie no Senhor e se mantenha a esperança nele (v. 6).

b) O Pregador à assembléia (2,7-18)

[7] *Vós, que temeis o Senhor, contai com a sua misericórdia;*
e não vos desvieis, para não cairdes.
[8] *Vós, que temeis o Senhor, fiai-vos nele*
e vossa recompensa não faltará.
[9] *Vós, que temeis o Senhor, esperai felicidade,*
alegria duradoura e misericórdia,
pois a sua recompensa é um dom eterno e jubiloso.
[10] *Olhai as gerações passadas e vede:*
quem é que confiou no Senhor e foi confundido?
quem perseverou no seu temor, e foi abandonado?
quem o invocou e se viu desprezado?
[11] *Pois o Senhor é compassivo e misericordioso,*
perdoa os pecados e salva no tempo da tribulação.

[12] Ai dos corações covardes e das mãos vacilantes;
e do pecador que anda sobre dois caminhos!
[13] Ai do coração que vacila, por falta de fé:
é por isso que não será protegido!
[14] Ai de vós, que perdestes a perseverança!
Que haveis de fazer, quando vos visitar o Senhor?
[15] Os que temem o Senhor não desobedecem às suas palavras,
e os que o amam guardarão os seus caminhos.
[16] Os que temem o Senhor procuram a sua complacência;
e os que o amam se alimentarão fartamente de sua Lei.
[17] Os que temem o Senhor terão sempre o coração preparado
e diante dele se humilharão, dizendo:
[18] Preferimos cair nas mãos do Senhor do que nas mãos dos mortais,
pois a sua misericórdia se iguala à sua grandeza.

Estes doze vv. se apresentam com uma estrutura formal muito elaborada, mediante a tríplice repetição de quatro fórmulas: "Vós que temeis o Senhor" (v. 7.8.9), "quem é que..." (v. 10 bcd), "ai de..." (v. 12.13.14), "os que temem o Senhor.." (v. 15.16.17). A conclusão contém uma exortação na primeira pessoa do plural (v. 18a), seguida de uma motivação doxológica (v. 18b) que retoma, com variações, a confissão expressa no centro do capítulo (v. 11): "*o Senhor é compassivo e misericordioso*".

A Sabedoria não é aqui mencionada. O "temor de Deus" toma o seu lugar, sendo apresentado com insistência no início e no fim da perícope, formando inclusão: "vós que temeis o Senhor" (v. 7.8.9) confiai nele, contai com a sua misericórdia, esperai coisas boas... e "os que temem o Senhor" (v. 15.16.17) não desobedecem, procuram agradá-lo, têm sempre o coração preparado...

O v. 10 volta-se para a história e a experiência e, sem entrar nos personagens e detalhes que constituirão a parte final do livro (c. 44-49), pretende tirar dos fatos a prova de que ninguém, jamais, que tenha realmente confiado no Senhor e perseverado no seu temor, foi confundido, ou abandonado, ou desprezado. O Sirácida não hesita, e não se deixa perturbar por casos que, mesmo à sua volta, na Judéia do seu tempo, pudessem abalar esta certeza. E logo afirma, com tranqüila convicção: "*O Senhor é compassivo... e salva*!" (v. 11).

No tríplice ai dos v. 12-14, que censuram os corações "covardes", os pecadores que "andam sobre dois caminhos", os que "perderam a perseverança", provavelmente estão visados os conterrâneos do autor que nessa época estavam passando para o helenismo, abandonando em parte ou totalmente a observância da Lei. Os livros dos Macabeus, escritos duas ou três gerações mais tarde, retratam com horror esses apóstatas: cf. 1Mc 1,11-15 e 2Mc 4,7-15.

Note-se por duas vezes, nos v. 15 e 16, o paralelismo que identifica os que "temem" a Deus com os que o "amam", amor e temor de Deus equivalendo-se, ou completando-se. No v. 16 temos a primeira referência do Sirácida à Lei, que ele mais adiante vai identificar com a própria Sabedoria (24,23) e que, para ele, mais que uma coletânea de preceitos casuístas, é a amorosa expressão da Vontade de Deus.

3. DEVERES PARA COM OS PAIS (3,1-16)

[1] *Filhos, escutai a advertência de um pai;*
e assim a praticai, de maneira a serdes salvos.
[2] *Pois o Senhor glorifica o pai em seus filhos*
e consolida a autoridade da mãe sobre eles.
[3] *Quem honra o pai, expia os pecados;*
[4] *quem glorifica a mãe, é como se acumulasse tesouros.*
[5] *Quem honra o pai será alegrado pelos filhos*
e, no dia em que orar, será atendido.
[6] *Quem glorifica o pai terá vida longa,*
e quem obedece ao Senhor proporciona conforto à sua mãe.
[7] Quem teme o Senhor honrará seu pai
e, como a senhores, servirá seus genitores.
[8] *Com obras e palavras honra teu pai,*
para que venha sobre ti a sua bênção.
[9] *A bênção do pai consolida a casa dos filhos;*
a maldição da mãe lhe destrói os alicerces.
[10] *Não te glories da desonra de teu pai,*
pois a desonra do pai não é glória para ti.
[11] *A glória de cada um vem da honra de seu pai,*
e é uma desonra para os filhos a mãe desprezada.
[12] *Filho, ampara teu pai na velhice,*
e não lhe causes desgosto enquanto vive.
[13] *Ainda que perca a razão, sê tolerante*
e não o desprezes, tu, que estás em teu pleno vigor.
[14] *Não será esquecida a compaixão para com teu pai*
e, em lugar dos pecados, terás os méritos aumentados.
[15] *No dia da aflição, o Senhor se lembrará de ti;*
e teus pecados desaparecerão, como a geada ao calor do dia.
[16] *Quem abandona o pai é como o blasfemador;*
e é maldito do Senhor quem irrita sua mãe.

É sabido como, no Decálogo, após os mandamentos referentes a Deus, o primeiro mandamento em relação ao próximo aborda os deveres para com os pais. Assim também o Sirácida, após dois capítulos de orientação mais vertical, focalizando a Sabedoria divina e o temor de Deus, e a confiança em Deus na provação, apresenta como o primeiro entre seus temas práticos exatamente um comentário ao quarto mandamento: "*Honra teu pai e tua mãe*" (Ex 20,12 e Dt 5,16).

"*Primeiro mandamento ao qual está ligada uma promessa*", conforme lembra o autor da carta aos Efésios (Ef 6,2), Ben Sirá faz o mesmo comentário de vários ângulos. Interessante notar que há igualdade de tratamento para pai e mãe, como já na formulação do Decálogo - o que é de admirar numa cultura patriarcalista e mesmo machista, na qual o Sábio está inserido. E a promessa original - "*para que sejas feliz na terra*..." transforma-se, no comentário do Sábio, em "reparação dos pecados" (v. 3 e 15), "acumular tesouros" (v.

4), "alegria nos filhos" (v. 5), "vida longa" (v. 6), "oração atendida" (v. 5). Mas há também a maldição, o castigo, para quem não honrar seus pais: a maldição da mãe "destrói os alicerces da casa" (v. 9) e quem abandona o pai é como o blasfemador (v. 16), sendo, portanto, réu de blasfêmia, um crime capital.

Os interlocutores do Sábio não são aqui apenas jovens discípulos, mas também pessoas adultas às quais o Sirácida recomenda respeito, carinho, consideração para com os pais idosos (v. 12 e 13). Também esta consideração é estimulada por preciosas promessas: "o Senhor não a esquecerá, e teus pecados desaparecerão como o gelo ao calor do dia" (v. 14 e 15). - Aqui salta aos olhos a importância dada pelo autor ao "perdão dos pecados", apresentado com insistência, nos v. 3 e 15, como uma das bênçãos ligadas ao quarto mandamento. Alguns comentaristas inclusive vêem nesse v. 3 o ponto de partida das especulações teológicas sobre a expiação dos pecados, desenvolvidas no judaísmo. A relação entre essa causa e efeito - reverência aos pais e perdão dos pecados - provém, segundo alguns, da fé na ordem cósmica que rege o universo, sem qualquer distinção entre a ordem moral e a ordem da natureza: a mesma Lei, identificada com a Sabedoria, rege a criação inteira. Segundo esta ideologia sapiencial, o pai e a mãe são os colaboradores de Deus no governo do cosmo. Daí resulta que uma falta contra os pais perturba a ordem da criação e, vice-versa, a honra a eles prestada repara essa perturbação e restitui a boa ordem, inclusive perdoando os pecados.

O Sirácida não voltará mais ao quarto mandamento, a não ser brevemente, em dois v.: 7,27-28. Tratará, porém, oportunamente, dos deveres dos pais na educação dos filhos (30,1-13) e da solicitude de um pai pela filha (42,9-14),

4. HUMILDADE E ORGULHO (3,17-29)

[17] *Filho, realiza teus trabalhos com mansidão*
e serás mais amado que alguém que dá presentes.
[18] *Quanto mais fores grande, mais te humilhes,*
e assim encontrarás graça diante do Senhor.
[19] Muitos são altaneiros e ilustres,
mas é aos humildes que ele revela seus mistérios.
[20] *Pois grande é o domínio do Senhor,*
mas é pelos humildes que é glorificado.
[21] *Não procures o que é difícil demais para ti,*
nem investigues o que ultrapassa tuas forças:
[22] *reflete apenas nos mandamentos que te foram dados,*
pois não necessitas dos que estão ocultos.
[23] *Não te afadigues com o que ultrapassa as tuas tarefas,*
pois já te foi mostrado mais do que a mente humana compreende.
[24] *Muitos se extraviaram com suas conjecturas;*
falsas concepções desviaram seus pensamentos.
[25] Se não tens pupilas, vai faltar-te a luz;
não tendo conhecimento, há de faltar-te a sabedoria!
[26] *Coração obstinado finda na desgraça;*
quem ama o perigo, nele perecerá.

[27] *Coração obstinado sobrecarrega-se de angústias;*
o pecador acumula pecados sobre pecados.
[28] *Não há remédio para a sedução do orgulho,*
pois nele está enraizada a planta do mal.
[29] *O coração do inteligente reflete sobre os provérbios;*
desejo do sábio é um ouvido atento.

O tema da mansidão, aqui desenvolvido, e que Jesus elevará ao nível das bem-aventuranças (cf. Mt 5,4), inclui a humildade, a simplicidade, e a modéstia na avaliação das próprias capacidades. A severa advertência contra o orgulho (v. 26-28) parece visar o orgulho intelectual, talvez focalizado também nos v. 21-24: Ben Sirá estaria advertindo contra o espírito grego, especulativo e racionalista, considerado perigoso para o judeu que fundamenta sua reflexão no pressuposto da revelação divina... Na Igreja primitiva, eram lembradas essas advertências contra a tendência gnóstica, de pretender a salvação através de secretas fontes de conhecimento, acessíveis só aos iniciados.

O v. 21 tem seu paralelo no breve Sl 131, que em dois vv. exalta igualmente a modesta satisfação da criança que, sem aspirações maiores, sente-se contente e segura no colo da mãe. Alguém poderia questionar: Não seria pusilanimidade? Pequenez de espírito? Justificativa de acomodação, de medíocre contentamento com uma situação inferior? – Estes, como outros textos da Bíblia, podem ser, e terão sido, manipulados para justificar um sistema de dominação, ao qual interessaria manter os "humildes" em sua situação de inferioridade. Mas não terá sido esta, por certo, a intenção do Sirácida, ele próprio um escritor culto e, pelo que dele sabemos, socialmente bem situado. Aliás, no v. 18 ele supõe que seus discípulos possam ser "grandes": mas, quanto mais o forem, tanto mais devem humilhar-se, à semelhança da palavra de Jesus que não condena que alguém queira ser "o maior", o líder, o chefe, contanto que se ponha a serviço, que seja como "o menor", para servir (cf. Mc 9,33-35 e 10,42-45).

Nem é esta, muito menos, a intenção de Jesus, ao recomendar a humildade. Aquele que disse: "*Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração*" (Mt 11,29), disse também: "*Sede perfeitos, como o Pai celeste é perfeito!*" (Mt 5,48). Ora, a busca da perfeição não pode tolerar a acomodação nem, igualmente, a mediocridade.

5. A AJUDA AOS POBRES (3,30-4,10)

[30] *A água extingue a fogo crepitante:*
Assim, a esmola expia os pecados.
[31] *Quem retribui os favores será recordado um dia;*
e, no momento em que cair, encontrará apoio.
[4,1] *Filho, não prives o pobre do necessário à vida,*
nem deixes desfalecer os olhos do indigente.
[2] *Não aflijas quem tem fome,*
nem exasperes quem esteja em dificuldade.
[3] *Não acrescentes perturbação ao coração exasperado,*
nem adies tua ajuda a quem dela precisa.
[4] *Não rejeites um suplicante angustiado,*

nem afastes do pobre o teu rosto.
[5] *Não desvies do necessitado o teu olhar,*
nem lhe dês motivo para te maldizer.
[6] *Se ele te maldisser na amargura de sua alma,*
quem o criou escutará sua imprecação.
[7] *Torna-te amável na assembléia,*
mas diante da autoridade inclina a cabeça.
[8] *Inclina teu ouvido ao pobre*
e responde-lhe, com brandura, à saudação.
[9] *Livra o oprimido das mãos do opressor*
e, quando julgares, não sejas mesquinho.
[10] *Sê um pai para os órfãos;*
como um esposo, para suas mães.
E serás como um filho do Altíssimo,
que te amará mais do que tua mãe.

Nesta passagem, Ben Sirá insiste numa atitude social constantemente recomendada ao longo do Antigo Testamento: a ajuda aos pobres: cf. Dt 15,7-11; Pr 3,27s; Jó 31,16-21; Tb 4,7-11 etc.

Seus interlocutores são jovens de "boas famílias", e ele quer incutir-lhes essa sensibilidade, que está de olho atento e mão aberta para socorrer aos necessitados. Muito significativamente, a perícope começa e termina por uma motivação teológica: a esmola – como o sacrifício, ou até mais que o sacrifício ritual (cf 35,3-4) – produz o perdão dos pecados, tão certa e tão imediatamente como a água apaga o incêndio (3,30). A esmola alcança ao doador a filiação divina, a proteção paterna, mesmo materna, do próprio Deus (4,10b). A propósito, no "Sermão da planície", em Lc 6,35, temos semelhante palavra de Jesus: "*Fazei o bem e emprestai, sem esperar coisa alguma em troca... e sereis filhos do Altíssimo...* " Entretanto, há também a ameaça: se por acaso deres motivo a que um pobre te amaldiçoe, essa maldição há de ser escutada, contra ti, pelo Criador (v. 5-6; cf. também, mais adiante, 35,16-19).

O Sirácida não analisa as causas sociais da pobreza e não denuncia a injusta repartição dos bens. Também não atribui a pobreza à preguiça do pobre, ou a seus pecados - nesse caso, segundo uma teologia que considerasse a riqueza sempre uma bênção e a pobreza sempre um castigo de Deus. Pelo contrário, ele dá a entender - pelos motivos já citados acima - que Deus toma a defesa dos pobres, justamente recompensando todo aquele que alivie seus sofrimentos.

Mas não é essa atitude mero "assistencialismo"? Não poderia o Sábio ter dado algum passo adiante, numa posição, diríamos, mais profética? O v. 9 - "*livra o oprimido das mãos do opressor*" - é um lampejo dessa atitude que desejaríamos fosse mais explícita. Por outro lado, a sensibilidade e a generosidade que ele inculca, se realmente praticadas, e *somadas* ao nosso melhor conhecimento dos mecanismos econômicos e sociais, seriam o passo decisivo, ontem e hoje sempre válido, rumo à superação das diferenças de classe em nossa sociedade.

Outra observação. Seria este texto reservado só aos ricos, com relação aos pobres? Quer-me parecer que não. Mesmo um leitor pobre, numa comunidade pobre, sempre terá oportunidade de encontrar alguém ainda mais pobre, mais necessitado, com quem poderá partilhar daquilo que tem. E, não por último, das riquezas da Palavra do Senhor, da fé, da coragem de lutar pela transformação social, por uma nova sociedade *"em que não haja pobres"* (cf. Dt 15,4-5; mas leia toda a perícope do c. 15,1-11, observando a progressão do pensamento do autor: no v. 4 "*não haverá pobres...*"; no v. 7 "*se houver um pobre...*"; no v. 11; "*nunca deixará de haver pobres na terra...*", palavra retomada por Jesus no episódio da unção em Betânia, em Mc 14,7 e prl: "*Pobres, sempre os tereis entre vós*", havendo, portanto, sempre oportunidade de fazer-lhes o bem!). – Mas nós, chegaremos afinal a essa sociedade fraterna, na qual, de fato, não haja pobres? Por que caminhos? O que importa é não aceitar, passiva e indefinidamente, que haja pobres, o que é sempre uma injustiça.

II. COMENTÁRIO de 4,11 a 6,17

1. A SABEDORIA, MÃE E MESTRA (4,11-19)

[11] *A Sabedoria exalta seus filhos*
e se desvela pelos que a procuram.
[12] *Quem ama a Sabedoria, ama a vida;*
e os que a procuram, desde a aurora,
serão repletos de alegria.
[13] *Quem a possui herdará a glória;*
e, para onde quer que vá, o Senhor o abençoará.
[14] *Quem a venera, presta culto ao Santo;*
pois o Senhor ama os que amam a Sabedoria.
[15] *Quem a escutar, julgará as nações;*
quem a ela se dedicar, viverá tranqüilo.
[16] *Se alguém nela confiar, há de obtê-la em herança;*
e seus descendentes conservarão sua posse.
[17] *No princípio, ela o acompanhará por caminhos tortuosos,*
trazendo-lhe medo e temor;
há de causar-lhe incômodo com a sua disciplina
até poder fiar-se nele,
e o experimentará com seus preceitos.
[18] *A seguir, retornará diretamente para ele,*
alegrando-o e revelando-lhe seus segredos.
[19] *Se, porém, se desviar, a Sabedoria o abandonará*
e o entregará à sua própria ruína.

Esta segunda apresentação da Sabedoria já a demonstra em estreito relacionamento com os humanos, qual a mãe com seus filhos (cf. Lc 7,35: "*a Sabedoria, justificada por seus "filhos"...*"). É alguém, uma personificação do próprio Deus, que exalta seus filhos, que se desvela por eles (v. 11), que os experimenta, os põe à prova, acompanha-os a princípio por caminhos tortuosos (v. 17), e pode até abandoná-los, se for por eles abandonada (v. 19). Os que a procuram, porém, desde a aurora, serão repletos de alegria... (v. 12b)

A passagem é límpida e bela, revelando o apreço do Sirácida pela misteriosa realidade que o fascina e da qual ele se transforma em entusiasmado discípulo e porta-voz. É certamente por experiência que ele podia escrever: "*O Senhor ama os que amam a Sabedoria* (v. 14b), pois "quem ama a Sabedoria, ama a vida" (v. 12a). A propósito, não é sem razão que o NT, que vê em Cristo a "*Sabedoria de Deus*" (l Cor 1,24), identifica-o também como Aquele "*no qual está a Vida*" (Jo 1,4), Aquele que é "*pão da Vida*" (Jo 6,35), que vem "*trazer a Vida e Vida em abundância*" (Jo 10,10), Aquele que é "*a Ressurreição e a Vida*" (Jo 11,25), enfim, que é "*o Caminho, a Verdade, a Vida*" (Jo 14,6).

2. VERDADEIRA E FALSA VERGONHA (4,20-31)

[20] *Observa o momento oportuno e guarda-te do mal,*
sem envergonhar-te de ti mesmo.
[21] *Pois há uma vergonha que conduz ao pecado;*
e outra, que é glória e graça.
[22] *Não sejas parcial contra ti mesmo,*
nem te intimides para tua ruína.
[23] *Não deixes de falar quando necessário*
e não escondas tua sabedoria por vã glória.
[24] *Pois é pelo raciocínio que se reconhece a Sabedoria*
e, pelas palavras da língua, a instrução.
[25] *Não contradigas a verdade,*
mas sente vergonha da tua ignorância.
[26] *Não tenhas pudor de confessar teus pecados*
nem te oponhas à correnteza do rio.
[27] *Não te rebaixes diante do insensato,*
nem sejas parcial em favor do poderoso.
[28] *Luta até a morte pela verdade*
e o Senhor Deus combaterá por ti.
[29] *Não sejas ousado com a língua,*
enquanto és preguiçoso e indolente nas obras.
[30] *Não te faças de leão em casa,*
imaginando faltas em teus servos.
[31] *Não tenhas a mão aberta para receber,*
e fechada, quando se trata de dar.

Ao contrário da parte mais antiga do livro dos Provérbios (Pr 10-29), constituída de pensamentos isolados, que raramente formam unidades maiores, o Sirácida em geral desenvolve seus temas, compondo perícopes que têm certa unidade, às vezes mais, às vezes menos coerente. Nesta perícope, a unidade parece estar no tema da vergonha, ou pudor, ou respeito humano, que o Sábio considera em seu aspecto positivo e também no negativo. Como um professor habilidoso, ele quer levar seus discípulos a descobrirem os critérios para suas opções pessoais, e recorre à técnica das contraposições ou contrastes. Assim, o pudor ou a vergonha: quando é legítima? quando deve ser superada?

A atenção, o cuidado, a vigilância frente ao mal, não devem envergonhar ninguém (v. 20). No Evangelho, Jesus insistirá na vigilância (Mc 14,38) e ensinará a orar para que o Senhor nos preserve do mal (Mt 6,13). É uma observação grave, essencial, embora indeterminada; qual a maldade, o "mal", visado pelo Sirácida? No v. 21 ele fala da vergonha "que conduz ao pecado"; mais adiante, no v. 25, recomenda a vergonha "da tua ignorância”...

O Sirácida quer alertar seus jovens discípulos contra o falso respeito humano, que leva à covardia diante da verdade e do cumprimento do próprio dever. Ele parece aludir à tentação, a que estavam sujeitos os judeus do seu tempo, de dissimular a própria fé diante dos apelos da cultura helenística. Essa tentação, aliás, foi de tal monta que, no auge da crise, pouco depois do Sirácida, "alguns dentre o povo" chegaram a "*restabelecer os seus prepúcios*" (cf. 1Mc 1,13-15), dissimulando assim a circuncisão, por vergonha daquele sinal físico que os identificava diante dos pagãos. Chega por isso o Sábio a uma

admoestação enfática, no v. 28, ele que normalmente se mostra comedido e sereno em seus conselhos: *"Luta até a morte pela verdade"* ou, conforme diz o texto hebraico e a versão latina: *"pela justiça"...*

De fato, alguns dos seus interlocutores, quem sabe muitos, dentre seus discípulos, vinte ou trinta anos mais tarde teriam de "lutar até a morte", na insurreição e nas lutas dos Macabeus.

3. RIQUEZA E PRESUNÇÃO (5,1-8)

[1] Não te fies nas riquezas
e não digas: "Elas me bastam".
[2] Não deixes que teu instinto e tua força
te levem a seguir as paixões do coração.
[3] Não digas: "Quem tem poder sobre mim?",
pois o Senhor não te deixará impune.
[4] Não digas: "Pequei. E o que me aconteceu?",
pois é longânime a paciência do Senhor.
[5] Não fiques sem receio por causa do perdão,
acumulando pecado sobre pecado.
[6] Não digas: "Sua misericórdia é grande,
ele perdoará a multidão dos meus pecados!"
Pois nele há misericórdia e cólera,
e sua ira se abaterá sobre os pecadores.
[7] Não tardes em voltar para o Senhor,
nem adies de um dia para o outro.
Pois a cólera do Senhor virá de repente
e, no dia do castigo, serás aniquilado.
[8] Não te fies em riquezas injustas,
pois de nada te valerão no dia da calamidade.

Os vv. 1 e 8, ambos tratando sobre a riqueza, formam clara inclusão, delimitando a perícope. É interessante, porém, que o Sirácida distinga entre "riquezas" e "riquezas injustas", expressão que vai aparecer também no Evangelho: em Lc 16,9 Jesus nos aconselha a "*fazer amigos*" com as "*riquezas injustas*", através da esmola. Em todo caso, nem nas supostamente "justas" (v. 1) se deve confiar.

Essa advertência inicial, contra a presunção apoiada nas riquezás, é desdobrada numa série de advertências contra a falsa segurança e a temeridade em relação a Deus. Pode-se lembrar aqui, a título de ilustração, a famosa passagem de Is 10,5-15, em que o profeta denuncia a presunção do rei da Assíria, exorbitando do seu papel de instrumento nas mãos de YHWH. Aqui, o Sirácida aproveita para citar e comentar três opiniões, provavelmente muito difundidas em seu ambiente, e que ele receia influenciem seus jovens discípulos: a opinião da falsa segurança (v. 3), da impunidade (v. 4) e mesmo da temeridade em relação à misericórdia de Deus (v. 6). Ele insiste em que Deus não é só bondade, mas também justiça (cf. 16,11), e "*sua ira se abate sobre os pecadores*" (v. 6b). Por isso, imprudente seria adiar a conversão (v. 7).

Notar, pois, que o Deus verdadeiro se manifesta e deve ser entendido em constante polaridade. Sua reação pessoal ao pecado é de compaixão, mas é também de cólera. Se a compaixão parece prolongar-se em continuidade, a cólera pode irromper de repente: justificada, porém imprevisível para o ser humano (cf a autodefinição divina em Ex 34,6-7: "*YHWH, YHWH... rico em amor e fidelidade, que guarda o seu amor a milhares... mas a* ninguém *deixa impune...*”). Por isso, a reação aconselhada, por parte do pecador, à compaixão divina, é converter-se quanto antes: e nessa "volta", que Deus mesmo suscita com a sua palavra, o homem se encontra com o Deus compassivo. Pelo contrário, a demora pode levar ao termo estabelecido, o "dia da vingança" e da sentença, e então o encontro é com a justiça de Deus (cf. Am 4,4-12, especialmente o v. 12: "*... prepara-te, Israel, para o confronto com o teu Deus!*").

Um detalhe formal característico desta perícope, bem como da próxima e de outras seções do livro, é a série de preceitos negativos: "Não digas, não faças, não deixes, não..." É, aliás, a forma da maioria dos preceitos da Lei, inclusive no Decálogo: das *"dez palavras"*, só duas têm a forma positiva. É como se o legislador – e também o Sábio – partisse da experiência, infelizmente realista, de tantas formas de transgressão da reta ordem, tentando, através das suas advertências específicas, contrapor-lhes um dique.

Outro detalhe formal. É interessante comparar o estilo sapiencial, de serena e grave advertência, com a impetuosidade retórica do discurso profético. A diferença provém do auditório: o Sábio fala para um grupo de discípulos atentos, na "casa do ensino" (51,23); o Profeta, ao contrário, dirige-se à multidão turbulenta e às vezes hostil, na praça pública ou no átrio do Templo. Ambos, por meios diferentes, tentam igualmente persuadir.

4. O BOM USO DA LINGUA (5,9-6,1)

[9] *Não queiras joeirar a todos os ventos,*
nem andes por qualquer atalho,
como o faz o pecador de língua ambígua.
[10] *Sê firme em tuas convicções*
e seja uma só a tua palavra.
[11] *Sê pronto em escutar,*
mas lento em dar a tua resposta.
[12] *Se entendes do assunto, responde a teu próximo;*
caso contrário, põe a mão à boca.
[13] *No falar encontra-se a glória e a desonra:*
a língua pode causar a ruína.
[14] *Não cries fama de maldizente*
nem armes emboscadas com a língua;
porque, se a vergonha recai sobre o ladrão,
condenação severa atinge a pessoa de duas palavras.
[15] *Não faltes nas grandes nem nas pequenas coisas*
[6,1] *e, de amigo, não te faças inimigo.*
Pois o mau nome traz vergonha e desonra:
tal é a sorte do pecador de língua ambígua.

Depois de um v. isolado sobre a incongruência daquele que é ousado na língua, mas indolente e ineficaz nas obras (4,29), temos aqui toda uma perícope em que Ben Sirá aborda mais longamente o tema do bom ou mau uso da fala. Ele voltará ao assunto mais vezes, tal a importância que lhe dá. Aliás, é um tema comum à literatura sapiencial do mundo antigo. No NT é Tiago, na sua carta (Tg 3,1-12), quem mais se aproxima da insistência do Sirácida, que por experiência conhece a enorme influência da língua, para o bem ou para o mal, na sociedade humana. Por isso, ele não se cansa de urgir tato e discrição, bondade e sinceridade, em todos os contactos verbais dos seus discípulos.

A perícope é delimitada pela expressão "*pecador de língua ambígua*", que aparece formando inclusão, em 5,9 e 6,1, além de voltar no v. 14b. Esse vício da língua "ambígua", da pessoa "de duas palavras", foi também visado por Jesus, no sermão da Montanha, ao recomendar: "*Seja o vosso falar sim, se for sim, e não, se for não...*" (Mt 5,37). Por isso, o Sirácida aconselha atenção na escuta e lentidão na resposta (v. 11), além de firmeza nas convicções, para que "seja uma só a tua palavra" (v. 10). E adverte: "No falar encontra-se a glória e a desonra" (v. 13) ou, como observará mais tarde Tiago: "*Da mesma boca sai a bênção e a maldição... mas não deveria ser assim, irmãos!*" (cf. Tg 3,10).

5. O DOMÍNIO DE SI (6,2-4)

[2] *Não te deixes levar por teus impulsos,*
para que não seja dilacerada a tua força como um touro:
[3] *caso contrário, destruirás tuas folhas*
e arruinarás teus frutos,
acabando reduzido a tronco seco.
[4] *Uma paixão perversa traz a ruína para quem a alimenta,*
e o expõe ao escárnio de seus inimigos.

São três versículos apenas, mas carregados de expressividade para advertir contra a perda do autocontrole. Deixar-se levar pela paixão, de qualquer tipo – luxúria, cobiça, raiva – é candidatar-se a reduzir a árvore frondosa ao tronco ressequido (v. 3), esse tronco sendo tu mesmo, arruinado e exposto ao escárnio.

É notável a agudeza psicológica com que o Sirácida descreve esse poder interno da paixão, à qual o homem se rende e a quem entrega suas próprias forças, e em cujos braços afunda-se na ruína... De modo mais patético, porque em termos autobiográficos, São Paulo, em Rm 7,14-25, descreverá a divisão interna do ser humano sob o regime do pecado.

6. A VERDADEIRA AMIZADE (6,5-17)

[5] *Palavras_amáveis multiplicam os amigos*
e uma língua bem falante multiplica afabilidades.
[6] *Sejam numerosos os que te saúdam;*
mas teus conselheiros, um entre mil.
[7] *Se queres adquirir um amigo, põe-no à prova;*
não te apresses em confiar nele.

[8] Há quem seja amigo no tempo que lhe convém,
mas não permanece tal no dia da aflição.
[9] Há o amigo que se transforma em inimigo,
e revelará as divergências para tua desonra.
[10] Há o amigo, companheiro de mesa,
mas que não permanece tal no dia da aflição.
[11] Na tua prosperidade será como tu,
e tratará com toda a desenvoltura os teus servos.
[12] Se, porém, fores humilhado, estará contra ti
e se ocultará da tua vista.
[13] Mantém-te afastado dos inimigos
e usa de cautela com os amigos.
[14] Amigo fiel é refúgio seguro:
quem o encontrou, encontrou um tesouro.
[15] Amigo fiel não tem preço:
não há medida que avalie o seu valor.
[16] Amigo fiel é elixir de longa vida;
os que temem o Senhor o encontrarão.
[17] Quem teme o Senhor, dirige bem sua amizade:
como ele é, tal será seu companheiro.

Este é um tópico favorito do Sirácida. Sobre o assunto ele voltará a tecer outras considerações (p.ex. em 9,10-16; 12,8-13,1), sempre práticas e, de certo modo, interesseiras. Mas não se pode deixar de admirar o bom senso e o realismo objetivo que anima estes conselhos.

Após uma série de advertências para pôr em guarda contra os falsos amigos (v. 6-13), segue uma tríplice exaltação do "amigo fiel" (v. 14-16), o qual "não tem preço", é provado na adversidade (v. 8 e 10), e é encontrado só pelos que "temem o Senhor" (v. 16-17), vale dizer, por aqueles que buscam e possuem a Sabedoria. Notar essa motivação religiosa explícita só no final, mas subjacente a todas as anteriores motivações do Sábio.

III. COMENTARIO de 6,18 a 10,18

1. A AQUISIÇÃO DA SABEDORIA (6,18-37)

[18] *Filho, desde a juventude acolhe a instrução,*
e até a velhice encontrarás a sabedoria.
[19] *Como o lavrador e semeador,*
aproxima-te dela e espera seus bons frutos.
Por algum tempo labutarás em seu cultivo
mas comerás, em breve, de seus produtos.
[20] *Quanto é rude a Sabedoria para os ignorantes!*
Nela não permanecerá o insensato:
[21] *é como uma pedra pesada que está sobre ele para prová-lo:*
mas não demorará sem que ele a lance fora.
[22] *Pois a Sabedoria justifica seu nome:*
ela não é acessível a grande número.
[23] *Escuta, filho, aceita minha advertência*
e não rejeites meu conselho.
[24] *Introduze teus pés em seus grilhões*
e teu pescoço em seus laços.
[25] *Curva os ombros para transportá-la*
e não te impacientes com suas cadeias.
[26] *Achega-te a ela com toda a tua alma*
e com todas as forças observa seus caminhos.
[27] *Segue suas pegadas e procura-a: ela se dará a conhecer;*
e, quando a alcançares, não a deixes escapar.
[28] *Terminarás por encontrar nela o repouso*
e ela se converterá para ti em alegria.
[29] *Seus grilhões transformar-se-ão em poderoso abrigo*
e seus laços, em veste suntuosa.
[30] *Seu jugo é um ornato de ouro;*
suas cadeias, laços de púrpura.
[31] *Dela te revestirás, como de veste suntuosa;*
e a cingirás, como coroa de alegria.
[32] *Se quiseres, filho, serás instruído;*
se a ela te dedicares, tornar-te-ás hábil.
[33] *Se gostares de escutar, aprenderás;*
se inclinares teu ouvido, serás sábio.
[34] *Freqüenta a companhia dos anciãos*
e apega-te à sabedoria deles.
[35] *Ouve de boa vontade uma exposição divina;*
e não te escapem os provérbios inteligentes.
[36] *Se vires um homem inteligente, procura-o desde a aurora;*
e teus pés gastem os degraus da sua porta.
[37] *Medita nos mandamentos do Senhor*
e exercita-te sem cessar em seus preceitos.
Ele mesmo fortalecerá teu coração

e a Sabedoria, que desejas, te será dada.

Bela perícope, dedicada ao tema central do Sirácida, e desenvolvida num tom de intimidade de pai para filho. Aliás, o vocativo "filho" indica as três subdivisões do texto (v. 18.23.32), sendo as duas primeiras enriquecidas por grande variedade de imagens.

O Sábio insiste no esforço e na perseverança necessários, recorrendo às comparações com o trabalho campestre (v. 19), o peso a ser levantado (vv. 21 e 25), a experiência do cárcere (vv. 24 e 29), o vestuário e os adornos (vv. 30-31), todo esse esforço resultando numa imensa alegria e paz. Salta aos olhos a correspondência a uma passagem parecida em Mt 11,28-30, na qual Jesus, a própria Sabedoria encarnada, faz semelhante apelo e promessa: "*Tomai sobre vós o meu jugo... e encontrareis a paz*" (cf. aqui vv. 24 a 30).

A terceira parte é caracterizada por conselhos práticos, começando com quatro "se", o primeiro dos quais é fundamental: "se quiseres..." (v. 32a). Deixando as imagens, ele fala diretamente, insistindo na atitude da escuta, na busca de mestres experimentados, na procura de oportunidades para aprender mais, recorrendo ainda a uma imagem, hiperbólica, no v. 36b. Há, inclusive, desapego por parte de Ben Sirá: ele recomenda a sua própria escola (51,23), mas dá liberdade aos discípulos para se instruírem também com outros mestres, desde que reconhecidamente sensatos (v. 34, 35, 36).

Quanto ao enigma do v. 22: "*a Sabedoria justifica seu nome*", enigma porque não se via bem como a palavra *Sabedoria* (em gr. *sofia)* implicasse esforço, a descoberta do original hebr. veio solucioná-lo. É que o termo hebr. correspondente a *sofia,* neste v. 22, é *musar,* que significa instrução, correção, e também castigo correcional. Recordando que os castigos físicos faziam parte do sistema escolar da antigüidade, o sentido original do v. 22 era o seguinte: "Como seu nome o comprova, a aquisição da Sabedoria (aqui, hebr. *musar)* comporta castigos e correções..." Neste sentido, torna-se clara a exortação inicial, do v. 18: é preciso acolher a instrução, isto é, a *disciplina,* para no fim encontrar a Sabedoria!

Concluindo a perícope, no v. 37, temos a perspectiva religiosa e teológica: o estudo e a meditação da Lei, e o dom, a graça, da Sabedoria, o dom de Deus completando e coroando o esforço humano. Semelhante dialética de tarefa e dom, dom e tarefa, encontramos também no sermão da Montanha: a Justiça do Reino de Deus é o dom inestimável que sacia os que dela têm fome e sede (Mt 5,6), e no entanto deve ser procurada e praticada com todo o empenho, como nosso objetivo antes de qualquer outro, "*em primeiro lugar*"... (Mt 6,33).

2. ADVERTÊNCIAS VÁRIAS (7,1-17)

[1] *Não pratiques o mal, e o mal não te atingirá.*
[2] *Afasta-te do injusto, e ele se desviará de ti.*
[3] *Não semeies nos sulcos da injustiça,*
para não vires a colhê-la sete vezes mais.
[4] *Não peças ao Senhor o cargo de chefe;*
nem ao rei, um lugar de honra.
[5] *Não pretendas ser justo diante do Senhor,*
nem sábio, diante do Rei.

[6] *Não procures tornar-te juiz,*
se não és capaz de extirpar a injustiça:
pois poderias intimidar-te frente ao poderoso
e assim porias em risco a tua integridade.
[7] *Não peques contra a assembléia da cidade,*
nem te rebaixes diante da multidão.
[8] *Não te enleies duas vezes no pecado,*
pois não ficarás impune nem mesmo por um s6.
[9] *Não digas: "Será levada em conta a quantidade de minhas oferendas;*
e quando as apresentar ao Deus Altíssimo, ele as aceitará".
[10] *Não sejas impaciente em tua oração*
e não te descuides em dar esmola.
[11] *Não ridicularizes quem tem a alma amargurada;*
pois um só é o que humilha e exalta.
[12] *Não inventes mentiras contra teu irmão*
nem tampouco o faças contra teu amigo.
[13] *Evita proferir qualquer mentira,*
pois tal hábito não é para o bem.
[14] *Não sejas falador na reunião dos anciãos*
nem multipliques as palavras na tua oração.
[15] *Não desprezes o trabalho pesado,*
nem o trabalho dos campos, ordenado pelo Altíssimo.
[16] *Não te associes à companhia dos pecadores:*
lembra-te de que a cólera não tarda.
[17] *Humilha profundamente a tua alma,*
pois o castigo do ímpio é o fogo e os vermes.

Temos aqui uma seqüência de quatorze preceitos negativos, abordando as mais diversas situações na convivência social. Ben Sirá começa com um princípio geral, na linha da retribuição: de objeto, o mal se torna sujeito, pois ele sempre atinge quem o pratica (v. 1-3). A seguir, as conseqüências.

Na esteira de Pr 25,6, ele adverte contra a procura das posições de relevo (v. 4-5), p. ex. do cargo de juiz (v. 6), e fundamenta suas precauções em motivos muito realistas: o juiz precisa ter integridade a toda prova, para resistir às pressões dos poderosos que tentarão influenciá-lo com ameaças ou corrompê-lo com presentes... E tu, quem sabe, fraquejarás! Entretanto, essas advertências parecem também refletir a fase turbulenta vivida pelo Sirácida e seus contemporâneos, agora sob o domínio dos Selêucidas, especialmente após a morte de Simão 11 em 195 aC. O novo sumo sacerdote, Onias III, logo perde o controle da situação. Os Tobíadas e os partidários do helenismo levam a melhor e procuram os postos de chefia, enquanto os *hasidim,* defensores da fidelidade ao Judaísmo ancestral, se recolhem, armazenando forças para a reação que vai estourar, enfim, com os Macabeus, em 167 aC.

Os vv. 8 e 9 voltam ao tema da presunção, já abordado em 5,4-7. E o v. 9 antecipa a profética denúncia dos sacrifícios injustos, que encontraremos mais adiante, na longa exposição de 34,21--35,22.

Os vv. 10 e 14b advertem contra a maneira errada de orar, antecipando o que Jesus ensinará no Evangelho: não ser impaciente na oração (v. 10, cf. Lc 18,1-7) e não multiplicar as palavras (v. 14b, cf. Mt 6,7s), como, aliás, também o Coélet já havia ensinado (Ecl 4,17-5,1).

No v. 11 encontramos uma antecipação das advertências que voltarão em 8,5-7: não ridicularizar nem menosprezar ninguém, pois todos temos "telhado de vidro". No v. 15, embora pessoalmente preze mais a ocupação do escriba e o estudo da Lei (cf. sua longa exposição do tema em 38,24-34), o Sirácida alerta contra o desprezo e a desconsideração do trabalho pesado e da faina dos campos. Advertência certamente necessária num momento em que os atrativos de lucros mais fáceis no comércio desviavam mais e mais judaítas do rude empenho na lavoura.

Nos vv. finais (v. 16 e 17), o Sábio apela para a Cólera e o Juízo, numa nítida alusão a retribuição futura, que não está ainda explícita no texto hebr. original. Este, no v. 17, falava *só dos vermes,* numa contraposição já suficientemente eloqüente: que sentido tem o orgulho humano, se o que o aguarda são os vermes? Mas o texto grego, associando aos vermes *o fogo,* como Is 66,24 e Jt 16,17 (cf. no Evangelho, Mc 9,48), quis endurecer ainda mais a idéia da punição.

3. RELAÇÕES DOMÉSTICAS E SOCIAIS (7,18-28)

18 *Não troques amigo por dinheiro*
nem verdadeiro irmão, por ouro de Ofir.
19 *Não te separes de mulher sábia e bondosa,*
pois sua graça vale mais que o ouro.
20 *Não maltrates o servo que trabalha com fidelidade,*
nem o assalariado que se empenha plenamente.
21 *Que tua alma ame o servo diligente:*
não lhe recuses a liberdade.
22 *Tens rebanhos? Cuida bem deles;*
se deles tiras proveito, conserva-os.
23 *Tens filhos? Corrige-os;*
e dobra-lhes o pescoço, desde a infância.
24 *Tens filhas? Vela por seu corpo;*
e não lhes mostres rosto complacente.
25 *Casa tua filha, e terás concluído orande tarefa;*
mas entrega-a a um homem sensato.
26 *Tens uma esposa segundo o teu coração?*
Não a repudies.
Se deixaste de amá-la, porém, não confies nela.
27 *Honra teu pai de todo o coração,*
e não esqueças as dores de parto de tua mãe.
28 *Lembra-te de que por eles foste gerado:*
como lhes retribuirás o quanto te deram?

Nestes onze versículos, o Sirácida concentra vários temas que ele já abordou ou vai ainda abordar mais detidamente em outras passagens da sua obra: os amigos (6,5-17; 22,19-26), a mulher (25,13--26,18), o escravo (33,25-33), os filhos (30,1-13), as filhas (26,10-12 e 42,9-11), os pais (3,1-16).

Quanto à mulher, como veremos também nos outros textos em que o Sábio volta ao assunto, o ponto de vista é o do homem, pagando tributo à concepção patriarcal e machista do seu tempo. A mulher, "*cuja graça vale mais que o ouro*", quando "sábia e bondosa" (v. 19), não merece mais a confiança "quando deixas de amá-la" (v. 26b)... O que certamente é uma concepção limitada, parcial, mesmo injusta, a ser superada como na palavra de Paulo: "*Não há mais... homem e mulher, pois todos vós sois um, no Cristo Jesus*" (Gl 3,28).

No v. 21 ele recomenda a libertação do escravo "diligente": não se deve recusar-lhe a liberdade, isto é, após os seis anos de serviço, segundo o que já prescrevia a Lei (Ex 21,2 e Dt 15,12-15) em relação ao escravo hebreu. Talvez Ben Sirá proponha aqui a alforria de todo escravo, mesmo o não-hebreu. Ou então, quem sabe esteja urgindo o cumprimento de uma lei que os patrões preferiam ignorar.

Quanto à educação dos filhos, prevalece o conceito da autoridade paterna e do rigor necessário para uma boa educação (vv. 23 e 24), rigor que é constantemente ensinado pelos sábios. O livro dos Provérbios, p. ex., insiste mais vezes na necessidade de "corrigir com a vara" os filhos (Pr 23,13s), sendo a vara inclusive sinal de amor: "*Quem poupa a vara odeia seu filho; aquele que o ama aplica-lhe a disciplina*" (Pr 13,24). Não está exagerando na direção oposta a pedagogia moderna, condenando qualquer forma de castigo físico? Estariam assim tão equivocados os Sábios antigos?

Os dois vv. finais (27 e 28), sobre a gratidão para com pai e mãe, retomando o já dito em 3,1-16, impressionam pela força da sua concisa argumentação, chegando a aplicar ao quarto mandamento a intensidade do amor a Deus: "*de todo o coração*" (v. 27b).

4. OS SACERDOTES E OS POBRES (7,29-36)

29 *Com toda tua alma teme o Senhor*
e reverencia seus sacerdotes.
30 *Com toda a força, ama aquele que te criou*
e não abandones os seus ministros.
31 *Teme o Senhor e honra o sacerdote.*
Dá-lhe a sua parte, como te foi prescrito:
primícias, ofertas pelo pecado, entrega das espáduas,
sacrifício de santificação e primícias das coisas sagradas.
32 *Estende tua mão também ao pobre,*
a fim de que a tua bênção seja completa.
33 *A graça dos teus dons chegue a todos os vivos;*
e também aos mortos não recuses teu favor.
34 *Não voltes as costas aos que choram,*
e com os aflitos aflige-te.
35 *Não hesites em visitar os enfermos:*

é por tais ações que serás amado.
[36] *Em todas as tuas ações lembra-te do teu fim,*
e jamais pecarás.
I

Os vv. 29-31 mostram um aspecto característico da religiosidade do Sirácida: ele respeita e venera os sacerdotes, convencido de que o temor e o amor de Deus têm a sua contraprova na reverência e no apoio dado a seus ministros. Veja-se, a propósito, a sua descrição entusiasmada da liturgia presidida pelo sumo sacerdote, no c. 50, bem como a sua fervorosa prece pelos sacerdotes do seu tempo, em 45,26. Aqui, no v. 31, ele entra em detalhes práticos sobre a "parte" que cabia aos sacerdotes, por ocasião dos vários tipos de sacrifícios no Templo. E isto porque, não devendo ter bens imóveis pessoais (cf. Nm 18,20), eles precisavam ser mantidos com as ofertas do povo (cf. Nm 18,8-19; Dt 18,1-8). No NT, o apóstolo Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, embora pessoalmente renuncie a esse direito, no entanto reconhece que "*os que servem ao altar, do altar também participam*" (1Cor 9,13). E logo continua: "*Pois assim ordenou o Senhor aos que anunciam o Evangelho: que vivam do Evangelho*" (1Cor 9,14).

Entretanto, voltando a Ben Sirá, é um pouco estranha essa sua insistência no apoio a ser dado aos sacerdotes, no seu tempo, uma vez que eles, no período pós-exílico, especialmente na fase helenística, eram a classe dominante na Judéia, sendo o sumo sacerdote o chefe reconhecido do povo judeu. E mais: além de membros do Conselho dos Anciãos, que correspondia à *Gerusia* das cidades gregas ou ao *Senado* de Roma, eles eram também os mais importantes funcionários daquela verdadeira hierocracia...

Os vv. seguintes (32-35), num paralelismo que encontramos também no Dt 14,28-29, que menciona o levita/sacerdote junto com o estrangeiro, o órfão e a viúva, como destinatários da assistência pública, recomendam a caridade para com vários tipos de necessitados: os pobres, os defuntos (presumivelmente os que não tivessem quem os sepultasse devidamente), os aflitos, os doentes. O v. 34, "*chorar com os que choram*", é retomado por Paulo em Rm 12,15; e a visita aos doentes (v. 35) é mencionada por Jesus no Juízo final, em Mt 25,36.

O v. 36 é mais um caso interessante da evolução do pensamento do Sirácida sobre a retribuição, aqui e/ou também na outra vida. "Lembra-te do teu fim" quer significar, no texto atual, "lembra-te da tua morte", como em 11,26-28. Aliás, a expressão grega corresponde, em latim, aos "novíssimos" , tradicionalmente explicitados como "morte, juízo, inferno, ou paraíso"... No texto hebraico original, porém, o sentido era simplesmente: *Em tudo* o *que fazes, considera* o *fim,* isto é, o resultado, as conseqüências dos teus atos. Ver em 28,6 advertência semelhante.

5. NORMAS DE PRUDÊNCIA (8,1-19)

[1] *Não discutas com um potentado,*
para não caíres em suas mãos.
[2] *Não entres em demanda com um rico,*
para que ele não te contraponha o seu peso;
pois o ouro tem sido a perdição de muitos

e dobra até o coração dos reis.
[3] *Não discutas com o fanfarrão;*
não atires lenha a seu fogo.
[4] *Não gracejes com pessoa sem educação,*
para que não sejam desonrados teus progenitores.
[5] *Não injuries a quem está arrependido do pecado:*
lembra-te de que todos nós somos culpados.
[6] *Não desprezes alguém por ser velho,*
pois dentre nós alguns também envelhecerão.
[7] *Não te alegres diante de um cadáver:*
lembra-te de que todos havemos de morrer.
[8] *Não deixes de lado as lições dos sábios,*
mas interessa-te por suas máximas:
é deles que aprenderás a instrução
e o desempenho de funções junto aos grandes.
[9] *Não te desvies da conversação dos velhos,*
pois também eles aprenderam com seus pais.
Deles é que aprenderás a compreensão,
e a dar a resposta no momento oportuno.
[10] *Não acendas os carvões do pecador,*
para que não te queimes no fogo de sua chama.
[11] *Não cedas diante do insolente,*
para que não fique à espreita de tuas palavras.
[12] *Não emprestes a alguém mais poderoso do que tu;*
se emprestas, considera perdido o que emprestaste.
[13] *Não sejas fiador acima de tuas posses;*
se o tiveres feito, conta com a obrigação de pagar.
[14] *Não entres em processo contra um juiz:*
por causa de sua posição, julgarão em seu favor.
[15] *Não viajes em companhia de um temerário,*
para que não agraves os teus males:
pois ele se dirigirá por seus caprichos
e, por sua loucura, perecerás com ele.
[16] *Não discutas com uma pessoa irascível*
nem atravesses com ela o deserto;
pois a seus olhos o sangue não é nada
e ali, onde não há socorro, te abaterá.
[17] *Não te aconselhes com o tolo,*
pois é incapaz de guardar segredo.
[18] *Na frente de um estranho nada faças de secreto,*
pois não sabes o que daí poderá surgir.
[19] *Não abras o coração a qualquer um,*
pois talvez não corresponda à tua confiança.

Como no c. 7, temos aqui também uma longa série de admoestações, todas em forma negativa, focalizando situações e pessoas que requerem particular cuidado e discrição. Falta qualquer motivação religiosa explícita. É a prudência do Sábio que fala,

recomendando evitar conflitos com os poderosos, os ricos, os prepotentes, os ímpios, os irascíveis, as autoridades - especificamente o juiz.

Nos vv. 5-7 encontramos bela amostra do humanismo de Ben Sirá. A lembrança de que "todos nós pecamos", "todos morremos", "alguns envelhecemos", deve ensinar-nos a sermos compreensivos para com os que erram, a não nos alegrarmos com a morte nem de um inimigo, a não nos impacientarmos com a fraqueza senil de quem quer que seja...

Nos vv. 8-9 ele volta a insistir em que seus jovens discípulos não percam nenhuma oportunidade de aprender, quer com os velhos quer com os sábios, como já ensinara no c. 6,33-36. Aliás, os rabinos tinham alto conceito da tradição, que eles denominavam a "lei oral", e prezavam muito o ensinamento de pai para filho, através das gerações, segundo Dt 4,9 e 11,19; Jó 8,8 e 12,12; Sl 44,2 e 78,3; Pr 13,20. Sirva de exemplo Jó 8,8: "*Pergunta às gerações passadas, e considera a experiência dos que te precederam...*" e Jó 12,12: "*Não está nos cabelos brancos a sabedoria, e a prudência, nos velhos?"* Foi, aliás, este apreço pela Sabedoria, revelada em cada pensamento, cada "provérbio" dos Sábios, que deu origem, por um lado, aos "livros de Sabedoria" e, por outro, às duas grandes coleções de ensinamentos rabínicos que constituem hoje a Mixná e o Talmude.

Do v. 10 até o v. 19 retomam-se as "normas de prudência", a começar pela recomendação a "não mexer com o fogo..." Nos vv. 12 e 13 temos duas advertências contra o empréstimo a "alguém mais poderoso", e contra a fiança "acima das posses": o Sirácida, ao contrário de Pr 6,1-5; 17,18 e 22,26s, admite a fiança, mas dentro de certas condições (cf. adiante: 29,14-20).

Várias dessas normas parecem calculistas, prudentes demais, perante as exigências do Evangelho. Segui-las à letra poderia levar, dirá alguém, à "prudência da carne", às atitudes cuidadosas demais, à posição do "meio-termo" e "em cima do muro... "Tudo isso é verdade. Por isso, é preciso discernimento. Diante de valores inegociáveis, como a verdade e a justiça, é preciso ter posições definidas, francas, não ambíguas. Mesmo assim, a prudência, aliada à paciência e à perseverança, pode muitas vezes chegar a resultados mais apreciáveis e duradouros que a atitude do confronto. Trata-se, pois, de, à luz do Evangelho, discernir e, com maturidade, optar. Aliás, o próprio Jesus recomenda, a seus discípulos, além da "*simplicidade das pombas*", também "*a prudência das serpentes*" (cf. Mt 10,16)...

6. RELACIONAMENTO COM AS MULHERES (9,1-9)

[1] *Não tenhas ciúme da mulher que repousa em teu seio;*
caso contrário, lhe ensinarás a portar-se perversamente contra ti.
2 Não te entregues à tua mulher,
a ponto de ela vir a dominar sobre os teus bens.
3 *Não vás ao encontro de mulher licenciosa,*
para não caíres nunca em suas redes.
4 Não te demores com a tocadora de lira,
para não seres apanhado em seus artifícios.
5 Não detenhas os olhos sobre uma virgem,
para que não sejas envolvido em sua condenação.
6 *Não te entregues, tu mesmo, às prostitutas,*

para que não venhas a perder teu patrimônio.
7 *Não vagueies o olhar pelas ruas da cidade,*
nem perambules por seus recantos solitários.
8 *Desvia da mulher graciosa o teu olhar,*
e não fites a beleza que não te pertence.
Pela beleza da mulher se transviaram muitos:
o desejo que daí vem, se inflama como o fogo.
9*Jamais te sentes à mesa com mulher casada,*
nem bebas vinho com ela em festins,
para que não se incline para ela teu coração
e não venhas a cair, ensangüentado, na desgraça.

Continuando a servir-se da forma de advertência negativa, como no c. anterior, e novamente sem motivação religiosa explícita, o Sábio oferece a seus discípulos uma série de alertas contra a liberalização do comportamento sexual, certamente motivado pelo avanço da cultura helenística.

Ele já havia falado da esposa em 7,19.26, e tomará a abordar longamente o tema da mulher nos cc. 25 e 26. Aqui Ben Sirá começa tratando do ciúme, alertando para o fato de que a suspeita injusta provoca atritos que poderão despertar na esposa a idéia da infidelidade. Aliás, o livro dos Números dá bastante espaço ao assunto, do ponto de vista jurídico, na "lei dos ciúmes": Nm 5,11-31. O v. 2 provavelmente alude ao mau exemplo de Salomão (cf. também 47,19 e 1Rs 11,1-8).

O restante das advertências refere-se a outras mulheres, quer não casadas (v. 3-7), quer casadas com outrem (v. 8-9). A mulher "licenciosa" do v. 3 já foi pitorescamente descrita em várias passagens de Provérbios, especialmente Pr 7. A admoestação do v. 4, sobre a "tocadora de lira", lembra o canto da prostituta em Is 23,16. A advertência do v. 5 "não detenhas os olhos sobre uma virgem" emprega a mesma expressão que encontramos em Jó 31,1 e relembra penalidades como as previstas em Dt 22,23-29.

Quanto ao olhar libidinoso, Jesus reforçará a reprovação, equiparando-o ao adultério consumado (cf. Mt 5,28). Finalmente, quanto às conseqüências sangrentas do adultério, lembradas no v. 9b, temos as leis de Lv 20,10 e Dt 22,22, as quais atingem ambos os comparsas, o homem e a mulher, não só a "adúltera", como estavam pretendendo os escribas e fariseus de Jo 8,1-11...

De resto, apesar de essas "conseqüências sangrentas" do adultério praticamente não existirem mais, em nossa cultura e sociedade permissivas, restam para nós, cristãos, as motivações evangélicas da castidade, fidelidade, respeito, dignidade da mulher que é, como o homem, "imagem de Deus" (cf. Gn 1,27).

7. RELAÇOES HUMANAS (9,10-16)

[10] *Não abandones um velho amigo,*
pois o novo não tem o mesmo valor.
Amigo novo é vinho novo:

quando envelhecer, hás de bebê-lo com prazer.
[11] *Não invejes a glória do pecador,*
pois não sabes que desastre o espera.
[12] *Não te comprazas no sucesso dos ímpios:*
lembra-te de que não ficarão impunes até a morte.
[13] *Conserva-te longe do homem que tem o poder de matar,*
para que não experimentes o medo da morte.
Se te aproximares, porém, não cometas inadvertências,
para que não venha a tirar-te a vida.
Reconhece que caminhas entre armadilhas
e andas por sobre as muralhas da cidade.
[14] *Na medida do possível, observa teus vizinhos;*
e aos sábios pede conselho.
[15] *Tua conversa seja com homens inteligentes*
e todo o teu discurso, sobre a lei do Altíssimo.
[16] *Teus comensais sejam os justos*
e tua ufania esteja no temor do Senhor.

O Sirácida retoma ao tema da amizade, já tratado expressamente em 6,5-17. Como de outras vezes, ele começa com observações e sugestões práticas, terminando com uma motivação religiosa. Assim, aqui, depois de observar que é mais seguro ficar com um velho amigo (v. 10) e que, ao se procurarem novos, não se deve ir atrás do pecador, nem do ímpio, nem do poderoso (vv. 11-13), ele aconselha a procura dos sábios, inteligentes e justos (vv. 14-16), isto é, daqueles que gostam de discorrer sobre a Lei do Altíssimo e se gloriam no temor do Senhor (vv. 15 e 16), vale dizer, os que amam a Sabedoria.

Nos vv. 11-12 o Sábio exprime a antiga concepção e convicção da recompensa de bons e maus já nesta vida: a "glória do pecador" e o "sucesso dos ímpios" não durarão muito, e um trágico fim os espera... (cf. a argumentação desenvolvida no Sl 37 sobre o destino do justo e do ímpio, e no Sl 73 sobre o enigma da prosperidade dos maus). No v. 13 há uma aguda observação sobre o perigo da arbitrariedade de quem detenha todos os poderes: diante do ditador, todo cuidado é pouco!

A menção dos "comensais", no v. 16, lembra o costume grego do "*sympósion*", isto é, o banquete no qual se expunha e se discutia algum tema mais consistente. Quanto ao "discurso sobre a Lei" (v. 15), pode-se recordar aqui a afirmação do Rabi Nannaiah: "Dois homens que estão juntos e não falam da Lei, são uma reunião de ímpios; mas se dois homens estão juntos e falam da Lei, o Senhor está com eles" *(Pirqê Avot* 3,3s; cf. Mt 18,20).

8. SOBRE O BOM GOVERNO (9,17-10,5)

[17] *Se a obra é louvada pela habilidade de seus artífices,*
é por sua palavra que o dirigente do povo
comprova a própria sabedoria.
[18] *O falador é temido em sua própria cidade;*
e o irrefletido nas palavras faz-se detestar.

[10,1] *O juiz sábio disciplina seu povo,*
e o governo de um homem inteligente é bem organizado.
[2] *Qual o magistrado do povo, tais os seus funcionários;*
qual o governador da cidade, tais os habitantes.
[3] *Um rei sem instrução arruína o povo;*
uma cidade se fundamenta na sensatez dos chefes.
[4] *O governo da terra está nas mãos do Senhor;*
ele suscita, no momento oportuno, o chefe adequado.
[5] *O sucesso humano está nas mãos do Senhor;*
é ele quem confere à pessoa do escriba a sua glória.

Nesta passagem, o Sirácida apresenta as características do governante ideal: é o sábio, aquele que é disciplinado e disciplina seu povo (10,1), aquele que não é "irrefletido em suas palavras" (9,18), aquele, enfim, que o próprio Senhor, "no momento oportuno, suscita" (10,4). Assim reflete ele sobre o governo, que é também tema e tarefa sapiencial. De fato, uma das funções das escolas sapienciais era a de preparar jovens para cargos de governo, como se vê nos cc. 16 e 25 de Provérbios: Pr 16,10-15 e 25,1-7.

Ben Sirá começa com o contraste entre o artesão e o escriba (que será aprofundado em 38,24--39,11): a habilidade artesanal é importante, indispensável, é também uma das manifestações da sabedoria, mas a habilidade no governo o é mais ainda, sendo o supremo valor social, que só o "sábio magistrado" possui. Sua influência é tanta, que todos os cidadãos se pautam pela sua conduta, como da mesma forma os funcionários, pela conduta do chefe (10,2). Reflexão semelhante se encontra em Pr 29,12, como também no Sl 101, com o seu retrato do governante, o rei ideal.

Nos vv. 4 e 5, a reflexão teológica: governante competente é dom de Deus, em cujas mãos é que está o governo da terra. E é ele "quem dá à pessoa do escriba, ou, como diz o texto hebraico original, do *'legislador',* a sua glória" (10,5). Notar que a releitura do tradutor grego fala aí do "escriba", transferindo para essa classe (que será focalizada amplamente em 39,1-11) o que o contexto quer dizer dos governantes.

9. CONTRA O ORGULHO E A SOBERBA (10,6-18)

[6] *Não guardes ressentimento do próximo, seja qual for a falta;*
e nada faças com arrogância.
[7] *A soberba é odiosa ao Senhor e aos humanos;*
tanto a um como aos outros é detestável a injustiça.
[8] *É por causa das injustiças, das arrogâncias e do dinheiro*
que a soberania passa de um povo para outro.
Pois nada é mais iníquo do que o avarento,
que é capaz de pôr à venda até a própria alma.
[9] *De que, porém, se orgulhará quem é terra e cinza,*
quem, ainda em vida, expele as próprias vísceras?
[10] *Uma doença prolongada zomba do médico;*
quem hoje é rei, amanhã está morto.

[11] *Pois, na morte, a herança do ser humano*
são os répteis, as feras e os vermes
[12] *Desviar-se do Senhor é princípio da soberba,*
quando o coração se afasta daquele que o criou.
[13] *Porque princípio da soberba é o pecado,*
e quem se apega a ela propaga a abominação.
Por isso o Senhor lhes envia calamidades espantosas,
e os assola até extermíná-los.
[14] *O Senhor revira os tronos dos príncipes*
e, em seu lugar, faz sentar os não-violentos.
[15] *O Senhor arranca as raízes das nações*
e, em seu lugar, faz crescer os humilhados.
[16] *O Senhor devasta os territórios das nações:*
e as assola até os fundamentos da terra.
[17] *Ele as arranca e as faz perecer,*
cancelando da terra até a sua memória.
[18] *A soberba não foi feita para o homem,*
nem a ira violenta para os nascidos de mulher.

Nesta perícope o Sirácida denuncia - e com que vigor! - o pecado capital do orgulho. E isto, logo depois de ter falado da "glória divina" dos governantes (10,5), pois é no exercício do poder e do governo que mais facilmente medra e cresce a soberba. O termo hebr. é *ga'awah,* repetido sete vezes como substantivo ou como verbo. No gr. os termos equivalentes são *hyperefanía* (soberba) e *hybris* (arrogância), sendo esta palavra a que aparece na tragédia grega como expressão da presunção humana infalivelmente punida pelo Destino.

Nos vv. 6 e 7 o âmbito é ainda individual: "nada fazer com arrogância", pois a soberba, como a injustiça, "é odiosa a Deus e aos humanos". No v. 8 há uma provável referência à situação política da Palestina, numa época em que Selêucidas (da Síria) e Lágidas (do Egito) disputavam o poder. O Sirácida pode estar aludindo concretamente à batalha de Pânion, em 199 aC, pela qual Antíoco III da Síria derrotou Ptolomeu V do Egito. E ele não receia em dizer que essas trocas de dono, no governo dos povos, são "injustas", fruto "das arrogâncias e do dinheiro" (v. 8). A menção do dinheiro, aliás, levou o texto Gr. II a acrescentar um pensamento sobre a avareza (v. 8b).

Nos vv. 9-11 o Sábio insiste na debilidade da condição humana, deste ser que é "pó e cinza" (cf. também 17,32 e Gn 18,27; Jó 30,19) e cujo corpo tão depressa é pasto dos vermes. De fato, o ser humano, "que hoje é rei e amanhã está morto", não tem, pelo visto, justificativa alguma para se orgulhar... Estas observações tornaram-se lugar comum nas descrições da morte de personagens como Antíoco IV Epífanes (cf. 2Mc 9,9s) e Herodes Agripa (At 12,23), cujo orgulho em vida é punido com um fim humilhante.

Nos vv. 12-13 fala-se do "princípio da soberba" que é afastar-se do Senhor e não temê-lo, contrapondo-se ao "princípio da Sabedoria", que é justamente "o temor do Senhor" (cf. 1,14-20). No v. 13b há uma provável alusão às pragas do Egito, como punição à soberba do Faraó; no v. 16, a referência é à devastação dos territórios das nações cananéias, culpadas de soberba e desalojadas para cederem o espaço ao povo dos

"humildes de Jacó"... mas poderia ser uma alusão também aos estragos das guerras produzidas pelo orgulho humano em qualquer tempo.

Os vv. 14 e 15 expressam um tema favorito dos "pobres de Javé", que já encontramos no cântico de Ana (1Sm 2,4-8) e será retomado por Maria, em Lc 1,51-53: O Senhor "derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes" (lit. os *humilhados!*)... É a convicção de que Deus intervém mudando o curso da história, operando verdadeira reviravolta social, como quando arrancou de Canaã os cananeus para aí "plantar" o seu povo (cf. Sl 44,3; 80,9-10). Teríamos aqui alusão a fatos recentes da crônica política da época? O texto não oferece elementos mais concretos para que possamos identificá-los.

No v. 14b, o termo "não-violentos", lit. "mansos" traduz o original gr. *praeîs*, que encontramos também na segunda bem-aventurança de Jesus segundo Mt 5,4 e, ainda, em Mt 11,29, no auto-retrato do próprio Senhor Jesus, que se apresenta como "*manso e humilde de coração*". "Não-violento" seria uma tradução atualizada desse adjetivo.

No v. 17, a referência à única "imortalidade" conhecida pelo Sirácida: a do "nome", isto é, a memória, quer nos filhos quer na história. Os soberbos perecem radicalmente: até sua memória é cancelada da terra...

No v. 18 se observa que a ira "não foi feita" para o ser humano, pois o descontrola e pode levá-lo a gestos irreparáveis (cf. 1,22), embora seja legítima em Deus (cf. 5,6-7), porque ligada à sua santidade e à sua vontade salvífica.

IV. COMENTARIO de 10,19 a 14,19

1. A VERDADEIRA GLÓRIA (10,19-25)

[19] *Qual é a raça honrada? A raça humana.*
Qual é a raça honrada? Os que temem o Senhor.
Qual é a raça desonrada? A raça humana.
Qual é a raça desonrada? Os que transgridem os mandamentos.
[20] *Entre os irmãos é honrado quem tem o comando,*
mas, aos olhos do Senhor, são os que o temem.
[21] O temor do Senhor é o começo da aceitação divina,
como da rejeição é a obstinação e o orgulho.
[22] *Seja um prosélito, um estrangeiro, um pobre,*
sua ufania é o temor do Senhor.
[23] *Não é justo desprezar um pobre inteligente,*
como não convém glorificar um rico pecador.
[24] *O grande, o juiz e o príncipe são exaltados,*
mas nenhum é maior do que aquele que teme o Senhor.
[25] *A um escravo sábio os livres servirão,*
e o inteligente, corrigido, não murmurará.

Em que consiste a verdadeira glória? Quais os verdadeiros valores? Ben Sirá rejeita firmemente critérios externos como posição social, riqueza, títulos, aparência. O verdadeiro valor do ser humano está na sua sabedoria, e esta, fundada no temor de Deus.

Assim, no fragmento de diálogo que encontramos no v. 19, ele quer dar a entender que não é o fato de pertencer a uma raça eleita que conta, mas o temer a Deus e não transgredir seus mandamentos. Da mesma forma, nos vv. 22 e 24, nos quais são mencionados tipos sociais menosprezados e exaltados, para uns e outros o que os engrandece é o temor de Deus.

Nos vv. 23 e 25, o Sirácida reconhece que um pobre possa ser inteligente e que um escravo atinja a Sabedoria, chegando mesmo ao paradoxo de afirmar que "os livres consentirão em servir a um escravo sábio..." Isso causa surpresa, tanto mais quanto sabemos das idéias da época sobre a inferioridade e mesmo a subumanidade do escravo.

2. AS VÃS PRETENSÕES (10,26--11,6)

[26] *Não tomes a aparência de sábio ao fazeres teu trabalho,*
nem te enalteças no tempo da necessidade.
[27] *Vale mais quem trabalha e tem de tudo em abundância,*
do que quem anda pavoneando-se e nada tem para comer.
[28] *Filho, embora com humildade, glorifica-te*
e honra a ti mesmo, segundo teu valor.
[29] *Aquele que peca contra si mesmo, quem o justificará?*
e quem glorificará aquele que se desonra?

[30] *O pobre é glorificado por sua ciência;*
e o rico, por sua riqueza.
[31] *Quem é honrado na pobreza, quanto mais o seria na riqueza!*
E quem é desprezado na riqueza, quanto mais o seria na pobreza!
[11,1] *A sabedoria do humilde levanta-lhe a cabeça*
e o faz sentar-se no meio dos grandes.
[2] *Não louves alguém por sua aparência,*
nem sintas aversão, devido à feiúra.
[3] *A abelha é pequena entre os seres alados,*
mas seu fruto tem a primazia na doçura.
[4] *Não te vanglories com o ornamento das vestes*
nem te orgulhes em dia de glória;
pois as obras do Senhor são admiráveis – mas são ocultas aos olhos.
[5] *Muitos príncipes acabaram prostrados por terra;*
e aquele em quem não se pensava cingiu o diadema.
[6] *Muitos poderosos foram tristemente desonrados,*
e homens ilustres caíram à mercê de estranhos.

A regra do justo meio-termo domina *o* ensinamento do Sábio: laboriosidade sem pretensões excessivas, mas, ao mesmo tempo, reconhecimento dos próprios méritos (vv. 28 e 29).

Os vv. 26-27 fazem o confronto entre o esnobe, que julga o trabalho manual incompatível com a sua dignidade, e o trabalhador que não se envergonha de ganhar o pão com o suor. Esse tipo de provérbio comparativo não é raro entre os Sábios, p.ex., Pr 15,16: "*Mais vale pouco, com o temor do Senhor, do que um grande tesouro com preocupações*", ou, com a finura típica de Coélet: "*Mais vale o fim de uma ação do que seu começo; e mais vale a paciência do que a arrogância*" (Ecl 7,8).

Nos vv. 28 e 29 temos outro exemplo do bom senso do Sirácida. Depois de denunciar vigorosamente o orgulho, na perícope anterior (10,6-18), aqui ele chama a atenção para a falsa humildade, que poderíamos qualificar de "complexo de inferioridade". Ora, a verdadeira humildade não pode excluir uma justa valorização de si mesmo.

Nos vv. 30-31 e 11,1 ele faz uma comparação entre pobres e ricos, cada um ocupando o seu lugar numa visão estática da sociedade. Enquanto o pobre só consegue ser honrado se adquirir ciência, o rico já é honrado pela sua riqueza; entretanto, a riqueza aumenta o prestígio do Sábio, se o Sábio é também rico, enquanto a pobreza torna ainda pior a ignomínia do não sábio ou tolo. Assim resulta claro que o fator determinante dos verdadeiros valores não é a riqueza nem a pobreza, mas a sensatez, que sobrevive às alternâncias da fortuna. Sensatez que, já foi demonstrado, se fundamenta no temor de Deus!

Finalmente, em 11,2-6 encontramos a admoestação a não julgar pelas aparências, pelo exterior, nem a imaginar que determinada situação, boa ou má, não esteja sujeita a mudanças. A reviravolta das posições, já lembrada acima (10,14s), torna a ser mencionada. O Senhor, cujas obras são "ocultas aos olhos", pode intervir no momento em que lhe apraz. Não se vanglorie, pois, ninguém, "em dia de glória" (11,4).

Quanto à comparação do v. 3, ela é típica do mundo sapiencial. De resto, o significado autêntico da beleza e da feiúra (v. 2) torna-se evidente em Is 53,2-3, que focaliza justamente a falta de beleza e a desprezível aparência do Servo de Javé, no entanto mediador da salvação.

3. MODERAÇÃO E CONFIANÇA EM DEUS (11,7-28)

[7] *Não censures antes de examinar;*
reflete primeiro, depois repreende.
[8]*Não respondas antes de teres ouvido,*
e não interrompas no meio da fala.
[9] *Não questiones por uma coisa que não te diz respeito;*
e não te metas nas contendas dos pecadores.
[10] *Filho, não te entregues a muitos afazeres:*
se os multiplicas, não ficarás sem culpa.
Se corres muito, não chegarás à meta;
e, se quiseres fugir, não escaparás.
[11] *Um se esforça, afadiga-se e se apressa,*
mas fica sempre mais para trás;
[12] *o outro é fraco, carente de socorro,*
pobre de força mas cheio de inteligência:
e os olhos do Senhor voltam-se para ele com bondade
e o levantam da sua humilhação.
[13] *O Senhor o faz erguer a cabeça,*
e muitos se admiram dele.
[14] *Os bens e os males, a vida e a morte,*
pobreza e riqueza, vêm do Senhor.
[15] A sabedoria e a ciência, e o conhecimento da Lei, vêm do Senhor;
o amor, e o caminho das boas obras, dele procedem.
[16] O erro e a escuridão foram criados com os pecadores;
os que no mal se comprazem, com o mal envelhecem.
[17] *O dom do Senhor é assegurado aos fiéis,*
e sua complacência os conduzirá para sempre.
[18] *Há quem enriqueça à força de atenção e economia,*
mas eis qual será a parte de sua recompensa:
[19] *quando disser que encontrou repouso,*
e que agora vai poder gozar de seus bens,
não sabe de quanto tempo vai dispor;
para outros deixará os bens e morrerá.
[20] *Fica firme em teu compromisso e nele concentra-te;*
envelhece em teu trabalho.
[21] *Não te admires das obras de um pecador;*
mas confia no Senhor e persevera em tua fadiga.
Pois é fácil, aos olhos do Senhor, enriquecer um pobre
de repente e rapidamente.
[22] *A bênção do Senhor está na recompensa do homem piedoso:*
num instante, Deus faz florescer sua prosperidade.

[23] Não digas: "Que necessidades tenho ainda?
Que bens posso ainda adquirir?"
[24] Também não digas: "Tenho o bastante para mim;
que mal vindouro me poderá atingir?"
[25] Num dia de felicidade esquecemos a desgraça;
num dia de desgraça, não nos lembramos da felicidade.
[26] Pois é fácil, para o Senhor, no dia da morte,
retribuir ao homem segundo os seus caminhos.
[27] Uma hora de dor produz o esquecimento do bem-estar,
mas é no fim da vida que as obras serão reveladas.
[28] Antes da morte não proclames ninguém feliz;
pois é no seu fim que uma pessoa será reconhecida.

Como na perícope anterior, aqui também o Sirácida pede equilíbrio e moderação, começando pela prudência no falar: "não censures antes de examinar, não respondas antes de ouvir, não te metas em questões alheias..." (v. 7-9).

A seguir, nos vv. 10-13, e com o vocativo "meu filho", ele aconselha moderação no trabalho e confiança em Deus. E isto, porque não adianta "correr demais", para acabar "não chegando à meta... " pois é o Senhor quem faz frutificar os esforços de quem Ele queira abençoar (cf. Sl 127: "*Se o Senhor não construir a casa*..."; cf. também Mt 6,24-34, sobre a confiança na Providência).

O v. 14 expressa uma convicção fundamental de Ben Sirá: a universal causalidade do Deus de Israel. Não há lugar aqui para o dualismo. Com toda a clareza ele afirma que "o bem e o mal, a vida e a morte, pobreza e riqueza", tudo, todas as coisas, vêm de Deus (cf. a extraordinária auto-afirmação da onipotência divina no II Isaías: "*Eu formo a luz e crio as trevas, eu faço a ventura e crio a desgraça, eu, o Senhor, faço todas estas coisas!*" – Is 45,7). O Sábio não explica, não entra em detalhes, agora. Mais adiante, em 15,11-20 e 39,12-35, voltará ao assunto, procurando aprofundá-lo e completando a perspectiva com a menção da liberdade humana. Mais tarde, em outro contexto e defendendo outra tese, o livro da Sabedoria afirmará enfaticamente que "*Deus não fez a morte*" (Sb 1,13)

Os vv. 15 e 16 são uma glosa que procura amenizar o impacto da afirmação do v. 14, esclarecendo que "o erro e a escuridão foram criados (por Deus) para os pecadores..." Aliás, o v. 16b está obscuro, podendo também traduzir-se: "O mal envelhecerá junto com aqueles que se gloriam no mal".

Nos vv. 18 e 19, lembrando que "o homem propõe, mas Deus dispõe", Ben Sirá ironiza sobre aquele que enriquece com o próprio esforço mas de repente deve morrer, deixando a outros os seus bens, como na parábola de Jesus em Lc 12,16-21. A seguir, no v. 21 ele adverte contra o espanto e a admiração pelo sucesso do pecador, como já o advertira Pr 3,31-33 e 24,1.19, bem como o Sl 37 e Sl 73. E reafirma que Deus pode, num instante, "tornar rico o pobre", e "fazer florescer o piedoso" (v. 21 e 22).

Diante da atitude auto-suficiente de quem pensa que não tem mais nada a receber (v. 23) e do falso otimismo de quem se acha invulnerável à desgraça (v. 24), o Sábio recorda que tudo pode mudar num instante (v. 25 e 27), e que só no dia da morte é que se revela

plenamente o ser humano (v. 27b). Só então é que alguém pode ser proclamado feliz (v. 28).

Nesses vv. 26-28 não está claro o pensamento do Sirácida acerca da morte, que ele vai focalizar ainda, na sua ambigüidade, em 41,1-4. Em todo caso, a morte revela o que o homem é diante de Deus, não tanto pelo que vem depois dela (o Sábio o ignora), mas pelo modo como ela ocorre. Se alguém morre em paz e feliz, isso mostra que suas obras agradaram a Deus, e vice-versa. Aliás, assim refletindo, Ben Sirá retoma um pensamento freqüente também na literatura grega, a exemplo do que Sólon afirma a seu amigo Creso: "É só na morte que se pode dizer se uma vida foi feliz ou infeliz" (Heródoto, *Hist.,* 1,30-32).

Ainda uma observação quanto ao v. 28b. Adotamos aí o texto original hebr., que diz: "é *no seu fim,* na sua morte, que uma pessoa será reconhecida". O texto gr., do neto do autor, interpretou: "é *nos seus filhos,* na sua descendência...", quer não intencionalmente, por não haver entendido o original, quer intencionalmente, querendo ressaltar outra verdade, aliás cara também ao Sirácida (cf. 39,9-11).

4. CUIDADO COM OS ESTRANHOS E OS ÍMPIOS (11,29--12,7)

[29]Não introduzas qualquer um em tua casa,
porque são numerosas as ciladas do trapaceiro.
[30] Como a perdiz, que serve de isca na gaiola,
assim é o coração do soberbo:
como espião, aguarda tua queda.
[31] Ele fica à espreita, transformando o bem em mal,
e nas coisas mais puras encontrará defeitos.
[32] Com uma centelha de fogo multiplica-se o braseiro;
assim o pecador arma ciladas, para derramar sangue.
[33] Guarda-te do malvado, pois engendra maldades
e poderá manchar teu nome para sempre.
[34] Acolhe um estranho, e ele te perturbará com desordens
e fará de ti um estranho para os teus.
[12,1] Ao fazeres o bem, vê a quem o fazes,
e receberás gratidão por teus benefícios.
[2] Faze o bem ao piedoso e serás recompensado:
senão por ele mesmo, certamente pelo Altíssimo.
[3] Não terá felicidade quem se obstina na maldade,
nem aquele que se recusa a dar esmola.
[4]Dá ao piedoso, mas não prestes ajuda ao pecador.
[5] Trata bem o humilde, mas nada concedas ao ímpio.
Impede que lhe dêem o pão e muito menos lho dês,
para que não venha a dominar-te depois.
Caso contrário, por todos os benefícios que lhe tiveres feito,
receberás males em dobro.
[6] Pois também o Altíssimo detesta os pecadores
e aos ímpios aplicará sua punição.

Ele os espreita até o dia do julgamento.
[7] *Da, pois, a quem é bom, mas não prestes ajuda ao pecador.*

Apesar de insistir na esmola e na ajuda aos necessitados (p.ex. em 3,30-4,10), o Sirácida propõe aqui suas discriminações, aconselhando, em 12,1, exatamente a contrário do adágio popular cristão: "Faze o bem sem olhar a quem". Seu altruísmo, pois, é calculado, ensinando uma caridade que discrimina entre necessitado e ímpio, uma vez que "o Altíssimo detesta os pecadores" (12,6).

Assim, numa primeira parte desta perícope (11,29-34), ele ensina a prudência na hospitalidade. "Não introduzir qualquer um em casa" (11,29), "não acolher o estranho", isto é, o estrangeiro (11,34), precaução certamente motivada pela infiltração cada vez mais intensa das idéias do helenismo, e precaução levada ao extremo na 2ª carta de João: "*Se alguém vier ter convosco e não trouxer esta doutrina, não o recebais em casa nem mesmo o saudeis*" (2Jo 10)... E o Sábio entra em detalhes: é preciso estar em guarda contra o trapaceiro (v. 29), o soberbo (v. 30), o pecador (v. 32), o malvado (v. 33).

Na segunda parte (12,1-7), ele propõe certas normas para a beneficência: fazer o bem ao piedoso (v. 2 e 4), ao humilde *(v.* 5), sim, mas não prestar ajuda ao pecador (v. 4) nem ao ímpio (v. 5). Ele aconselha mesmo a impedir que outros ajudem ao ímpio (v. 5b), por causa das más conseqüências: o mau só retribuirá com a maldade (v. 5d)! É o que aliás também, de certo modo, o Senhor Jesus, numa passagem isolada do sermão da Montanha, nos insinua: "*Não lanceis aos cães as coisas santas, nem pérolas aos porcos, para que não suceda que as pisem com os pés e, voltando-se, vos estraçalhem*" (Mt 7,6)...

Bem diferente é a proposta do Evangelho em outra passagem do Sermão da montanha, tanto na versão de Mateus (Mt 5,43-48) como, e mais incisivamente ainda, na versão de Lucas (Lc 6,27-36): *"Amai os inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar retribuição... e assim sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bondoso para com os ingratos e os maus*" (Lc 6,35).

Isto é, se o Sirácida apela para um suposto motivo teológico – "o Altíssimo detesta os pecadores" – Jesus não o faz por menos: é justamente porque "*o Altíssimo é bondoso para com ingratos e maus*", que nós, seus filhos, devemos amar até os inimigos... embora com a ressalva de Mt 7,6, lembrada no parágrafo anterior! Será isto sobre-humano, utópico, idealista demais? - Não. Porque o Senhor Jesus não só o ensinou, mas também o praticou.

5. A ESCOLHA DOS AMIGOS (12,8--13,1)

[8] *Não é na prosperidade que se reconhece o amigo;*
nem na adversidade pode .o inimigo ficar oculto.
[9] *Quando alguém é feliz, seus inimigos se entristecem;*
na infelicidade, porém, até o inimigo se afasta.
[10] *Nunca te fies de teu inimigo:*
sua maldade é semelhante ao cobre que enferruja.
[11] *Mesmo que se humilhe e se achegue cabisbaixo,*

toma cuidado e guarda-te dele:
trata-o como quem dá polimento num espelho,
e verás que sua ferrugem continua sempre.
[12] *Não o estabeleças a teu lado,*
para que não te derrube e tome o teu lugar.
Não o sentes à tua direita,
para que não procure arrebatar-te a cadeira:
então reconhecerias, embora tarde, a veracidade de minhas palavras,
e recordarias, com amargura, minhas advertências.
[13] *Quem terá piedade de um encantador mordido pela serpente,*
e de todos os que se aproximam das feras?
[14] *O mesmo sucede com quem anda junto com o pecador*
e se mistura com seus pecados.
[15] *Ele permanecerá uma hora contigo*
mas, se vacilares, não há de perseverar.
[16] *O inimigo traz doçura nos lábios mas, no coração,*
planeja atirar-te à fossa;
chega a chorar, com lágrimas nos olhos,
mas, se tiver oportunidade, nem de sangue se saciará.
[17] *Se a desgraça te atingir, logo o encontrarás à tua frente;*
mas, a pretexto de ajudar-te, agarrará teu calcanhar.
[18] *Balançará a cabeça e esfregará as mãos;*
cochichará muitas coisas e mudará de feição.
[13,1] *Quem toca no piche ficará sujo;*
quem convive com o soberbo, torna-se semelhante a ele.

Já conhecemos a prudência de Ben Sirá. Como na perícope anterior queria prevenir contra a beneficência aos ímpios, aqui ele volta a insistir (o que já fez em 6,6-13) na precaução contra os falsos amigos e, da mesma forma, contra os inimigos.

Ele desenvolve uma série de contrastes entre amigos e inimigos, depois de começar lembrando que só a adversidade revela o verdadeiro amigo (v. 8). Naturalmente, os inimigos são malvados e ímpios, enquanto os discípulos do Sábio são supostamente honestos, virtuosos e tementes a Deus. Quem seriam esses inimigos, ou falsos amigos? Seriam os filo-helenistas?

Em todo caso, as advertências são múltiplas e graves: "nunca te fies do teu inimigo" (v. 10), "não o estabeleças a teu lado", nem "o sentes à tua direita" (v. 12), "não andes junto com ele" (v. 14)... pois "quem toca no piche ficará sujo" (13,1)... e tarde, "muito tarde, comprovarias a verdade das minhas palavras" (12,12c).

6. INCOMPATIBILIDADE ENTRE RICOS E POBRES (13,2-24)

[2] *Não levantes um fardo pesado demais para ti,*
nem te associes a alguém mais forte e mais rico do que tu.
Pois, como poderá a bilha ficar ao lado da panela?
Se a panela bater na bilha, esta se quebrará.

[3] *O rico comete injustiça, e ainda reclama;*
o pobre é injustiçado, e ainda pede desculpas.
[4] *Enquanto lhe fores útil, o rico vai servir-se de ti;*
se vieres a precisar dele, te abandonará.
[5] *Se tiveres algum bem, viverá contigo;*
e te despojará sem qualquer remorso.
[6] *Se precisar de ti, ele te enganará,*
Se mostrará sorridente e te dará esperanças.
Vai dizer-te belas palavras e perguntará: "De que precisas?"
[7] *Ele te envergonhará com suas comilanças,*
até despojar-te duas ou três vezes, terminando com zombarias.
Depois, ao ver-te, passará ao largo,
sacudindo a cabeça em tua direção.
[8] *Toma cuidado para não te deixares seduzir,*
e não seres humilhado por tua insensatez.
[9] *Se algum poderoso te chamar, esquiva-te;*
e ele te chamará, com maior insistência.
[10] *Não te apresses, para não vires a ser repelido;*
nem fiques muito distante, para não seres esquecido.
[11] *Não pretendas conversar com ele de igual para igual,*
nem te fies de seu longo palavreado.
Com sua abundância de palavras ele te experimenta
e, mesmo sorrindo, te perscruta.
[12]*Impiedoso, ele não guarda para si as palavras:*
não te poupará nem males nem cadeias.
[13] *Toma cuidado e presta muita atenção,*
pois caminhas à beira de tua queda.
[14] Ouvindo estas coisas em teu sono, acorda-te:
ama ao Senhor por toda a tua vida e invoca-o para tua salvação.
[15] *Todo animal ama seu semelhante,*
e todo ser humano ama seu próximo.
[16] *Toda carne se une segundo sua espécie,*
e o ser humano procura a companhia do semelhante.
[17] *Como poderá o lobo viver com o cordeiro?*
Pois tal é o pecador, diante do homem piedoso.
[18] *Que paz pode haver entre a hiena e o cão?*
E que paz, entre o rico e o pobre?
[19] *No deserto, o asno selvagem é a presa dos leões;*
do mesmo modo, os pobres são o espólio dos ricos.
[20] *A humildade é abominação para o orgulhoso;*
assim também o pobre é abominação para o rico.
[21] *Quando o rico é abalado, seus amigos o amparam;*
quando o humilde cai, seus companheiros ainda o repelem.
[22] *O rico faltos o tem muitos defensores:*
fala coisas abomináveis, e muitos o justificam;
quando o humilde cai em falta, logo o censuram;
fala coisas sensatas, e não é levado em conta.
[23] *Quando o rico fala, todos se calam*

e suas palavras são exaltadas até as nuvens;
quando o pobre fala, perguntam logo: "Quem é este?"
E, se tropeça, empurram-no, para fazê-lo cair de vez.
[24] *A riqueza é boa, quando isenta de pecado;*
e a pobreza é má, quando fruto da arrogância.

Esta longa perícope poderia ser subdividida pelo menos em duas seções: a) cuidado com os ricos e os poderosos, v. 1-14, e b) os contrastes da sociedade, v. 15-24. Mas de fato ambas as seções se interpenetram pelo mesmo tema da *incompatibilidade,* segundo o Sirácida, *entre ricos e pobres.* Tema explosivo, tratado aqui em tom sapiencial, calmo, objetivo, mas não menos contundente que uma passagem profética como o "*Ai de vós, os ricos*", de Jesus, em Lc 6,24-25, logo após as bem-aventuranças dos pobres (Lc 6,20-21).

Nesta perícope não há menção de Deus, nem mesmo de valores religiosos, a não ser a ocorrência do "pecador" no v. 17b e do "pecado" e da "arrogância" no v. 24. Neste v., aliás, surpreende-nos a precisação do Sábio: "*A riqueza é boa, quando isenta de pecado*"... Quer dizer que, para ele (como para o Senhor Jesus, em Lc 16,9-11), a riqueza nem sempre é injusta! Infelizmente, nem ele nem Jesus entram mais a fundo na questão, deixando a nós o senso crítico de discernir quando, em que circunstâncias, a riqueza é boa ou má. Em todo caso, afora esta única observação do v. 24, o retrato que o Sirácida apresenta dos ricos é realmente negativo, caricatural, mesmo condenatório.

O Sábio fala como um homem do mundo que analisa a sangue frio as realidades da riqueza e do poder – e isso, na pequena Judéia do seu tempo, embora envolvida no burburinho maior do mundo helenístico – e procura prevenir seus jovens discípulos. Aliás, no Evangelho temos a misteriosa e aguda palavra de Jesus, nas instruções aos apóstolos: "*Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos: sede, pois, prudentes como as serpentes, mesmo se também simples como as pombas*" (Mt 10,16).

Outra observação. Os discípulos de Ben Sirá são provavelmente "de boas famílias", como já mais vezes observamos, portanto capazes financeiramente de ajudar os necessitados (cf. acima: 3,30 – 4,10). Como é que aqui ele os alerta contra a exploração e a opressão dos ricos, como se eles – discípulos e mestre! – não fossem também relativamente "ricos"? Aí está, provavelmente, para o Sábio, a distinção: há a riqueza modesta do bem- estar desejável, que o autor de Provérbios pede a Deus em Pr 30,7-9, e a riqueza prepotente e exploradora, tão criticamente retratada aqui.

Uma primeira subseção é a dos vv. 2-8, onde ele insiste no cuidado para não se deixar explorar pelos ricos. A comparação do confronto entre a bilha de barro e a panela de ferro já provém das fábulas de Esopo, no século VI aC. O v. 3 apresenta de maneira extremamente satírica o contraste entre ricos e pobres, contraste retomado com humor ferino nos vv. 21-23.

A seguinte subseção dos v. 9-13, alerta contra o relacionamento com os "potentados" (gr. *dynástes),* capazes até de lançar no cárcere (v. 12). São perigosos, porque movidos pelos seus cálculos de poder, como alertam também os rabinos: "Toma cuidado com os que detêm o poder, porque eles só se aproximam de alguém para seu próprio interesse" *(Pirqê Avot* 2,3).

A parte final, dos v. 15-24, é toda dedicada a caracterizar os contrastes sociais, diríamos nós, a "luta de classes". Após dois vv. introdutórios (15-16), seguem três vv. que novamente relembram Esopo, e que são o contrário da utopia isaiana (Is 11,6-7): o rico é identificado com o lobo, a hiena, o leão... e o pobre é o cordeiro, o cão doméstico, o asno selvagem! Notar que, além do contraste entre rico e pobre, há também, no v. 17, o contraste paralelo entre o pecador (rico) e o piedoso (pobre)... Além disso, notamos o paralelismo entre rico = orgulhoso, no v. 20, e pobre = humilde (gr. *tapeinós:* alguém de baixa condição), nos vv. 21 e 22.

Ainda uma observação. Embora conhecendo Is 11,6-7, o Sábio parece não acreditar na transformação dessa dura realidade e na superação desses contrastes. Para nós, porém, que acreditamos no Senhor Jesus, no qual "a utopia tornou-se topia" (L.Boff), essa superação é possível, desde que tiremos as devidas conseqüências da sua palavra e da sua prática.

7. A VERDADEIRA FELICIDADE (13,25--14,2)

[25] *O coração da pessoa modifica as feições do seu rosto,*
seja para o bem, seja para o mal.
[26] *Rosto alegre é sinal de coração que está bem;*
mas a invenção de provérbios, só com penosas reflexões.
[14,1] *Feliz aquele que não resvalou com sua boca,*
e não é atormentado pelo remorso dos pecados.
[2] *Feliz aquele cuja consciência não o acusa,*
e não arrefeceu em sua esperança.

Temos aqui dois dísticos sem relação direta com o que precede nem com o que segue. Não há também clara unidade entre ambos, embora o tema da felicidade interior, da serenidade de quem está em paz consigo mesmo, possa aproximá-los.

No primeiro dístico (13,25-26), o Sirácida parece retomar Pr 15,13: "O coração alegre anima o semblante, mas a preocupação do coração abate o espírito". Aliás, o hemistíquio 26b está obscuro, tanto no gr. como no hebr., propondo-se a seguinte conjectura: "solidão e angústia trazem penosas reflexões".

O segundo dístico (14,1-2) consta de duas bem-aventuranças, uma das formas sapienciais mais expressivas, que aqui exaltam a felicidade de quem "não resvalou com a língua" e, com a consciência em paz (v. 2, lit.: "cuja alma não o acusa"), conserva inabalável a sua esperança.

8. CONTRA A INVEJA E A AVAREZA (14,3-19)

[3] *Para o avarento a riqueza não é bela;*
aliás, qual a utilidade do ouro, para o invejoso?
[4] *Quem acumula, privando-se, acumula para outros,*

e outros é que se regalarão com os seus bens.
[5] *Quem for mau para si mesmo, para quem será bom?*
Não gozará de seus próprios bens.
[6] *Não há ninguém pior do que quem maltrata a si mesmo,*
pois esta será a paga de sua maldade:
[7] *se fizer algum bem, é por inadvertência que o faz;*
e, no fim, deixa transparecer sua maldade.
[8] *É perverso quem tem o olhar invejoso,*
quem vira o rosto e despreza as pessoas.
[9] *O olho do avaro não se satisfaz com uma parte:*
a injustiça perversa lhe resseca o coração.
[10] *O avarento é cobiçoso do pão alheio,*
e mesquinho em sua própria mesa.
[11] *Filho, trata-te bem, segundo tuas posses,*
e apresenta ao Senhor ofertas condignas.
[12] *Lembra-te de que a morte não tarda,*
e o pacto com o Hades não te foi revelado.
[13] *Antes de morrer, trata bem teu amigo,*
estende a mão e dá-lhe segundo tuas posses.
[14] *Não te prives de um dia alegre,*
nem percas parte alguma de um desejo legítimo.
[15] *Não terás de deixar para outro o fruto do teu trabalho?*
e o resultado de tuas fadigas, não ficará para a partilha da herança?
[16] *Dá e recebe, e diverte-te,*
pois não é no Hades que se há de procurar o prazer.
[17] *Toda carne envelhece como um manto;*
pois este é o decreto eterno: tu hás de morrer.
[18] *Como as folhas verdes, sobre a árvore frondosa*
- umas caem, outras crescem -
assim também, as gerações de carne e sangue:
morre uma, outra nasce.
[19] *Toda obra corruptível desaparece*
e, com ela, vai-se também seu autor.

Depois da sua virulenta crítica aos ricos, no c. 13, temos aqui as observações de Ben Sirá contra a inútil e estulta avareza. Ele pensa que o dinheiro que se tem é para ser usado, não para ser guardado. E que as coisas boas deste mundo são dons de Deus, para serem usufruídos com gratidão e moderação. Nada, portanto, de ascetismo, embora ele, com seu fervor na observância das exigências da Lei, não seja também nenhum epicurista.

Os vv. 3-10 focalizam primeiro o avarento. "Quem é mau para si mesmo", pergunta o Sábio no v. 5, "para quem será bom?" O v. 4 é um eco de Ecl 2,21 e 6,1-2, passagens em que Coélet comenta o absurdo de quem trabalha, trabalha, sem usufruir o que com tanto custo ajuntou... Os vv. 8-9 denunciam o "olho mau" do invejoso e do avarento, a quem "a injustiça resseca a coração" (v. 9b). Notar semelhante expressão - "*olho mau*" na parábola dos trabalhadores na vinha, quando a Senhor defende a sua generosidade contra a mesquinhez humana (Mt 20,15). Confira também Dt 15,9, onde se fala do "olho mau" daquele que não quer dar nada ao irmão pobre!).

Nos vv. 11-16 o tom é de conselho afetuoso e paternal, introduzido pelo vocativo "Filho". Contra o pano de fundo sombrio da morte certa, o discípulo deve, agora, "tratar bem a si mesmo" e "ser generoso nas ofertas do culto" (v. 11); tratar bem os amigos (v. 13); "não perder parte alguma de um desejo legítimo" (v. 14), "pois não é no Hades - mundo dos mortos - que se há de procurar o prazer" (v. 16). Sugestões e motivações semelhantes encontramos no Eclesiastes 2,24; 3,13; 5,17-18; 8,15; 9,7-10, para quem também não existe a perspectiva de qualquer retribuição na outra vida.

E aqui, duas observações: 1) no v. 11b temos novamente um caso de mudança do texto original, que dizia, completando o pensamento de 11a: "E mesmo, se podes, engorda!" ... Já o neto-tradutor, achando talvez prosaico demais o conselho do avô, preferiu falar das "ofertas condignas"... 2) no v. 12b se fala do "pacto com o Hades", isto é, do acerto concernente à entrada no mundo dos mortos, em hebr., o *Xeol.* Se, para o Sirácida, tratava-se ainda do lugar tenebroso onde todos os falecidos, bons e maus indistintamente, convivem numa sonolência eterna, cerca de cinquenta anos mais tarde, segundo BONSIRVEN, o Hades/Xeol já tem compartimentos, um deles sendo já de castigo dos condenados.

Os vv. finais (17-19) expressam poeticamente o fato da humana mortalidade, parafraseando inclusive um famoso verso da Ilíada, de Homero: "Tais como as gerações das folhas, assim também as dos homens"... *(Ilíada* 6,146). O v. 19, porém, que fala do desaparecimento de toda obra corruptível, é reformulado pelo Apocalipse numa de suas bem-aventuranças: "*Bem-aventurados os que morrem no Senhor - pois suas obras os acompanham*" (Ap 14,13).

De resto, à luz do Evangelho, a generosidade recebe motivação mais alta do que a mera proximidade e inelutabilidade da morte: cf. Mt 6,19-21 (e o prl Lc 12,32-34), onde o Senhor nos aconselha a não acumular riquezas na terra mas a juntá-las no céu, onde não há traça nem ladrões...

V. COMENTÁRIO de 14,20 a 18,14

1. PROCURA E POSSE DA SABEDORIA (14,20--15,10)

[20] *Feliz aquele que se aplica à Sabedoria*
e raciocina com a sua inteligência;
[21] *que medita, no coração, em seus caminhos*
e reflete em seus segredos.
[22] *Ele vai à sua procura como um caçador,*
e fica à espreita, em seus caminhos.
[23] *Olha, com atenção, através de suas janelas*
e fica à escuta em suas portas.
[24] *Posta-se ao lado de sua casa*
e finca as estacas dentro de seus muros.
[25] *Arma sua tenda junto a ela,*
e se aloja na moradia da felicidade.
[26] *Entrega os filhas à sua proteção*
e abriga-se debaixo de seus ramos.
[27] *À sua sombra, protege-se contra o calor*
e fixa residência em sua glória.
[15,1] *Eis o que fará quem teme o Senhor;*
quem é entendido na Lei, conquista a Sabedoria.
[2] *Ela virá ao seu encontro como mãe,*
e como uma esposa virgem o acolherá.
[3] *Com o pão da inteligência o alimentará,*
e da água da Sabedoria lhe dará a beber.
[4] *Ele se apoiará sobre ela e não tombará,*
nela confiará e não será confundido.
[5] *Ela o exaltará entre os seus companheiros*
e lhe abrirá a boca no meio da assembléia.
[6] *Ele encontrará alegria e uma coroa de júbilo,*
e obterá por herança um nome eterno.
[7] *Os insensatos não a conquistarão*
nem a contemplarão os pecadores.
[8] *Ela mantém-se longe do orgulhoso,*
e os mentirosos não se lembram dela.
[9] *Seu louvor destoa na boca dos pecadores,*
pois não lhes foi concedido pelo Senhor.
[10] *É com sabedoria que deve ser proferido o louvor,*
e é o Senhor quem o encaminha retamente.

Este é o quarto dos elogios da Sabedoria (após 1,1-30; 4,11-19; 6,18-37), e o Sábio o começa com a bem-aventurança daquele que a procura, bem-aventurança semelhante à do Sl 1,1-2.

A perícope se estrutura bem em três partes. Na primeira (14,20-15,1), descreve-se a aplicação, o esforço planejado, mesmo a engenhosidade de quem busca a Sabedoria. O

estro poético do Sirácida multiplica as comparações e metáforas: o discípulo é como o caçador (v. 22), o espia (v. 23), o nômade que arma a tenda junto à casa da amada (v. 24 e 25), o pássaro que se abriga em seus ramos (v. 26), o bem-aventurado que desfruta de sua glória (v. 27)... Aí chegamos ao nível divino da Sabedoria, pois a "glória" é o resplendor da presença de Deus, equivalendo à *Shekiná* dos rabinos (cf. Jo 1,14: a glória da Palavra Encarnada). O v. 15,1, que forma inclusão com os vv. 14,20-21, é um sumário altamente condensado da doutrina de Ben Sirá: quem teme o Senhor = aquele que é entendido na Lei = aquele que alcança a Sabedoria.

Na segunda parte (15,2-6), todo o esforço da busca é compensado pela auto-entrega da Sabedoria: ela mesma, como mãe e esposa (v. 2), vem ao encontro do discípulo; dá-lhe de comer e de beber (v. 3, cf. o banquete da Sabedoria em Pr 9,1-6); exalta-o "no meio da assembléia" (v. 5)... Ele, por sua vez, nela confia e se apóia, nela encontra alegria e "um nome eterno" (v. 4 e 6). São claras aí as ressonâncias de Pr 31,10-31, com o seu retrato da Sabedoria como a mulher ideal, esposa e mãe solícita...

A terceira parte (15,7-10) retoma, de maneira negativa, as condições para alcançar a Sabedor1a. Não a conseguirão os insensatos, os pecadores, os orgulhosos, os mentirosos (v. 7-8), os quais por isso mesmo não poderão exaltá-la nem louvar a Deus - pois "é com Sabedoria que deve ser proferido o louvor" (v. 9-10). Com estas palavras, aliás, o Sirácida está fazendo sua própria apresentação. Pois ele é alguém que, tendo esposado a Sabedoria, canta seus louvores e a ensina aos outros.

2. A LIBERDADE HUMANA (15,11-20)

[11] *Não digas: "Foi por causa do Senhor que me afastei do caminho",*
pois ele não fará o que detesta.
[12] *Não digas: "Foi ele quem me desviou",*
pois não precisa do pecador.
[13] *O Senhor odeia toda abominação,*
e não podem amá-la aqueles que o temem.
[14] *Foi ele que, no princípio, fez o ser humano*
e o entregou às mãos do seu próprio arbítrio.
[15] *Se quiseres, podes observar os mandamentos:*
ser fiel depende da tua boa vontade.
[16] *Diante de ti pôs o fogo e a água:*
e estenderás a mão para onde quiseres.
[17] *Diante de todos está a vida e a morte:*
a cada um será dado o que cada um escolher.
[18] *Pois é grande a Sabedoria do Senhor:*
forte e poderoso, ele vê todas as coisas.
[19] *Seus olhos estão voltados para os que o temem:*
ele conhece cada ação humana
[20] *A ninguém deu a ordem de ser ímpio;*
a ninguém deu permissão para pecar.

Temos aqui uma digressão de tipo filosófico, rara no conjunto do AT, no qual não se percebe, normalmente, a necessidade de conciliar a onipotência de Deus e a liberdade do homem. As objeções, que deviam circular no ambiente do Sirácida, provocam respostas diretas, que defendem a santidade de Deus (vv. 11-12). E as respostas, aqui, acentuam decididamente a liberdade humana, apontada como responsável pelos males que provoca. Mais adiante, voltando ao problema, o Sábio ensaiará outra perspectiva, acentuando então a onipotência divina: Deus cria suas criaturas aos pares (33,13-15).

No NT, a carta de Tiago retoma e desenvolve, a seu modo, o mesmo problema: "*Ninguém, tentado, diga: 'É Deus que me tenta'... Pois Deus não pode ser tentado para o mal nem tenta ninguém. Cada um é tentado pela própria concupiscência, que alicia e seduz!*" (Tg 1,13-14).

O v. 14 contém a afirmação central: Deus entregou o ser humano às mãos do seu próprio arbítrio, lit., de sua própria inclinação (hebr. *yeçer,* que os rabinos distinguiam em boa ou má). Ora, é essa inclinação, para o bem ou para o mal, para acolher ou para rejeitar a Sabedoria, que está nas mãos de cada um "desde o princípio", numa clara referência a Gn 2-3. Na literatura rabínica, o termo tomará o sentido claramente pejorativo de "*instinto*", "*inclinação má*". O Talmud (*Qidd.* 30b) diz: "Criei o instinto mau e criei a Lei para curá-lo. Se vos entregardes ao estudo da Lei, não caireis em seu poder". Cf também *Pirqê Avot* 4,2.

Os v. 15-17 retomam e sintetizam admiravelmente Dt 11,26-28: "*Hoje ponho diante de vós a bênção e a maldição...*" e também Dt 30,11-20: "*Esta Lei que hoje te imponho não é difícil... Eu ponho diante de ti a vida com o bem e a morte com o mal... Escolhe, pois, a vida!*" Notar como aí se soma, ao poder interno do livre-arbítrio, a luz e a força externa dos mandamentos da Lei, expressão da vontade de Deus para orientar e reger o ser humano livre. A liberdade torna a pessoa responsável, uma vez que cumprir os mandamentos depende do seu querer. Nenhuma desculpa, portanto, e também nenhuma condenação, aqui, para a fraqueza do homem, necessitado da graça divina (cf. Rm 7,7-25...), embora o próprio Sirácida, mais adiante, confesse essa fraqueza e ore para dela ser libertado, na bela oração de 22,27--23,6.

Como conclusão, antes de, no v. 20, retomar a posição inicial, o Sábio exalta a onividência de Deus, que vê todas as coisas e sabe de cada ação humana (vv. 18-19). O olhar de Deus faz aparecer a responsabilidade da cada um, e Sabedoria de Deus é esse ver tudo, inclusive o que é do domínio íntimo de suas criaturas.

Por fim, o v. 20 conclui a reflexão, resumindo o tema da justificação de Deus (= teodicéia) e do castigo do pecador. Deus tem o direito de punir, porque a ninguém permitiu, muito menos ordenou, que pecasse.

3. OS CASTIGOS DE DEUS (16,1-16)

[1] *Não desejes grande número de filhos, se recalcitrantes,*
nem te alegres pelos filhos ímpios.
[2] *Caso se multiplicarem, não te alegres com eles,*

a não ser que neles esteja o temor do Senhor.
[3] *Não te fies na duração de sua vida,*
nem te apóies em seu grande número.
Pois gemerás com um luto prematuro
e, de repente, terás conhecimento do seu fim.
Mais vale um do que mil;
e é preferível morrer sem filhos, a tê-los ímpios.
[4] *De fato, por um só homem sensato se povoa a cidade,*
enquanto uma tribo inteira de ímpios é dizimada.
[5] *Vi com meus olhos muitos exemplos assim,*
e meus ouvidos ouviram coisas mais convincentes ainda.
[6] *O fogo se acendeu na reunião dos pecadores*
e a cólera se inflamou contra um povo rebelde.
[7] *O Senhor não perdoou aos antigos gigantes*
que se rebelaram, confiados em sua força.
[8] *Não poupou os vizinhos de Ló,*
aos quais abominou por seu orgulho.
[9] *Não teve compaixão de um povo destinado à ruína,*
dos que foram desalojados por seus pecados.
Tudo isso ele o fez a povos de coração endurecido,
e não foi aplacado pela multidão dos seus santos.
[10] *Fez o mesmo com seiscentos mil homens de armas*
que se tinham rebelado, na dureza de seus corações:
flagelando-os, compadecendo-se, ferindo, curando,
na misericórdia e na disciplina o Senhor os guardou.
[11] *Mesmo se um só obstinado restasse,*
de admirar seria que ficasse impune:
pois no Senhor há misericórdia mas também ira;
é poderoso no perdão e também quando derrama a cólera.
[12] *Como é grande sua misericórdia, assim é sua reprovação;*
julga os mortais segundo suas obras.
[13] *Não lhe escapa o pecador com sua rapina,*
mas também a constância do piedoso não será frustrada.
[14] *A cada ato de misericórdia dará ele retribuição,*
e cada um receberá, segundo suas obras.
[15] O Senhor fez com que o Faraó se obstinasse em não reconhecê-lo,
a fim de que suas obras se tornassem conhecidas debaixo do céu.
[16] De fato, a toda a criação é manifesta a sua misericórdia,
e sua luz e as trevas ele as deu em partilha a Adão.

Uma vez que o pecado procede do mau uso da liberdade humana, Deus não pode deixá-lo impune, mas o reprime e castiga. É o que o Sábio vai demonstrar, e o faz em três etapas: 1) refutando a falsa esperança nos filhos, vv. 1-4; 2) recordando exemplos da Escritura, vv. 5.10; 3) acrescentando uma reflexão pessoal, vv. 11-16.

É curioso e inesperado o primeiro argumento, pois questiona a convicção comum de que o grande número de filhos é bênção divina. O Sirácida impõe uma condição: contanto que "neles esteja o temor de Deus". Caso contrário, muitos filhos poderão ser antes

maldição do que bênção, afligindo os pais, morrendo prematuramente, ficando eles mesmos sem descendência. É o que vai afirmar também, um século depois, o livro da Sabedoria: "*A posteridade inumerável dos ímpios não prosperará; nascida de ramos bastardos, não lançará raízes profundas*..." (Sb 4,3). A propósito, a "tribo inteira de ímpios", no v. 4b, talvez aluda concretamente à famigerada família dos Tobíadas, filo-helenistas e adversários políticos do sumo sacerdote Onias III, que acabou sendo destituído e morto.

O v. 5 faz a transição para o argumento seguinte. Ben Sirá se apresenta como testemunha, que "viu e ouviu": viu, com os próprios olhos; ouviu o que lhe disse a Escritura, lida e meditada. Pois é a Escritura que lhe fornece cinco casos de ímpios rebeldes, mencionados nos vv. 6-10, cuja destruição é narrada como castigo por sua malícia: os seguidores de Coré, Datã e Abiram, cuja revolta e punição aparece em Nm 16; os "antigos gigantes", que são os "homens famosos" mencionados em Gn 6,4; os "vizinhos de Ló", que são os cidadãos de Sodoma, descritos em Gn 19,4-11; o "povo destinado à ruína", que são os canaanitas, exterminados pelo Senhor diante dos filhos de Israel, segundo Dt 7,1s; finalmente, os "seiscentos mil" são os israelitas que, libertos do Egito, mais vezes no deserto pecaram pela murmuração e rebelião, e ali pereceram, cf. Ex 12,37 e Nm 14,21-23.

A reflexão pessoal, a partir do v. 11, insiste nos dois atributos divinos aparentemente inconciliáveis, a misericórdia e a justiça. O Sirácida já os lembrou acima, em 5,6, na advertência contra a presunção: se o Senhor é misericordioso, é também justo! O livro do Êxodo, na auto-apresentação divina em Ex 20,5-6 e 34,6-7, fala da "misericórdia" que se estende a "mil gerações", e da "justiça" que pune "até a terceira e quarta geração", dando portanto alcance muito maior à misericórdia. Mesmo assim, esta tem um tempo, passado o qual o juízo é definitivo, "*cada um segundo suas obras*". Jesus, no Evangelho, ensina-nos o único meio de fazermos prevalecer em nosso favor a misericórdia: é *sermos misericordiosos* para com nossos irmãos e irmãs (cf. Mt 5,7).

Quanto aos vv. 15 e 16, nota-se que são claramente posteriores, e meio deslocados no contexto. O v. 15 é um exemplo a mais entre os recordados antes, nos vv. 5 a 10, e o v. 16 quer realçar o tema final da misericórdia, sem esquecer o fato, importante para o Sirácida, da ambivalência do dom de Deus, que dá em partilha “a luz e as trevas”...

4. DEUS VÊ TUDO (16,17-23)

[17] *Não digas: "Vou esconder-me do Senhor"*
e: "Lá de cima, quem se lembrará de mim?"
"No meio da multidão ficarei desconhecido;
que represento eu na imensa criação?"
[18] *Eis que o céu, e o céu dos céus,*
o abismo e a terra, serão abalados com a sua visita.
O universo inteiro foi criado e existe por sua vontade.
[19] *Também as montanhas e os fundamentos da terra*
tremem e vacilam sob o seu olhar.
[20] *Mas o coração não reflete sobre isto;*

e quem prestará atenção aos seus caminhos?
[21] *Como a tempestade, cuja origem o olho humano não vê,*
a maior parte de suas obras permanece oculta.
[22] *"As obras da sua justiça, quem as proclamará?*
Ou quem as espera, se *a aliança está longe,*
e só no fim vem a investigação de todas as coisas?"
[23] *Assim pensa quem tem o coração mesquinho.*
O insensato e transviado só pensa loucuras!

A fórmula inicial, introduzindo uma objeção, faz ponte com 15,11, onde também uma objeção dava oportunidade ao Sábio para afirmar que o pecado humano merece o castigo de Deus. Aqui se objeta que "Deus não vê..." (v. 17), e a dificuldade continua no v. 22, insistindo em que o juízo, se existe, tarda muito...

A objeção é típica dos ímpios nos Salmos, p.ex. Sl 94,7, quando o salmista retruca: "*Quem plasmou os olhos não verá? e quem plantou o ouvido, não ouvirá?*" É impressionante o contraste que o Sábio estabelece entre a sensibilidade das coisas criadas na sua totalidade (cf. os quatro planos superpostos do cosmo, no v. 18: céu dos céus, céu, terra, abismo), e a insensibilidade do coração humano, lento para perceber a ação de Deus.

Objeção semelhante voltará depois, em 23,18, a propósito do adultério. E a afirmação de que nada escapa aos olhos do Senhor retorna também, especialmente com referência ao seu povo, em 17,15-14.

A resposta final, no v. 23, é, como diz ALONSO-SCHÖKEL, uma "excomunhão sapiencial": quem pensa assim, e não se esforça por mudar de perspectiva, é "mesquinho, insensato e transviado": não pode ter parte no reino da Sabedoria.

E aqui, uma observação. Esta certeza de fé, de que "Deus vê tudo", e "nada escapa a seus olhos", pode ter sido manipulada, e certamente o foi muitas vezes, como uma maneira hábil de manter submissos os humildes, os simples. É mais um desses artifícios sutis dos poderosos, que se servem de verdades religiosas nas quais eles mesmos talvez nem acreditem, para através delas exercerem o seu poder. Se "Deus vê tudo", ele vê também se a empregada cumpre o que a patroa mandou, se o funcionário observa estritamente o que o chefe determinou, se o súdito atende ao que a autoridade prescreveu etc. Paulo, na carta aos Romanos, dirá também que *a autoridade vem de Deus e que é preciso submeter-se aos que a detêm* (cf Rm 13,1-7). Este princípio, porém, não pode impedir o discernimento: às vezes é legítimo desobedecer, como lembrou Pedro aos sinedritas (cf. At 5,29). É importante, nessas como em outras verdades da fé, conscientizar os humildes daqueles mesmos direitos e interpretações legítimas que nós, mais instruídos, tomamos a liberdade de aplicar em nosso próprio favor.

5. A SABEDORIA DE DEUS NA CRIAÇÃO (16,24—17,10)

[24] *Escuta-me, filho, e aprende a prudência!*
Aplica teu coração às minhas palavras.
[25] *Com medidas exatas revelarei a instrução*

e com exatidão anunciarei o conhecimento.
[26] *Quando a Senhor criou suas obras, desde o princípio,*
depois de tê-las feito, dispôs as funções de cada uma.
[27] *Estabeleceu uma ordem eterna para suas obras,*
e suas atribuições, para as gerações futuras:
não sofrem fome nem fadiga,
nem interrompem suas tarefas;
[28] *nenhuma se choca com as outras*
e nunca desobedecem à sua palavra.
[29] *A seguir, o Senhor voltou os olhos para a terra*
e cumulou-a de seus bens.
[30] *Cobriu-lhe a superfície com toda sorte de seres vivos*
que, por sua vez, voltarão à terra.
[17,1] *Da terra o Senhor formou o ser humano,*
e para ela o faz voltar.
[2] *Aos mortais concedeu dias contados e tempo medido;*
mas deu-lhes poder sobre tudo o que está na terra.
[3] *À sua semelhança revestiu-os de força,*
tendo-os feito à sua imagem.
[4] *Incutiu em toda carne o seu temor,*
fazendo-os dominar sobre animais e aves.
[5] Eles receberam o uso das cinco operações do Senhor;
e também o sexto dom, a mente, concedida em partilha,
e o sétimo, a palavra, como intérprete das mesmas operações.
[6] *Deu-lhes discernimento, língua, olhos, ouvidos,*
e um coração para pensar.
[7] *Encheu-os de conhecimento e inteligência*
e mostrou-lhes o bem e o mal.
[8] *Infundiu-lhes o seu temor nos corações,*
para lhes mostrar a grandeza de suas abras,
[9] e concedeu-lhes que se ufanassem para sempre de suas maravilhas.
[10] *Assim louvarão seu santo nome,*
divulgando a magnificência de suas obras.

Excluídos do auditório os insensatos (v. 23), Ben Sirá inicia ampla exposição sobre a conduta de Deus para com a humanidade (16,24-18,14). Começa com breve prólogo, vv. 24-25; expõe a criação dos astros e do ser humano (16,26--17,10); focaliza a eleição do seu povo (17,11-21); fala da recompensa do bem e convida à conversão (17,22-32), e finalmente conclui com um Hino ao Deus misericordioso (18,1-14). Esta exposição continua organicamente a secção anterior (origem do pecado, Deus retribui, Deus vê): respondeu às objeções, agora expõe positivamente seu tema.

Inicia-se aqui a primeira das três grandes composições do livro sobre Deus como Criador e Administrador do universo (as outras encontram-se em 39,12-35 e em 42,15--43,35). São comentários poéticos e criativos dos capítulos iniciais do Gênesis, tema por certo freqüente da oração e reflexão amorosa do Sábio. Trata-se de um homem de fé, que deseja combinar a doutrina tradicional da criação com o conhecimento científico da sua época. Não há traço aqui de obscurantismo ou fundamentalismo. Ele sabe ser otimista

e positivo em sua abordagem das ciências físicas, da mesma forma como - mais adiante o veremos - também da história.

Nos vv. 26-28, o que lhe causa impressão na criação dos astros é a regularidade e a precisão dos seus movimentos. Nenhuma desobediência, nenhum cansaço, nenhuma interrupção, nenhum desencontro: exemplo admirável para nós, seres racionais!

Ele focaliza então, nos v. 29-30, o planeta privilegiado, a nossa terra, cumulada das "coisas boas" do Senhor, eco talvez do refrão de Gn 1: "*e Deus viu que tudo era bom*". Maravilha da terra é ser habitada (cf. Is 45,18)! Mas todo ser que vive sobre a terra retorna a ela ao morrer, como lembra também o Sl 104,29 e, quanto ao ser humano, Gn 3,19.

Largo espaço é dedicado agora à criatura humana (17,1-10), os detalhes sendo buscados indiferentemente na narrativa sacerdotal (Gn 1) e na javista (Gn 2-3): p. ex. 17,1 vem de Gn 2-3, e 17,2-3 vêm de Gn 1. O v. 4 acentua o posto do homem sobre a terra: como o homem deve temer a Deus, assim os animais devem temer o homem, "imagem de Deus". A propósito, notar aqui a falta de referência explícita à *mulher,* nesta evocação de Gn 1-3, mesmo onde Gn 1,27, falando da referida "imagem de Deus", já o explicitava: "homem *e mulher* (lit. "macho e fêmea") os criou".

O v. 5 é um acréscimo de matiz estóico, referindo-se a sete dons divinos no ser humano: além dos cinco sentidos, é mencionada a mente e, por último, a palavra, como intérprete das obras de Deus: interessante alusão à função hermenêutica da linguagem.

O v. 7 apresenta Deus concedendo já "conhecimento e inteligência" aos primeiros humanos, mostrando-lhes "o bem e o mal". É uma notável interpretação da "*árvore do conhecimento do bem e do mal*", apresentada em Gn 2,9-17 e 3,5-22. "Conhecer" o bem e o mal era determinar para si o que alguém considerasse desejável ou não: por isso, a proibição de comer do fruto dessa árvore, porque essa determinação competia só a Deus, que aqui a transmite à humanidade.

Concluindo esta apresentação do ser humano, o Sábio menciona a sua destinação ao louvor: por isso o Senhor deu-lhe "olhos de ver", "ouvidos de ouvir", "coração para compreender" (v. 6), e boca para proclamar (v. 10).

6. A ELEIÇÃO DE ISRAEL (17,11-21)

[11] *Concedeu-lhes, além disso, o conhecimento*
e entregou-lhes, por herança, a Lei da vida,
a fim de refletirem que, agora, são mortais.
[12] *Firmou com eles uma aliança eterna*
e revelou-lhes seus julgamentos.
[13] *E seus olhos contemplaram a grandeza de sua glória,*
e seus ouvidos ouviram a glória da sua voz.
[14] *Ele disse-lhes: "Precavei-vos de toda injustiça",*
e a cada um deu mandamentos em relação a seu próximo.
[15] *Seus caminhos estão sempre diante dele*

e jamais se ocultarão a seus olhos.
[16] Seus caminhos desde a juventude se voltam para o mal,
e não foram capazes de mudar seu coração de pedra em coração de carne.
[17] De fato, na partilha dos povos da terra,
para cada povo estabeleceu um chefe,
mas Israel é a parte do Senhor,
[18] seu primogênito, de quem ele cuidou com a disciplina
e a quem, concedendo a luz do amor, não poupou.
[19] *Todas as suas obras estão diante dele como o Sol,*
e seus olhos estão incansavelmente em seus caminhos.
[20] *Suas iniqüidades não lhe ficam ocultas*
e todos os seus pecados estão diante do Senhor.
[21] Mas o Senhor, que é bom e sabe como são plasmados,
não os desampara nem deixa de perdoá-los.

Esta seção não se distingue claramente da que a precede, podendo mesmo ser interpretada como uma projeção da experiência histórica de Israel para o início da criação, a situação de Adão sendo descrita como aliança com a Lei e os mandamentos. Por outro lado, se o v. 17, que no contexto parece deslocado, for transposto para o início, antes do v. 11, então temos um passo a mais na sua descrição da Sabedoria de Deus: na criação dos astros, na do homem, na eleição de Israel: Israel é a "parte do Senhor", o qual conduz o seu povo pessoalmente, através da Aliança do Sinai, enquanto os outros povos são conduzidos pelos seus chefes e reis... Haveria aí, por parte do Sirácida, numa época em que Israel estava reduzido a pequeno Estado teocrático sob os domínios helenistas, uma possível ênfase antimonárquica? Outros vêem, nesse "chefe" ou "príncipe" do v. 17, a alusão aos anjos, na angelologia da época encarregados dos diversos povos: Israel, por exceção, era confiado não a um anjo, mas ao próprio Senhor!

Profunda, também, no v. 18, acrescentado a esse v. 17, a afirmação do "amor exigente": a paternidade de Deus, em relação a seu povo, mais do que um conceito de geração, se funda na experiência da educação, como o inculca Dt 8,5: "... *Como um homem corrige seu filho, assim o Senhor teu Deus te corrige*". Amós expõe com energia as exigências que resultam da eleição: "*Só a vós eu conheci, dentre todas as tribos da terra: por isso vos castigarei...*” (Am 3,2).

Os vv. 11 e 12 são marcados por termos claramente associados à experiência do Sinai: Lei, Aliança, julgamentos (hebr. *mishpatim).* O v. 13 sintetiza admiravelmente a teofania descrita em Ex 19,16-20 e 24,9-11, nada aludindo ao seu aspecto terrível, ressaltado em textos como Dt 5,25b: "*Se continuarmos a ouvir a voz de YHWH, nosso Deus, nós vamos morrer!*" O v. 14 parece uma tentativa de síntese das duas tábuas da Lei (supondo um original "idolatria" em lugar de "injustiça") ou da própria Lei, condensada em um princípio fundamental, referente a Deus, e na atenção para com o próximo, como em Mc 12,28-31 e prl.

Os vv. 15 a 21 estão sobrecarregados por várias adições, além do deslocamento do v. 17, já observado acima. A idéia central é que Deus vê e castiga ou recompensa todas as obras humanas, especialmente as dos israelitas, numa resposta reiterada à objeção de 16,7.

Por outro lado, numa linha paralela, a releitura insiste em acrescentar que Deus compreende e perdoa... (v. 16 e 21).

7. RECOMPENSA DO BEM E CONVITE À CONVERSÃO (17,22-32)

[22] *A esmola, Deus a conserva como um sinete;*
e a bondade, ele a guarda como a pupila de seus olhos,
concedendo a seus filhos e filhas o arrependimento.
[23] *Depois disso há de levantar-se e retribuirá aos maus,*
fazendo recair-lhes na cabeça o que merecem.
[24] *Também concede que se levantem os que se arrependem,*
e conforta os que arrefeceram na perseverança.
[25] *Volta para o Senhor e renuncia aos pecados;*
suplica diante de sua face e reduze os obstáculos.
[26] *Retorna para o Altíssimo e afasta-te da injustiça*
- pois ele mesmo te conduzirá, das trevas, à claridade da salvação -
e detesta firmemente o que ele abomina.
[27] *Quem louvará o Altíssimo no Hades,*
em lugar dos vivos, que podem render-lhe graças?
[28] *Do morto, que é como inexistente, cessa o louvor;*
louva o Senhor quem tem vida e saúde!
[29] *Como é grande a misericórdia do Senhor*
e o seu perdão, para os que a ele retornam!
30 Pois nem tudo está ao nosso alcance,
e o ser humano não é imortal.
[31] *Que há de mais luminoso do que o sol?*
E, no entanto, também ele se eclipsa!
E uma criatura, que é carne e sangue, intenta o mal!
[32] *Sim, Deus examina o exército do mais alto dos céus,*
enquanto os filhos de Adão são todos apenas terra e cinza.

Os vv. 22 a 24 são uma passagem de transição, abordando três pontos: o Senhor não esquece a esmola praticada (as metáforas do sinete e da pupila, que também aparecem, respectivamente, em Jr 22,24 e Dt 32,10, têm grande força de expressão); ele não deixa de retribuir, tanto o bem como o mal; mas acolhe os que se arrependem.

Seguem dois vv. em forma de apóstrofe (vv. 25 e 26), dirigidos diretamente ao ouvinte ou leitor, urgindo a conversão, e explicitando os vários passos para que esta se concretize: renunciar ao pecado, invocar o Senhor, "reduzir os obstáculos", isto é, as ocasiões de tropeço e queda, afastar-se da injustiça, detestar a "abominação", isto é, a idolatria (cf. Dn 9,27: a "*abominação da desolação*", citada em Mc 13,14 prl).

Mas a conversão, que glorifica o Altíssimo, tem de acontecer logo, não apenas na hora da morte: porque então se desce para o *Xeol* (o "Hades" dos gregos), isto é, o mundo dos mortos, onde, segundo a concepção antiga, se frustra o destino do homem, que é o de louvar a Deus (cf. Is 38,18.19, no cântico de Ezequias: "*O Xeol não pode louvar-te, nem a morte celebrar-te; os que descem à cova já não esperam em tua fidelidade; é o que vive, só*

quem vive te louva, como eu o faço hoje!"... palavras do rei, curado de enfermidade mortal).

Vemos, assim, que a teologia conservadora do Sirácida não lhe permite aceitar a doutrina mais recente, progressista então, de um julgamento após a morte e de uma ressurreição dos justos, como o iriam expressar pouco depois Dn 12,2-3 e 2Mc 7.

O v. 29 exalta a grandeza da misericórdia e do perdão de Deus, à semelhança do que lemos em vários salmos, p. ex.: 86,5.15; 103,8; 111,4; 117,2; 136 (o refrão repetido em todos os versículos: "*eterna é a sua misericórdia*"); 145,8-9 etc.

Os vv. 30-32 propõem uma reflexão enigmática sobre a pequenez e insuficiência humanas, após a exaltação da misericórdia divina no v. 29. Ameniza-se a culpa do ser humano pelo fato de, sendo ele mortal, nem tudo estar ao seu alcance; pelo fato de ele, sendo carne e sangue, poder também "eclipsar-se" no mal, se o próprio sol se eclipsa; pelo fato de ele, sendo muito inferior ao "exército dos céus", por ser "apenas pó e cinza", merecer um "exame" benigno por parte do Altíssimo. .. Aliás, esse tema da fraqueza humana foi muito focalizado no judaísmo tardio, o qual foi insistindo sempre mais na inclinação má do *yeçer* humano, termo hebr. que já apareceu em 15,14 ainda no sentido positivo de "arbítrio" ou "vontade livre".

8. HINO AO DEUS PODEROSO E COMPASSIVO (18,1-14)

[1] *Aquele que vive eternamente*
julga todas as coisas com equidade.
[2] *Somente o Senhor será proclamado justo,*
e não há outro além dele.
[3] Ele dirige o mundo com a palma da mão
e tudo obedece à sua vontade;
pois reina sobre todas as coisas por seu poder,
distinguindo entre elas o sagrado do profano.
[4] *A ninguém concedeu abarcar suas obras;*
quem, pois, irá penetrar as suas maravilhas?
[5] *Quem poderá medir o poder de sua majestade?*
Quem ousará enumerar suas misericórdias?
[6] *Não é possível diminuir nem acrescentar;*
é impossível perscrutar as maravilhas do Senhor.
[7] *Quando se crê estar no fim, é então que se começa;*
e quando se pára, não se sabe o que pensar.
[8] *Que é o ser humano, e para que serve?*
Qual o bem e qual o mal, que nele existe?
[9] *O número de seus dias é, no máximo, cem anos;*
para cada um é imprevisível o tempo do sono da morte.
[10] *Com gota d'água do mar e como grão de areia,*
assim estes breves anos, frente ao dia da eternidade.
[11] *É por isso que o Senhor usa de paciência com eles*
e sobre eles derrama sua misericórdia.

[12] *Vê e reconhece que seu fim é miserável,*
e por isso multiplica seu perdão.
[13] *A misericórdia humana é para com seu próximo,*
enquanto a misericórdia do Senhor se estende a todos os viventes.
Ele repreende, instrui, ensina
e conduz, como o pastor, o seu rebanho.
[14] *Ele se compadece dos que aceitam a correção*
e dos que buscam com avidez seus mandamentos.

O precedente convite à conversão (17,25-29) faz brotar espontaneamente este hino, que contrapõe a grandeza de Deus (v. 1-7) à fragilidade humana (v. 8-10), fragilidade que motiva compaixão ainda maior (vv. 11-14).

O v. inicial, traduzindo o texto recebido, começaria aludindo à *criação* de todas as coisas, que é a versão tradicional. Porém, com pequena troca de letras, o verbo *criar* pode ser traduzido por *julgar,* como propomos, o que dá um sentido mais coerente com o que segue. Aliás, "julgar" é também governar, dirigir, como explica a releitura do v. 3, insistindo na onipotência da vontade divina. O estilo recorda os hinos de Is 40-55, embora não se note aqui nenhuma polêmica contra os ídolos.

Os vv. 4-7 são uma eloqüente expressão da reverência convicta de Ben Sirá ante o mistério da obra criadora de Deus, que o ser humano não pode abarcar. Aliás, quanto a Deus, a teologia judaica insiste em afirmar a sua eternidade e imortalidade, em confronto com os deuses dos pagãos. Por isso, o Senhor é, por antonomásia, "*aquele que vive eternamente...*" (v. 1).

Os vv. 8-10 contrastam vivamente com 17,1-10, onde se enumerava uma série maravilhosa de dons que o ser humano recebeu de Deus; aqui, é a insignificância e a brevidade da vida que são destacadas, contraste que observamos também no Sl 8,4-5: "*Quando vejo o céu... a lua e as estrelas... pergunto: que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para que venhas visitá-lo?*" Notar, entretanto, no v. 9, uma longevidade maior - cem anos! - do que a reconhecida no Sl 90,10: "*Setenta anos é a duração da nossa vida; oitenta, se for vigorosa...*" Interessante também, no v. 10, a expressão "dia da eternidade" contraposta aos "breves anos", a totalidade unitária em confronto com a multiplicidade passageira.

A última estrofe do hino, v. 11-14, chega a um belo clímax. A debilidade humana faz crescer o perdão divino: a criatura humana imita essa misericórdia, mas de modo limitado. A compaixão de Deus não é indiferença bonachã que deixa passar tudo, mas tem o caráter pessoal de quem procura corrigir e emendar aquele a quem perdoa; por isso exige a nossa colaboração, "aceitar a correção" e o esforço por cumprir a Lei (v. 14). Notar o toque de intimidade expresso pela imagem do pastor (v. 13), tantas vezes retomada no NT. O universalismo expresso no v. 13 (a misericórdia "para todos os viventes") é um dado recente no AT: cf. Sl 145,9 e, sobretudo Sb 11,23-26. Ben Sirá parece aí visar toda a raça humana, não apenas seus co-irmãos judeus.

VI. COMENTARIO de 18,15 a 21,10

1. BONDADE E PREVIDÊNCIA DO SABIO (18,15-29)

[15] *Filho, não ajuntes censuras aos benefícios,*
nem palavras amargas a teus dons.
[16] *Acaso o orvalho não abranda o calor?*
Assim, a palavra vale mais do que a dádiva.
[17] *Não vês que a palavra é melhor que um rico donativo?*
No homem "cheio de graça", porém,ambas as coisas se encontram.
[18] *O insensato censura sem complacência,*
e a dádiva do avarento não alegra os olhos.
[19] *Aprende, antes de falar;*
cuida de ti, antes de adoecer.
[20] *Antes do juízo, examina-te a ti mesmo;*
e, na hora do acerto de contas, encontrarás perdão.
[21] *Humilha-te, antes de caíres doente;*
e, se estiveres para pecar, demonstra arrependimento.
[22] *Não te demores em cumprir a promessa no tempo devido,*
e não esperes até a morte para justificar-te.
[23] *Antes de fazeres uma promessa, prepara-te,*
e não sejas como aquele que tenta o Senhor.
[24] *Recorda-te da cólera nos dias do fim;*
e do tempo da vingança, quando ele desviar sua face.
[25] *No tempo da abundância pensa no tempo da fome;*
nos dias de riqueza, pensa na pobreza e na indigência.
[26] *Da manhã à tarde o tempo muda;*
tudo é efêmero diante do Senhor.
[27] *Quem é sábio é precavido em tudo;*
nos dias do pecado se guardará da negligência.
[28] *Toda pessoa inteligente conhece a Sabedoria*
e presta homenagem a quem a encontrou.
[29] *Os que são hábeis nas palavras, também demonstram Sabedoria,*
e espalham, como chuva, provérbios acertados.
É melhor a confiança no único Senhor
do que, com o coração morto, apegar-se a um morto.

Da misericórdia de Deus, cantada na perícope anterior (18,1-14), passa-se agora (v. 15-18) para a bondade para com o próximo. Temos aqui um exemplo típico da intuição psicológica do Sirácida: como um dom, mesmo uma esmola, pode ser estragado por palavras sem tato. A palavra chega a valer mais que o dom, quando o acompanha e por isso é sincera; não que a palavra substitua o dom (cf. 1Jo 3,18: "*Filhinhos, não amemos com palavras...*"), mas porque expressa a caridade e o interesse humanos. Como diziam os antigos rabinos: "*Quem dá uma esmola é bendito seis vezes; mas quem acrescenta uma palavra é bendito onze vezes*" *(Baba Bathra,* 9b).

No v. 17b há um detalhe vocabular interessante: o homem "*cheio de graça*" (gr. *kecharitôménos*), isto é, capaz de mostrar "graça" e bondade, no original gr. significa, literalmente, "agraciado", isto é, aquele que recebeu graça. É uma forma verbal que, em todo o AT, só se encontra nesta passagem; e que, na sua forma feminina, só se encontra uma vez no NT: em Lc 1,28, na saudação do Anjo a Maria, a "cheia de graça".

Nos vv. 19-27 o tema dominante é a previdência do Sábio: a) antes de falar, v. 19a; b) perante a doença, vv. 19b-21; c) em relação às promessas, vv. 22-23; d) perante as mudanças da vida, vv. 24-27. A doença e a morte são vistas como juízo de Deus e acerto de contas: o homem se previne com remédios humanos (notar a longa passagem em que o Sirácida vai referir-se, positivamente, aos médicos: 38,1-15) e, sobretudo, com remédios religiosos, uma vez que há relação estreita entre doença e pecado. Por isso deve em tempo arrepender-se dos pecados, em tempo cumprir as promessas feitas (cf. Ecl 5,3-4). A propósito, é significativo o juízo que o livro das Crônicas faz contra o rei Asa, que "*na sua enfermidade não procurou o Senhor, mas depositou sua confiança apenas nos médicos*" (2Cr 16,12). Quanto à relação entre doença e pecado, ver a reserva do Senhor Jesus em Jo 9,3. Quanto às promessas, elas são freqüentes no judaísmo helenístico, na época do Sirácida, como o serão depois, no judaísmo rabínico. Por isso, não deixa de ser significativo o silêncio de Jesus quanto a essa forma de religiosidade, um de cujos desvios ele censura em Mc 7,6-13 (cf. prl Mt 15,3-9).

O tema da doença suscita a preocupação escatológica com o juízo de Deus, a sua "cólera" e a sua vingança (v. 24): diante desta constante eventualidade, a pessoa não deve confiar em si mesma nem nos momentos favoráveis da vida. É o que Ben Sirá exprime de maneira lapidar nos vv. 25 e 26. A indicação do v. 27 ("nos dias do pecado") poderia aludir ao lado pernicioso do influxo helenista em Jerusalém, já no seu tempo.

Os dois provérbios finais (vv. 28-29) recomendam o ensinamento dos sábios. Podem ser lidos como garantia dos conselhos que precedem e dos que seguem. Prova de inteligência é reconhecer a Sabedoria onde ela se encontra, estimá-la e louvá-la (v. 28), um dos seus sinais sendo a "habilidade nas palavras", a capacidade de espalhar "como chuva, provérbios acertados".

O acréscimo ao v. 29, meio enigmático aqui, recorda a palavra de Jesus em Mt 8,22: "*Deixa os mortos enterrarem os seus mortos...*".

2. O DOMÍNIO DE SI (18,30-19,3)

[30] *Não caminhes atrás de tuas paixões*
mas refreia teus desejos.
[31] *Se te concederes a satisfação de tua concupiscência,*
ela fará de ti alvo de escárnio para teus inimigos.
[32] *Não tenhas prazer em delícias exageradas,*
para que não sejas obrigado a pagar suas custas.
[33] *Não te empobreças dando festas com dinheiro emprestado,*
quando nada tens em tua bolsa;
seria armar um laço para ti mesmo.

[19,1] *O operário dado ao vinho não se enriquecerá;*
quem despreza as coisas pequenas, aos poucos cairá.
[2] *O vinho e as mulheres desnorteiam os homens sensatos;*
e quem se ajunta a prostitutas, é ainda mais temerário.
[3] *Podridão e vermes o terão como herança,*
pois quem é temerário será eliminado.

O Sábio trata aqui das paixões e vícios que fazem perder dinheiro e saúde: banquetes, bebida, prostitutas. As conseqüências temidas são intramundanas, resultados terra-a-terra, como o escárnio, a pobreza, a doença, a morte prematura. Nenhuma alusão, aqui, a castigos eternos. Os vícios censurados são: luxúria, gula, desperdício do dinheiro... O último v. lança em rosto o apodrecimento do próprio corpo, que mesmo sendo a sorte comum de cada ser humano, é bem mais vergonhoso, na opinião doSábio, quando alguém apodreceu por ter-se perdido nos excessos. O conjunto do quadro é um esboço da experiência do Filho pródigo, segundo a parábola de Jesus em Lucas (cf. Lc 15,13-17).

Como é importante essa lição do Sábio, em nossa sociedade consumista e perdulária, onde tantos morrem por comer e/ou beber demais, enquanto tantos passam fome! Como é preciso reaprender já não digo a ascese cristã, mas o auto controle humanista, a disciplina que ensina o jovem a controlar-se, comedir-se, não esbanjar, não ser temerário! São velhas lições que a experiência comprovada nos transmite, e com as quais só temos a ganhar.

3. CAUTELA COM A LÍNGUA (19,4-19)

[4] *Quem confia depressa demais é leviano em seu coração;*
e quem peca (pela língua), é contra si mesmo que incorre em falta.
[5] *Quem se alegra com o mal será condenado,*
mas quem resiste aos prazeres coroa sua vida.
[6] Quem domina a língua viverá sem contendas,
e quem detesta a tagarelice escapa do mal.
[7] *Nunca repitas o que se ouve dizer,*
e jamais sofrerás algum dano.
[8] *Não contes nada, de amigo nem de inimigo,*
e nada reveles, a menos que o dever te obrigue.
[9] *Pois alguém te escutou e te observou*
e, chegada a oportunidade, vai te odiar.
[10] *Ouviste uma palavra? Que ela morra contigo.*
E fica tranqüilo: ela não te fará arrebentar.
[11] *Com uma palavra ouvida o insensato se angustia,*
tal como a parturiente com o filho que traz no seio.
[12] *Como a flecha cravada no músculo da coxa,*
assim o segredo, nas entranhas do insensato.
[13] *Indaga teu amigo: talvez não tenha feito o que se diz*
e, se o fez, para que não o torne a fazer.
[14] *Indaga teu próximo: talvez não tenha falado o que se diz*
e, se falou, para que não o repita.
[15] *Indaga teu amigo: pois muitas vezes há calúnia,*

e não deves dar crédito a tudo que te dizem.
16 *Há os que deslizam, mas sem querer;*
pois quem é que não pecou com a língua?
17 *Indaga teu próximo antes de ameaçá-lo,*
e então cederás lugar à Lei do Altíssimo.
18 O temor do Senhor é o princípio do seu favor,
e a Sabedoria consegue a sua afeição.
19 O conhecimento dos mandamentos do Senhor é uma instrução de vida;
os que fazem o que a Ele agrada, colherão da árvore da imortalidade.

A cautela com a língua, tema que Ben Sirá já abordou e que tornará a abordar, insistentemente, é apresentada aqui em dois aspectos correlativos: quem sabe alguma coisa contra o próximo, não deve passá-la imediatamente adiante; e quem ouve alguma coisa, não deve acreditar logo sem averiguar. Esse cuidado se impõe sobretudo quanto aos chamados "segredos", tantas vezes correndo inescrupulosamente de boca em boca.

Os pensamentos do Sábio são intuitivos, práticos, fruto da observação atenta das relações humanas, tantas vezes perturbadas exatamente pelo vício da maledicência. Notar as imagens pitorescas dos vv. 10-12, notáveis pelo objetivo visado de ridicularizar a quem é incapaz de controlar sua língua, de guardar a discrição e o segredo.

Nos vv. 13-15 o Sábio mostra como a murmuração, a "fofoca", pode pôr em perigo a amizade. O amigo verdadeiro, em vez de acreditar levianamente no que ouve, deve primeiro entabular uma espécie de processo amistoso, dando ocasião ao amigo para explicar-se ou defender se, ou então levando-o a corrigir-se. É a prática da "correção fraterna", claramente recomendada por Jesus a seus discípulos (cf. Mt 18,15s).

O v. 16 é um belo exemplo do espírito compreensivo do Sirácida, que termina sua exortação com uma explícita referência à Lei, provavelmente em Lv 19,17-18: "*Não odeies teu irmão no coração, mesmo se deves repreendê-lo, para não incorreres na culpa do seu pecado. Mas não te vingues nem guardes rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo...*".

Os vv. 17-18, acrescentados posteriormente, antecipam o tema seguinte, tema, aliás, central e onipresente em todo o livro: a Sabedoria, temor de Deus, observância dos mandamentos.

4. VERDADEIRA E FALSA SABEDORIA (19,20-30)

20 *Síntese da Sabedoria é o temor do Senhor;*
em toda Sabedoria há cumprimento da Lei
e reconhecimento de sua onipotência.
21 O empregado que diz ao patrão: "Não farei como desejas",
mesmo se depois o faz, irrita a quem lhe dá alimento.
22 *Não é Sabedoria a ciência do mal*
e não há prudência nas decisões dos maus.
23 *Há uma esperteza que é abominação,*

e é insensato quem carece de Sabedoria.
[24] *Vale mais ser menos inteligente, mas com temor de Deus,*
do que ter muita inteligência e transgredir a Lei.
[25] *Há uma esperteza consumada e no entanto injusta:*
a de quem introduz favores, para dar ganho à própria causa.
O sábio, porém, é justo no julgamento.
[26] *Há o malvado que anda curvado e compungido,*
mas seu íntimo está cheio de falsidade:
[27] *oculta seu rosto e finge-se de surdo*
mas, sem ser percebido, passará à tua frente.
[28] *Se a debilidade o impedir de cometer um delito,*
logo que encontrar oportunidade, fará o mal.
[29] *Pelo semblante se conhece o indivíduo;*
e, pelo aspecto do rosto, a pessoa sensata.
[30] *As vestes que alguém usa, o riso dos seus dentes,*
e os passos do seu andar, revelam quem ele é.

Parece óbvio que Sabedoria é virtude e bom senso, e insensatez é vício e maldade. Mas justamente porque a hipocrisia é possível e as falsificações se multiplicam, o Sábio se vê obrigado a repisar o óbvio, e a insistir, no v. inicial (v. 20), que o "temor de Deus" e o "cumprimento da Lei" são a síntese e o critério da autêntica Sabedoria. Isto, porque a experiência lhe ensinou que há uma ciência que não é Sabedoria, e uma esperteza que não é prudência (v. 22). Aliás, na sua carta, Tiago falará da Sabedoria que vem "de cima", diferente da sabedoria que é "de baixo", "*terrena, animal, demoníaca*" (Tg 3,13-18, especialmente v. 15).

É preciso, pois, estar em guarda contra as aparências, as hipocrisias, tão censuradas por Nosso Senhor nos fariseus (cf Mt 23,25-28), e contra as quais o único critério definitivo são os "frutos": "*pelos seus frutos os conhecereis*" (Mt 7,20, mas ver toda a passagem sobre os "*falsos profetas*", vv. 15.20).

O v. 21 é um acréscimo interessante, embora fora de lugar, levando a uma conclusão diferente de semelhante caso, aduzido por Jesus também contra os fariseus, em Mt 21,28-32, na parábola dos dois filhos.

O v. 24 forma inclusão com o v. 20, reafirmando o paralelismo do temor de Deus e da prática da Lei como critério da verdadeira Sabedoria.

Nos vv. 26-28 o Sirácida se demora em caracterizar as manobras do hipócrita que aparenta compunção (v. 26), finge-se de surdo e introduz-se sorrateiro, e apenas aguarda a oportunidade para dar o bote e praticar o mal... Entretanto, nos vv. 29-30, ele expressa a convicção de que, apesar de tudo, ao olhar atento e prudente, vários detalhes do exterior revelam o que está por dentro da pessoa (cf. Jo 2,24-25: "*Jesus não necessitava de que lhe dessem testemunho sobre alguém, porque sabia o que há no ser humano por dentro*").

5. FALAR E CALAR (20,1-8)

[1] *Há repreensões inoportunas;*
e há quem se cale, demonstrando ser prudente.
[2] *Quanto é melhor repreender, do que guardar a raiva!*
[3] *Aquele que confessa a falta*
será preservado do próprio dano.
[4] *Como a paixão do eunuco para deflorar uma virgem,*
assim é aquele que pretende fazer justiça pela força.
[5] *Há quem, ficando calado, é reconhecido como sábio;*
e quem, ao contrário, se torne odioso, por falar demais.
[6] *Há quem se cale por não ter resposta;*
e há quem se cale por senso de oportunidade.
[7] *O sábio se cala até que chegue a momento oportuno;*
o loquaz e o insensato deixam passar a ocasião.
[8] *Quem multiplica as palavras se faz detestar,*
e quem pretende impor-se há de ser odiado.
Como é belo que manifeste arrependimento quem foi censurado;
pois assim há de evitar uma falta voluntária.

Depois do interlúdio sobre a distinção entre a verdadeira Sabedoria e suas falsificações, Ben Sirá volta ao tema do controle da língua, abordado em 19,4-19, desta vez praticamente desenvolvendo o pensamento do Eclesiastes: "*há um tempo para falar e um tempo para calar*" (Ecl 3,7b). Dizer a coisa certa não é o suficiente, pois ela deve ser dita no momento certo, como o Sábio explica de várias maneiras nos vv. 1-3 e 5-8.

O v. 4, que se encontra também mais adiante, em 30,20, apresentando uma comparação de certo modo crua, de uma ironia violenta, quer talvez insinuar a "impotência" de quem pretenda fazer justiça pelas próprias mãos (ou pela violência da própria língua).

6. EFEITOS IMPREVISTOS (20,9-17)

[9] *Alguém pode tirar proveito de seus males,*
ao passo que uma felicidade inesperada pode transformar-se em dano.
[10] *Há presentes que não te são proveitosos,*
e há presentes cuja retribuição deve ser dupla.
[11] *Há humilhações por causa da glória*
enquanto outros, após a humilhação, levantaram a cabeça.
[12]*Há quem compre muitas coisas com pouco dinheiro*
e depois pague por elas sete vezes mais.
[13] *Com poucas palavras o sábio se torna estimado,*
enquanto as amabilidades dos tolos se derramam em vão.
[14] *De nada te serve o presente do insensato*
e, da mesma forma, o do invejoso, que dá por necessidade;
pois os seus olhos, em vez de dois, são muitos.
[15] *Ele dá pouco e reclamará muito,*
escancarando a boca à semelhança do pregoeiro;
empresta hoje e exigirá amanhã:
detestável é uma pessoa assim!

[16] *Diz o insensato: "Não tenho amigos,*
e não há gratidão por meus benefícios".
[17] *De fato, os que comem do seu pão são falsos em sua língua;*
e quantas vezes, e quantos, não o ridicularizam!
Pois ele não acolhe com espírito reto o fato de ter,
nem o de não ter lhe é indiferente.

O nexo causal entre o agir humano e suas conseqüências estava no centro da reflexão sapiencial. A Sabedoria tencionava garantir efeitos propícios, porque ensinava preventivamente a boa conduta da vida. Aqui, paradoxalmente, é apresentada toda uma série de efeitos contrários às ações que os causam, e, sobretudo, contrários à intenção dos que as praticam. Lição a aprender: é preciso discernir!

O v. 11 tem a seu equivalente evangélico, expresso de maneira incisiva: "*Todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado*" (cf. Lc 14,11). O v. 12, por sua vez, tem a sua versão popular conhecida: "O barato sai caro... ".

O v. 13 contrapõe o Sábio aos tolos, e os vv. 14-17 caricaturizam os presentes do insensato, que se torna detestável (v. 15) e é digno de compaixão (v. 17). O v. acrescentado ao v. 17 apresenta a motivo dessa insensatez: o ignorante não sabe acolher a fortuna com retidão, nem sabe manter a calma na penúria (v. 17b).

7. MAU E BOM USO DA LÍNGUA (20,18-32)

[18] *É melhor um passo em falso no chão do que com a língua,*
pois é assim que, de súbito, ocorre a queda dos maus.
[19] *Uma pessoa grosseira é como estória inoportuna*
que anda continuamente pela boca dos ignorantes.
[20] *Da boca do tolo não se aceita um provérbio,*
pois ele jamais o enunciará no momento oportuno.
[21] *Alguns há que, pela indigência, são impedidos de pecar*
e por isso, ao dormirem, não têm remorsos.
[22] *Há quem destrua sua vida pela timidez,*
e pela aparência de insensato se arruína.
[23] *Há quem faça promessas ao amigo por timidez,*
e assim, de graça, adquire um inimigo.
[24] *A mentira é mancha vergonhosa,*
mas está sempre na boca dos ignorantes;
[25] *É preferível um ladrão ao mentiroso inveterado,*
mas os dois herdarão a ruína.
[26] *O vício do mentiroso é uma desonra,*
e sempre o acompanha a sua afronta.
[27] *Com suas palavras o sábio se promove*
e o prudente agrada aos poderosos.
[28] *Quem cultiva a terra enche o celeiro,*
e quem agrada aos poderosos obtém perdão de suas faltas.
[29] *Presentes e dádivas cegam os olhos dos sábios:*

são mordaça na boca, impedindo as censuras.
[30] *Sabedoria escondida e tesouro invisível:*
que utilidade há em ambos?
[31] *É melhor quem oculta sua loucura,*
do que aquele que esconde sua sabedoria.
[32] É melhor a perseverança inquebrantável na busca do Senhor
do que, sem rumo, levar adiante a própria vida.

Nova seção que inicia claramente com provérbios referentes ao uso da língua (vv. 18-20). Continua também o tema do insensato: os provérbios são um exercício tipicamente sapiencial, não bastando conhecê-los, mas sendo preciso *saber* usá-los. O tino, o bom senso, é também virtude sapiencial, que o néscio não aprende mesmo se chega a guardar de memória o texto dos provérbios (v. 20).

Os vv. 21-23 têm como tema comum a timidez que chega à covardia, inclusive pela "incapacidade de pecar" por falta dos meios, como é o caso descrito com amarga ironia no v. 21. É interessante notar, porém, segundo Pr 30,8-9, que tanto a pobreza como a riqueza são consideradas ocasião de pecado, razão por que o Sábio pede que não lhe falte o suficiente para viver, mas o Senhor o preserve tanto da penúria como da abundância...

A timidez, ou falsa vergonha, chega a destruir uma vida (v. 22) e a fazer, de graça, inimigos (v. 23). Ben Sirá voltará a tratar do tema, distinguindo exaustivamente entre verdadeira e falsa vergonha, na longa passagem do c. 41,14 a 42,8.

No v. 22b, a "aparência de insensato" refere-se talvez aos que, já, no tempo do autor, e mais ainda depois, disfarçavam sua fé judaica adotando posturas dos gregos pagãos.

Seguem três provérbios sobre a mentira, que é o pior uso da língua, esse dom que Deus nos deu para expressarmos articuladamente a verdade. Surpreende-nos a dureza do v. 24, que afirma estar a mentira sempre na boca dos *ignorantes,* aludindo aí o Sirácida certamente à ignorância culposa. É o caso de perguntarmos: E a culpa é de quem? E, no seu tempo, diante dos avanços do helenismo, a culpa era de quem? Recorde-se, a propósito, a violenta censura de Oséias aos sacerdotes contemporâneos, aos quais atribui a ruína do povo: "*Meu povo perece por falta de conhecimento*"... conhecimento que os sacerdotes deviam ter e deviam transmitir (cf. Os 4,6)!

Os vv. 27-28 comentam as vantagens que traz aos sábios o uso prático da Sabedoria, p. ex., diante dos poderosos. Segue logo, porém, a advertência do v. 29: os presentes e dádivas podem cegar e amordaçar... Cautela, pois, segundo o que já advertia o livro dos Provérbios: Pr 15,27 e 17,23. No entanto, a cautela não deve ser tal que leve o Sábio a ocultar sua sabedoria: de que serve o "tesouro escondido" (v. 30-31)? Vêm ao caso, aqui, as palavras do sermão da Montanha: "*Brilhe a vossa luz diante dos outros...*" (Mt 5,16), e também a parábola dos talentos, segundo Mt 25,24s: o talento não deve ficar enterrado!

O v. 32, acrescentado posteriormente, aproveita a fórmula "é melhor", do v. 31, para inculcar outra lição: a da necessidade da perseverança, do "rumo certo" na própria vida.

Como já demos a entender, vários desses provérbios tinham endereço concreto no tempo do Sirácida, uma época de transição, de discernimento, de opções a serem feitas, que o Sábio propõe a seus discípulos.

8. FUGIR DO PECADO (21,1-10)

[1] *Filho, pecaste? Não o faças mais*
e, pelas faltas passadas, pede perdão.
[2] *Foge do pecado como da serpente:*
se te achegares, te morderá;
seus dentes são dentes de leão,
que tiram a vida das pessoas.
[3] *Toda injustiça é como espada de dois gumes:*
para a chaga que produz não há cura.
[4] *Intimidação e arrogância destroem a riqueza;*
a casa do soberbo será arrasada.
[5] *A súplica do pobre sobe de sua boca aos ouvidos do Senhor,*
e o julgamento divino vem sem demora.
[6] *Quem detesta a repreensão segue as pegadas do pecador;*
mas quem teme o Senhor se converte de coração.
[7] *De longe se conhece quem tem a língua solta;*
quem reflete, porém, sabe de suas falhas.
[8] *Quem constrói sua casa com dinheiro alheio*
ajunta pedras para a própria sepultura.
[9] *A reunião dos ímpios é um amontoado de estopa:*
seu fim é a chama do fogo.
[10] *O caminho dos pecadores é pavimentado de pedras;*
em seu final está o sorvedouro do Hades.

Pela primeira vez desde 18,5 ouvimos aqui o tom da advertência paterna: "Filho!", e também pela primeira vez desde 19,20 é nomeado o Senhor. Esta seção, diferentemente da que precede, tem toda um conteúdo explicitamente religioso. O autor não define o pecado, do qual fala desde o v. 1, mas apresenta exemplos: injustiça, crueldade, arrogância, e multiplica imagens: serpente e leão (v. 2), espada e chaga (v. 3), casa arrasada (v. 4), sepultura (v. 8), estopa e fogo (v. 9), caminho pavimentado e sorvedouro (v. 10). A imagem da serpente (v. 2) certamente depende da narrativa do Javista em Gn 3,1-15, embora aqui tenha desaparecido toda personificação, e a do leão (também v. 2) é reaproveitada na primeira carta de Pedro: "*Sede sóbrios e vigiai... o leão ao redor, procurando a quem devorar*" (cf. 1Pd 5,8).

Belo e cheio de paterna ternura, o dístico inicial (vv. 1-2), incutindo no discípulo o arrependimento de faltas passadas que possa ter havido (ele não concretiza mais), e advertindo-o para que não se exponha à tentação: é preciso "fugir", "não se aproximar..." Notar o mesmo tema acima, em 5,4-7, e recordar a recomendação de Jesus ao paralítico e à adúltera, em Jo 5,14 e 8,11: "*Não peques mais*".

A "injustiça" é "espada de dois gumes" (v. 3) porque fere ao que procura ferir, voltando-se contra quem a emprega, como lembra Jesus em Mt 26,52 referindo-se ao uso da violência.

Os vv. 4-5 contrapõem o potentado opressor, cuja violência acaba mal, e o pobre oprimido, cuja oração chega logo a te Deus. Mais adiante o Sirácida voltará a este tema, em 35,14-22, especialmente nos vv. 21-22, expressando a certeza da ameaça e promessa que se lê no livro da Aliança: "*Jamais oprimas uma viúva ou órfão. Se os oprimires, clamarão a mim e eu os ouvirei...*" (Ex 22,21-22). Esta certeza provém, aliás, da experiência histórica de Israel, recordada para sempre no mesmo livro do Êxodo: "*O clamor dos israelitas chegou até mim. Eu vi a opressão... Agora vai, eu te envio para que libertes meu povo...*" (cf. Ex 3,9-10).

Os vv. 8-10 multiplicam as imagens para mostrar plasticamente em que dá a má conduta, aonde leva o pecado: seja o do enriquecimento às custas do dinheiro alheio (v. 8), seja o de ímpios que se reúnem para o mal (v. 9), seja o de gozadores que evitam o caminho estreito (v. 10; cf. Mt 7,13 e, antes do Sirácida, Pr 7,27; 14,12; 16,25: "*Há caminhos que para alguns parecem retos, mas no fim conduzem à morte*").

VII. COMENTARIO de 21,11 a 23,28

1. O SÁBIO E O INSENSATO (21,11-28).

[11] *Quem observa a Lei controla seus pensamentos;*
a Sabedoria é a perfeição do temor do Senhor.
[12] *Não pode instruir-se quem não tem sagacidade,*
mas há sagacidade que multiplica o amargor.
[13] *O conhecimento do sábio é como inundação que cresce,*
e seu conselho é como fonte que jorra.
[14] *A mente do insensato é como vasilha furada:*
não retém nenhum conhecimento.
[15] *Se o instruído ouve uma palavra sábia,*
aprova-a e acrescenta-lhe alguma coisa;
se o imbecil a escuta, desagrada-lhe
e ele ainda a joga para trás.
[16] *As alegações do insensato são como fardo em viagem;*
nos lábios do inteligente, porém, encontra-se a graça.
[17] *A palavra do sábio é apreciada na assembléia;*
seus conceitos serão meditados no coração.
[18] *Para o tolo, a Sabedoria é como uma prisão;*
e o conhecimento, para o insensato, são carvões ardentes.
[19] *Para o insensato, a instrução é como cadeias nos pés*
e como algemas na mão direita.
[21] *Para o prudente, ao contrário, a instrução é como jóia de ouro,*
como um bracelete no braço direito.
[20] *Ao rir, o tolo faz grande ruído;*
quem é sábio, ri pouco e discretamente.
[22] *O pé do insensato se precipita para dentro da casa,*
enquanto o experiente é modesto ao apresentar-se.
[23] *O insensato, da porta espia para dentro da casa,*
enquanto o educado espera do lado de fora.
[24] *É falta de educação auscultar junto à porta:*
a pessoa prudente morreria de vergonha.
[25] *Os lábios dos tagarelas discorrem sobre o que não lhes compete,*
enquanto as palavras dos prudentes são pesadas na balança.
[26] *Na boca dos insensatos está seu coração:*
no coração dos sábios está sua boca.
[27] *Quando o ímpio maldiz a Satanás,*
é a si próprio que está maldizendo.
[28] *O intrigante difama a si mesmo,*
e é detestado no meio em que vive.

O contraste entre o Sábio e o insensato é um esquema freqüente no ensino sapiencial, que assim dispõe de duas formas, a positiva e a negativa, para incutir a mesma coisa. Por isso os argumentos não são novos, embora sejam engenhosas as imagens.

Na introdução, o v. 11 apresenta mais uma vez a síntese da doutrina sapiencial, já exposta no c. 1: a Sabedoria é a perfeição, ou consumação, do temor de Deus, e este é comprovado pela observância dos mandamentos. Neste v. 11, aliás, temos um detalhe interessante de tradução: "pensamentos", do texto gr., parece corresponder ao hebr. *yeçer,* como em 15,14, podendo então ser traduzido por "inclinações", "instintos", ainda sem conotação negativa.

Notável antítese é a que temos nos vv. 13-14, construída sobre imagens ligadas à água: se o conhecimento do Sábio é como inundação que cresce, e fonte que jorra (lit. fonte "de vida"), a mente do insensato é como vasilha furada que nada retém... numa impressionante alusão a Jr 2,13: "*Eles abandonaram a mim, fonte de água corrente, para cavarem para si cisternas, cisternas rachadas, incapazes de reter a água!*" Quanto ao v. 18, seu texto gr. está bastante adulterado. Reconstituindo-o segundo o siríaco, notamos seu contraste, embora conjectural, com o v. 17.

Nos vv. 19 e 21 (o v. 20 deve vir depois do v. 21 e pertence ao seguinte grupo de provérbios) aparece o valor diverso, antagônico, que o Sábio e o insensato dão à Sabedoria: para o insensato, ela é como cadeia nos pés, algema nas mãos; para o Sábio, ela é jóia de ouro e bracelete no braço.

Os vv. 20 e 22-24 são constituídos de pequenas cenas de costumes, com julgamentos práticos sobre boas e más maneiras: a insensatez aí equivale à má educação... Os vv. 25 e 26 são unificados pela idéia da prudência no falar, lapidarmente expressa no jogo de palavras do v. 26.

No v. 27 ocorre a única menção de Satanás no Sirácida. O termo vem do hebr. *Satan,* que no AT significa sempre "adversário" ou "inimigo", e somente no pós-exílio começa a designar o Maligno, o Mal personificado (cf. Jó 1-2; 1Cr 21,1). Como quer que seja, aqui o Sábio insinua que o ímpio, ao esbravejar contra Satanás, está sendo tolo, pois é contra si mesmo que está – ou deveria estar! – esbravejando. Da mesma forma o murmurador, o intrigante, que acaba difamando a si mesmo e transformando-se em "*persona non grata*" na comunidade.

2. TIPOS DE INSENSATEZ (22,1-18)

[1] *O preguiçoso é como a pedra usada:*
todos o desprezarão pela sua desonra.
[2]*O preguiçoso parece uma bola de esterco:*
todos os que o tocam, sacodem a mão.
[3] *É vergonha para o pai ter um filho mal-educado;*
se se trata de uma filha, é para a sua ruína.
[4] *Filha prudente achará marido,*
filha desavergonhada será o desgosto do pai.
[5] *A descarada envergonha pai e marido*
e por ambos será desprezada.
[6] *Advertência inoportuna é como música em velório,*
mas varas e disciplina são sabedoria em qualquer tempo.

[7] Filhos educados numa vida honesta
encobrem a origem humilde de seus pais.
[8] Filhos insolentes e mal educados
desonram a nobreza de sua família.
[9] *Ensinar um insensato é como colar cacos;*
é acordar a quem dorme sono profundo.
[10] *Conversar com um insensato é conversar com quem cochila;*
no fim ele pergunta: "O que é?"
[11] *Chora por um morto, pois deixou a luz;*
chora por um insensato, pois perdeu o entendimento.
Chora menos por um morto, pais encontrou repouso;
mas a vida do insensato é pior que a morte.
[12] *O luto por um morto é por sete dias;*
pelo insensato e pelo ímpio, é por todos os dias de sua vida.
[13] *Não fales muito com o insensato*
e não te dirijas à casa do imbecil.
Pois, insensível como é, desprezará tudo o que é teu.
Guarda-te dele, para não teres dissabores
nem te manchares quando se sacode.
Desvia-te dele: encontrarás repouso
e não serás importunado por sua insanidade.
[14] *O que é mais pesado que o chumbo?*
Qual é seu nome, senão: "insensato"?
[15] *A areia, o sal, a barra de ferro,*
são mais fáceis de carregar que um insensato.
[16] *A armação de madeira, bem presa à construção,*
não se desconjuntará no terremoto.
Assim, um coração assentado em decisões bem refletidas
não se deixa abalar no momento crítico.
[17] *Um coração apoiado em reflexões sábias*
é como ornato de estuque em muro polido.
[18] *Estacas dispostas no alto não resistem ao vento:*
assim, um coração hesitante por causa de opiniões insensatas
também não resiste, diante de qualquer ameaça.

Continua a crítica da insensatez, começando com duas formas mais agudas: a do preguiçoso, tão censurado pelos sábios (cf. Pr 6,6-11; 24,30-34; 26,13-16), e a da filha mal-educada.

Quanto ao preguiçoso (vv. 1-2), as comparações são mais cruéis e menos graciosas que as dos Provérbios, chegando ao nível da vulgaridade: a pedra "usada" (como papel higiênico!), bem como o esterco, estabelecem estranha relação entre a preguiça e a imundície, talvez porque a preguiça chega ao ponto de impedir a limpeza.

Quanto à filha mal educada (vv. 3-5), aparece aqui o machismo do Sirácida, que se revelará mais forte ainda na longa passagem de 25,13 a 26,27, sobre as mulheres, bem como, focalizando especialmente os cuidados da pai pela filha, em 42,9-11. Homem da sua época, nosso autor é dependente do preconceito ainda encontrado no Talmud *(Menahot*

43,b), onde se recomenda que o judeu agradeça cada dia a Deus o "não ter nascido mulher, nem escravo..."

No v. 6b aparece a decidida opção pelo rigor na educação, com "varas e disciplina", como ele voltará a expor, bastante longamente, em 30,1-13, de acordo, aliás, com o repetido ensinamento do livro dos Provérbios: 13,24; 19,18; 22,15; 23,13-14; 29,15-17. Sirva de exemplo Pr 13,24: "Quem poupa a vara, odeia seu filho; quem o ama, corrige-o desde cedo".

Os vv. 7 e 8, acréscimos do Gr. II, parecem glosas, isto é, comentários de algum copista, aos vv. 3-5. Notar, porém, que aí já não se discrimina "a filha".

O humor do Sirácida chega a ser cômico nos vv. 9-10, querendo mostrar que é trabalho perdido ensinar ao insensato. Já nos vv. 11-12 ele chega à hipérbole, lançando mão de comparações extremas: a insensatez é escuridão e morte, comparadas à luz e vida da Sabedoria. Já o Eclesiastes e Jó (respectivamente 4,2 e 3,11-23) tinham ousado apresentar a condição do morto como invejável; mas isto, em comparação com a sofrimento.

O termo de comparação do Sirácida é o lamentável comportamento do insensato! Detalhe interessante, o do v. 12, em que se alude ao luto tradicional de sete dias, como em Gn 50,10; Jó 2,13, Judite 16,24 etc. Mais adiante, em 38,17, o próprio Ben Sirá, ao comentar o luto, sugere que um ou dois dias já seriam suficientes...

O longo v. 13 adverte contra os efeitos danosos do contacto com os insensatos. Semelhantes advertências já lemos no livro dos Provérbios, p. ex. Pr 14,7: "*Deixa a companhia do insensato, pois não encontrarás conhecimento em seus lábios*" (também Pr 23,9 e 26,4). O Sirácida vai mais longe ainda, pitorescamente avisando que "poderias sujar-te, quando ele se sacode..." (cf. vv. 1-2, neste mesmo capítulo!) Comparar com o conselho da segunda carta de João, v. 9-10: *não receber em casa, nem saudar* (!), a quem não traz a doutrina reta; ver também Paulo, na primeira carta aos Coríntios, 5,9-11.

Os vv. 14-15 empregam a imagem do peso, daquilo que é difícil de suportar... como já lemos em Pr 27,3 e, na sabedoria extra-bíblica, em *Ahiqar* 3,58: "Meu filho, carreguei sal e grandes pedras, mas isso não pesava tanto como quem ri, brinca e se demora na casa do sogro..."

Os provérbios finais (vv. 16-18) levam-nos a outro campo de imagens: são referências arquitetônicas, aliás não muito claras para nós. Está límpida, porém, a contraposição entre as decisões bem refletidas (v. 16) e o "coração apoiado em reflexões sábias" (v. 17), por um lado, e o "coração hesitante por causa de opiniões insensatas..." belo coroamento das advertências contra a insensatez, aqui talvez visando à insensata sedução das novas idéias do helenismo.

3. A AMIZADE EM PERIGO (22,19-26)

[19] *Quem fere o olho, faz escorrer lágrimas;*
quem fere um coração, revela seus sentimentos.

[20] *Quem atira pedras contra pássaros, afugenta-os;*
quem ofende um amigo, desfaz a amizade.
[21] *Se brandiste a espada contra o amigo,*
não desesperes, pode haver apaziguamento;
[22] *se abriste a boca contra o amigo,*
não tenhas receio, pode haver reconciliação;
porém, se houve ultraje, soberba, revelação de segredos ou golpe desleal,
nesses casos, qualquer amigo se afastará.
[23] *Conquista a confiança do próximo em sua pobreza,*
para que possas ter parte na sua prosperidade.
Fica a seu lado nos momentos de provação,
para que possas compartilhar também da sua herança.
Pois não se deve sempre desprezar a aparência,
nem admirar que um rico não tenha sensatez.
[24] *Como o vapor da jornada e a fumaça precedem o fogo,*
assim também as injúrias vêm antes do sangue.
[25] *Não me envergonharei de proteger um amigo,*
nem dele me esconderei.
[26] *Se, porém, me suceder algum mal causado por ele,*
quem ficar sabendo, dele se precaverá.

Em 6,5-17 descreveu-se a maneira de escolher amigos sabiamente; e, em 12,8-18, a necessidade de distinguir entre amigos e inimigos, temas que voltarão em 37,1-6. Aqui, Ben Sirá quer mostrar como uma amizade, mesmo sólida, pode ser destruída pelo desrespeito, grosseria, ou traição.

Com comparações intuitivas, os vv. 19-20 descrevem o processo. Nos vv. seguintes, 21-22, faz-se a antítese entre a discussão aberta, que se pode remediar, e a traição, que não tem remédio. O Sábio mostra como os insultos humilham, a arrogância cria uma distância insuperável (cf. 13,15-20), e a quebra do segredo destrói a confiança (cf. 27,16-21).

O v. 23 mostra o pragmatismo do Sirácida, que aí se revela francamente interesseiro, pelo menos na forma literal do seu texto. É verdade que podemos interpretar o "proveito" mais como conseqüência condicionada do que finalidade. Em todo caso, estamos num nível bem menos desinteressado que a moral evangélica: "*Amai os inimigos, fazei o bem e emprestai, não contando com a retribuição...*" (cf. Lc 6,35). A propósito, notar o belo desinteresse revelado no refrão popular: "Fazer o bem, sem olhar a quem". - Também os vv. finais da perícope (25-26) denotam semelhante atitude pragmática e, até certo ponto, calculista, se não a considerarmos prudente.

A constatação do v. 24 é preventiva, e lembra a sabedoria do Senhor Jesus, que dela tirou todas as conseqüências: se os insultos podem levar ao sangue, é preciso evitar também a raiva e, mesmo, procurar quanto antes a reconciliação, como ele nos ensina no sermão da Montanha, ao "levar à perfeição" o quinto mandamento (cf. Mt 5,21-26).

4. DUAS SÚPLICAS (22,27--23,6)

[27] *Quem porá guarda à minha boca, e o sinete da prudência em meus lábios,*
para que não me façam cair, nem a língua me cause perdição?
[23,1] *Senhor, Pai e Soberano de minha vida,*
não me abandones a seus caprichos
nem permitas que eu caia por sua causa.
[2] *Quem aplicará o açoite a meus pensamentos,*
e a disciplina da Sabedoria ao meu coração,
para que eu não seja poupado em meus desvios
e não sejam toleradas as minhas faltas?
[3] *Só assim não se multiplicarão minhas ignorâncias,*
nem se avolumarão meus pecados;
e não cairei perante meus adversários,
nem se alegrará o inimigo por minha causa,
pois deles está longe a esperança da tua misericórdia.
[4] *Senhor, Pai e Deus da minha vida,*
não me dês a impudência dos olhos
[5] *e afasta de mim a concupiscência;*
[6] *não se apoderem de mim a sensualidade e a luxúria,*
nem me entregues a desejos sem pudor.

A natureza pessoal da obra do Sirácida é demonstrada por esta inserção de duas súplicas, no estilo de salmo de petição individual. A primeira (22,27--23,1) é um apelo a Deus por ajuda para o domínio da língua; a segunda (23,2-6) pede ainda mais insistentemente forças para o controle dos pensamentos, do coração e da sensualidade.

Ambas começam com a forma optativa "Quem porá guarda... Quem aplicará..." e concluem com a apóstrofe direta a Deus. É uma forma e tema raros na literatura sapiencial, a qual está mais voltada para a instrução de discípulos do que para preces a Deus. Assim, temos no livro dos Provérbios apenas uma oração, breve (Pr 30,7-9), enquanto no Sirácida, além destas, contamos com a apaixonada súplica coletiva em 36,1-22, e com o salmo pessoal de ação de graças no final do livro, em 51,1-12.

Impressiona nestas orações a reverente e confiante apóstrofe a Deus: "*Senhor, Pai e Soberano (Pai e Deus) da minha vida*" (v. 1 e v. 4). O v. 1 parece o começo e o fim da nossa oração dominical: "*Pai nosso... não nos deixes cair...*" (Mt 6,9.13). Isto é, Ben Sirá antecipou-se a Nosso Senhor nesse modelo filial de invocar a Deus, sendo o primeiro do qual saibamos que fez a transição do conceito de paternidade coletiva (como encontramos em Os 11,1 e Is 1,2 e 63,16, em que YHWH é apresentado ou invocado como pai do seu povo) para a paternidade individual: Deus é o "meu" Pai, Pai e Soberano "da minha vida" (v. 1). Notar que, no livro da Sabedoria, posterior ao Sirácida, os "ímpios" criticam o "justo" porque tem a "pretensão", segundo eles, de invocar a Deus como Pai, antecipando notavelmente a acusação que os adversários de Jesus lhe fazem (cf. Jo 5,18): "... *ele dizia ser Deus seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus*".

O v. 22,27 expressa em forma optativa, antes da súplica propriamente dita, aquilo que se encontra literalmente em forma de súplica no Sl 141,3-4 e em forma de propósito pessoal no Sl 39,2: precaver-se de não pecar com a boca, os lábios, a língua, tema tão insistente na lição dos sábios, e que reaparece no NT, p. ex. na famosa passagem da carta

de Tiago 3,1-10. A "guarda" na boca há de impedir que dela saia "o que mancha o ser humano", conforme alerta Jesus em Mt 15,11.

Em 23,1 o "seus" e "por sua causa" refere-se à boca, lábios, língua, mencionados em 22,27. Em 23,2 há uma interiorização: das palavras passamos aos pensamentos. E, como o instrutor ou o pai (cf. 22,6) que emprega o castigo corporal para educar, o próprio Sábio sente falta de uma correção interior insubornável, pois o indivíduo a sós consigo se excusa e perdoa. A carta aos Hebreus se referirá à Palavra de Deus como a uma espada que penetra até o fundo de nós mesmos, julgando as disposições e intenções do coração (Hb 4,12).

O v. 3 alude às "ignorâncias" ou descuidos, culpáveis por falta de atenção ou empenho, como já o reconhecia a Lei. Assim, todo o c. 4 do Levítico contempla os sacrifícios pelo pecado involuntário do sacerdote, da comunidade, de um chefe, de alguém do povo (cf. também Lv 5,14-19 e Nm 15,22-29)... consciente de que uma falta, mesmo inadvertida, é violação da reta ordem e prejudica alguém, ou muita gente!

A segunda apóstrofe (v. 4-6) concentra-se na área da sensualidade: o Sábio pede que Deus o livre da luxúria e da gula, e não o entregue a paixões vergonhosas. Ele não entra em detalhes, e pode parecer-nos até, em nossa mentalidade atualmente permissiva nesse campo, demasiado puritano. A "impudência" dos olhos (lit. "levantamento" = soberba?) lembra Mt 5,28: "*Todo aquele que olhar para uma mulher com desejo libidinoso, já cometeu adultério com ela em seu coração*".

Nessas orações temos a contraparte da doutrina do livre-arbítrio exposta em 15,11-20. O Sirácida não vê contradição em insistir, por um lado, na plena responsabilidade do ser humano por seus atos; por outro lado, na necessidade absoluta do auxílio – dizemos: da graça de Deus – para que possamos agir retamente e evitar o pecado.

5. A DISCIPLINA DA LÍNGUA (23,7-15)

[7] Filhos, escutai como se disciplina a boca:
quem o observar, não será surpreendido.
[8] O pecador será apanhado por seus próprios lábios,
e o maldizente e o orgulhoso neles tropeçarão.
[9] Não habitues tua boca a fazer juramentos
nem sejas leviano em pronunciar o nome do Santo.
[10] Como o servo frequentemente castigado
não fica livre das marcas dos golpes,
assim também, quem jurar e pronunciar o Nome a toda hora,
não estará isento de pecado.
[11] Aquele que muito jura fica repleto de iniqüidade,
e o açoite não se afastará de sua casa.
Se jura por inadvertência, o pecado recai sobre ele;
se o faz por leviandade, peca em dobro;
se jurou em vão, não será justificado

e sua casa se encherá de calamidade.
[12] *Há um modo de falar que é comparável à morte,*
e que não se deveria encontrar na herança de Jacó.
Pois tudo isto deve ficar longe dos fiéis,
que não se envolverão nesses pecados.
[13] *Não habitues tua boca a vulgaridades grosseiras,*
pois nelas há ocasião de pecado.
[14] *Lembra-te de teu pai e de tua mãe,*
quando te sentares no meio dos grandes.
Não te descuides na presença deles,
para não comprometeres a tua educação,
chegando depois a desejar não teres nascido
e a maldizer o dia do teu nascimento.
[15] *Quem se habituou a linguagem desrespeitosa*
é incorrigível para .o resto de seus dias.

Ben Sirá passa agora a oferecer breve comentário a cada uma das orações precedentes: aqui, aborda os pecados da língua; na secção seguinte (v. 16-28), os pecados da carne.

Após a introdução carinhosa, marcada pelo vocativo plural "filhos" e anunciando o tema, ele insiste nos cuidados para seus discípulos não serem "surpreendidos", "apanhados", para não "tropeçarem..." e repisa instruções já dadas (5,9--6,4; 19,4-17; 20,1-8.18-26) e às quais ele ainda vai voltar (27,4-15).

Desta vez, as advertências se referem ao abuso do nome de Deus no juramento (v. 9-11), talvez à blasfêmia (v. 12), às anedotas obscenas (v. 13), ao respeito aos pais (v. 14), à linguagem desrespeitosa (v. 15). Quanto ao juramento, o Sirácida não chega à radicalidade de Jesus, que o proíbe por considerá-lo um contra-senso entre seus discípulos, para quem *o sim deve ser sim e o não deve ser não* (cf. Mt 5,33-37). Mas alerta contra a sua banalização e a conseqüente banalização do Nome sagrado (v. 9-10), cuja proclamação solene era o glorioso privilégio do sumo sacerdote no dia da Expiação (cf. 50,20). O v. 11 elenca uma escala na gravidade dos juramentos multiplicados: por inadvertência, por leviandade, e por falsidade, e então já é perjúrio, que Deus não pode deixar impune: a casa do perjuro " ficará cheia de calamidade".

O v. 12 parece referir-se à blasfêmia, que sequer é nomeada por causa da sua terrível gravidade. Recorde-se a correção que os letrados introduziram em Jó 1,5: substituíram o original escandaloso "maldizer" pelo eufemismo "bendizer". Aliás, a blasfêmia incorria em pena de morte (cf. Lv 24,16), como sabemos também do processo contra Jesus: "*Que necessidade temos ainda de testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia... É réu de morte!*" (Mt 26,65-66).

Na terceira linha desse v. 12 o termo "fiéis" traduz o original hebr. *hasidim,* "piedosos", que corresponde, nas cartas paulinas, aos "santos". Sirva de ilustração, comentando também o v. 13, a passagem seguinte da carta aos Efésios: "*Quanto à prostituição e a qualquer gênero de impureza ou cobiça, nem seus nomes sejam*

pronunciados entre vós, como convém a santos: nem palavras obscenas, nem conversa leviana, nem zombaria..." (Ef 5,3-4).

O v. 14 apela à lembrança da educação recebida em casa (interessante à referência ao pai e *à mãe,* como já observamos na longa passagem de 3,1-16, notável num autor considerado machista), para que o discípulo do Sábio não cometa gafes das quais depois terá de arrepender-se amargamente. Infelizmente, arremata ele no v. 15, quando a linguagem inconveniente já se tornou vezo, hábito inveterado, a esperança da correção esvaiu-se.

6. O DOMÍNIO DA SEXUALIDADE (23,16-28)

[16] *Duas espécies de pessoas multiplicam os pecados, e a terceira atrai a ira:*
a paixão ardente, como fogo aceso
que não se extingue enquanto não se consome;
o que se entrega à luxúria em sua própria carne,
que não cessa enquanto não acende o fogo;
[17] *pois, para o sensual toda comida é gostosa,*
e não se acalma até que morra;
[18] *enfim, o homem que viola seu próprio leito,*
dizendo em seu coração: "Quem é que me vê?
A escuridão me envolve, as paredes me ocultam,
ninguém me vê! Por que preocupar-me?
O Altíssimo não se aperceberá de meus pecados".
[19] *Seu medo é dos olhos dos outros;*
não sabe que os olhos do Senhor
são mil vezes mais luminosos que o sol;
observam todos os nossos passos e penetram nos recantos mais ocultos.
[20] *Antes de serem criadas, todas as coisas eram por Deus conhecidas*
e ainda o são, depois de concluídas.
[21] *Esse tal será punido nas praças da cidade;*
será apanhado, quando menos o esperar.
[22] *O mesmo sucederá à mulher que abandona o marido*
e lhe dá um herdeiro nascido de estranho.
[23] *Primeiro, porque desobedeceu à Lei do Altíssimo;*
segundo, porque é culpada diante do marido;
e terceiro, porque prostituiu-se no adultério
e concebeu filhos de um outro.
[24] *Será, pois, conduzida à assembléia*
e sobre os filhos recairá seu castigo.
[25] *Seus filhos não criarão raízes*
e seus ramos não darão fruto.
[26] *Sua memória ficará votada à maldição*
e sua infâmia jamais se apagará.
[27] *E os vindouros saberão que nada se compara ao temor do Senhor,*
e que nada é mais agradável que observar seus mandamentos.
[28] É glória imensa seguir a Deus;

é vida longa, para ti, ser acolhido por ele.

Temos aqui o segundo comentário, o dos pecados da carne, mencionados na segunda parte da oração acima (23,4-6). É notável que aqui novamente Ben Sirá ultrapassa o critério inspirador de toda a moral sexual do AT, fundamentada basicamente na justiça, e esta, porém, entendida como a garantia dos direitos do marido: "Não cobiçarás a mulher *do teu próximo,* não cometerás *adultério",* isto é, relação sexual com a mulher *do próximo* (cf Ex 20,17 e 14 e Dt 5,21 e 18; cf. também Lv 19,20 e 20,10; e ainda a longa passagem de Nm 5,11-31 regulamentando o ordálio sobre *a mulher* suspeita de adultério...). O Sirácida amplia muito o quadro, acrescentando a idéia do domínio dos próprios instintos e focalizando o adultério *não só da mulher* (v. 22-26) mas também, e em primeiro lugar, o do homem (v. 18-21).

Ele começa com uma forma numérica de provérbio que vai ser empregada novamente em 25,1-2 e 7-11; 26,5.28; 50,25-26, e se encontra também em Pr 30,15-33 bem como em Am 1-2. Os três tipos de pecadores anunciados no v. 16 não estão claramente identificados, mas podem ser os seguintes: 1) o depravado sexual em geral, mencionado de forma abstrata: "paixão (lit. "alma") ardente", que se auto-destrói (v. 16b); 2) o incestuoso, sendo as modalidades de incesto amplamente descritas e condenadas em Lv 18,6-18 e 20,11-12 etc.; ou o homossexual, ou também o masturbador inveterado: a expressão enigmática no v. 16c, lit. "o homem sensual *em sua própria carne"* permite as três interpretações; no v. 17 há nova observação geral sobre o libidinoso para quem "toda comida é gostosa", isto é, não escolhe forma de satisfazer-se, "até que morra"; 3) o adúltero propriamente dito, isto é, o homem casado (não só a adúltera!) que trai o próprio leito conjugal (v. 18).

A antiga idéia de adultério aproximava-se do furto: era um "roubo de propriedade", uma ofensa contra o marido enganado. O homem não cometia falta contra sua própria mulher, se as suas aventuras extraconjugais fossem com mulher não casada. Aqui, porém, o Sirácida torna claro que também o marido, como a mulher, deve exclusiva lealdade ao seu cônjuge, lealdade que Jesus vai confirmar com a sua decidida rejeição do divórcio (cf. Mc 10,1-12 e prl) e do adultério (cf. Mt 5,27-28).

Nos vv. 18-20 o Sábio contesta a insegura desculpa, que pretende ser tranqüilizadora: "Quem me vê?" (cf. Jó 24,15). E, como já o fizera em 17,15-20, reafirma que o olhar de Deus abarca e transcende a totalidade do tempo e das ações do ser humano, para frente e para trás (cf. Sl 139,1-12).

O v. 21 alude ao castigo previsto na Lei contra os adúlteros, o homem e a mulher (Lv 20,10 e Dt 22,22, embora dê a entender que o rigor primitivo da pena de morte fora amenizado em humilhação pública. Ver em Ez 16,35-40, a sentença contra Israel adúltera!

Nos vv. 22-26 é comentado o adultério da mulher, graduando o tríplice aspecto do delito: ofensa contra Deus, injustiça contra o marido, prostituição de si mesma (o termo gr. empregado, *porneia,* é o mesmo que aparece em Mt 5,32 e 19,9, na discutida "cláusula mateana": ver a nota a Mt 19,9 na BJ). Na assembléia popular, seus filhos são declarados ilegítimos e sobre eles "recai o seu castigo", castigo, aliás, mais grave que o do homem...

O v. 27 é a magnífica conclusão de tudo o que precede, referente ao homem e à mulher igualmente. O "temor do Senhor" e sua realização prática, "guardar os mandamentos", encerram belamente a primeira parte do livro. O v. 28, no gr. II, dá o toque pessoal a essa conclusão.

VIII. COMENTÁRIO de 24,1 a 29,28

1. O LOUVOR DA SABEDORIA (24,1-34)

Situado praticamente na metade do livro, este capítulo encabeça a segunda parte, tal como o capítulo 1°, sobre a origem e o dom da Sabedoria, encabeçava a primeira parte da obra. Este grande poema é o ponto alto das reflexões de Ben Sirá, continuando e rematando a série de louvores da Sabedoria nos cc. 1, 4, 6 e 14, e ligado a páginas semelhantes em outros livros de Sabedoria: Jó 28, Baruc 3,9--4,4 (posteriormente, Sb 7) e, de modo especial, Provérbios 8, seu modelo evidente.

Sua seção principal, vv. 3-22, pertence a um gênero literário chamado aretalogia, encontrado na literatura greco-egípcia. É um hino de auto-elogio proferido por um ser divino, uma deusa, que descreve a própria beleza e virtudes, e sua prontidão para ajudar a humanidade. A imagem feminina é natural, uma vez que tanto em hebr. como em gr. o vocábulo para "sabedoria" é feminino: *hokmá* (hebr.) e *sofía* (gr.). Notar também que o II Isaías faz o próprio Deus pronunciar vários auto-hinos, recomendando-se frente ao seu povo e contrapondo-se aos ídolos. No NT, é João quem fará Jesus expressar-se dessa forma, nos discursos de auto-revelação.

Como no capítulo 1º, da Sabedoria deriva o Sábio, e do Sábio procede o seu ensino; isto justifica o poema como introdução ao ensino subseqüente, e permite ao autor somar-se ao livro, falando de si em primeira pessoa (vv. 30-34).

A composição é bastante clara, podendo facilmente ser subdividida em duas partes: a) a Sabedoria se apresenta, vv. 1-22; b) comentário do Sábio, vv. 23-34.

Utilizando imagens e fórmulas de diversos livros do AT, Ben Sirá realiza uma grande síntese teológica que prepara e oferece símbolos, por sua vez, para a teologia neotestamentária do Cristo-Palavra, Cristo-Sabedoria de Deus.

a) A Sabedoria se apresenta (24,1-22)

[1] *A Sabedoria faz seu próprio elogio*
e se ufana no meio de seu povo;
[2] *abre a boca na assembléia do Altíssimo*
e se ufana diante da sua corte:

[3] *"Saí da boca do Altíssimo*
e como névoa recobri a terra.
[4] *Habitava nas alturas do céu*
e meu trono estava em coluna de nuvens.
[5] *Sozinha percorri a abóbada do céu*
e caminhei pela profundeza dos abismos.
[6] *Sobre as ondas do mar e toda a terra,*
sobre os povos e nações eu dominei.

[7] *Em todos eles procurei o meu repouso:*
na herança de quem irei morar?
[8] *Então ordenou-me o Criador do universo,*
Aquele que me criou fixou minha tenda
e disse-me: 'Hás de morar em Jacó
e tua herança esteja em Israel'.

[9] *Antes dos séculos, desde o princípio ele me criou*
e jamais deixarei de existir.
[10] *Na Tenda santa, prestei culto diante dele*
e assim me estabeleci em Sião.
[11] *Na cidade amada fez-me repousar,*
e em Jerusalém está o meu domínio.
[12] *Deitei raízes no povo glorioso,*
na parte do Senhor, que é a sua herança.

[13] *E eu cresci como o cedro do Líbano,*
como o cipreste nas montanhas do Hermon.
[14] *Cresci alto como a palmeira de Engadi,*
como as mudas de rosa em Jericó;
como uma formosa oliveira na planície,
cresci alta como o plátano junto à água.
[15] *Como o cinamomo e obálsamo aromático,*
como a mirra escolhida trescalei perfume;
como o gálbano, o ônix e o estoraque,
como a fragrância do incenso na Tenda.
[16] *Estendi meus ramos como o terebinto,*
e meus ramos são majestosos e cheios de graça.
[17] *Como a videira, fiz brotar o encanto,*
e minhas flores deram em frutos de glória e riqueza.

[18] Sou a mãe do belo amor e do temor,
do conhecimento e da santa esperança.
A meus filhos sou dada desde sempre,
aos que por Ele foram designados.

[19] *Vinde até mim, os que me desejais,*
e saciai-vos com meus frutos!
[20] *Minha lembrança é mais doce que o mel,*
e minha posse, mais doce que o favo de mel.
[21] *Os que comem de mim, terão fome ainda;*
os que bebem de mim, terão ainda sede.
[22] *Quem me obedece não será envergonhado*
e os que trabalham comigo jamais pecarão".

Após breve introdução em estilo narrativo, em que o Sábio focaliza a Sabedoria apresentando-se no meio do seu povo e também diante da assembléia celeste (vv. 1-2),

temos quatro estrofes nesta primeira parte: 1) origem da Sabedoria e sua função cósmica, na criação (vv. 3-6); 2) procura de morada terrena até a. eleição de um povo e uma cidade (vv. 7-11); 3) suas qualidades expressas com comparações tiradas da flora palestinense (vv. 12-17); 4) convite e oferta aos pretendentes (vv. 18-22).

1ª estrofe (vv. 3-6): ***Sabedoria cósmica***. No v. 3, a Sabedoria começa identificando-se com a Palavra criadora de Gn 1,3 ("saí da boca do Altíssimo") e com o seu Espírito que adejava sobre o caos primordial (Gn 1,2): "como névoa recobri a terra". Nos vv. 4-6 ela afirma sua presença cósmica e seu domínio universal. Comparar com o hino cristológico de Cl 1,16: *nele, no Cristo, foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis*... Quanto à "coluna de nuvens" (v. 4), ela no Êxodo era sinal da presença protetora de Deus: Ex 13,21-22.

2ª estrofe (v. 7-11): ***Sabedoria histórica***. A Sabedoria, que tem trono e tenda no céu, busca morada estável na terra, como Abraão e os patriarcas, como o povo no deserto, como a própria Arca. Ver, no v. 7, os termos teológicos importantes: "repouso" (cf. Sl 95,11 e seu longo comentário na carta aos Hebreus 3,7-4,11) e "herança": a terra para o povo e o povo para Deus. A ordem divina do v. 8 lembra a eleição de Israel, confirmada pela Aliança no Sinai: "*Se realmente ouvirdes minha voz... sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos*" (Ex 19,5). Essa eleição histórica, que chega a afunilar mais ainda na Cidade e no Templo (v. 11), não anula, porém, a transcendência cósmica, como o lembra a oração de Salomão em 1Rs 8,27: "*Será possível que Deus habite na terra? Se os mais altos céus não te podem conter, muito menos esta Casa, que eu construí!*"

O v. 9 parece deslocado: ficaria melhor entre o v. 3 e o v. 4. O v. 10 fala da função litúrgica (o termo gr. empregado é *leitourgein*: prestar serviço, ministrar) que a Sabedoria assume: ela é ao mesmo tempo Palavra que sai de Deus, criadora e salvadora (v. 1), e Palavra que volta a Deus, aqui, como resposta litúrgica. No verdadeiro culto (que o Sirácida vai explicitar mais adiante, em termos proféticos, no c. 35, e vai descrever com entusiasmo no c. 50, culto codificado pela Lei!), também está a Sabedoria.

3ª estrofe (v. 12-17): ***Sabedoria formosa***. A estrofe acumula dez comparações de ordem vegetal, desenvolvendo a imagem que já fora esboçada em 14,26-27. A Sabedoria se enraíza no seu povo, cresce, trescala perfume, esgalha os ramos, floresce, dá fruto: o "repouso" do v. 11 não era conclusão de tarefa, mas arranque para nova missão. Nos vv. 13-14 são elencadas as árvores mais representativas da Palestina, transformada pela Sabedoria em paraíso (tal como, pela Glória do Senhor, o deserto, em Is 41,19, onde são sete as árvores mencionadas). Quanto às plantas aromáticas e especiarias recordadas no v. 15, trata-se dos ingredientes do óleo da unção (cf. Ex 30,23-25) e do incenso do Templo (também Ex 30,34-38): o óleo que consagra o homem, o incenso que aplaca a Deus. Última árvore a ser mencionada é a *videira,* tantas vezes símbolo de Israel, desde o cântico de Isaías 5,1-7. No NT, o próprio Cristo assumirá este símbolo: "*Eu sou a videira verdadeira*" (Jo 15,1-9), dele tirando todas as conseqüências.

4ª estrofe (v. 18-22): ***Sabedoria materna***. O jardim maravilhoso, espécie de paraíso, convida a todos: é a Sabedoria que fala, como em Pr 8 e 9 (mas cf. também Is 55,1-3!). O paradoxo de seus frutos é que, ao mesmo tempo, saciam e produzem fome (v. 21): é a dialética da busca insaciável da Sabedoria! No v. 18 temos uma glosa significativa,

acrescentada pela antiga versão latina, que passa do símbolo vegetal para a figura materna. Em sentido acomodado, a liturgia da Igreja aplicava-a à Mãe de Jesus, embora literalmente designe a própria Sabedoria. O "*vinde a mim*" do v. 19 foi retomado e assumido pelo próprio Senhor Jesus, em Mt 11,28-30: "*Vinde a mim, vós que estais fatigados e sobrecarregados...*".

A "lembrança" do v. 20 é o nome pronunciado, conservado e transmitido, de geração em geração, na memória e tradição viva da comunidade. Quanto ao v. 21, o evangelho segundo João mostra Jesus aparentemente superando a Sabedoria (que, afinal, é ele mesmo): "*Quem vem a mim, não terá mais fome... não terá mais sede*", Jo 6,35. O sentido, contudo, é o mesmo: "não ter mais fome" de outros manjares é "ter ainda fome", ainda e sempre, da Sabedoria!

O v. final (v. 22) faz transição para a parte seguinte, a Sabedoria já falando como a Lei: é preciso "obedecer-lhe" e "trabalhar com ela", cumprindo-lhe os preceitos. E essa obediência e cumprimento livrarão as pessoas da frustração e do pecado, que é o fracasso radical da vida.

b) Comentário do sábio (24,23-34)

[23] *Tudo isto é o livro da Aliança do Deus Altíssimo,*
a Lei, que Moisés nos prescreveu
como herança para as assembléias de Jacó.
[24] Não cesseis de vos fortificar no Senhor
e apegai-vos a ele, a fim de que vos ampare.
O Senhor todo poderoso é o único Deus,
e não há outro Salvador fora dele.
[25] *Ela, a Lei, transborda de Sabedoria como o Fison*
e como o Tigre, na época das primícias;
[26] *inunda de inteligência, como o Eufrates*
e como o Jordão, nos dias da colheita;
[27] *espalha, como o Nilo, a instrução,*
como o Geon nos dias da vindima.
[28] *O primeiro homem não acabou de conhecê-la*
nem o último conseguirá perscrutá-la.
[29] *Seu pensamento é mais vasto do que o mar*
e seu desígnio, mais profundo que o abismo.

[30] *Quanto a mim, como um canal saído de um rio,*
como o aqueduto que dá num jardim,
[31] *eu disse: "Irrigarei meu jardim,*
inundarei meus canteiros".
E eis que meu canal se tornou em rio
e meu rio se transformou em mar.
[32] *Farei, pois, luzir a instrução como a aurora*

e a levarei a brilhar até bem longe;
33 *derramarei o ensino como profecia,*
e o legarei às gerações futuras.
34 *Vede que não trabalhei somente para mim,*
mas para todos os que a Sabedoria procuram.

Toma a palavra o Sábio, como se explicasse o enigma: falando da Sabedoria, falou da Lei. Em sentido concreto é a *Torá*, a Lei dada por Moisés (Dt 33,4), que já é um livro sagrado. Temos aqui também, nesta segunda parte do capítulo, uma introdução (v. 23-24) e duas estrofes: 1) a Lei, em imagens de rios e de mar (v. 25.29); 2) o Sábio, a serviço dos que buscam a Sabedoria (v. 30-34).

Comentando o v. 23, introdutório (o v. 24 é uma glosa exortativa que interrompe a seqüência natural do v. 23 para o v. 25), surpreende-nos a convicção de Ben Sirá: a Sabedoria, esse tesouro tão procurado e investigado pela humanidade, gentios e judeus igualmente, coincide com a Lei de Moisés, está na Lei, é a Lei!

À primeira vista, e recordando também a posição que Paulo toma decididamente *contra a Lei,* pareceria isso um lamentável estreitamento do universalismo da Sabedoria, querer identificá-la com "o livro da lei de Moisés". Se examinarmos toda a obra do Sirácida, porém, observaremos que ele "alarga" a Lei para assimilá-la à Sabedoria, mais que "estreita" a Sabedoria para encaixá-la na Lei. De fato, ele não demonstra interesse por minúcias legais, p. ex. jamais menciona as prescrições relativas a alimentos, nem mesmo ao sábado, nem sequer à circuncisão. As próprias prescrições do culto, que tanto venera, ele as relativiza (cf. 35,1-5). Eis os valores da Lei/Sabedoria que ele preconiza: o temor de Deus, justiça, caridade, bom senso. Essa Lei é que é a *herança* (v. 23c) das assembléias (lit. *sinagogas)* de Israel: se o povo é a herança da Sabedoria (v. 8), a Sabedoria, que é a Lei, é a herança do povo!

1ª estrofe (v. 25-29): a ***Lei transbordante***. Nova série de imagens, nos vv. 25-27, desta vez de rios inundantes. O Sirácida toma os quatro rios do Paraíso (Gn 2,10-14) e lhes acrescenta os rios históricos, Jordão e Nilo, todos em suas épocas de enchente, para simbolizar a abundância e a fertilidade da Lei que transborda de Sabedoria (v. 25), de inteligência (v. 26) e de instrução (v. 27). Mas o caudal forma um oceano inabarcável (v. 29): se os rios significam a atividade constante, o oceano é a plenitude em repouso. Plenitude que supera e ultrapassa toda a série dos que a estudam, do primeiro ao último ser humano (v. 28).

2ª estrofe (vv. 30-34): o ***servo da Sabedoria***. Continua a imagem da estrofe anterior, em termos de irrigação de um jardim. O Sirácida primeiro canaliza um pouco da Sabedoria para seu próprio jardim (vv. 30-31a), mas logo se dá conta de que tem à disposição um rio, até o mar, para partilhar com muitos (v. 31b). Aqui muda a imagem, ao iluminar-se a consciência do autor sobre sua própria vocação e missão: a sua atividade sapiencial é luz de aurora que começa e cresce e alcança o horizonte longínquo, e seu ensino pode comparar-se à *profecia* (v. 33), porque igualmente procede de Deus. Para a imagem da luz, aplicada ao justo, vejam-se os textos de Is 58,8 e Sl 112,4; aplicada a Jerusalém, em contexto messiânico, veja-se Is 60,1-3. O NT a aplicará a Cristo, "*luz do mundo*", em Jo 8,12, mas também a seus discípulos, em Mt 5,14. Ben Sirá deixou aqui o seu retrato e

assinatura. Seu trabalho, podemos comprová-lo, é um belo serviço "*a todos os que a Sabedoria procuram*".

Uma observação ainda, entre tantas outras que se poderiam acrescentar a este breve comentário ao c. 24 do Sirácida. Impressionam seus paralelos com o prólogo do quarto evangelho, p.ex.: a origem divina do *Lógos/Palavra* em Jo 1,1-2 e da Sabedoria, aqui, 24,3; as relações da Palavra e da Sabedoria com o universo, em Jo 1,4-5 e, aqui, 24,5-6; a Palavra e a Sabedoria no mundo e em Israel, em Jo 1,10-11 e, aqui, 24,7-8; a habitação da Palavra e da Sabedoria, que *armam sua tenda* entre nós, em Jo 1,14 e, aqui, 24,4.8bc.10.16-17; finalmente, a plenitude dos dons do Filho-Único/Palavra, em Jo 1,16, correspondendo à abundância fluvial da Sabedoria/Lei, aqui, v. 25-29.

2. DONS QUE TRAZEM FELICIDADE (25,1-12)

[1] *Com três coisas se compraz minha alma,*
as quais são belas diante do Senhor e dos humanos:
a concórdia entre irmãos, a amizade entre vizinhos,
mulher e marido que vivem em harmonia.
[2] *Há três espécies de pessoas que detesto,*
e cujo comportamento me causa profunda irritação:
o pobre soberbo, o rico mentiroso,
e o velho adúltero, desprovido de senso.
[3] *Se não ajuntaste na mocidade,*
como encontrarás alguma coisa na velhice?
[4]*Quão belo, para os cabelos brancos, saber julgar*
e, para os anciãos, saber dar conselhos!
[5] *Que bela coisa a sabedoria dos velhos,*
e a reflexão e o conselho naqueles que honramos!
[6] *A coroa dos velhos é uma experiência rica,*
e sua ufania, o temor do Senhor.
[7] *Há nove coisas que, no meu íntimo, considero felizes;*
e a décima, vou anunciá-la com minhas palavras:
um homem que encontra sua alegria nos filhos,
e que vive até presenciar a queda dos seus inimigos;
[8] *feliz quem convive com uma esposa sensata,*
e quem não ara com o boi e o burro juntos;
feliz quem não tropeçou com a língua,
e quem não tem de servir ao seu inferior;
[9] *feliz quem encontrou um amigo*
e quem se dirige a ouvidos atentos.
[10] *Enfim, é grande quem encontrou a Sabedoria,*
mas não está acima de quem teme o Senhor.
[11] *O temor do Senhor está acima de tudo:*
aquele que o possui, a que se comparará?
[12] O temor do Senhor é o princípio do seu amor,
e a fé é o começo da adesão a ele.

Depois da interrupção do c. 24, retoma-se a série de provérbios numéricos que havia dado início à seção precedente (23,16-23) em 23,16. Desta vez o esquema literário é bem coerente, no fim de cada elenco encontrando-se a coisa mais importante. Entre os três provérbios numéricos (vv. 1.2.7), dos quais o último (vv. 7-11) é o mais elaborado, introduz-se pequena série de sentenças sobre a velhice (vv. 3-6).

O v. 1, belo na sua simplicidade, é típico do Sirácida nos seus momentos mais otimistas, e compensa outras passagens mais sombrias sobre a vida em família... A "concórdia entre irmãos", que parece óbvia, mas tantas vezes não o é, é entusiasticamente decantada no Sl 133: "*Como é bom e agradável irmãos viverem unidos!*" Quanto à "harmonia entre marido e mulher", teremos seu desenvolvimento mais adiante (26,1-4), do ponto de vista do marido.

O provérbio do v. 2 é um contraste total: a conduta anti-social aí focalizada opõe-se ao quadro de amor do v. 1. E a referência "ao velho adúltero, desprovido de senso" suscita, por contraste, as sentenças dos vv. 3-4, sobre a sábia velhice, para a qual é preciso "ajuntar na mocidade" (v. 3). Essa proverbial sabedoria dos velhos (embora questionada e desafiada pelo jovem Eliú, no livro de Jó 32,6-9), era mais conceituada numa época em que a duração média da vida era bem menor que a de hoje: quem chegasse à velhice aparecia como privilegiado, porque pudera acumular experiências. Em todo caso, mais que toda experiência é o "temor do Senhor", valor supremo que o Sirácida não se cansa de lembrar.

Os vv. 7-11 são uma série de "bem-aventuranças" do Sábio, elencando nove tipos de pessoas que ele reputa serem felizes, a começar por um pai que encontra alegria nos filhos, até aquele (v. 10, e é o nono da série) que encontrou a Sabedoria. Mas o décimo, que está acima de todos, é quem teme o Senhor (v. 10b), como se reafirma no v. 11. Série semelhante de "bem-aventuranças" encontramos mais adiante, em 40,18-25. Comparadas com as do sermão da Montanha (Mt 5,2-12), salta logo aos olhos o paradoxo cristão.

Alguns detalhes: o final do v. 7 não expressa necessariamente um sentimento de vingança, mas antes a fé na retribuição terrestre, o fiel esperando ver, ainda em vida, a manifestação da justiça divina; o v. 8b só se encontra no texto hebr., e provém de Dt 22,10, aludindo às incompatibilidades insuportáveis ou inaceitáveis, p. ex. na vida matrimonial, sendo feliz quem delas está imune; o v. 9, corrigido de acordo com o texto latino e o siríaco, decanta o valor da amizade, já celebrado em outras passagens do livro (cf. 6,5-17). Quanto ao v. 12, trata-se de um claro acréscimo que reafirma o clímax da série iniciada no v. 7, enriquecendo o "temor do Senhor" com os valores do amor, da fé e da adesão a ele.

3. A MULHER (25,13--26,27)

Amplo tratado sobre as mulheres, escrito do ponto de vista de homem para homens, numa sociedade e cultura patriarcal, certamente uma das passagens menos simpáticas do livro... Fiel à sua pedagogia das antíteses, o Sirácida contrapõe a mulher "má" à mulher "virtuosa", e isso por duas vezes, até chegar à síntese e exortação dos vv. finais (26,19-27). Antes de uma avaliação nossa, do nosso ponto de vista, vamos seguir o texto do autor, parte por parte.

a) A mulher má (25,13-26)

[13] *Qualquer ferida, menos a do coração;*
qualquer maldade, menos a maldade da mulher!
[14] *Qualquer desgraça, menos a causada pelos que nos odeiam;*
qualquer vingança, menos a vingança dos inimigos!
[15] *Não há veneno pior que o da serpente,*
nem ira pior que a ira da mulher.
[16] *Preferiria morar com um leão ou dragão,*
a morar com uma mulher perversa.
[17] *A maldade da mulher altera suas feições*
e torna-lhe o rosto sombrio, como o da ursa.
[18] *Seu marido vai sentar-se entre os vizinhos*
e, constrangido, suspira amargamente.
[19] *Toda maldade é pequena frente à maldade da mulher:*
que a sorte do pecador seja topar com ela!
[20] *Como subida arenosa para os pés de um velho,*
assim é mulher faladeira para marido pacífico.
[21] *Não te deixes seduzir pela beleza da mulher;*
por sua riqueza não ardas de cobiça.
[22] *Há irritação, desprezo e grande vergonha,*
quando a mulher sustenta seu marido.
[23] *Coração humilhado, rosto sombrio, ferida no coração:*
eis a obra da mulher má.
Mãos inertes, joelhos vacilantes: eis o que faz a mulher
que não torna feliz o seu marido.
[24] *Foi pela mulher que o pecado começou,*
e é por causa dela que todos morremos.
[25] *Não dês saída à água;*
nem, à mulher má, confiança.
[26] *Se não andar conforme teus acenos,*
corta-a de tua carne.

Os vv. iniciais (v. 13-15) parecem referir-se a uma situação de poligamia ou, ao menos, de disputa de marido, em que a rivalidade feminina é capaz de recorrer aos piores expedientes. Os termos e imagens são hiperbólicos, sempre do ponto de vista do homem. Notar a negatividade do v. 19, semelhante à dos vv. 15 e 13: "Toda maldade é pequena, frente à maldade da mulher..."

Nos vv. 21.22 parece tratar-se de herdeiras ou viúvas ricas à caça de marido e, vice-versa, de maridos cegos, iludidos por um bom dote... Quanto ao v. 22, notar, em outra perspectiva, o elogio contrário que Pr 31,10-31 tece à dona-de-casa operosa, que justamente por seu trabalho sustenta a casa e dá tranqüilidade ao marido! As imagens do v. 23 lembram passagens de Salmos e Profetas: aplica-se aqui à situação doméstica o que lá se diz de desgraças nacionais ou da vida pública, como em Is 35,3.

As referências ao Gênesis, nos vv. 24 e 26, são o nadir, o ponto mais baixo desta série sombria. Trata-se da primeira clara alusão, na Bíblia, ao texto de Gn 2-3, interpretado do ponto de vista do homem, como o faz Paulo na 2Cor 11,3 e principalmente na 1Tm 2,14 (dêuteropaulina?): da mulher vem o pecado e, pelo pecado, a morte! Notar, porém, que o mesmo Paulo, na 1Cor 15,21s e principalmente em Rm 5,12, afirma, num contexto mais universal e menos machista, que "o pecado entrou no mundo *por um só homem..."*

É verdade que esse mesmo v. 24 poderia, textualmente, ser traduzido de outra maneira, num sentido talvez mais de acordo com o contexto e, então, sem referência a Gn 3: "*É pela mulher* [má] *que o pecado começa, e é por causa dela que todos* [nós, maridos!] *perecemos*"... Isto, porque o texto original hebr., na primeira parte do versículo, é elíptico, sem verbos, não se comprovando por isso a interpretação recebida ("*o pecado começou*"), embora tenha sido esta a interpretação da antiga versão latina que entrou na Vulgata. Literalmente, a tradução seria: "*Da mulher, o começo do pecado*"... Teríamos aí a versão siracidiana do adágio francês, bem conhecido: "*cherchez la femme*" (procurem a mulher!), isto é, nos crimes, intrigas, desentendimentos, a mulher seria sempre o pivô, a causa de tudo, como aliás já Adão, em Gn 3,12, quis fazer passar: "*A mulher*, que me deste por companheira, foi quem..."

O v. 26, numa terminologia inspirada em Gn 2, é uma clara recomendação do divórcio, ou, pelo menos, da separação ou desquite, caso a mulher não seja submissa, mesmo tendo-se homem e mulher tornado "uma só carne" pelo matrimônio (Gn 2,24)... Notar, a propósito, o conselho de Pr 18,22 na versão dos LXX: "Quem manda embora uma esposa virtuosa, rejeita um bem; mas quem conserva uma adúltera, é insensato e ímpio". Por outro lado, a única menção do divórcio na Lei, em Dt 24,1-4, visa restringi-lo, proibindo o recasamento com a mesma esposa.

b) A boa esposa (26,1-4)

[1] *Feliz o marido de uma boa esposa:*
o número de seus dias será dobrado.
[2] *Mulher virtuosa alegra o marido,*
que completará seus anos na paz.
[3] *Boa esposa é uma herança excelente,*
reservada aos que temem o Senhor.
[4] *Rico ou pobre, o marido tem a alegria no coração,*
e em qualquer circunstância mostra um rosto prazenteiro.

A outra face da moeda, as bênçãos da boa esposa! Ben Sirá começa por uma bem-aventurança (v. 1) que se opõe à menção da morte no v. 24: se pela mulher veio (vem) a morte (!), por outro lado a boa esposa "duplica os dias do marido". Notar, aliás, que o prolongamento da vida era uma das bênçãos fundamentais, freqüente na pregação deuteronômica, cf. Dt 5,33: "*... para que vivais e sejais felizes por longos anos na terra que ides possuir*". No v. 2 a expressão "mulher virtuosa" é a mesma que se encontra em Pr 31,10, início do esplêndido poema alfabético sobre a boa esposa no livro dos Provérbios. O v. 3 lembra que a boa esposa é um "dom de Deus", reservado aos que o temem!

aa) A mulher má (26,5-12)

[5] *De três coisas meu coração tem medo,*
e a quarta me causa assombro:
os comentários da cidade, o ajuntamento do povo,
a falsa acusação: tudo isso é mais odioso que a morte;
[6] *mas grande dor e aflição é a mulher ciumenta de outra,*
pois o flagelo da sua língua atinge a todos.
[7] *Esposa má é canga-de-boi mal ajustada:*
quem a tem é como pegar um escorpião.
[8] *Mulher embriagada é grande incômodo,*
pois não esconde a sua desonra.
[9] *Vê-se a lascívia da mulher no seu piscar de olhos*
e se reconhece por suas pálpebras.
[10] *Reforça a vigilância sobre a filha ousada,*
para que não descubra a tua fraqueza e dela se aproveite.
[11] *Guarda-te de seguir um olhar desavergonhado:*
não te admires, se cair em falta contigo.
[12] *Como um viajante sedento abre a boca e bebe*
de qualquer água que encontre,
assim também ela se deita frente a qualquer estaca,
e diante da flecha escancara a aljava.

Nova série negativa sobre a mulher, começando com um provérbio numérico cujo clímax é "a mulher ciumenta de outra", talvez no caso de casamento com mais de uma esposa (vv. 5-6). Os vv. 7 e 12 descrevem com dureza e por referências de duplo sentido a mulher depravada, em imagens vulgares, que lembram a crua caracterização do preguiçoso em 22,1-2. No v. 8 temos uma rara condenação do vício da embriaguez feminina.

Nos vv. 9-11 deparamo-nos com uma série de advertências a pais, ou maridos, ou jovens solteiros, alertando contra as provocações de moças ou mulheres desinibidas, retratadas cruamente no v. 12. Comparar com a linguagem mais elevada de Pr 7,6-23.

bb) A boa esposa (26,13-18)

[13] *A graça da mulher é a delicia do marido*
e seu senso prático lhe revigora os ossos.
[14] *Mulher silenciosa é dom do Senhor*
e nada é comparável à alma bem educada.
[15] *Mulher pudica é graça primorosa,*
e não há medida que determine o valor da alma casta.
[16] *Como o sol que se levanta nas alturas do Senhor,*
assim o encanto da boa esposa na casa bem arrumada.
[17] *Como luz que brilha no candelabro sagrado,*
assim é a beleza das feições num corpo sólido.
[18] *Como colunas de ouro em base de prata,*
assim também pernas graciosas sobre calcanhares firmes.

Felizmente, a última secção é de novo positiva. E o Sirácida dá aqui largas a seu estro poético para celebrar os atrativos, não só morais, mas também físicos, da esposa, quando virtuosa e bela. Ele elogia seu senso prático, sua discrição, sua educação, o seu pudor, mas também a formosura de suas feições e mesmo o talhe de suas pernas graciosas, numa bela emulação com o Amado do Cântico dos Cânticos...

Nos vv. 16-18, os termos de comparação são o que há de mais belo na natureza e no culto; e é preciso ter em vista o que ele diz do Sol e do culto nos últimos capítulos do seu livro, para apreciar o valor destes três versos esplêndidos. Recorde-se, também, a beleza masculina do Sol no Sl 19, bem como a descrição de "*nossas filhas, como colunas bem talhadas, como esculturas de um palácio*", no Sl 144,12.

c) Exortação (26,19-27): glosa, do texto Gr. II

[19] Filho, guarda sadio o vigor da tua idade
e não dês às estranhas tua força.
[20] Procura em toda a planície um lote fértil
para nele deitares as tuas sementes,
confiando em tua nobre origem.
[21] Assim, os rebentos que deixares após ti,
orgulhosos de sua nobreza, te engrandecerão.
[22] A mulher que se vende é como o escarro,
e se é casada é uma armadilha mortal para os que
dela se aproveitam.
[23] A mulher ímpia será dada em quinhão ao pecador,
enquanto a piedosa o será a quem teme o Senhor.
[24] A mulher sem pudor busca sempre a desonra,
enquanto a recatada se reserva, mesmo diante do marido.
[25] A mulher inconveniente é como uma cadela,
enquanto a recatada teme o Senhor.
[26] Mulher que honra o marido é tida por sábia aos olhos de todos,
enquanto a que o desonra, com sua arrogância, aparecerá a todos como ímpia.
Feliz o marido de uma boa esposa:
o número de seus anos será dobrado.
[27] A mulher que fala alto e fala muito é como trombeta de guerra
afugentando o inimigo.
Todo homem, nessas condições, passa a vida em meio
a ruídos de batalha.

São dez versículos que não se encontram no texto original, mas fazem parte da versão grega ampliada (gr. II). Retomam os mesmos temas e oposições de antes, com alguns detalhes novos. Após a apóstrofe carinhosa "Filho!" (típica de Pr 1-7), a primeira advertência é contra o casamento com estrangeiras (lit. “estranhas”). Característica da reforma de Neemias (cf. Esd 9-10; Ne 10,28-30 e 13,23-27), essa advertência tinha renovada atualidade na época dos tradutores do Sirácida, frente à dominante influência

helenista. Continuando a advertência, os vv. 20-21 apresentam a mulher sob a imagem da terra prometida, terreno fértil no qual o discípulo deve lançar a boa semente...

Nos vv. 22-26 sucedem-se as oposições entre a boa esposa e a mulher má, a começar da que "vende a si mesma" e é comparável ao "escarro" (v. 22a), até a mulher "inconveniente", comparável a uma "cadela" (sic, v. 25a). Elas são contrapostas à mulher recatada, "que teme o Senhor" (v. 25b) e que é dada "a quem teme o Senhor (v. 23a).

Irônica e expressiva a imagem do v. 27, que descreve com humor a mulher tagarela, justamente o contrário daquela que, segundo o v. 14, é um dom especial do Senhor, a mulher "silenciosa...".

Aqui, como na apresentação de outras realidades no seu livro, Ben Sirá é o homem da percepção dos dois lados, das duas facetas de cada fenômeno, neste universo em que "tudo existe aos pares, uma coisa diante da outra, pois Deus nada fez de incompleto" (42,24). Ele não propõe, pois, uma síntese do que seja a mulher, mas, falando a seus jovens discípulos de Jerusalém, quer fazer-lhes várias advertências, sem ocultar que o *seu conceito ideal de mulher* é o da *esposa,* e o da esposa *restrita* ao *âmbito* do *lar,* portanto, de certo modo, mais objeto que sujeito da história.

Conceito incompleto, sem dúvida. À luz de outras passagens da Bíblia, a começar da perspectiva mais igualitária do Sacerdotal que a do Javista (Gn 1, comparado com Gn 2-3), até o princípio revolucionário de Paulo em Gl 3,28 - "*Não há mais... homem e mulher, pois todos vós sois um, no Cristo Jesus*" passando pela realização esplêndida do feminino que encontramos em Maria, especialmente em Lc 1-2, esse conceito ambíguo e relativo do Sirácida pode e deve ser retificado, mesmo questionado. Inclusive pelo fato de que tudo, ou quase tudo, o que ele, como homem, escreve de negativo sobre a mulher, poderia também uma mulher escrever, do seu ponto de vista, sobre o homem... Em todo caso, estas perícopes não devem ser lidas com miopia, quem sabe até manipuladas - como o foram ao longo da história - para justificar posições machistas, hoje cada vez mais em vias de superação, na sociedade e na Igreja. Quanto ao caráter *inspirado* desses textos, confira o que observamos na Introdução, pp. 00-00.

4. COISAS QUE ENTRISTECEM (26,28--27,21)

[28] *Duas coisas me entristecem o coração*
e a terceira me excita a cólera:
o guerreiro que definha na miséria,
homens sensatos, abandonados ao desprezo,
e quem passa da justiça ao pecado:
o Senhor o prepara para a espada.
[29] *Dificilmente o negociante se livra da injustiça*
e o revendedor se conserva sem pecado.
[27,1] *Muitos pecam por amor ao lucro,*
e quem procura ficar rico, faz-se de cego.
[2] *Como se introduz a cunha entre as junturas das pedras,*
assim também se infiltra o pecado entre a compra e a venda.
[3] *Quem não se apegar com firmeza ao temor do Senhor,*

sem demora sua casa cairá, rapidamente, em ruínas.
[4] *Quando se agita a peneira, ficam os refugos:*
do mesmo modo, os defeitos de um homem aparecem nas discussões.
[5] *O forno prova os vasos do oleiro:*
assim, a prova do homem está no seu modo de falar.
[6] *O fruto de uma árvore revela o campo que o produz:*
Assim, também a palavra manifesta os sentimentos do coração.
[7] *Não louves ninguém, antes de ouvi-lo falar:*
aí está a pedra de toque das pessoas.
[8] *Se procurares a justiça, hás de alcançá-la*
e dela te vestirás, como de um traje de honra.
[9] *Os pássaros da mesma espécie aninham-se juntos:*
Assim, a verdade se volta para os que a praticam.
[10] *Como o leão espreita sua presa,*
assim o pecado espreita os que praticam a injustiça.
11 O homem piedoso discorre sempre com sabedoria,
enquanto o insensato muda como a lua.
[12] *Mede teu tempo no meio dos insensatos;*
ao contrário, entre pessoas de bom senso, demora-te.
[13] *É detestável a conversa dos insensatos:*
Suas risadas denotam a volúpia do pecado.
[14] *A linguagem de quem muito jura arrepia os cabelos,*
e suas altercações obrigam a tapar os ouvidos.
[15] *A contenda dos orgulhosos chega ao sangue,*
e suas injúrias são penosas de se ouvir.
[16] *Quem revela segredos perde o crédito;*
e não mais encontra amigo íntimo.
[17] *Dedica afeição a teu amigo e sê-lhe fiel;*
se, porém, revelares seus segredos, é inútil tornar a procurá-lo.
[18] *Pois, assim como alguém perde um dos seus que faleceu,*
assim também perdeste a amizade do teu próximo.
[19] *Como se tivesses deixado escapar das mãos um pássaro,*
assim também afastaste o amigo e não o recuperarás.
[20] *Não o procures. Está muito longe.*
Fugiu, como a gazela que escapou da armadilha.
[21] *Um ferimento pode ser tratado;*
após a injúria pode haver reconciliação;
para quem traiu segredos, não há mais esperança.

Novamente o Sirácida começa uma secção com um provérbio numérico, desta vez elencando mudanças lamentáveis, em valores descendentes: do poder para a miséria, da honra para o desprezo, da justiça para o pecado (v. 28). E logo dá um exemplo prático para o último caso: é o do negociante, que "dificilmente se livra da injustiça" (v. 29)... isto, de acordo com o tradicional conceito que se fazia dos cananeus, considerados negociantes desonestos (cf. Os 12,8).

O v. 27,2 apresenta uma das mais expressivas imagens do Sábio: "como a cunha entre as junturas... assim o pecado se infiltra entre a compra e a venda". E conclui a sua

advertência com um apelo ao "temor do Senhor", única motivação suficientemente forte para impedir a injustiça e o desastre conseqüente (v. 3)! Salta aos olhos a atualidade dessa denúncia, especialmente agora, que temos mais consciência da importância do fator econômico nas relações sociais, do que o tinha Ben Sirá.

Os vv. 4-7 apresentam-nos três comparações com a idéia da necessidade de provar as pessoas, antes de se emitir um juízo sobre elas: são as provas da peneira, do forno, e dos frutos, todas convergindo em sugerir que são as discussões, o raciocínio, a fala de uma pessoa, que revelam o seu interior. Notar o v. 7: a fala é a "pedra de toque" das pessoas!

Nos vv. 8-10 a idéia comum é a de que o constante impulso para a verdade e a justiça ou, pelo contrário, para a injustiça e a mentira, resultarão em atos e atitudes correspondentes, reforçadas pelos que de forma semelhante se comportam. Os vv. 11-15 mostram o contraste entre a fala das pessoas de bom senso e a instabilidade, a conversa tola e as altercações dos insensatos.

Uma das "coisas que mais entristecem" é a infidelidade aos segredos, a traição das confidências: vv. 16-21. E isto, porque, na confidência entre amigos, um fica à mercê do outro, numa íntima entrega mútua que é o maior sinal da amizade. A propósito, são expressivas as palavras de Jesus a seus discípulos na última Ceia: "*Já não os chamo de servos, mas de amigos, porque eu lhes dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai*". Essa confiança suprema acaba pela traição, pela indiscrição: e está perdido o amigo, como o Sirácida já advertiu em 22,19-22. Aliás, Jesus passou também por essa experiência, embora sem negar, naquela última hora, o título de “amigo”, a quem o traía (cf Mt 26,50). Sensíveis são as comparações de caça, nos vv. 19-20: o amigo traído é o animal indefeso que escapa, fugindo...

5. HIPOCRISIA E VINGANÇA, PERDÃO E PAZ (27,22--28,12)

[22] *Quem pisca o olho planeja maldades;*
e ninguém o afastará delas.
[23] *Em tua presença, sua boca destila doçura e aprecia teus dizeres;*
depois, porém, muda de linguagem
e te armará ciladas com tuas próprias palavras.
[24] *Odeio muitas coisas, mas nenhuma como a tal homem,*
pois o Senhor também o odeia.
[25] *Quem atira uma pedra para cima,*
atira-a sobre a própria cabeça:
assim, um golpe traiçoeiro atinge o traidor.
[26] *Quem abre uma cova, cairá dentro dela;*
quem arma cilada, será nela apanhado.
[27] *Quem pratica o mal, contra ele o mal se voltará,*
sem que saiba de onde lhe advém.
[28] *Sarcasmos e ultrajes são próprios do orgulhoso,*
mas a vingança o espreitará, como um leão.
[29] *Serão apanhados na armadilha*
os que se alegram com a queda dos justos;

dor violenta os consumirá, ainda antes de morrerem.
30 *Ira e raiva, também elas são abominações,*
e até o pecador procura dominá-las.
28,1 *Quem se vingar, encontrará vingança no Senhor,*
que pedirá contas severas de seus pecados.
2 *Perdoa ao próximo a injustiça cometida;*
então, quando orares, teus pecados serão perdoados.
3 *Se alguém guardar rancor contra outro,*
como poderá buscar a cura no Senhor?
4 *Se não tem compaixão de seu semelhante,*
como suplicará por suas próprias faltas?
5 *Se ele, que é carne, guarda rancor,*
quem lhe perdoará os pecados?
6 *Lembra-te do teu fim e pára de odiar;*
lembra-te da corrupção e da morte, e persevera nos mandamentos.
7 *Lembra-te dos mandamentos e não guardes rancor do teu próximo;*
lembra-te da Aliança do Altíssimo e passa por cima da ofensa.
8 *Conserva-te longe das contendas e diminuirás os pecados,*
pois o homem irascível acende as disputas.
9 *O pecador traz a perturbação entre os amigos*
e lança a calúnia onde reinava a paz.
10 *O fogo se inflama de acordo com a lenha,*
e a contenda se inflama segundo a obstinação.
O furor de uma pessoa dependerá de sua força,
e sua cólera cresce conforme sua riqueza.
11 *Uma contenda súbita ateia o fogo,*
uma disputa violenta faz derramar sangue.
12 *Se soprares uma fagulha, ela se inflamará;*
se lhe cuspires em cima, ela se apagará;
[entretanto, ambas as coisas saem da tua boca].

O Sirácida começa advertindo severamente contra o falso amigo que é secreto inimigo (vv. 22-23, cf. Pr 6,12-15), e cuja maldade é tão grande que o próprio Deus o odeia (v. 24)!

Os vv. 25 a 29 são variações do aforisma popular: "Quem o faz, também paga". São imagens que se encontram igualmente no Ec1 10,8-9 e em Pr 26,27, além de nos Salmos 7,16; 9,16; 35,7-8 etc., exprimindo a convicção de que há um como mecanismo de retribuição na natureza criada e na história, expresso também pela palavra do Senhor em Mt 26,52: "*Quem toma da espada, pela espada morrerá*". E isto já nesta vida, "antes de morrerem", como faz questão de precisar o v. 29.

Na seção do v. 27,30 até 28,7, o tema é o do perdão, uma das mais belas passagens do livro, que antecipa o ensinamento evangélico do Pai-nosso: "*perdoai-nos, assim como nós perdoamos...*" (Mt 6,12). Entretanto, já no livro do Levítico se recomenda "*não guardar rancor", "não se vingar", "não odiar...*" (Lv 19,17-18). Aliás, também no Código da Aliança, Ex 23,4-5, já se ordena "*socorrer o boi ou o burro do inimigo...*" Da mesma forma, Pr 20,22 recomenda: "*Não digas: 'Retribuirei com o mal...'*"

Ben Sirá começa com a motivação suprema, nos vv. 1 e 2: Deus se vinga do vingativo e perdoa ao que perdoa; depois vem a motivação humana da solidariedade, nos vv. 3-5; finalmente, os motivos são os "novíssimos" e os mandamentos da Aliança (vv. 6-7). A propósito, diz o Talmud babilonense: "Se formos misericordiosos com os outros, Deus o será conosco; se não formos misericordiosos com os outros, Deus também não o será conosco" *(Megillah* 28a). É o que ainda nos ensina, de maneira antitética, a parábola evangélica do servo impiedoso, em Mt 18,23-35.

Os vv. 8-12 são uma série de advertências contra as rixas, fazendo ver que basta pouca coisa para incendiá-las, colocando em perigo a paz. Já o livro dos Provérbios tem vários pensamentos semelhantes, p. ex. Pr 26,21: "*Carvão para as brasas e lenha para o fogo, tal é o homem briguento para avivar a disputa*". Dominam as imagens do fogo, até o engenhoso enigma conclusivo, que um copista explicou, acrescentando o que deixamos entre colchetes. Isso, aliás, expressando um pensamento que serve de "gancho" para a secção seguinte.

6. A CALÚNIA (28,13-26)

[13] *Maldizei o murmurador e o homem de duas falas:*
fizeram a desgraça de muitos que viviam em paz.
[14] *A língua do caluniador abalou a muitos*
e os dispersou de nação em nação;
abateu cidades fortificadas e destruiu palácios dos grandes.
[15] *A língua do caluniador fez com que mulheres íntegras*
fossem repudiadas
e as despojou do fruto de seus trabalhos.
[16] *Quem lhe der ouvidos não encontra mais descanso*
nem pode viver com tranqüilidade.
[17] *Um golpe de açoite produz contusões,*
mas um golpe de língua quebra os ossos.
[18] *Muitos caíram ao fio da espada;*
mas não tantos como os que pereceram pela língua.
[19] *Feliz quem estiver ao abrigo de seus golpes*
e não estiver exposto ao seu furor;
quem não carregou seu jugo
nem foi preso por suas cadeias.
[20] *Pois seu jugo é jugo de ferro*
e suas cadeias, cadeias de bronze.
[21] *Morte horrível, a morte causada por ela:*
o Hades lhe é preferível.
[22] *Ela, porém, não dominará os piedosos,*
que não serão queimados por sua chama.
[23] *Os que abandonam o Senhor cairão em suas mãos*
e ela os queimará, sem se extinguir;
sobre eles se lançará como um leão,
e os dilacerará, como pantera.

[24a] *Vê, tu como cercas tua propriedade com sebe de espinhos:*
[25b] *faze também para tua boca porta e ferrolho;*
[24b] *guardas sob chave tua prata e teu ouro,*
[25a] *prepara também balança e peso para tuas palavras.*
[26] *Cuida de não deslizares com a tua língua,*
para não caíres diante de quem te espreita.

Esta passagem impressionante é talvez a mais eloqüente que Ben Sirá dedica ao tema da língua. Tiago, na sua abordagem do mesmo tema (Tg 3,2b-10), certamente aqui se inspirou. Notamos duas seções, a primeira, partindo de uma maldição (v. 13), e a segunda, iniciando com uma bem-aventurança (v. 19); uma exortação conclui a passagem.

A maldição do v. 13 remonta às maldições litúrgicas do Dt 28, e é lançada solenemente contra "o murmurador e o homem de duas falas", que tanto perturba os que "viviam em paz..." Nos restantes vv., a língua é de certo modo personificada, sendo descrita como um mal pior do que a morte! Nos vv. 14-15 a expressão original é, literalmente, a "terceira língua", expressão típica do rabinismo posterior para designar quem calunia. A imagem é a de um estranho, um "terceiro", que intervém maliciosamente para alienar, p. ex., da mulher, o marido. Iago, o vilão da tragédia *Otelo,* de Shakespeare, seria o exemplo típico. Assim, a língua pôde - e pode - exilar pessoas, destruir cidades, destronar reis, arruinar casamentos... O v. 16 refere-se p. ex. ao marido que dá ouvidos ao caluniador, e novamente pensamos em *Otelo.*

Os vv. 17-18 e 20-21 são afirmações extremas, que, no entanto, contêm muita verdade. Notar, porém, os textos positivos em que *a palavra,* pronunciada pela língua, é apresentada como espada, sim, mas a serviço da justiça, como em Hb 4,12.

A bem-aventurança do v. 19 celebra com emoção a felicidade daquele que foi preservado, que não foi vítima dos golpes da língua caluniadora, situação, aliás, que o próprio Sirácida experimentou, segundo a sua confissão no final do livro, em 51,2b.5b.6. E o v. 22 assegura essa bem-aventurança aos "fiéis", que não serão "queimados por sua chama", ao contrário dos que "abandonam o Senhor". Notar o caráter escatológico deste pecado e dos seus efeitos, expresso nas imagens empregadas: abismo, fogo que não se apaga, feras que dilaceram.

Os três vv. finais, com imagens expressivas, urgem os discípulos do Sábio a fazerem para suas bocas "porta e ferrolho", para não pecarem com a língua, lembrando a súplica fervorosa de 22,27-23,1: "*Quem porá guarda à minha boca e o sinete da prudência em meus lábios...?*"

7. O EMPRÉSTIMO E A ESMOLA (29,1-20)

[1] *Quem pratica a misericórdia, empresta a seu próximo;*
e quem o ampara pela mão, observa os mandamentos.
[2] *Empresta ao próximo, quando ele precisa;*
por tua vez, paga-lhe tu prontamente.
[3] *Cumpre tua palavra, sê leal a teu próximo*

e, em qualquer tempo, encontrarás o necessário.
[4] *Muitos consideram o empréstimo um achado,*
e deixam os credores em dificuldade.
[5] *Antes de receberem, beijarão as mãos de quem empresta*
e amaciarão a fala sobre as riquezas do próximo;
no dia do vencimento, adiarão a data,
responderão com evasivas e se queixarão do prazo.
[6] *Se puderem pagar, é a custo que o credor receberá a metade*
e deverá considerá-la um achado;
se não puderem, defraudam-no em seu dinheiro
e ele ganha um inimigo de graça;
este lhe retribuirá com maldições e injúrias
e, em vez de reconhecimento, lhe dará desonra.
[7] *Por isso, não por maldade, muitos se recusam a emprestar,*
temendo serem defraudados sem motivo.
[8] *Com o humilhado, porém, sê indulgente*
e não o faças esperar a esmola.
[9] *Devido ao preceito, socorre o pobre;*
segundo sua necessidade, não o despeças de mãos vazias.
[10] *Sacrifica o dinheiro em benefício de um irmão e amigo;*
não o deixes enferrujar inutilmente debaixo de uma pedra.
[11]*Gasta teus bens segundo os preceitos do Altíssimo:*
eles te serão assim mais vantajosos do que o ouro.
[12] *Armazena tua esmola no coração do pobre,*
e ela te livrará de toda desgraça.
[13] *Mais que um escudo forte, melhor do que pesada lança,*
ela combaterá por ti diante do inimigo.
[14] *Um homem de bem se faz fiador de seu próximo;*
mas quem tiver perdido a vergonha o fraudará.
[15] *Não esqueças os benefícios de teu fiador,*
pois se empenhou pessoalmente por ti.
[16] *O pecador dissipa os bens de seu fiador,*
e o ingrato abandona quem o salvou.
[17] *Uma fiança já arruinou a muitos, que eram prósperos*
e os abalou, como a onda do mar;
[18] *já exilou homens poderosos*
e os fez vagar por nações estrangeiras.
[19] *O pecador se oferece para dar fiança*
mas, pretendendo o lucro, se expõe a processos.
[20] *Socorre o próximo segundo tuas posses*
e toma cuidado, para tu mesmo não vires a cair.

Na cultura urbana das cidades helenísticas, incluindo Jerusalém, questões financeiras eram naturalmente importantes, como o são, mais ainda, hoje em dia. Entre essas questões, a do empréstimo e da esmola suscita uma série de problemas.

A Lei mosaica insistia em que os empréstimos, se feitos a um irmão israelita, deviam ser considerados uma obrigação, praticamente como doações temporárias, e não se devia

cobrar nenhum juro sobre eles. Ben Sirá, curiosamente, também não fala dos juros. Mas mostra-se preocupado em conseguir que, os que têm dinheiro, sejam generosos ao emprestar para os necessitados; e, por outro lado, os que receberam emprestado sejam conscienciosos e pontuais no reembolso... Os "mandamentos" aos quais alude, nos vv. 1, 9, 11, são, p. ex., Lv 25,35-37: "*Se o irmão que vive ao teu lado cair na miséria e estiver sem recursos, sustenta-o . .. Dele não receberás nem juros nem vantagens. .. Não lhe emprestes dinheiro a juros nem víveres por usura...*" Também Dt 15,7-8: "*Se houver em teu meio um necessitado entre teus irmãos. .. não endureças o coração nem feches a mão para o irmão pobre. Ao contrário, abre-lhe a mão e empresta o bastante para a necessidade que o oprime...*"

Os vv. 4-5, 6-7 e 14-17 defendem os direitos do generoso credor contra o devedor refratário e trapaceiro. A propósito, notar como é diferente a perspectiva de Jesus no "sermão da Planície", em Lc 6,34, propondo-nos renunciar à preocupação do retorno: "*Se emprestardes àqueles de quem esperais receber de volta, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para deles receberem igual valor...*" Por outro lado, os vv. 8-10 e 11-13 renovam a recomendação da generosidade, praticamente não falando de empréstimo mas já de esmola, a qual, no vocabulário rabínico posterior, passou a ser designada pelo termo *çedaqah,* lit. justiça! A propósito, cf. a redação de Pr 10,2: "*De nada servem tesouros mal adquiridos; a esmola (lit. justiça), porém, livra da morte!*" Da mesma forma, Pr 11,4: "*De nada aproveita a riqueza no dia da ira; a esmola (lit. justiça), porém, livra da morte!*" Notar também a redação do v. 12, segundo a Vulgata (também a NV): “Armazena tua esmola *no coração do pobre*”, mais coerente com o pensamento do autor que o texto gr.: “em teus celeiros”.

As observações sobre a fiança, que é também uma forma de empréstimo e de esmola (vv. 14-19), são apresentadas aqui de maneira bem mais positiva do que em Pr 6,1-5, onde ela é praticamente desaconselhada: talvez, por mudança na estrutura econômica da época, de um livro para o outro.

De resto, as motivações que temos hoje para a ajuda ao próximo multiplicaram-se: além das que o NT nos dá, temos hoje a consciência mais aguda dos direitos humanos, direitos que dão à "esmola", designada pelo vocábulo hebr. *çedaqah,* o seu pleno significado de *justiça,* não só de caridade. Além disso, a ciência do social nos alerta para distinguir entre a mera esmola “assistencialista”, tantas vezes ainda necessária, e a ajuda organizada, promocional, transformadora.

8. AGRURAS DO MIGRANTE (29,21-28)

[21] *Eis o fundamental para viver: água, pão, roupa,*
e casa, para resguardar a própria intimidade.
[22] *É preferível uma vida de pobre sob um teto de madeira,*
a iguarias suntuosas em terra alheia.
[23] *Tanto no pouco, como no muito, mostra-te contente,*
e não escutarás os impropérios da vizinhança estranha.
[24] *Triste vida é ir de casa em casa,*
sem poderes abrir a boca onde moras como estrangeiro.

[25] *Serás recebido como estranho e beberás constrangido.*
Além disso, ouvirás coisas desagradáveis:
[26] *"Vem, forasteiro, prepara a mesa,*
e, se tens alguma coisa em mãos, dá-me de comer".
[27] *Ou: "Retira-te, forasteiro, cede o lugar a outro mais digno!*
Meu irmão veio visitar-me, preciso da casa..."
[28] *São coisas penosas para um homem de bom senso:*
a reprimenda do hospedeiro e o insulto do credor.

As questões econômicas abordadas no trecho anterior - empréstimo, fiança, esmola - servem de transição para esta breve perícope sobre as agruras da vida em terra estranha e em casa alheia... tema tão atual hoje, com o nosso agudo problema dos migrantes, dos sem-terra e sem-teto, como atual o foi para os destinatários da primeira carta de Pedro, "forasteiros da dispersão", (1Pd 1,1). Atual também, embora sublimado, na espiritualidade dos que "não temos aqui morada permanente" (cf Hb 13,14), dos "degredados filhos de Eva", como rezamos, os católicos, na "Salve Rainha".

Para o Sirácida, a questão aqui é muito concreta: trata-se do essencial para se preservar a dignidade da pessoa humana: "água, pão, roupa, casa" (v. 21), ou, como dizemos nós hoje, na América Latina: "casa para morar, terra para trabalhar..."

Os vv. 22 e 23, insistindo naquilo que é suficiente e preferível – a vida frugal na própria casa, a "banquetes em terra estranha" – lembram a oração do Sábio em Pr 30,7-9: "*... Não me dês pobreza nem riqueza. .. não seja que, saciado, eu te renegue... ou, empobrecido, me ponha a roubar e atente contra o nome de meu Deus!*"

Os vv. 24-27 descrevem com franqueza as agruras por que passa um migrante, um hóspede, mesmo naquela cultura em que a hospitalidade costumava ser proverbial: mudanças de domicílio, não poder reclamar, passar por constrangimentos e humilhações... Tudo isso leva à constatação amarga do v. 28, que se reporta também à situação da perícope anterior.

Detalhe interessante é o do termo gr. empregado para a situação analisada: "migrante" é *pároikos*; "vizinhança estranha" *éparoikía*; "viver como estrangeiro" é *paroikein...* quer dizer, os termos da nossa estrutura paroquial, que atualmente representam a fixação da Igreja em determinado lugar, inclusive com construções vistosas, pelo menos funcionais, vêm exatamente de termos que originalmente davam a entender a moradia provisória... Não sei de todos os passos da evolução semântica desses vocábulos - pároco, paróquia, paroquiar, paroquiano - até o seu significado atual, mas pelo menos como sugestão, ainda mais nesta época em que novas estruturas pastorais, p. ex. as CEBs, questionam a paróquia tradicional, quem sabe a lembrança desses significados dos termos originais possa ser inspiradora.

IX. COMENTARIO de 30,1 a 32,13

1. A EDUCAÇÃO DOS FILHOS (30,1-13)

[1] *Quem ama o filho, usa com freqüência o chicote,*
para poder mais tarde alegrar-se com ele.
[2] *Quem corrige o filho, fica satisfeito com ele*
e dele se orgulhará entre os conhecidos.
[3] *Quem ensina o filho, causa inveja ao inimigo*
e, diante dos amigos, se rejubilará por causa dele.
[4] *Se o pai vem a morrer, é como se não tivesse morrido:*
pois, em seu lugar, deixa um filho que lhe é semelhante.
[5] *Na vida, sentiu alegria ao vê-lo;*
na morte, não tem de que se lamentar:
[6] *deixou quem o vingue de seus inimigos*
e retribua os favores a seus amigos.
[7] *Quem trata com moleza o filho, deverá pensar-lhe as feridas*
e, a todo gemido, suas entranhas estremecerão.
[8] *Um cavalo não domado torna-se recalcitrante;*
um filho indisciplinado torna-se atrevido.
[9] *Mima teu filho, e te dará surpresas desagradáveis;*
brinca com ele, e te contristará.
[10] *Não rias com ele, para não teres de com ele chorar*
e não venhas, por fim, a ranger os dentes.
[11] *Não lhe dês liberdade na juventude*
nem feches os olhos a seus erros.
[12] Dobra-lhe o pescoço enquanto é jovem
e vergasta-lhe os flancos enquanto criança;
para que, obstinado, não te desobedeça,
e não te sobrevenha a angústia no coração por causa dele.
[13] *Corrige teu filho e ocupa-te com ele,*
para que não venhas a cair com a sua depravação.

O tema, tocado em 7,23 e 22,3.6, é aqui desenvolvido. E o é numa linha toda coerente com o conceito de educação na Antigüidade: severidade, castigo corporal, distância. Veja-se, a propósito, o conselho de *Ahiqar* siríaco 3,32: "Filho, não arrefeças de bater em teu filho; o castigo na criança é como o estrume no jardim, como a espora no animal, como o ferrolho na porta..." Veja-se também a duríssima passagem de Dt 21,18-21, que chega a determinar a pena capital ao filho rebelde, que "*não quer atender à voz do pai nem da mãe e que, mesmo castigado, se obstina em não obedecer...*"

São conhecidos os princípios do livro dos Provérbios, que tantas vezes inspiram o Sirácida, e uma de cujas passagens é citada e comentada na carta aos Hebreus: "*Meu filho, não rejeites a correção do Senhor, nem te ressintas quando repreendido por ele; pois o Senhor* castiga aquele a quem ama*, como um pai ao filho a quem estima*" (Pr 3,11-12, citado em Hb 12,5-6). Ver ainda, em Provérbios: "*Quem poupa a vara, odeia seu filho;*

mas quem o ama, corrige-o desde cedo" (Pr 13,24); "*Vara e correção dão sabedoria; menino abandonado a si mesmo envergonha sua mãe*" (Pr 29,15) etc.

Mais. É interessante notar que Ben Sirá, que normalmente aborda os dois lados de uma realidade, não esquecendo de apontar o positivo quando lembrou o negativo, e vice-versa (cf. o seu tratamento do tema "mulher", acima, nos cc. 25-26), nesta questão da severidade na educação dos filhos, não hesita. É a linha dura, sem reservas! E isto nos surpreende, por causa da posição contrária da moderna pedagogia. Onde está a verdade: na sabedoria antiga, ou na pedagogia moderna?

É claro que a questão não pode ser decidida aqui em duas linhas. Mas nesta, como em outras questões, a verdade parece estar não na alternativa mas na síntese: nossas famílias modernas, mesmo beneficiando-se das inegáveis conquistas da psicologia e da pedagogia, bem que deveriam redescobrir os sábios conceitos do respeito e da disciplina. Aliás, talvez seja esse o equilíbrio visado por Paulo na carta aos Efésios 6,1-4 onde, após ter recomendado a obediência aos filhos, aconselha os pais a que não dêem "motivo de revolta" a seus filhos, *ou,* como diz a carta aos Colossenses na passagem paralela (Cl 3,21): "*Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não desanimem...*"

De resto, há uma série de detalhes que poderíamos ainda destacar e, sendo o caso, comentar, p. ex., o "chicote" do v. 1; a menção da "vingança dos inimigos" no v. 6 (recordem-se as instruções de Davi moribundo a seu filho Salomão, em 1Rs 2,5-9), "vingança" que, à luz das convicções do autor, p. ex. em 28,1, deve ser entendida antes como "defesa" contra os inimigos; a idéia da sobrevivência do pai no filho, v. 4: o homem, imagem de Deus, gera um filho "à sua imagem e semelhança", Gn 5,3; enfim, a advertência insistente contra os mimos e a demasiada familiaridade e liberdade, nos vv. 9, 10, 11.

2. SAÚDE E ALEGRIA (30,14-25)

[14] *É preferível um pobre, de constituição sadia e vigorosa,*
a um rico, debilitado em seu corpo pela doença.
[15] *A saúde e a boa compleição valem mais que todo o ouro,*
e um espírito vigoroso, mais que imensa fortuna.
[16] *Não há riqueza preferível à saúde do corpo,*
nem felicidade superior à alegria do coração.
[17] *É melhor a morte que uma vida amargurada,*
e o repouso da tumba, que uma doença crônica.
[18] *Boa comida perante uma boca fechada*
é como oferenda de alimentos em cima de um túmulo.
[19] *De que serve a oferenda de frutas para o ídolo?*
Ele não come nem sente o cheiro!
Assim também, quem possui riquezas,
mas não pode desfrutar da sua fortuna:
[20] *olha com os olhos e suspira,*
como suspira o eunuco, abraçando uma virgem.
Assim também, o que pretende estabelecer a justiça pela força.
[21] *Não entregues tua vida à tristeza*

nem te atormentes com tuas preocupações.
[22] *A alegria do coração é a vida da pessoa*
e o contentamento lhe multiplica os dias.
[23] *Engana a ti mesmo e consola o coração:*
expulsa a tristeza para longe de ti.
Pois a tristeza já arruinou a muitos
e não traz proveito algum.
[24] *A inveja e a raiva abreviam os dias*
e as preocupações trazem a velhice antes do tempo.
[25] *Um coração alegre favorece o bom apetite:*
leva a comer com gosto os alimentos.

Ben Sirá aborda aqui valores humanos, do ponto de vista e com motivações humanas, convicto de que esses valores - como a saúde e a alegria - integram perfeitamente o tesouro da Sabedoria, que habita "nas alturas do céu" (24,4) mas não se dedigna de "enraizar-se entre os humanos" (cf. 24,12).

São afirmações e recomendações óbvias, mas preciosas, sobre o valor da saúde e o tesouro que representa, recomendações às quais vai voltar em 37,27-31. Assim os três versículos iniciais, tão verdadeiros, mas nos quais só acredita plenamente aquele que, tendo saúde, a perde: só então é que ele percebe que "mais vale um pobre sadio que um rico doente..." O v. 17 recorda o lamento de Jó 3, preferindo a morte, e o "repouso da tumba", a uma vida amargurada pela doença e a aflição (cf. também Tb 3,6): o homem do AT não tinha outra perspectiva para uma situação assim.

Nos vv. 18-20 as comparações para descrever o rico enfermo são violentas: primeiro, o túmulo, o enfermo já pertence ao reino da morte; segundo, o ídolo (cf. Sl 115,4-6), o enfermo é imagem de nulidade, já não é imagem viva de Deus; terceiro, o eunuco, que já não é membro pleno do povo escolhido... - Notar que o acréscimo, de gr. II, é uma indevida confusão com a mesma imagem que se encontra acima, em 20,4.

Dois vv. exortativos (vv. 21 e 23a) são corroborados por uma série de provérbios que insistem no valor da alegria, da boa disposição do espírito, e na necessidade de cultivá-la. A alegria, para o Sirácida, é como uma saúde interior, que está ameaçada pela doença da tristeza: como esta é uma doença psicológica, é preciso reagir (vv. 21a, 23b), não se atormentar com preocupações (vv. 21b e 24b, cf. a sabedoria de Jesus em Mt 6,25-31: *não se preocupar com o dia de amanhã...*), não alimentar o rancor e a raiva (v. 24a). Até uma motivação higiênica aparece: a alegria ajuda a boa digestão (v. 25).

3. CRÍTICA DA RIQUEZA (31,1-11)

[1] *A insônia provocada pela riqueza faz emagrecer,*
e a preocupação que traz afasta o sono.
[2] *A preocupação da insônia impede o adormecer,*
e uma doença grave afugenta o sono.
[3] *O rico labuta para acumular riquezas*
e, quando quer descansar, enfastia-se de seus prazeres.

[4]O pobre se afadiga para atender às necessidades da vida
e, quando quer descansar, cai na indigência.
[5] Quem ama o ouro, não permanecerá justo;
quem corre atrás do lucro, nele se perderá.
[6] Muitos caíram por causa do ouro,
e sua queda aconteceu diante de seus olhos.
[7] É uma armadilha para os que por ele se entusiasmam,
e todo insensato é nela apanhado.
[8]Feliz o rico que se conservou sem mancha,
e não correu atrás do ouro.
[9] Mas quem é ele, para que possamos parabenizá-lo feliz?
Pois fez coisas maravilhosas no meio do seu povo.
[10] Quem foi experimentado neste ponto e se revelou perfeito?
Isto será para ele motivo de ufania.
De fato, podia ter violado a Lei e não a violou;
podia ter feito o mal e não o fez.
[11] Por isso, hão de ser consolidados os seus bens
e a assembléia proclamará suas benemerências.

Provavelmente o Sirácida em pessoa não era pobre, nem o eram seus discípulos, filhos das "boas famílias" de Jerusalém. Entretanto, mesmo sendo, pelo menos, "remediado", sua crítica da riqueza não deixa de ser clara e enfática, aproximando-se, nisto, dos profetas. Aliás, já em 13,15-24, tratara do tema, analisando os contrastes sociais, exatamente entre ricos e pobres. Aqui, seu ponto de partida parece ter sido o confronto que estabelece entre riqueza e saúde, no capítulo anterior (30,14-15), tema que ele retoma nos v. 1-2, aludindo à insônia trazida pela riqueza.

Embora haja outros valores maiores que o ouro e as riquezas, tanta gente simplesmente se deixa escravizar, como o Sábio mostra nos vv. 5-7. Nesses vv., evidentemente sem poder ir ao fundo das causas, ele insiste em que a riqueza, o ouro, o lucro, são tentadores, desviam da justiça, "fazem cair"... como já alertou em 27,2, quando afirma que o pecado "se introduz entre a compra e a venda" como a cunha entre as junturas (ver toda a secção 26,29--27,2).

Os vv. 3-4 retomam as contradições, com o humor "desarmado" de quem constata serem as coisas assim, ridículas, e contudo aí estão: tanto o rico como os pobres trabalham; quando repousam, o rico goza do que acumulou, enquanto o pobre passa necessidade... "isto é, não pode descansar! Recordem-se os contrastes sociais, já descritos em 13,15-24...

Nos vv. 8-11, porém, surpreende-nos a "bem-aventurança do rico..." Como é possível? Quem é ele? Quem é esse rico que "se conservou sem mancha" e "não correu atrás", antes, foi desapegado, "do ouro"? Notar que "ouro" no texto hebr. original é *mamon,* empregado só aqui no AT e que, na sua forma aramaica *mamoná,* reaparece em Mt 6,24 e Lc 16,9.11.13, designando o dinheiro: "*Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*..." As próprias perguntas repetidas, vv. 9-10, dão a entender que se trata de um fenômeno, uma raridade... mais possível segundo o Sirácida que segundo Jesus, para quem "*é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha*..." (cf. Mt 19,23 prl).

O v. 10 alude à "prova" da riqueza: ela normalmente leva a "violar a Lei" e a "fazer o mal"... Mas Ben Sirá rê que é possível superar a prova,e por isso louva o rico desapegado que "*faz coisas maravilhosas no meio do seu povo*". Resultado: seus bens serão consolidados, e a comunidade proclamará "suas benemerências" (v. 11), possível alusão aos nomes dos benfeitores, inscritos nas paredes das sinagogas (hoje, as placas comemorativas!)... Aliás, no caso do homem rico do evangelho, Mateus não deixa de registrar a observação final de Jesus: "*Para os homens é impossível, mas para Deus tudo é possível*" (Mt 19,26).

Notar como o autor da 1Tm 6,17-19 escreve, em relação aos ricos (da comunidade?): "*Exorta os ricos deste mundo, a que não sejam orgulhosos nem ponham sua esperança nas riquezas volúveis, mas em Deus... Que pratiquem o bem, enriqueçam-se de boas obras, sejam generosos, capazes de partilhar.*." A tais ricos convém, sem dúvida, a bem-aventurança expressa no v. 8.

4. COMIDA, VINHO E BANQUETES (31,12--32,13)

[12] Estás assentado a uma lauta mesa?
Não abras diante dela a tua boca
nem digas: "Que abundância!"
[13] Lembra-te de que é coisa má um olho cobiçoso.
Que há de mais cobiçoso do que o olha?
Por isso, por todas as coisas lhe toca chorar.
[14] Para onde olhar alguém, não estendas a mão
nem te precipites sobre um prato junto com ele.
[15] Avalia os desejos de teu próximo pelos teus,
e sê ponderado em tudo o que fazes.
[16] Come, à maneira de homem polido, o que te for apresentado,
e não mastigues com ruído, para não seres desagradável.
[17] Sê o primeiro a parar, em sinal de boa educação;
não sejas voraz, para não impressionares mal.
[18] Se estiveres sentado entre muitos convivas,
não estendas a mão antes dos outros.
[19] Como é suficiente pouca coisa, para uma pessoa educada!
Depois, ao deitar-te, não ficarás arfando com dificuldade.
[20] Sono sadio depende de comida moderada:
quem assim faz, levanta cedoa e está bem disposto.
Os incômodos da insônia, da náusea e das cólicas
acompanham a pessoa imoderada.
[21] Se foste forçado a exceder-te na comida,
levanta-te, vai vomitar e ficarás aliviado.
[22] Escuta-me, filho, e não me desprezes:
terminarás por compreender minhas palavras.
Sê moderado em todos os teus atos
e nenhuma doença te atingirá.
[23] Muitos exaltam quem é pródigo nos banquetes,
e é digno de fé o testemunho de sua munificência.
[24] A cidade murmura contra quem, ao dar banquetes, é mesquinho,,

e justifica-se a crítica de sua avareza.

[25] *No vinho, não te julgues forte,*
pois o vinho já foi a perdição de muitos.
[26] *A fornalha prova a têmpera do metal que a ela se submete,*
e assim também, nas brigas, o vinho revela os corações dos soberbos.

[27] *Para muitos, o vinho é como a vida,*
mas só se o beberes com moderação.
Que vida leva aquele a quem falta o vinho?
Pois este foi criado desde o princípio para trazer alegria.
[28] *Júbilo do coração e alegria da alma é o vinho,*
tomado oportuna e moderadamente.
[29] *Bebido em demasia, o vinho é amargura,*
pois produz excitação e desequilíbrio.
[30] *A embriaguez aumenta o furor do insensato para o fazer cair,*
diminui-lhe a força e provoca ferimentos.
[31] *Num banquete com vinho não provoques teu próximo,*
nem zombes dele quando está alegre;
não lhe digas palavras injuriosas
nem o incomodes com reclamações.

[32,1] *Foste escolhido para presidir a mesa? Não te enalteças;*
comporta-te entre os convivas como um deles;
cuida de cada um e depois senta-te.
[2] *Quando tiveres desempenhado todo o teu ofício,*
toma teu lugar para te alegrares com eles:
então receberás a coroa, por teu brilhante desempenho.

[3] *Fala, ancião, pois te fica bem,*
mas com ciência acurada e sem impedir a música.
[4] *Durante o espetáculo não derrames as palavras,*
nem ostentes sabedoria em hora inoportuna.
[5] *Sinete de rubi em jóia de ouro,*
tal é um concerto de músicos em banquete de vinho.
[6] *Como num engaste de ouro o sinete de esmeralda,*
tal é a melodia dos músicos acompanhando o vinho delicioso.

[7] *Fala, jovem, se precisas fazê-lo,*
mas não mais de duas vezes, caso sejas interrogado.
[8] *Resume a fala, dizendo muito em poucas palavras;*
sê como aquele que sabe, mas fica calado.
[9] *Nomeio dos grandes não ostentes autoridade;*
e onde há anciãos, não tagareles muitas coisas.
[10] *Como o relâmpago vem antes do trovão,*
À pessoa modesta precederá a simpatia.
[11] *Levanta-te a tempo e não fiques por último;*
volta depressa para casa e não te ponhas a vaguear.

[12] *Em casa, diverte-te e faze o que quiseres;*
mas não peques, dizendo palavras arrogantes.
[13] *Por todas essas coisas bendize Aquele que te criou*
e que te inebria de seus benefícios.

O tema da riqueza conduziu espontaneamente ao dos banquetes, à "lauta mesa" (v. 12), que é um dos privilégios dos ricos... E os discípulos de Ben Sirá, como jovens de "boas famílias", deviam, portanto, ser preparados para se portarem bem quando convidados ou quando oferecessem banquetes. Notar que o Sábio, aqui, embora apegado à cultura do seu povo, sabe adaptar-se: ele considera já aceitas, no seu tempo, as boas maneiras helenísticas, que supunham comensais reclinados em divãs, apoiados no cotovelo esquerdo e utilizando-se da mão direita para se servirem da mesa em frente a eles. Tal era também a prática do NT, segundo o que vemos no relato da última Ceia em João (Jo 13,23-25).

O Sirácida demora-se bastante em seus comentários ao primeiro tema: como deve proceder o *convidado* em relação à comida (vv. 12-22) e, depois da antítese dos vv. 23-24, sobre a prodigalidade ou a mesquinhez *daquele que convida,* passa então a considerar o comportamento em relação à *bebida* (v. 25-31). Segue a terceira parte, que começa com a menção do "mestre de cerimônias" (32,1-2) e depois focaliza o comportamento apropriado para anciãos e para jovens, no desenrolar do banquete, até a saída (32,3-13).

A primeira advertência do Sábio, espirituosa e acertada, nos v. 12-13, é contra o que popularmente chamamos de "olho grande", sendo os olhos a criatura "mais cobiçosa que existe..." Bem por isso, porque é através do olhar que vem o desejo que leva ao pecado (cf. Gn 3,6; Jó 31,1.7; Mt 5,28...), é aos olhos que toca chorar "por todas as coisas" (v. 13). Notar, na 1Jo 2,16, a referência à "concupiscência dos olhos" como um dos três elementos fundamentais do pecado do mundo.

Nos vv. 14-18 há várias normas oportunas de boas maneiras, que se poderiam sintetizar nos dois pontos do v. 15: a) "entende os desejos do próximo pelos teus": interessante versão da "regra de ouro" de Mt 7,12; b) ponderação, medida, equilíbrio. Os vv. 19-20 recomendam a moderação pelo simples motivo prático de que comer menos é mais saudável, garante sono tranqüilo e um despertar em forma... No v. 21, o senso prático do Sirácida aconselha o recurso ao vômito: não para se poder comer *mais,* como entre os romanos, mas no caso de, por delicadeza para com o anfitrião, ter havido excesso.

A antítese dos vv. 23-24 serve de transição para a instrução seguinte, sobre o vinho. Aqui, Ben Sirá está lembrando que a temperança deve ser virtude do convidado, não imposição do anfitrião sovina... Quanto ao tema do vinho, abordado especificamente nos vv. 25-30, o livro dos Provérbios já o tratara, e de maneira ainda mais plástica, em Pr 23,29-35. Aqui, o Sábio segue seu método próprio: de um lado, o vinho é bom, "é como a vida", "não pode faltar", "foi criado para trazer alegria..." (vv. 27-28) mas, por outro lado, o vinho, bebido em excesso, "já foi a perdição de muitos", "revela o coração dos soberbos em rixa", "produz excitação e desequilíbrio", "faz cair o insensato..." O v. 31 retorna à situação do banquete, onde, por causa do vinho, todo cuidado com as provocações é pouco!

Nos vv. 32,1-2 alude-se ao costume helenístico da escolha de um dos convidados como "mestre de cerimônias", ou "mordomo", ou mestre-sala, como o mencionado no episódio das bodas de Caná, em Jo 2,8-10 (cf. também 2Mc 2,27). O Sirácida recomenda, ao escolhido, modéstia e espírito de serviço, acenando-lhe com o prêmio, a "coroa" de felicitações, só no final.

Nos vv. 3-4 temos um paradoxo: embora os velhos gozem de consideração especial entre os sábios, que muito apreciam seus provérbios, aqui, num banquete, Ben Sirá considera mais oportuna a música... Notar, enaltecendo ainda o papel da música num banquete, as belas comparações dos vv. 5-6 (cf. também, mais adiante, 40,20-21).

Mas também os jovens recebem conselhos: discrição, reserva, modéstia (vv. 7-9), concluindo com a surpreendente comparação do v. 10. Finalmente, após as recomendações práticas dos vv. 11-12, vem a bela conclusão do v. 13, típica do humanismo e da fé do Sirácida: o convite a bendizer a Deus "por todas essas coisas boas" como a comida, bebida, banquetes, música, alegria, saúde e benefícios sem conta, dos quais Ele "te inebria..."

X. COMENTARIO de 32,14 a 34,20

1. O TEMOR DE DEUS E A PRÁTICA DA LEI (32,14--33,6)

[14] *Quem teme o Senhor acolhe a instrução;*
e os que o procuram desde a aurora, encontram seu favor.
[15] *Quem perscruta a Lei, nela alcançará a plenitude;*
Enquanto, para o hipócrita, ela é motivo de queda.
[16] *Os que temem o Senhor, emitirão juízos verdadeiros*
e farão brilhar, como a luz, seus julgamentos.
[17] *O pecador não aceita a repreensão*
e encontra pretextos para agir segundo sua própria vontade.
[18] *Quem é prudente não menospreza a reflexão;*
mas o estrangeiro e o orgulhoso não sentem temor algum.
[19] *Nada faças sem refletir,*
mas não mudes de opinião enquanto estás agindo.
[20] *Não andes por caminhos escabrosos*
para não tropeçares nas pedras.
[21] *Não te fies em caminhos sem obstáculos:*
[22] *mesmo com teus próprios filhos toma cuidado.*
[23] *Em tudo o que fazes, vigia sobre ti mesmo:*
pois também isso é guardar os mandamentos.
[24] *Quem crê na Lei observa os mandamentos;*
e quem confia no Senhor não sofrerá dano algum.
[33,1] *A quem teme o Senhor, não acontecerá mal algum,*
e nas provações será sempre libertado.
[2] *A pessoa sábia não odeia a Lei,*
mas quem finge amá-la é como navio na tempestade.
[3] *Quem é inteligente confia na Lei:*
para ele a Lei é tão digna de fé como a resposta do oráculo.
[4] *Prepara teu discurso e serás escutado,*
concatena a tua instrução e depois responde.
[5] *Os sentimentos do insensato são como roda de carro;*
seu raciocínio, como um eixo que gira.
[6] *Amigo debochado é como garanhão:*
relincha, sob qualquer um que o monte.

Esta passagem, semelhante a outras mais diretamente teológicas, espalhadas pelo livro (cf. 1,1-21; 4,11-19; 6,18-37; 14,20--15,10; 16,24--18,14; c. 24), torna a insistir na estreita relação que existe entre o temor de Deus (32,14.16.18; 33,1) e a consulta e a prática da Lei (32,15.23.24; 33,2.3). Não há referência explícita à Sabedoria, já identificada com a Lei no c. 24, embora em 33,2 ele fale da pessoa "sábia"; e os pensamentos são esparsos, alternando-se as considerações em terceira pessoa com uma passagem exortativa na segunda (32,19-23).

Notar como Ben Sirá frisa o personalismo da atitude religiosa: é a busca pessoal de Deus como pessoa, com a prontidão de acolher a sua "instrução" (v. 14a). Mas é preciso

"madrugar", inclusive "despertando a aurora" (cf. Sl 57,9), para "encontrar o seu favor" (v. 14b). Essa procura, porém, se concretiza na consulta da Lei, manifestação concreta da sua vontade, desde que a consulta seja feita com sinceridade, sem hipocrisia (v. 15; cf. as denúncias de Jesus contra a hipocrisia dos doutores da Lei, em Mt 23 e Lc 11).

Atitude paralela à dessa busca e consulta é a do temor de Deus (v. 16), que capacita a julgar e a discernir as circunstâncias da vida, emitindo "juízos verdadeiros" e fazendo "brilhar, como a luz, os julgamentos".

Os vv. 17-18 estabelecem o confronto entre quem é prudente (v. 18a) e o pecador, o "estrangeiro orgulhoso" (v. 18b), que não aceita a correção porque não quer mudar de vida, e não tem o temor de Deus...

A passagem exortativa (vv. 19-23) propõe interessantes normas práticas de ação, especialmente a primeira e a última: nada fazer sem refletir, para não haver arrependimento tardio (v. 19), e agir com autovigilância, "pois também isso é guardar os mandamentos" (v. 23)!

As promessas paralelas de 32,24 e 33,1 estabelecem a equação entre "crer na Lei" (= "observar os mandamentos") e "confiar no Senhor"; e também, mais surpreendentemente ainda, entre "confiar no Senhor" e "temer o Senhor". Isso prova que o temor de Deus não é o medo, o temor servil, mas respeito, como já observamos acima: respeito e confiança, que constituem os dois pólos da autêntica atitude religiosa.

Mais dois pensamentos paralelos sobre o "quem é sábio" e a Lei: ele a ama com sinceridade e nela confia, tanto como na "resposta do oráculo" (alusão ao oráculo dos "Urim e Tumim", proferido pelos sacerdotes, cf. Ex 28,30?). Ao contrário, "quem finge" amar a Lei é "como navio na tempestade": provável alusão às novas correntes que o helenismo difundia então entre os judeus.

O v. 4 parece deslocado: ficaria melhor no c. 32, entre os vv. 7 e 8, que tratam da fala em público, no decorrer de um banquete. Nos vv. 5 e 6, mediante algumas imagens engenhosas, Ben Sirá ridiculariza dois tipos opostos ao sábio: o insensato, cuja instabilidade é comparada à roda do carro e ao eixo que gira, e o "debochado" (o termo exato é difícil de traduzir), intempestivo, sem modos, como cavalo no cio...

2. A DUALIDADE DAS COISAS (33,7-15)

[7] *Por que motivo um dia é mais importante que o outro,*
se a luz dos dias do ano vem toda do mesmo sol?
[8] *É que o conhecimento do Senhor os distinguiu*
e diferenciou as estações e as festas.
[9] *A alguns deles, os elevou e consagrou;*
a outros, deixou como dias comuns.
[10] *Também os humanos vêm do mesmo barro,*
pois da terra Adão foi criado.
[11] *Em sua infinita ciência, porém, o Senhor os distinguiu,*

e diversificou os seus caminhos.
[12] *A uns abençoou e exaltou,*
santificou-os e os aproximou de si;
a outros amaldiçoou e humilhou,
e os derrubou de suas posições.
[13] *Como a argila nas mãos do oleiro,*
que dela dispõe a seu bel-prazer,
assim os *humanos estão nas mãos do seu Criador,*
que lhes retribui segundo seu julgamento.
[14] *Diante do mal está o bem e, diante da morte, a vida;*
assim também, diante do justo está o pecador.
[15] *Contempla, pois, todas as obras do Altíssimo:*
estão duas a duas, uma diante da outra.

Esta breve passagem, de apenas nove vv., é uma penetrante reflexão teológica sobre a dualidade das coisas. Peça capital do pensamento filosófico e teológico do Sirácida, ela se inspira na "divisão" ou "separação" realizada por Deus em sua obra criadora, segundo Gn 1. É também um retorno ao tema já discutido em 15,11-20: o problema da responsabilidade divina pelos vários males, físicos e morais, que existem no mundo. Quanto aos males físicos, a resposta está aqui esboçada com esta "doutrina dos opostos", característica da teodicéia do autor, doutrina que será reafirmada em 39,16-35 e 42,24-25.

Ele começa com uma pergunta propondo o problema (v. 7), à semelhança das quatro perguntas rituais da Ceia Pascal, que provocam o relato da Hagadá do Êxodo. O ponto de partida aqui é a experiência cúltica e cósmica, para a qual se busca o porquê e com a qual se instaura a reflexão do Sábio, que é também teólogo.

E a resposta, nos vv. 8-9, é simples: é porque "o Senhor os distinguiu", consagrando alguns e deixando outros como dias comuns. .. Como o sabemos? Através do Sol e da Lua, esses "luzeiros do firmamento" que Deus criou para "separarem o dia da noite" e para "assinalarem as festas, os dias e os anos" (Gn 1,14). Por isso também só o sábado tem nome especial, os outros dias sendo apenas "numerários": primeiro, segundo, terceiro dia... porque é o sétimo que o Senhor "abençoou e consagrou" (Ex 20,11).

Dos dias passamos para os seres humanos, no v. 10, e aí o problema se complica: se todos têm origem comum do mesmo barro, por que são distintos? A resposta, nos vv. 11-12, paralela à dos vv. 8-9, parece ignorar a posição já colocada no c. 15,11-20, lá insistindo sobre a liberdade humana. Aqui o Sirácida fala na ciência e onipotência divinas: abençoou a uns, a outros amaldiçoou... em última análise, porque Ele assim o quis! É o tema da eleição de Israel, povo consagrado, que aparece, aqui, distinto dos rejeitados pagãos (Paulo vai debater esse problema nos cc. 9-11 da sua carta aos Romanos!); e, no próprio povo escolhido, ainda os eleitos para "se aproximarem" do Senhor, pelo sacerdócio (v. 12a)... – Como conciliar essa eleição divina com a liberdade humana?

O v. 13 tenta responder à pergunta, não aprofundando o dilema mas recorrendo a uma imagem tradicional, a do barro nas mãos do oleiro (cf. Jr 18,1-6; Is 45,9: "*Ai daquele que reclama contra seu Criador, quando é simples vaso de argila... Porventura dirá a argila a quem a molda: 'O que estás fazendo?'* "). Podia ter lembrado também a palavra do Senhor

a Moisés, em Ex 33,19b: "*Eu favoreço a quem quero favorecer, e uso de misericórdia com quem quero usar de misericórdia!*"

Nos vv. 14-15, Ben Sirá tenta a síntese, elaborando uma visão universal regida pela "harmonia dos contrários", tese que ele já expôs em 11,14 e 15,17, e vai tornar a apresentar em 37,18 e 42,24-25. Cf também o *Testamento de Aser* 5,1: "Há em tudo duas coisas, opostas uma à outra: a morte sucede à vida, a vergonha à honra, a noite ao dia, a luz à escuridão..." O Sábio contempla essa "harmonia" e chega à conclusão de que as obras de Deus são boas, mesmo, "muito boas" (cf. Gn 1).

Quanto a nós, admiramos a sua serenidade, mas devemos confessar que ele não chegou a resolver o enigma, embora tenha sabido equacioná-lo... Mais. Essa visão "harmônica" da realidade pode ser ideologicamente perigosa, podendo induzir o leitor a ter de aceitar o fato de que haja fome ao lado da fartura, miséria ao lado da riqueza, analfabetismo ao lado da instrução, doença ao lado da saúde, injustiça ao lado da justiça etc. Não será por isso que uma das afirmações mais perturbadoras de Jesus é justamente aquela em que ele diz que "*não veio trazer a paz, mas a espada*" (Mt 10,34 e seu prl Lc 12,51)? Isto é, em termos mais modernos: ele veio *revelar* o *conflito real* que está por trás dessa aparente harmonia, tendo a intenção expressa de perturbar a falsa "paz" da nossa consciência adormecida.

Primeira conclusão do autor (33,16-19)

[16] *Quanto a mim, fui o último a permanecer em vigília,*
como quem cata uvas atrás dos vindimadores.
[17] *Pela bênção do Senhor adiantei-me*
e, como vindimador, enchi o lagar.
[18] *Vede que não trabalhei só para mim,*
mas para todos os que procuram a instrução.
[19] *Escutai-me, pois, chefes do povo;*
e vós, dirigentes da assembléia, prestai-me ouvidos.

À reflexão teológica sobre os planos de Deus o Sirácida acrescenta uma confissão sobre o próprio trabalho, como no final do elogio da Sabedoria (24,30-34). Ele se apresenta como quem, trabalhando até tarde, sendo o último a deitar-se, tendo chegado à tarefa depois dos outros, é, no entanto, o primeiro a levantar-se, tendo-se avantajado nos resultados. De fato, ele é quase o último autor do AT, e vê diante de si e depois de si muitos outros, "todos os que procuram a instrução" (v. 18). Ele tem consciência de estar recolhendo uma tradição, a qual, porém, é também por ele enriquecida.

São expressivas as imagens dos vv. 16-17, aludindo a do v. 16 ao preceito de Lv 19,10 (também Dt 24,21): "*Não cates os últimos bagos da vinha, nem ajuntes as uvas caídas. Deverás deixá-las para o pobre e o estrangeiro*". A do v. 17 encontra-se num contexto diverso, de ameaça, em Is 63,3: "*Sozinho pisei as uvas no lagar...*" O trabalho de Ben Sirá é posto a serviço dos outros (v. 18), como ele já escrevera em 24,34. E pede a atenção dos "chefes do povo", dos "dirigentes da assembléia" (em gr. *ekklesía,* igreja, v. 19), como o faz também o autor do livro da Sabedoria em Sb 6,1-2.

Com esta bela peroração o Autor parece estar concluindo seu livro. No caso, os dezoito capítulos que seguem seriam um acréscimo, embora do próprio autor, numa espécie de "segunda edição" da obra. Compare-se esta "conclusão" com a conclusão atual do livro, em 50,27-29, redigida em terceira pessoa, de maneira mais impessoal.

3. AUTORIDADE PATERNA E ESCRAVOS (33,20-33)

Como nos cc. 3 e 25, os primeiros ensinamentos do Sábio, nas grandes divisões do seu livro, são consagrados a questões familiares. A ordem e o bem-estar da casa, numa cultura claramente patriarcal, impõem a preservação da autoridade do pai sobre seus familiares e seus bens (v. 20-24), e que ele conduza com firmeza, embora também com humanidade, seus escravos (v. 25-33).

a) Autoridade paterna (33,20-24)

[20] *Ao filho, à mulher, ao irmão, ao amigo*
não dês poder sobre ti durante a vida.
Não dês a outro teus bens,
para não vires depois a arrepender-te e reclamá-los.
[21] *Enquanto viveres e te restar um sopro de vida,*
não te entregues ao poder de ninguém.
[22] *É preferível teus filhos te pedirem,*
a tu mesmo teres de olhar para suas mãos.
[23] *Em tudo o que fizeres, conserva tua autoridade,*
e não manches tua reputação.
[24] *Quando chegar o fim dos dias de tua vida,*
aproximando-se tua morte, então distribui tua herança.

Em seis concisos versículos (embora a numeração conte cinco) Ben Sirá adverte contra a perda de controle dos negócios da casa. A situação visada é provavelmente a de um chefe de família já idoso que poderia, ingenuamente, ir entregando a administração dos seus bens a mãos mais jovens, só para lastimá-lo amargamente depois, quando porém será tarde. Assim, mesmo sem mencionar o termo, o Sábio lembra que a hora de transmitir as posses é o momento da morte, por testamento. Não antes, porque entregar os bens é dar poder sobre a própria vida... como constatou, tragicamente, o velho rei *Lear,* da tragédia homônima de Shakespeare.

É claro que hoje, numa cultura menos patriarcal e menos agrária, e com nossas famílias cada vez mais reduzidas em número, essas observações do Sirácida devem ser relativizadas.

Conservemos delas o que ainda guardam de sã prudência, e ao mesmo tempo estejamos abertos a outros valores, mais preciosos que o dinheiro e o poder, ou melhor, a autoridade, como aliás o próprio Sábio observou mais acima, no c. 29 e no c. 30,14--31,11.

b) Os escravos (33,25-33)

[25] *Para o asno, forragem, vara e carga;*
para o servo, pão, disciplina e trabalho.
[26] *Se o fazes trabalhar com disciplina, encontrarás repouso;*
deixa-lhe as mãos livres, e ele procurará a liberdade.
[27] *Jugo e correia fazem dobrar o pescoço;*
para servo mau, torturas e castigos.
[28] *Lança-o no trabalho, para que não fique ocioso,*
pois o ócio já ensinou muita maldade.
[29] *Aplica-o às tarefas que lhe competem:*
se não obedecer, carrega-o com grilhões.
[30] *Entretanto, não cometas excessos com ninguém,*
e nada pratiques contra a justiça.
[31] *Se tens um servo, seja ele como tu mesmo,*
pois foi a preço de sangue que o adquiriste.
[32] *Se tens um servo, trata-o como a um irmão,*
pois necessitas dele como de ti mesmo.
[33] *Se o maltratares e ele fugir, abandonando-te,*
por qual caminho irás recuperá-lo?

Entre todas as passagens em que encontramos o tema da escravidão nos cinco livros sapienciais (Jó, Pr, Ecl, Sb e Sr), passagens normalmente breves, esta é a mais longa, com um total de nove versículos. É uma perícope que começa de maneira concisa e dura, cotejando o escravo com o burro de carga (v. 25)! É este v., aliás, que serviu de base para interessante obra do jesuíta italiano Jorge BENCI, missionário no Brasil e contemporâneo de VIEIRA, com o título seguinte: *"Economia cristã dos Senhores no governo dos escravos, deduzida das palavras do c. 33 do Eclesiástico... e reduzida a quatro discursos morais..."* (publicada na Bahia em 1700 e/ou Roma, em 1705, em plena época da escravidão negra, no Brasil-Colônia).

Pois bem. O Sirácida escreveu numa época turbulenta, em pleno período helenista, com guerras das quais resultava freqüentemente o tráfico de escravos, como sabemos, p. ex., de 2Mc 8,10-11: "Nicanor tinha-se proposto, *com a venda dos judeus* a serem aprisionados (na campanha contra Judas Macabeu), levantar a quantia de 2 mil talentos..."

O termo empregado pela texto gr. é sempre *oikétes,* servo da casa, jamais *doûlos,* escravo, embora o tratamento proposto seja mais para escravos do que para servos... E o assunto já é abordado em 7,20-21, de maneira positiva e humana, embora num teor utilitário: "*Não maltrates o servo que trabalha com fidelidade, nem o assalariado que se empenha plenamente. Que tua alma ame o servo diligente: não lhe recuses a liberdade*..." No entanto, na estranha comparação de 23,10, Ben Sirá supõe com naturalidade que se golpeie ou chicoteie o servo, a ponto de lhe ficarem marcas! Também em 42,5b, a última advertência que ele nos dá, sobre filhos e servos, é uma convicta injunção à severidade: "*Não te envergonhes da constante correção, disciplina, dos filhos, nem de fazer* sangrar (sic!) *as costas do servo mau*..."

Quanto a esta perícope (33,25-33), nota-se logo a característica do equilíbrio do Sábio: nos vv. 25-29 usa de pragmatismo e rigor, enquanto na segunda parte, vv. 30-33, aconselha a moderação, embora por razões utilitárias (cf. v. 32). O regime de trabalho constante, sem folga, é justificado com vários argumentos; da mesma forma, o recurso aos castigos, aos grilhões mais pesados. Entretanto, que tudo se faça "moderadamente", sem excessos, e nada "contra a justiça", segundo o que ele nos lembra no v. 30, possivelmente aludindo ao direito, o *mishpat* dos escravos, em Ex 21, Lv 25 e Dt 15. Quanto ao rigor para com os escravos relapsos, o Sirácida não faz mais que desenvolver e tirar as conseqüências práticas de Pr 29,19: "*Um escravo não se corrige com palavras, pois ele entende - mas não atende...*" Também Pr 26,3 já dissera, embora não referindo-se diretamente aos escravos: "*Para o cavalo o chicote; para o jumento o freio; e a vara, para o dorso dos insensatos...*"

Mas vejamos, nesta perícope, alguns detalhes. No v. 25 chama a atenção, como já observamos acima, a dureza e a laconicidade da equiparação entre o asno, animal de carga, e o servo. Os termos, escolhidos com cuidado, distinguindo-se o que é para o asno - a forragem, a vara e a carga - do que convém ao escravo: o pão, a disciplina e o trabalho. O missionário jesuíta BENCI, citado acima, observará a propósito que "pão" não é só o alimento corporal, mas também a instrução para o espírito e também a veste para o corpo, e o tratamento em caso de doença. Da introdução do seu livro, também já citado, creio ser útil transcrever o que segue:

> "Mas que obrigações pode dever o senhor ao servo? O mesmo Espírito Santo no-las dirá; o qual, distinguindo no Eclesiástico o trato que se há de dar ao jumento e ao servo, diz que ao jumento se lhe deve dar o comer, a vara e a carga. .. e que ao servo se lhe deve dar o pão, o ensino e o trabalho... Deve-se, diz o Eminentíssimo Hugo, o pão ao servo, para que não desfaleça; o ensino, para que não erre; e o trabalho, para que se não faça insolente... E assim, nestas três palavras, *pão, ensino, trabalho,* se compreendem todas as obrigações, que não são poucas, as que devem os senhores aos servos. Por isso, nelas fundarei os discursos desta *Economia Cristã,* em que pretendo instruir aos senhores, especialmente aos do Brasil, no modo como devem tratar os escravos, para que façam distinção entre eles e os jumentos; a qual certamente não fazem os que só procuram tirar deles o lucro..." *("Economia Cristã..."* Introdução, n. 8-11, p. 50-52).

Mas voltemos ao Sirácida, à perícope em questão, v. 26: ele aconselha regime intensivo de trabalho, "com disciplina", para evitar ao patrão aborrecimentos tais como a fuga do escravo ou, no v. 28, para impedir a sua ociosidade. No v. 27, de novo a dureza lacônica: "*Jugo e correia fazem dobrar o pescoço...*" E, nos vv. 28 e 29, a insistência em manter o escravo ocupado, aplicado às tarefas que lhe competem: "*Caso não obedeça, carrega-o com grilhões...*"

No v. 30, praticamente sem transição após a rudeza anterior, encontramos a importante advertência à moderação e a "nada praticar contra a justiça", isto é, a não infringir o já mencionado *mishpat* do escravo. Nos vv. 31 a 33, Ben Sirá contempla o caso específico do pequeno proprietário que tem um só escravo e que "por isso" deve tratá-lo "como a si mesmo" ou "como a um irmão", embora por razões utilitárias: é porque ele custou preço de sangue (alusão a um cativo de guerra?) e porque é indispensável... Caso fuja devido aos maus tratos, será impossível recuperá-lo, pois a Lei protegia a fuga do escravo, segundo Dt 23,16-17.

Conclusão. Como entender que um texto como esse, sendo inspirado, portanto sendo "palavra de Deus" para nós, certamente contribuiu para manter e justificar e, até certo ponto, sacralizar essa terrível negação da dignidade humana, que é a escravidão? - Uma parte da resposta está em que esses textos *não são toda* a "palavra de Deus": isto é, eles não deveriam ser manipulados isoladamente, fora do seu contexto, especialmente do contexto da revelação consumada no NT. Outra parte da resposta está em que a "palavra de Deus", na sua vertente humana, é histórica, condicionada à civilização e à cultura na qual se encarnou; e a pedagogia divina foi pacientemente, lentamente, instruindo seu povo, embora se possa perguntar por que não agiu mais rápido, antes, mais cedo. E ainda outra parte da resposta está no fato de que a Inspiração move os escritores humanos sem, porém divinizá-los: a palavra de Deus submete-se a expressar-se na linguagem humana com todas as suas limitações menos o erro (cf. *"Divino Afflante"* n. 20, lembrando a analogia com a Encarnação), e essas limitações infelizmente são carregadas de imperfeição.

Em suma, estamos aqui diante de um enigma: como foi possível que se levasse tanto tempo, inclusive quase dois mil anos de cristianismo e de Eucaristia, após mais de mil anos de mosaísmo, para a humanidade se dar conta de que a escravidão é uma injustiça, uma discriminação, um absurdo que brada aos céus? No entanto, a última pergunta: Será que hoje, nós que condenamos nossos antepassados - e não podemos justificá-los! - não praticamos outras formas, mais subtis, mas não menos afrontosas à dignidade humana, de escravidão?

4. OS SONHOS (34,1-8)

[1] *O imbecil alimenta esperanças vãs e ilusórias,*
e os sonhos dão asas aos insensatos.
[2] *Como quem pretende agarrar uma sombra, ou correr atrás do vento,*
assim é o que dá atenção aos sonhos.
[3] *Um simples reflexo, eis a visão dos sonhos:*
é como a imagem do rosto num espelho.
[4] *Do impuro, o que de puro pode sair?*
e do falso, o que de verdadeiro?
[5] *Adivinhações, augúrios e sonhos são coisas vãs,*
como as imaginações da mulher em dores de parto.
[6] *A menos que te sejam enviados pelo Altíssimo numa sua visita,*
não lhes entregues teu coração.
[7] *Pois os sonhos já enganaram a muitos,*
e caíram os que neles depositaram sua confiança.
[8] *A Lei, pelo contrário, é completa sem tais mentiras,*
e na boca sincera a sabedoria é perfeita.

Estranha-se, à primeira vista, a decidida condenação dos sonhos, pelo Sirácida. Ainda mais que hoje, pelos estudos de Freud e da psicanálise, tanta coisa se descobre através deles... Nas culturas antigas, é claro que por outros meios e outras motivações, os sonhos sempre foram considerados fontes preciosas de comunicação de conhecimentos ocultos, merecendo por isso especial atenção.

Na Bíblia, temos duas atitudes contrastantes: 1) em princípio, a legislação deuteronômica adverte, em Dt 13,2.4.6, contra o “falso intérprete de sonhos”, equiparando-o ao “falso profeta”, e em Dt 18,9-14 condena o recurso aos presságios, adivinhações, recromancia etc, como prática idolátrica, condenação logo seguida pela promessa do verdadeiro profetismo (Dt 18,15-19). Também Jeremias polemiza contra os pretensos profetas que apelam a seus sonhos contra a palavra de Deus, cf. Jr 23,15-18 e Jr 29,8-9: "*Não vos deixeis enganar pelos vossos profetas... nem pelos vossos adivinhos, e* não escuteis os sonhos que sonhais. *Pois eles vos profetizam mentiras em meu nome, e eu não os enviei!*"; 2) no entanto, a passagem de 2Sm 28,6, a propósito de Saul, como na prática o fizera o livro do Gênesis e, depois, a apocalíptica (cf o livro de Daniel, que, como livro, é posterior ao Sirácida, p. ex. Dn 2), reconhece os sonhos como possível meio de comunicação divina. Recorde-se, no Gênesis, o sonho de Jacó em Betel, Gn 28,12-15; igualmente, os sonhos de José, Gn 37,5-10; os sonhos dos servos do Faraó e do próprio Faraó, em Gn 40-41 etc.

Ben Sirá se posiciona claramente na linha deuteronômica, exatamente porque está convencido, como o deuteronomista, de que "a Lei é completa" e que, na boca sincera, entende-se, do sábio, "a Sabedoria é perfeita" (v. 8). Notar que, aqui, ele não menciona explicitamente a profecia, embora certamente a inclua na Sabedoria e na Lei.

Alguns detalhes ainda. As imagens do v. 2 lembram as de Is 29,8: "*E lhes acontecerá como ao faminto, que sonha que está comendo, mas ao acordar sente o estômago vazio; ou como ao sedento, o qual sonha que está bebendo, mas quando acorda sente a boca seca...*" O v. 6 contém a única ressalva, certamente levando em conta as referências positivas aos sonhos no livro do Gênesis: "*a menos que te sejam enviados pelo Altíssimo...*"

De resto, a decidida repulsa do Sábio às "adivinhações, augúrios e sonhos" (v. 5) conserva sua plena atualidade entre nós, em nossa época da informática e da cibernética, mas ainda tão atenta aos horóscopos!

5. VIAGENS, PROVAÇÕES E SEGURANÇA DO SÁBIO (34,9-20)

[9] *O homem viajado vem a conhecer muitas coisas*
e o experimentado fala com inteligência.
[10] *Quem não passou por provações, pouco sabe;*
[11] *mas quem viajou tem grande habilidade.*
[12] *Vi muitas coisas em minhas viagens,*
e minha compreensão ultrapassa minhas palavras.
[13] *Muitas vezes estive em perigo de morte,*
mas fui salvo graças a estas coisas:
[14] *O espírito dos que temem o Senhor viverá,*
[15] *pois esperam naquele que os salva.*
[16] *Quem teme o Senhor não tem receio de nada:*
e não se acovarda, pois Ele é a sua esperança.
[17] *Feliz aquele que teme o Senhor!*
[18] *Em quem se apóia? Qual o seu sustentáculo?*
[19] *Os olhos do Senhor estão voltados para os que o amam:*

ele é escudo poderoso e firme baluarte,
proteção contra o vento escaldante e abrigo contra o ardor do meio-dia,
defesa contra os tropeços e auxílio contra as quedas.
[20] *É ele quem ergue o ânimo e ilumina os olhos,*
e concede saúde, vida e bênção.

Após a decidida rejeição dos sonhos como fonte de conhecimento, Ben Sirá refere-se brevemente às viagens, como experiência enriquecedora e, mesmo, fonte de Sabedoria. E isso duplamente: pelas provas e perigos a que está sujeito o viajante, e pelas novas e diferentes situações que experimenta. Amante da genuína tradição do seu povo, mas ao mesmo tempo aberto aos novos valores, e vivendo numa época em que a disseminação de comunidades judaicas pelo Oriente Próximo (= a "diáspora") já é uma realidade, ele exalta o valor formativo das viagens para quem ama a Sabedoria. Ele não sente a fidelidade à terra da Palestina como imobilidade; a diáspora judaica abriu muitas janelas, reavivando no seu povo a velha experiência nomádica... Quanto ao próprio Sirácida, algumas de suas viagens talvez tiveram caráter oficial, como o dá a entender a referência possivelmente autobiográfica de 39,4, no meio do "elogio do escriba".

A perícope se divide claramente em duas partes: vv. 9-13 sobre as viagens e provações, e vv. 14-20 sobre a proteção de Deus. E a primeira também se subdivide facilmente: vv. 9-10 contendo afirmações em terceira pessoa, e vv. 11-12 sendo autobiográficos. Pena que não há detalhes de tempo e lugar, ficando o leitor em suspense quanto às "muitas coisas" vistas, aos muitos "perigos de morte", bem menos detalhados que os de Paulo na sua segunda carta aos Coríntios (2Cor 11,26). O final do v. 13, embora as traduções interpretem diferentemente uma expressão ambígua, a meu ver é a transição óbvia para a segunda parte da perícope: o Sirácida se declara salvo "graças" à proteção divina, que ele vai celebrar no texto salmódico seguinte.

Também esta segunda parte se subdivide claramente: a três sentenças sobre os *que temem o Senhor* (v. 14-18) seguem três sentenças sobre a proteção de Deus para *aqueles que o amam* (v. 19-20). É interessante notar que a menção do *"temor* de Deus" logo após a referência às viagens e provações é como uma volta à terra firme, ao ponto de partida da Sabedoria, que é exatamente o temor de Deus (cf. 1,11-21).

Notar o paradoxo do v. 16: *quem teme* o Senhor *não teme* nada! No v. 17 temos uma bem-aventurança, completada pelas perguntas retóricas do v. 18. Na última secção, a proteção divina é expressa mediante títulos que se encontram nos salmos, p. ex.: "escudo", Sl 3,4; 18,3; "baluarte", Sl 27,1; 28,7; "proteção e abrigo", Sl 27,5; 31,21; "defesa e auxílio", Sl 33,20 etc. Enfim, é bela a síntese final, acumulando os dons divinos: encorajamento, clarividência, saúde, vida, bênção.

XI. COMENTARIO de 34,21 a 36,22

1. O VERDADEIRO CULTO (34,21--35,22a)

Temos aqui uma das passagens mais famosas de Ben Sirá, o sábio que se mostra também profeta. Abordando com originalidade a problemática já equacionada nos conhecidos textos de Am 5,21-25; Is 1,11-17; Mq 6,7-8; Sl 50,7-15 e, síntese de todos, Os 6,6: "*Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios; o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos*", Ben Sirá denuncia com veemência o falso culto, o culto "manchado" pela injustiça (34,21).

É sabido que todas as grandes religiões da humanidade têm combinado e combinam de vários modos a prática do **culto externo**, no qual a adoração, o louvor e as súplicas são dirigidos à divindade, com regras de **conduta social**, que visam o relacionamento justo e fraterno entre as pessoas. Como o culto é normalmente mais fácil, enquanto a ética tem suas exigências constantes que mexem com o nosso comodismo e as nossas vantagens pessoais, a tendência normal é superestimar o culto, e subestimar a ética; ou melhor, tentamos enganar a nós mesmos achando-nos quites com Deus porque lhe "oferecemos sacrifícios", cumprindo "suas", tantas vezes nossas, leis rituais, embora pratiquemos a injustiça ou simplesmente nos omitamos ante as necessidades do próximo.

Já o livro dos Provérbios havia expresso esta verdade: "*O sacrifício dos ímpios é abominação diante do Senhor, mas a oração dos retos é do seu agrado*" (Pr 15,8). Ainda nos Provérbios: "*Os sacrifícios dos ímpios são abomináveis: tanto mais porque oferecidos criminosamente*" (Pr 21,27). O Sirácida desenvolve com originalidade, como dissemos, esta doutrina, ao longo de 22 versículos, que podemos estruturar da seguinte maneira:

1.1. Culto e Justiça: 34,21-31
1. 2. Os sacrifícios aceitos: 35,1-13
1.3. Os gritos do pobre: 35,14-22a

Nessa estrutura notamos novamente o que é típico do Sirácida, a sua consideração dos *dois aspectos,* normalmente antitéticos, da mesma realidade, como é o caso da sua abordagem do tema da mulher, acima, em 25,13--26,27. Aqui, após expressar a sua denúncia profética dos sacrifícios injustos, "manchados", em 1.1., ele descreve os sacrifícios aceitos, em 1.2., para voltar a denunciar os sacrifícios injustos, em 1.3. Inclusive poderíamos ter a tentação de considerar 1.2. uma interpolação, um acréscimo cultual posterior, uma vez que a leitura poderia proceder naturalmente de 1.1. a 1.3... Mas o caso é que todos os manuscritos do texto original e das versões têm o texto integral assim como o apresentamos, de modo que essa hipótese da "interpolação" não se sustenta. E, como já dissemos, faz parte do pensamento de Ben Sirá essa contraposição dos dois aspectos, antitéticos, mas complementares, dos seus temas. Assim, prossigamos na análise de todo o nosso texto.

1.1. Culto e justiça (34,21-31)

[21] O *sacrifício de bens injustos* é *uma oferta manchada:*
[22] *Os dons dos iníquos não são bem aceitos.*
[23] O *Altíssimo não se compraz nas oferendas dos ímpios;*
e *não* é *pela abundância das vítimas que perdoa os pecados.*
[24] *Imola* o *filho na presença do pai*
quem oferece sacrifício com os bens dos pobres.
[25] O *pão dos indigentes* é *a vida dos pobres:*
quem dele os priva, é *sanguinário.*
[26] *É assassino do próximo*
quem lhe rouba os meios de subsistência;
[27] *derrama sangue, quem priva o assalariado do seu salário.*
[28] *Um edifica, outro destrói:*
que proveito tiram, senão a aflição?
[29] *Um faz oração, outro profere maldição:*
de quem o *Soberano escutará a voz?*
[30] Se *alguém se purifica do contacto* com *um morto* e *de novo* o *toca,*
de que lhe serve ter-se lavado?
[31] *Assim* é *quem jejua por seus pecados*
e *torna a cometer as mesmas faltas:*
quem escutará sua oração? de que serviu-lhe ter-se humilhado?

Apesar de tudo o que denuncia no culto formalista, falso, vão, o Sirácida tem alto apreço pelo Templo, o sacerdócio, os sacrifícios, como se demonstra não só pelo seu incentivo à generosidade nos dízimos e ofertas, logo a seguir (35,6-12), mas também pelo entusiasmo com que descreve a liturgia solene do Sumo Sacerdote Simão, no final, como num clímax, do seu livro (50,1-21). Por isso mesmo ele se indigna com o sacrifício de "bens mal adquiridos, injustos", que são como uma "oferta manchada", "defeituosa" (como adverte Lv 22,20s), ou, como vários mss lêem, uma "oferta de escárnio", que zomba do Deus justo. O v. 23b alerta contra o equívoco, já denunciado por Am 5,22b ("animais cevados"), de pretender o favor de Deus com a abundância das oferendas... como se a ele já não pertencessem as feras das selvas e os animais das montanhas (cf. Sl 50,10).

O v. 24, cuja atordoante denúncia continua nos três v. seguintes, foi a palavra de fogo que martelou a consciência do clérigo *Bartolomeu de las Casas,* segundo seu próprio testemunho na "História de las Índias" (onde o texto é citado integralmente por três vezes: no livro I, c. 24; no livro II, c. 63; e no livro III, c. 79), fazendo-lhe ver a horrível incongruência entre as Missas e demais atos de culto dos espanhóis na descoberta/invasão da América, a saber, entre seus atos de "piedade católica", e a escravidão/exploração/morticínio dos indefesos indígenas. Pois isto era o mesmo que *"imolar* o *filho na presença do pai"!* Crime hediondo, o raciocínio de Ben Sirá é o seguinte: como os pobres são especialmente caros a Deus, são seus filhos prediletos, e explorá-los equivale a matá-los (v. 25-27), oferecer o fruto dessa exploração é como perpetrar esse assassinato no momento da oferta... Assim, de vários modos Ben Sirá chama de assassino ao rico que explora seus empregados e, depois, com seus ganhos iníquos, oferece sacrifícios: *"derrama sangue, quem priva o operário do seu salário"* (34,27). Notar um poderoso eco dessa denúncia no NT, na advertência profética de Tiago aos ricos: "*O salário dos trabalhadores, que ceifaram vossos campos, retido por vós, brada aos céus! E os gritos dos trabalhadores chegaram até os ouvidos do Senhor dos exércitos!*" (Tg 5,4).

Nos vv. 28 e 29 se contrapõem rico e pobre: o rico destrói o que o pobre edifica, o rico ora (lit. "*bendiz*": é a "bênção" que inicia a oração judaica) e o pobre amaldiçoa (lit. "*maldiz*"), e o resultado só pode ser a aflição. Os vv. seguintes, 30 e 31, insistem na sinceridade da conversão: purificações e jejuns servem somente se forem sinais autênticos de verdadeira conversão! Aliás, quanto ao "jejum" que Deus quer de nós, não esqueçamos o esclarecimento do III Isaías: "*Acaso o jejum que eu prefiro não é: desatar as cadeias injustas...?* (Is 58,6-7)

1.2. Os sacrifícios aceitos (35,1-13)

1 *Observar a Lei é multiplicar as oferendas;*
2 *sacrifício de comunhão é cumprir os mandamentos.*
3 *Praticar a bondade é como oferecer flor de farinha;*
4 *dar esmola é oferecer um sacrifício de louvor.*
5 *Afastar-se do mal, eis o que agrada ao Senhor;*
sacrifício de expiação é apartar-se da injustiça.
6 *Mas não te apresentes diante do Senhor, de mãos vazias,*
7 *pois todas essas coisass lhe são devidas por seu mandamento.*
8 *A oferenda do justo é como a gordura sobre o altar,*
e seu perfume se eleva até o Altíssimo.
9 *O sacrifício do justo é bem aceito,*
e a sua lembrança não será esquecida.
10 *Glorifica o Senhor com generosidade*
e não sejas mesquinho em oferecer-lhe as primícias de tuas mãos.
11 *Em todas as ofertas mostra alegria no rosto*
e consagra o dizimo com prazer.
12 *Dá ao Altíssimo de acordo com o que te deu,*
com generosidade, segundo tuas posses.
13 *Pois o Senhor é alguém que retribui,*
e retribuirá sete vezes mais.

Agora, após a "tese" de 1.1., vem a "antítese": após a crítica aos sacrifícios injustos, o Sirácida vai incentivar a generosidade nas oferendas feitas com retidão (vv. 6-13), não porém sem antes lembrar que a observância da Lei equivale aos mais recomendados tipos de sacrifícios rituais (vv. 1-5). Assim é lembrado o sacrifício "de comunhão", ou "de paz", descrito em Lv 3,1s; a oferta da "flor de farinha", descrita em Lv 2,1s; o sacrifício "de louvor", que era uma forma de sacrifício "de comunhão", oferecido em ação de graças, cf. Lv 7,12-21. Finalmente, o sacrifício "de expiação", cujas várias formas são descritas nos cc. 4 e 5 do mesmo livro do Levítico, é sobrepujado pela decidida rejeição da injustiça: "*sacrifício de expiação é apartar-se da injustiça*" (v. 5b).

Feitas essas observações, Ben Sirá recorda que esses sacrifícios rituais são obrigatórios "por seu mandamento" (v. 7), isto é, pelo mandamento de Deus, e que ninguém deve apresentar-se diante do Senhor, a saber, no Templo, "de mãos vazias", lit. "vazio", recordando a norma explícita em Ex 23,14-17; 34,20 e Dt 16,16. Os vv. 8-9

contrastam belamente com as severas advertências de 34,21-31: se os sacrifícios do injusto são uma afronta ao Senhor, os sacrifícios do justo agradam-lhe sobremaneira.

Nos vv. 10-11 o Sirácida expressa a sua convicção e, provavelmente, a sua prática em relação às ofertas e dízimos: é preciso ser generoso, não mesquinho, nos dons para o culto, demonstrando alegria sem constrangimento, como Paulo irá lembrar aos coríntios, ao pedir-lhes generosidade na coleta pelos pobres: "*Deus ama a quem dá com alegria*" (2Cor 9,7). Finalmente, uma motivação teológica no v. 13: Deus não se deixa vencer em generosidade e retribui, "sete vezes mais", o que tivermos dado. Vale a pena citar aqui o comentário de ALONSO-SCHÖKEL: "A dialética da graça ou dom divino é admirável: ele começa dando, o homem responde ofertando do recebido, Deus torna a dar multiplicando".

1.3. Os gritos do pobre (35,14-22a)

[14] *Mas não tentes corrompê-lo com presentes,*
pois não os aceitará.
[15] *E não confies em sacrifícios injustos,*
pois o Senhor é juiz, e não faz acepção de pessoas.
[16] *Não tem preferência por ninguém em detrimento do pobre,*
mas escuta, sim, os rogos do injustiçado.
[17] *Não despreza a súplica do órfão,*
nem da viúva que extravasa suas queixas.
[18] *Não correm as lágrimas da viúva por suas faces*
[19] *e seu clamor não acusa quem as faz cair?*
[20] *Quem está amargurado será bem acolhido,*
e suas súplicas subirão até as nuvens.
[21] *A prece do humilhado atravessa as nuvens:*
enquanto não chegar, não terá repouso;
e não descansará, até que o Altíssimo intervenha,
[22a] *faça justiça aos justos e execute o julgamento.*

Mas, e aí vêm novas advertências - volta a "tese" de 1.1. contra o culto formal, contra a oferta de bens injustamente adquiridos (v. 15) e contra a exploração dos pobres e oprimidos, da viúva e do órfão (vv. 16-17). Para isso, ele retoma o já dito em 34,21-29: "*Não tentes corrompê-lo com presentes*" (v. 14), pois o Senhor é juiz que não faz acepção de pessoas (v. 15) e, como diz o texto hebr. mais lapidarmente, "ele é o Deus da justiça", o Deus justo!

A quem faz o Sirácida tão graves advertências? a quem está aludindo, nesta instrução dirigida a seus discípulos, moços das boas famílias de Jerusalém? Que fatos concretos, que prática é denunciada nestes versículos tão incisivos? Estariam implicados aqui os dominadores estrangeiros, os Selêucidas ou, pelo menos, seus colaboracionistas judeus? Nota-se que o horizonte das denúncias do Sábio vai alargando-se nesta perícope, até desembocar numa afirmação confiante da intervenção divina contra os opressores (v. 22b-26), e na veemente súplica pela libertação nacional no c. 36,1-22.

Os vv. 16-19 expressam a certeza de que Deus, que não favorece o rico injusto (vv. 15-16), certamente opta pelos pobres, e não deixa de escutar as súplicas do injustiçado, do

órfão, da viúva, como o afirmará também Jesus em Lc 18,1-8. De fato, falando aos discípulos sobre a "*necessidade de orar sempre, sem desanimar*", ele contou-lhes a parábola do juiz iníquo, que acabou por atender à viúva insistente... Ora, conclui Jesus: muito mais Deus, que é justo, fará sem demora justiça "*aos seus eleitos, que a ele clamam noite e dia!*" (cf. Lc 18,7s).

Continuando o pensamento, Ben Sirá afirma que a oração do "amargurado" (tradução conjectural do v. 20a) e do "humilhado" (melhor que "humilde", no v. 21) chega com certeza até Deus "atravessando as nuvens", isto é, desfazendo a inacessibilidade divina da qual se queixa o autor da terceira das Lamentações: "*De uma nuvem te envolveste, para que a oração não chegue a ti...*" (Lm 3,44) E "não descansa", como não descansou a viúva da parábola de Jesus, já lembrada acima, enquanto o Altíssimo não intervém e não restabelece a justiça (vv. 21-22a). ALONSO-SCHÖKEL assim sintetiza esta passagem: "O rico ofereceu a Deus ricos sacrifícios, à maneira de suborno, enquanto o pobre oferece suas lágrimas e gritos e sede de justiça. Deus atende ao pobre, e esta é a sua justiça".

2. A RESPOSTA DE DEUS (35,22b--36,22)

Tendo analisado a expressão cultual da fé que são os sacrifícios no Templo, com seus negativos e seus positivos, e manifestando a certeza de que a oração dos oprimidos é sempre ouvida, o Sirácida alarga seus horizontes e assume o papel de porta-voz do seu povo, em dois momentos: 1) anunciando profeticamente a intervenção justiceira de Deus, a acontecer sem tardança (35,22b-26); e 2) fazendo ele mesmo uma súplica veemente para que essa intervenção aconteça logo (36,1-22).

O texto é tão intenso, tão patético, que supõe um momento de forte tensão nacional, do qual o restante do livro não apresenta outros indícios. Seria o momento da passagem da Palestina para os Selêucidas, da Síria, por ocasião da batalha de Pânion em 200 a.C, na qual Antíoco III venceu o exército egípcio? Seria um texto produzido depois do Sirácida, p. ex. durante a perseguição de Antíoco IV Epífanes, quando teve início a rebelião dos Macabeus em 167 a.C? O fato é que a passagem está toda embasada na imagem do Deus guerreiro, vingador do seu povo, que aparece no Sl 78,65s e no cântico de Habacuc (Hab 3), além de em Ex 15.

2.1. Deus não tarda em defender o seu povo (35,22b-26)

22b *Pois o Senhor não tardará*
e não terá mais complacência com eles,
até que tenha quebrado as costas dos desapiedados
23 *e exercido sua vingança contra as nações;*
até que extermine a multidão dos insolentes
e despedace o cetro dos injustos;
24 *até que retribua aos soberbos segundo suas ações,*
e as obras de cada um segundo suas intenções;
25 *até que faça justiça perfeita a seu povo*
e o encha de júbilo por sua misericórdia.

[26] *Sim, bem-vinda a sua misericórdia no tempo da tribulação,*
como as nuvens de chuva no tempo da seca.

Já na primeira parte do v. 22 está feita a transição do nível individual (até o v. 21) para o nível coletivo. O tempo da paciência terminou, e vem o dia da ira, da *vingança* de Deus (v. 23a: cf. Is 61,2 e 63,4...), que "toma a defesa do seu povo" (Is 51,22) e "quebra as costas dos desapiedados" (v. 22b), aplicando-lhes a lei do talião: não tiveram misericórdia, não encontrarão misericórdia (cf. Mt 6,14s). Tais expressões e sentimentos nos perturbam, habituados que estamos à proposta de Jesus, que ensinou e praticou o perdão, mesmo para os inimigos (cf. Lc 6,27-36; 23,34). Como, aliás, no mesmo Deus, conciliar misericórdia e justiça? A propósito, Tiago, na sua carta, nos revela que "*a misericórdia triunfa sobre o julgamento*" (Tg 2,13)...

Em todo caso, mesmo sem poder aqui demorar-nos a abordar o espinhoso problema, o fato é que a Bíblia incansavelmente afirma que Deus assume a causa do pobre, e a causa do seu povo, especialmente quando oprimido, razão por que afirma também que ele reprime, abate, destrói seus inimigos, todos os que soberbamente se levantam contra Ele, oprimindo o seu povo (vv. 23-25). O último versículo da passagem, porém, num belo contraste com a dureza dos vv. anteriores – embora focalize a misericórdia para com o povo, não para os inimigos! – apresenta uma das típicas comparações do Sirácida: a misericórdia do Senhor para com seu povo é "como as nuvens de chuva no tempo da seca" (v. 26).

2.2. Prece coletiva pela libertação de Israel (36,1-22)

[1] *Tem piedade de nós, ó Soberano, Deus de todas as coisas,*
e volve o olhar,
[2] *infunde o teu temor por todas as nações.*
[3] *Levanta a mão contra as nações estrangeiras,*
para que vejam o teu poder.
[4] *Como diante delas mostraste em nós tua santidade,*
assim também diante de nós mostra nelas a tua grandeza.
[5] *E assim reconhecerão, como nós mesmos reconhecemos,*
que não há outro Deus senão tu, Senhor.

[6] *Renova os sinais e repete as maravilhas;*
[7] *glorifica tua mão e teu braço direito.*
[8] *Desperta o furor e derrama tua ira;*
[9] *destrói o adversário e aniquila o inimigo.*
[10] *Apressa o tempo e lembra-te do juramento;*
e assim se narrarão teus grandes feitos.
[11] *Pelo fogo de tua ira seja devorado aquele que sobreviver,*
e os opressores do teu povo encontrem a ruína.
[12] *Esmaga as cabeças dos chefes dos inimigos,*
dos que dizem: "Não há ninguém senão nós!"

[13] *Reúne todas as tribos de Jacó*

[16] e entrega-lhes a herança, como no princípio.
[17] Senhor, tem piedade do povo, chamado por teu nome;
de Israel, a quem trataste como teu primogênito.
[18] Tem compaixão da cidade do teu Santuário,
de Jerusalém, lugar do teu repouso.
[19] Enche Sião com a narrativa dos teus grandes feitos;
e teu Templo, com a tua glória.

[20] Dá testemunho em favor dos que criaste no princípio;
realiza as profecias feitas em teu nome.
[21] Dá recompensa a quem esperou em ti,
para que seja reconhecida a veracidade dos teus profetas.
[22] Ouve, Senhor, a prece de teus servos,
pela benevolência que tens para com teu povo!
E todos os habitantes da terra reconheçam
que tu és o Senhor, o Deus dos séculos.

Brotando naturalmente dos v. anteriores, esta magnífica súplica, inspirada nos salmos (cf. Sl 44,2-9) e cheia de reminiscências bíblicas, distingue-se pelo movimento apaixonado, mais que pelas imagens. Por seu caráter genérico ela serviu e continua servindo como formulário para situações semelhantes, ultrapassando o momento histórico em que foi produzida. Seu autor pede com insistência uma intervenção divina dramática em favor do seu povo e contra seus opressores.

Podemos dividi-la em quatro estrofes mais ou menos homogêneas (embora a numeração seja irregular), a primeira das quais começa em cheio com um brado de compaixão, dirigido ao Deus "de todas as coisas" (v. 1), brado de compaixão que é ao mesmo tempo violenta imprecação "contra as nações estrangeiras" (v. 3). Praticamente a metade da composição, até o v. 12 inclusive, desenvolve esse tema da imprecação, enquanto a segunda parte, a partir do v. 13, recupera o brado inicial, pedindo compaixão, e multiplicando as motivações para que Deus se mostre favorável para seu povo.

O v. 4 argumenta com uma terminologia que se encontra em Ezequiel, p. ex. Ez 38,23: como a santidade de Deus foi demonstrada às nações pagãs com a punição dos pecados do seu povo, que também o seu poder seja agora manifestado ao seu povo mediante o esmagamento dessas mesmas nações! O resultado dessa dupla manifestação é o reconhecimento universal do verdadeiro Deus, a vitória sobre a idolatria!

No v. 6 começa a segunda estrofe, com uma apóstrofe marcada por uma série de imperativos, insistindo em que a maravilhosa ação divina passada, p. ex. no Êxodo, se renove agora! Deus tem que demonstrar sua continuidade e coerência, demonstrar que é o mesmo "ontem e hoje" (cf. Hb 13,8, referindo-se a Cristo), que é o Deus fiel! Por isso, nos vv. 7-8, o apelo à sua "mão" e ao seu "braço", instrumentos de sua ação histórica; "ira" e "furor", sua reação apaixonada contra a injustiça. No v. 10, o pedido para que Deus "apresse o tempo", o dia, o momento em que deve manifestar a sua justiça, cf. Sl 75,3; talvez a referência seja ao "tempo do fim", conforme a esperança apocalíptica expressa em Dn 11,35. O "juramento", aqui apenas mencionado, é explicitado belamente no cântico de Zacarias: "*o juramento que fez a Abraão, nosso pai, de conceder-nos que, sem temor,*

libertos dos nossos inimigos, possamos servi-la na santidade e na justiça, em sua presença, todos os nossos dias..." (Lc 1,73-75).

No v. 12, a expressão cruel "esmaga as cabeças" lembra a violência da linguagem do Sl 110,5-6, sobre o esmagamento dos inimigos do Messias, Rei e Sacerdote... Mas é este o talião inexorável contra todos os que ousem exaltar-se, desafiando o Altíssimo (cf. Is 14,14-15 contra o rei de Babilônia): visar-se-ia aqui Antíoco III, "o Grande", ou Antíoco IV, "Epífanes"?

No v. 13 começa a terceira estrofe, com o pedido concreto que volta como esperança tantas vezes, na literatura profética do exílio e do pós-exílio: "*reúne o teu povo, reúne as tribos de Jacó...*" (cf. Is 11,11-12; Jr 23,3 e 31,10; Ez 20,40-41 e 34,11-13 etc.), O v. 17 argumenta com os "títulos" que o povo tem para "merecer" a proteção de Deus: é seu "filho primogênito" e dele recebeu o seu nome (Ex 4,22 e Is 43,1-7). Mas a restauração não é completa sem a glorificação da cidade e do Templo (v. 18-19), sinais da eleição, habitáculos da glória do Senhor!

Na quarta estrofe, com o v. 20, prossegue a argumentação cerrada, visando vencer as resistências divinas. O v. 20 alude à concepção rabínica de que Israel era uma das sete realidades criadas por Deus antes do mundo *(Gênesis Rabbá,* 1,4). Nos vv. 20b-21 alude-se às profecias: feitas em seu nome, Deus tem de comprovar a sua veracidade, realizando-as! No v. 22, os dois últimos argumentos: a benevolência - o *hesed,* amor fiel – de Deus para com seu povo (no texto gr. alternativo, a referência é à "bênção de Aarão", conservada em Nm 6,22-27), e o reconhecimento universal de que só ele é "o Senhor, o Deus dos séculos".

Não é de admirar que súplica tão veemente, e tão representativa da alma de Israel, tenha exercido tanta influência numa das mais populares orações do judaísmo, a *"Shemoneh 'esreh"* ou "Dezoito (bênçãos)", recitada pelos judeus ortodoxos três vezes por dia.

XII. **COMENTARIO de 36,23 a 39,11**

1.SABER ESCOLHER: MULHER, AMIGOS, CONSELHEIROS (36,23-37,15)

Tendo abordado o relacionamento com Deus na seção anterior, volta o Sirácida aos problemas do dia-a-dia. E reflete sobre a necessidade de bem escolher. Introduzindo o novo tema, oferece-nos três pensamentos:

Saber escolher (36,23-25)

23 *O estômago come qualquer comida,*
mas uma comida é melhor que a outra.
24 *O paladar distingue o sabor da caça;*
assim, o coração sensato, as palavras mentirosas.
25 *O coração perverso provoca tristeza,*
mas o homem experiente lhe revidará.

É intuitiva a imagem do "gosto", do paladar que discerne as comidas (vv. 23-24). O Sábio pensa num gosto treinado e apurado, porque há muitos que procuram enganar com aparências, e é preciso não se deixar iludir. Como o paladar saboreia e distingue, assim procede a reflexão experimentada. Pode-se dizer que o gosto, como capacidade de discernir com acerto, é qualidade sapiencial. O v. 25 ultrapassa a imagem, tratando já do passo seguinte ao discernir.

a) **Escolha da mulher (36,26-31)**

26 *A mulher aceita qualquer marido,*
mas uma jovem é melhor que outra.
27 *A beleza da mulher alegra o rosto*
e ultrapassa todos os desejos do homem.
28 *Se em sua língua há bondade e doçura,*
seu marido não está entre o comum dos homens.
29 *Quem obtém uma esposa, tem o começo da fortuna;*
um auxílio igual a si mesmo, e uma coluna de apoio.
30 *Onde não há cerca, a propriedade está exposta ao assalto;*
ande não há mulher, o homem vagueia e suspira.
31 *Quem confia no assaltante ousado que corre de cidade em cidade?*
da mesma forma, no homem que não tem ninho
e se abriga onde a noite o surpreende?

Volta aqui o tema da mulher, já tratado amplamente na longa passagem de 25,12-26,27, e novamente do ponto de vista do homem. Com lógica não muito rigorosa, ele introduz a mulher como sujeito agente, mas só na aparência: ela "aceita" qualquer marido (v. 26), de modo que é o homem (seu pai, como porta-voz do seu pretendente) que

a escolhe, inclusive ciente de que "uma é melhor que outra..." Os vv. 27-28 exaltam os dotes físicos da beleza e da linguagem carinhosa, recapitulando as qualidades descritas em 26,13-18.

Mas é surpreendente que Ben Sirá mencione só esses dotes, sem referir-se ao "temor de Deus", por ele recordado tantas vezes no seu livro e que, em Pr 31,30, está colocado acima das qualidades físicas da esposa. Quanto à "língua carinhosa" que faz a felicidade do marido (v. 28), notar o que mais se teme da mulher na tradição sapiencial: justamente o mau gênio e a má língua (cf. Pr 21,9.19; 27,15; e, no próprio Sirácida, 25,13-26).

O v. 29 é uma avaliação entusiasmada do que representa a mulher (esposa) para o homem (marido): é "ganhar na loteria" e ganhar um outro eu, como em Gn 1,18 (cf. também Pr 18,22). Nos vv. 30-31 encontramos imagens pitorescas para representar a triste condição do homem sem mulher e sem lar. A dupla referência a "assalto" e "assaltante" pode ser indício da insegurança daquela época turbulenta de guerras, com assaltos constantes de exércitos invasores.

b) **Escolha do amigo (37,1-6)**

[1] *Todo amigo diz: "Também eu sou amigo",*
mas há amigo que só de nome é amigo.
[2] *Não é uma dor próxima à da morte,*
ver um companheiro e amigo tornar-se inimigo?
[3] *Ó inclinação perversa! De onde saíste,*
para cobrir de perfídia a terra?
[4] *Há companheiro que se compraz com a alegria do amigo,*
mas na hora do infortúnio volta-se contra ele.
[5] *Há companheiro que se afadiga com o amigo por interesse de comida*
mas, no momento da batalha, toma-lhe o escudo.
[6] *Não te esqueças do amigo no combate,*
nem percas sua lembrança no meio das riquezas.

Também este tema já foi tratado várias vezes: em 6,5-17; 9,10; 12,8-18; e 22,19-26. Aqui Ben Sirá focaliza a necessidade de escolher, discernir o verdadeiro amigo, sem se deixar levar pelas aparências (v. 1, cf. Pr 18,24; 27,6).

Do v. 2 temos pungente comentário no Sl 55,13-15: "*Não é um inimigo que me insulta... não é um adversário que se levanta contra mim... mas és tu, meu amigo...*" A exclamação do v. 3 se inspira talvez em Gn 6,5, onde se fala da "maldade crescente" do ser humano e da sua tendência "unicamente para o mal", aqui focalizando especialmente a perfídia. A essa “inclinação perversa” Ben Sirá já aludiu em 17,31a. Ver também o comentário a 15,14.

Os vv. 4-5 voltam a caracterizar o falso amigo, que age por interesse, enquanto o v. 6, que é conclusivo, é uma exortação a não esquecer o amigo verdadeiro: nem na guerra nem na paz.

c) **Escolha do conselheiro (37,7-15)**

[7] *Todo conselheiro enaltece seu conselho,*
mas há quem dê conselho em seu próprio interesse.
[8] *Sê cauteloso em relação ao conselheiro*
e procura, antes, saber das suas precisões.
Pois ele pode aconselhar em seu próprio benefício
e não lançar a sorte em teu favor.
[9] *Poderá dizer-te: "Estás no bom caminho!"*
mas se colocará do outro lado, para ver o que te acontece.
[10] *Não peças conselho de quem te olha com suspeita,*
e aos que te invejam não reveles tua intenção.
[11] *Não consultes uma mulher a respeito de sua rival,*
nem um covarde, sobre a guerra,
nem um negociante, sobre o comércio,
nem um comprador, sobre a venda,
nem um invejoso, sobre a gratidão,
nem um descaridoso, sobre a bondade,
nem um preguiçoso, sobre qualquer trabalho,
nem um assalariado sazonal, sobre o término da tarefa,
nem um servo indolente, sobre o trabalho pesado:
a nenhum desses procures para conselho algum.
[12] *Ao contrário, freqüenta quem é temente a Deus,,*
a quem conheces como observador dos mandamentos,
cujo ânimo é semelhante ao teu e que, se caíres, sofrerá contigo.
[13] *Segue, depois, o que aconselha o coração,*
pois ninguém te é mais fiel do que ele.
[14] *De fato, a intuição pessoal costuma advertir melhor*
do que sete sentinelas postadas no alto para vigiar.
[15] *Acima de tudo, suplica o Altíssimo,*
para que conduza teu caminho dentro da verdade.

É preciso cuidado para escolher não só a mulher (36,26-31) nem só os amigos (37,1-6), mas também os conselheiros. E a primeira qualidade do bom conselheiro, além, naturalmente, da sabedoria e prudência, tem de ser o desinteresse e a objetividade (vv. 7-11): qualidade não fácil de encontrar porque, como diz o ditado, "conselho, se fosse bom, não seria dado de graça..."

No entanto, sentimos tantas vezes a necessidade das opiniões e considerações de outra pessoa, antes de decidirmos algo importante. Nesse sentido, o Sirácida nos propõe três passos na cautela: 1) em relação a qualquer conselheiro (vv. 8-9), verificar seus interesses e precisões, porque ele poderia lançar-te numa opção errada, talvez boa para ele mas prejudicial a ti; 2) em relação a "quem te olha com suspeita" ou aos "que te invejam" (v. 10), de antemão não procurá-los; 3) excluir também antecipadamente nada menos que nove categorias de "maus conselheiros" (v. 11), que não podem ser procurados para aqueles determinados assuntos nos quais estão diretamente interessados, nem mesmo “para conselho algum”...

O quarto passo, positivo, é a seqüência ascendente de "bons conselheiros": 1) o homem "piedoso", isto é, temente a Deus e "observador dos mandamentos" (v. 12), que por isso mesmo é sincero, desinteressado e solidário; 2) a tua própria consciência (vv. 13-14), pois "ninguém te é mais fiel" que o teu próprio coração, e ninguém mais atento e vigilante que o teu espírito, "mais do que sete sentinelas postadas no alto..." 3) o próprio Deus, suplicado na oração confiante (v. 15).

Esta passagem é um excelente exemplo da estrutura sapiencial: o oráculo divino não exime o homem da reflexão e da busca, mas por outro lado a reflexão humana não há de excluir a oração. É o que diz uma norma prática da espiritualidade cristã, atribuída a Inácio de Loyola: "Trabalha, como se tudo dependesse de ti; ora e confia em Deus, como se tudo dependesse dele".

2. SÁBIOS E SABIOS (37,16-26)

[16] *Princípio de toda obra é a palavra,*
e roda ação é precedida de reflexão.
[17] *A raiz das decisões é o coração*
[18] *e dele brotam quatro ramos:*
o bem e o mal, a vida e a morte;
mas quem decide sempre sobre eles é a língua.
[19] *Há quem seja hábil para instruir a muitos,*
mas para si mesmo é inútil.
[20] *Há quem ostente sabedoria mas é detestável ao falar,*
e acabará excluído de todo banquete.
[21] *Não lhe foi concedida a simpatia, da parte do Senhor,*
porque é desprovido de toda sabedoria.
[22] *H á quem seja sábio para si mesmo*
e os frutos da sua inteligência são em proveito próprio.
[23] *A pessoa sábia instrui seu povo:*
os frutos de sua inteligência merecem confiança.
[24] *A pessoa sábia é cumulada de bênçãos,*
e todos os que a vêem a felicitam.
[26] *O sábio entre seu povo herdará a confiança*
e seu nome viverá eternamente.
[25] *A vida humana tem os dias contados,*
mas os dias de Israel são sem conta.

Esta breve seção consta de uma introdução (v. 16-18), que serve também de ligação com o tema precedente, das escolhas a serem feitas, e de um breve cotejo entre "sábios" úteis e inúteis (v. 19-26). O v. 25, com engenhoso jogo de palavras, parece fora do contexto: por isso, deslocamo-lo para depois do v. 26.

Os v. 16-18 oferecem interessante síntese antropológica: palavra, reflexão (conselho), coração, língua. É acentuada a interioridade radical do ser humano e reafirmada a sua liberdade e responsabilidade (cf. 15,15-17). Os "quatro" ramos, (lit. "partes") do v. 18 de

fato são dois: o bem, que leva à vida, e o mal, que leva à morte: cf. os "opostos" de 33,14-15 e, especialmente, Dt 30,15-20. Quanto ao papel decisivo da língua (v. 18c, cf. Pr 18,21), tema insistente no Sirácida, ver acima, p. ex. 23,7-15 e 28,13-26.

O cotejo entre "sábios" e sábios, nos vv. 19-26, talvez tenha como fundo histórico o aparecimento de filósofos gregos itinerantes, fazendo demonstrações de "sabedoria", dos quais Ben Sirá toma distância. Os vv. 19-21 poderiam aludir a filósofos estóicos que faziam profissão de vida austera, não buscavam proveito próprio, não aceitavam convite para banquetes, nem tampouco pretendiam agradar com suas palavras. Pretendiam assim mesmo ser úteis e angariar discípulos, mas não tinham êxito, segundo o juízo decididamente negativo do v. 21.

Nos vv. 22-24.26 encontramos a descrição do verdadeiro sábio: aquele que o é para si e aquele que instrui o seu povo. São dois aspectos que não se excluem, mas se completam, como o dizia o tradutor no prólogo e o próprio autor em várias declarações, como p. ex. 24,34 e 33,18: "*Vede que não trabalhei só para mim, mas para todos os que a Sabedoria procuram*".

O v. 25 parece deslocado, como dissemos acima, mas, situado após o v. 26, poderia ser entendido como seu comentário, isto é, a fama de quem é sábio para o seu povo dura para sempre, porque a vida de Israel perdura, e por isso não importa que o Sábio morra.

3. TEMPERANÇA, MÉDICO, DOENÇA, LUTO (37,27--38,23)

Pela primeira vez desde 31,22 o Sirácida se dirige ao discípulo com o vocativo "Filho!", que ele vai repetir mais duas vezes nesta seção: 38,9 e 38,16. Os temas se inter-relacionam: antes de falar *do médico* e *da doença* (38,1-15), ele aconselha a *temperança,* que preserva a saúde (37,27-31), e depois fala do *luto,* na eventualidade de uma doença mortal (38,16-23).

Temperança (37,27-31)

27 Filho, por toda a tua vida experimenta a ti mesmo:
vê o que te é prejudicial e disso te abstém.
28 Pois nem tudo convém a todos,
nem todos se dão bem com tudo.
29 Não sejas insaciável de todo prazer,
nem te precipites sobre os pratos de comida.
30 O excesso de alimentos causa doença
e a intemperança termina em cólicas.
31 Muitos já morreram por causa da intemperança;
quem, porém, toma cuidado, prolonga a vida.

O autor pensa em jovens que ainda não têm experiência do perigo que representa o demasiado *comer,* e *por* isso ainda não sabem que "o peixe morre pela boca", como diz o nosso povo e o Sábio o expressa, em outros termos, no v. 31. A temperança é vista como

qualidade sapiencial, uma das formas da disciplina e do autodomínio que são característicos do Sábio, conforme ele já mostrou em 6,2-4; 18,30-32; 31,19-22.

O v. 29 retoma o que já fora dito, em relação aos banquetes, em 31,12-17. E o v. 31 talvez aluda às cenas do povo no deserto, castigado por sua voracidade e gula, segundo Nm 11,20; Sl 78,26-31; Sl 106,14-15: "*Deram largas à voracidade no deserto, e no ermo tentaram a Deus. Concedeu-lhes o que reclamavam, mas por sua gula feriu-os de prostração*".

O médico (38,1-8)

[1] *Honra a médico, com as honras que lhe são devidas*
por seus serviços,
pois o Senhor criou também a ele.
[2] *É do Altíssimo que vem a cura,*
e é do rei que ele recebe a recompensa.
[3] *A ciência do médico o faz andar de cabeça erguida,*
e diante dos grandes será admirado.
[4] *O Senhor faz sair da terra os remédios,*
e a pessoa sensata não os rejeita.
[5] *Não foi por um pedaço de madeira que se tornou doce a água,*
para que assim se manifestasse a sua força?
[6] *Foi o Senhor quem deu a ciência aos humanos,*
para que pudessem glorificá-lo por suas maravilhas.
[7] *Com os remédios, o médico cura e acalma a dor;*
[8] *com eles, o farmacêutico prepara os ungüentos.*
As obras do Senhor não têm fim,
e o bem-estar que dele procede se espalha por sobre a terra.

Nem todos reconheciam e aceitavam a atividade do médico, rechaçando-a alguns por motivos religiosos, como parece insinuar 2Cr 16,12-13, que atribui a morte do rei Asa ao fato de ele, na doença, não ter recorrido ao Senhor, mas aos médicos... O Sirácida, porém, considera médico e remédios como parte da criação de Deus, o qual delega seu poder à natureza e ao ser humano, continuando assim a sua atividade criadora. Por isso não se deve pedir logo milagres, mas é preciso exercitar a inteligência humana para descobrir a “virtude”, ou”força”, dos remédios naturais, especialmente os remédios caseiros, como o está tentando recuperar a "Pastoral da Saúde" com o seu programa de uma "medicina popular". Ora, a medicina, ainda mais neste sentido original, é certamente um ramo da Sabedoria! Inclusive o profeta Isaías, chamado para invocar sobre o rei Ezequias a cura divina, ordena que se lhe aplique o remédio conhecido (cf. Is 38,21), nada derrogando com isso à ação de Deus.

Os vv. 1-3 exaltam a figura do médico, descrevendo-lhe o prestígio social, equiparado ao do sábio (37,24) e do escriba (39,4). O v. 5 evoca o episódio recordado em Ex 15,25, obviamente não o considerando inexplicavelmente miraculoso, mas apresentando-o como um exemplo do efeito benéfico de um pedaço de madeira dotado de "força" purificadora... O v. 6, como o v. 4 e o v. 2, insistem em que tudo isso vem de Deus,

que "faz sair da terra os remédios" e "dá a ciência aos seres humanos". Isto é, também aqui, como ele acabou de ensinar em 37,7-15, Ben Sirá afirma a sinergia maravilhosa: o homem colabora com Deus, e Deus garante o sucesso da atividade humana.

A doença e o médico (38,9-15)

[9] *Filho, ao adoeceres não te revoltes:*
roga ao Senhor e ele te curará.
[10] *Evita as faltas, torna reto o agir de tuas mãos,*
purifica o coração de todo pecado.
[11] *Oferece o incenso e o memorial de flor de farinha*
e sacrifica vítimas gordas, segundo tuas posses.
[12] *Recorre, depois, ao médico, pois também a ele o Senhor criou;*
e não se afaste de ti, pois tens necessidade dele.
[13] *Chega o momento em que a cura está em suas mãos;*
[14] *pois também eles rogarão ao Senhor para que lhes conceda o dom de aliviar*
e a cura, para salvar uma vida.
[15] *Peca diante do seu Criador*
aquele que se mostra arrogante diante do médico.

Novamente o Sirácida apostrofa como "filho!" o seu discípulo, agora que passa a tratar da doença. Esta é tradicionalmente considerada "castigo de Deus", razão por que aquele que cai doente não deve revoltar-se (assim o texto hebr.) mas orar, evitar novos pecados e purificar-se dos já cometidos, inclusive oferecendo generosamente os sacrifícios devidos: então receberá perdão e saúde (v. 9-11). São temas comuns nos salmos (cf. todo o Sl 41, especialmente no v. 5: "*Eu digo: Senhor, por piedade! Cura-me, pois pequei contra ti!*"), patrimônio tradicional de qualquer israelita. É conhecida a posição contrária de Jesus, segundo Jo 9,3.

O original de Ben Sirá é o lugar que atribui ao médico em tal situação: Deus curará muitas vezes por meio do médico, o sapiencial entrando sem dificuldade no religioso, como já vimos na seção anterior. Notar ainda, no v. 14, a menção da oração inclusive para o médico: também ele deve orar para que Deus lhe inspire o tratamento adequado, do qual possa resultar a cura, isto é, não pede milagres a Deus, mas acerto no exercício da sua profissão.

O v. 15, na forma em que está transmitido no texto gr., fazendo do médico o instrumento do castigo de Deus - "*Caia nas mãos do médico aquele que peca contra seu Criador*" - não combina com a apresentação positiva que dele é feita em todo o restante do trecho. Por isso, é preferível - e a adotamos em nosso texto - a forma do texto hebr.: "*Peca diante do seu Criador aquele que se mostra arrogante diante do médico*". Em outras palavras: não submeter-se, na doença, ao médico, é pecar contra o Criador.

O luto pelos mortos (38,16-23)

[16] *Filho, derrama lágrimas pelo morto*

e entoa a lamentação, como quem sofre muito.
Depois envolve o cadáver segundo convém
e não descures o sepultamento.
[17] *Lamenta-te com amargura, chora tépidas lágrimas*
e observa o luto que ele merece,
durante um ou dois dias, para evitar os comentários.
Depois, consola-te da tua tristeza.
[18] *Pois da tristeza pode provir a morte;*
a tristeza do coração abate as forças.
[19] *Na desgraça, a tristeza é permanente;*
e uma vida de pobre é dura para o coração.
[20] *Não entregues o coração à tristeza;*
afugenta-a, pensando no teu próprio fim.
[21] *Não o esqueças, de lá não se volta:*
ao morto não serás útil, e a ti farás mal.
[22] *Lembra-te de sua sorte, que será também a tua:*
"Ontem a mim, hoje a ti!"
[23] *Quando um morto repousa, deixa de lembrar-te dele;*
consola-te a seu respeito, quando tiver partido o seu espírito.

Como à doença pode seguir a morte, Ben Sirá aborda agora a questão do luto. E o faz com o pragmatismo característico que, aqui, parece marcado demais pela insensibilidade. Ou, segundo outros, pela "ataraxia" dos estóicos. .. Mas a sua advertência não é contra o luto como tal, e sim contra o luto excessivo e prolongado. Pois o excesso não beneficia os mortos e pode prejudicar os vivos, como ele observa no v. 21.

Notar o prazo abreviado de "um ou dois dias" (v. 17), quando o normal para o luto era um período de sete dias (cf. 22,12). O v. 19 tem um texto obscuro, que nenhuma das versões conseguiu captar. Os vv. 20-21 parecem estranhos, num autor que em outras passagens dá valor à preservação da lembrança, na memória da posteridade (cf. 39,9). Aqui, porém, ele quer insistir na inutilidade da prolongada lamentação, sem se referir à aconselhada admiração - quando for o caso - pelas qualidades e realizações do falecido. No v. 22 ele recorda a principal lição a ser tirada da morte de alguém: é a certeza e a inevitabilidade da própria morte. Quanto ao v. 23, temos a sugestiva descrição do sóbrio luto de Davi por seu filhinho, em 2Sm 12,19-23.

De resto, o desconhecimento, pelo Sirácida, da revelação sobre a outra vida, aproxima este seu texto de passagens semelhantes em autores pagãos, p. ex. Sófocles em *Electra* 137s: "Jamais, nem por soluços nem por orações, farás levantar teu pai do Hades, abismo que nos espera a todos. Ultrapassando a medida, para te entregares a uma dor sem remédio, tu te consomes em lamentações sem fim, onde não encontras nenhuma saída para teus males. Por que desejas tu sofrer?" - Felizmente, como lembra Paulo à comunidade de Tessalônica, não podemos entregar-nos à tristeza, "*como os outros, que não têm esperança...*" (1Ts 4,13s).

4. A HABILIDADE DO OPERÁRIO E A SABEDORIA DO ESCRIBA (38,24--39,11)

Novamente uma contraposição, um "díptico", a apresentação de duas faces da mesma realidade. Novamente é a Sabedoria que está em questão, e o Sirácida contrapõe a sabedoria "das mãos", do operário (38,24-34), à sabedoria "do coração", do escriba (39,1-11). Não para inferiorizar aquela, cuja dignidade e grandeza reconhece (cf. 38,32-34), mas para realçar esta, cujo alcance e influência é maior (cf. 39,9-11).

A habilidade do operário (38,24-34)

24 *A sabedoria do escriba se obtém na folga do trabalho;*
quem diminui as ocupações é que se torna sábio.
25 *Como se tornará sábio quem maneja o arado,*
quem se gloria do aguilhão como de uma lança,
quem conduz os bois e só se ocupa com eles,
e gosta de falar apenas de novilhos?
26 *Pois empenha o coração em abrir sulcos,*
e a sua preocupação é a ração dos bezerros.
27 *O mesmo se diga do operário e construtor,*
que de noite como de dia estão empenhados;
dos que gravam as efígies dos sinetes,
esforçando-se por variar os desenhos:
esmeram-se em reproduzir fielmente o modelo
e fazem vigílias, para concluir a obra.
28 *Assim também o ferreiro sentado à bigorna,*
examinando as obras de ferro:
o vapor do fogo consome-lhe as carnes
enquanto labuta no calor da fornalha;
o ruído do martelo repercute-lhe aos ouvidos
e seus olhos fixam o modelo a trabalhar;
preocupa-se em terminar seus trabalhos
e passa vigílias em retocá-los até a perfeição.
29 *Do mesmo modo o oleiro, sentado à sua obra,*
e girando o rebolo com os pés:
está continuamente ocupado com sua obra,
pois todo o seu trabalho está contado.
30 *Com o braço modela a argila*
e com os pés dobra a sua resistência;
depois, aplicar cuidadosamente o verniz
e passa vigílias controlando o forno.
31 *Todos estes se fiam de suas mãos*
e cada um é competente em seu ofício.
32 *Sem eles, cidade alguma seria construída,*
nem alguém a habitaria ou por ela circularia.
Mas não são procurados para o conselho do povo,
33 *nem na assembléia atingem posições elevadas;*
não se sentarão na tribuna do juiz
nem compreenderão as decisões do julgamento;

não farão brilhar nem a instrução nem o direito,
nem se encontrarão entre os que governam.
[34] *Entretanto, são eles que sustentam a criação deste mundo*
e sua contribuição está no exercício de sua arte.

Na antiga literatura egípcia havia um tipo de composição chamada "sátira dos ofícios", tal como a encontramos nas "Instruções de Duauf" (textos do séc. XIII a.C, mas cuja origem pode remontar a 2000 aC). Nela se desprezam os trabalhos manuais mais variados, com o intento pedagógico de levar os candidatos a escriba a aceitarem a disciplina necessária à sua formação, na difícil arte de interpretar e escrever os sinais hieroglíficos, complicados e numerosos: "Torne-se um escriba, e você estará livre da servidão e protegido contra todo trabalho manual; estará livre da enxada, e não deverá mais carregar o cesto de vime; o ofício de escriba dispensará você de sofrer no remo e o livrará de toda fadiga..."

De modo semelhante, embora com outra intenção, Ben Sirá começa observando que o Sábio, para adquirir a Sabedoria, deve estar livre, o mais possível, do trabalho manual (v. 24). E então, sem ironizar e com respeito, ele percorre cinco profissões típicas da sua época - o lavrador, o construtor, o joalheiro, o ferreiro e o oleiro - para demonstrar que elas não deixam tempo suficiente para o cultivo da Sabedoria. É interessante notar, porém, que no judaísmo posterior normalmente se aconselha combinar o estudo da Lei com um trabalho manual, normalmente um artesanato, conforme o testemunho que nos dá o próprio apóstolo Paulo: ele mesmo, discípulo de rabinos fariseus.

A primeira profissão analisada é a do lavrador, ressaltando-se o que ela tem de absorvente nos seus vários detalhes (vv. 25-26). Como contraste, ver a descrição que Pr 24,30-34 faz do lavrador preguiçoso. É conhecida também a parábola sapiencial de Is 28,23-29 sobre a sabedoria prática do agricultor, que sabe, "ensinado pelo Senhor", como semear e cultivar as diversas sementes.

A segunda estrofe (v. 27) focaliza várias profissões: operário, construtor, joalheiro, insistindo em que sua atividade é incessante, "de noite como de dia", preocupados em concluir em tempo suas tarefas. A terceira estrofe (v. 28) detém-se no ferreiro, novamente focalizando uma atividade febril, mas sem esclarecer que ferramentas ele produz, se de paz ou de guerra. A quarta estrofe (vv. 29-30) descreve a faina do oleiro, tantas vezes lembrada na Bíblia, inclusive como imagem de Deus que nos molda a seu bel-prazer (cf. acima, no próprio Sirácida, c. 33,13).

A estrofe conclusiva (vv. 31-34) faz a síntese: a) por um lado, os operários são competentes, "sábios", no seu trabalho; indispensáveis à cidade, que não existe sem eles e deles depende para poder ser habitada (vv. 31-32); mesmo são eles que "sustentam a criação deste mundo", embora "sua contribuição se restrinja ao exercício de sua arte" (v. 34, texto incerto); b) por outro lado, é flagrante a sua inferioridade em relação ao "intelectual", o escriba: eles, os operários, analfabetos, não participam das decisões, dos julgamentos, do governo, da cidade que constroem... É justo? O Sirácida não diz que "deve" ser assim, mas ele parte da realidade e, muito pragmaticamente, diz que, de hábito, na balança da avaliação social, o prato mais pesado é o do "intelectual". E isto ele vai

demonstrar, convictamente e sem escrúpulos, na segunda parte da sua exposição (c. 39,1-11).

Notar duas coisas ainda: 1) é estranho que o Sirácida não aluda aqui à condição de escravos desses trabalhadores "do pesado", aparentemente supondo que são cidadãos livres, apesar do que ele escreve sobre a escravidão/servidão acima, no c. 33,25-33; 2) é pena que ele não tire as conclusões devidas do seu reconhecimento de que esses trabalhadores são imprescindíveis, vitais, para a vida da cidade: se são imprescindíveis, por que não são melhor reconhecidos os seus direitos? E por que não, diríamos nós, por que não conscientizá-los desses direitos?

Uma curiosidade da tradução. No fim do v. 33 o tradutor gr. cometeu um lapso de interpretação cômico, naturalmente seguido por todas as versões posteriores, inclusive modernas (também na NV!): leu equivocadamente no hebr. *meshalim,* provérbios, onde devia ter lido *moshelim,* governantes, porque as consoantes do texto hebr. são idênticas em ambos os casos. O certo, porém, é como escrevemos, de acordo com o hebr. e com o contexto: eles, os operários, "não se encontrarão entre os *governantes..."* e não: "entre os provérbios"!

A sabedoria do escriba (39,1-11)

[1] *Diferente é quem consagra sua vida a meditar na lei do Altíssimo,*
quem perscruta a sabedoria de todos os antigos
e dedica seu tempo às profecias.
[2] *Este preserva as sentenças dos homens famosos*
e penetra as sutilezas das parábolas.
[3] *Busca o sentido oculto dos provérbios*
e aplica-se aos enigmas das parábolas.
[4] *Desempenha funções entre os grandes*
e se faz presente perante quem governa.
Percorre as terras dos povos estrangeiros,
para verificar as coisas boas e as coisas más entre eles.
[5] *Empenha o coração em acordar cedo,*
dirigindo-se ao Senhor, que o criou,
e elevando suas súplicas ao Altíssimo.
Abre sua boca para orar, e implora por seus próprios pecados.
[6] *Se o Senhor, que é grande, o quiser, será repleto*
do espírito de inteligência:
fará chover as palavras de sua sabedoria
e, em sua prece, ele dará graças ao Senhor.
[7] *E o Senhor orientará seus conselhos e sua ciência,*
e ele meditará nos divinos segredos.
[8] *Fará brilhar a instrução em seu ensino*
e ele se ufanará da lei da Aliança do Senhor.
[9] *Muitos louvarão a sua inteligência,*
a qual jamais será esquecida.
Sua lembrança não se apagará
e seu nome viverá de geração em geração,

[10] *As nações proclamarão sua Sabedoria*
e a assembléia celebrará o seu louvor.
[11] *Se viver muito, deixará, mais que mil outros, um nome glorioso;*
e se morrer, isto lhe basta.

Em contraste com os operários da passagem anterior, que precisam ganhar o pão com o suor do seu rosto, Ben Sirá passa a descrever, agora, o escriba ideal. Livre da necessidade do trabalho manual, o escriba tem tempo, diligência e inclinação, para se tomar culto e sábio, e isto pelo estudo, as viagens e a oração. Esta passagem parece ter fundo autobiográfico, embora não tão declarado como em 51,13-30. Como o c. 24 oferecia em síntese uma visão da Sabedoria, assim esta passagem sintetiza o que é o Sábio. Comparar com Pr 1,2-6 e Ecl 12,9-10.

Percebem-se claramente, no texto, quatro estrofes, que abordam sucessivamente os estudos, viagens, atividade, e a fama do Sábio. Assim a primeira estrofe, vv. 1-3, focaliza o mais importante fator humano no treinamento do Sábio: o estudo da Palavra de Deus. No v. 1, como no prólogo do neto-tradutor, temos a tríplice divisão do cânon hebraico, só que nesta seqüência: Lei, Sabedoria, Profecia. Os vv. 2-3 diversificam os vários gêneros da literatura sapiencial.

A segunda estrofe, vv. 4-5, enlaça a atividade civil do Sábio com sua vida religiosa. Formar governantes e conselheiros é um dos fins das escolas de sábios: o Sirácida está propondo a seus discípulos um modelo. As viagens são ao mesmo tempo serviço e aprendizado: os sábios atuam como embaixadores, mas ao mesmo tempo enriquecem a própria experiência humana (cf. 34,9-12). A oração, mencionada no v. 5, talvez aluda ao corpo bíblico dos salmos, e assim completa a relação do cânon bíblico, apresentado na estrofe anterior. Notar, também, a simplicidade com que ele alude aos "seus próprios pecados", e à necessidade do perdão divino (v. 5b), introduzindo a estrofe seguinte sobre a Sabedoria como dom de Deus.

A terceira estrofe, vv. 6-8, mostra os frutos desse dom na atividade do Sábio, "sábio pela graça de Deus", agraciado com o "espírito de inteligência" mencionado em Is 11,2. Notar a menção da Lei (v. 8b), aqui como sua ufania, no v. 1 como alvo do estudo; Lei que é a da "Aliança do Altíssimo", isto é, contendo as cláusulas que os beneficiários da Aliança devem observar.

A última estrofe, vv. 9-11, descreve a imortalidade que o Sirácida atribui ao Sábio e que, sem dúvida, esperava para si mesmo: seu ensinamento lhe sobrevive, e sua memória não terminará.

Nenhuma alusão, porém, a uma sobrevivência em Deus: a memória, a fama, o nome glorioso... "isso lhe basta" (v. 11b)! Em todo caso, é uma atitude bem mais positiva que a do cético autor do Eclesiastes: "*Porque, tanto do sábio como do insensato, não se terá lembrança por muito tempo; ao contrário, passado algum tempo, tudo será esquecido; infelizmente, o sábio há de morrer como o insensato*..." (Ecl 2,16).

A propósito, a tradição rabínica não poupará hipérboles para descrever a glória dos seus mestres, p. ex.: "Se todo o céu se tornasse pergaminho e toda a água do mar se

transformasse em tinta, não seriam ainda suficientes para transcrever todos os seus conhecimentos..." Cf. hipérbole semelhante na segunda conclusão do quarto evangelho, Jo 21,25, em relação às "muitas outras coisas que Jesus fez"! E o livro de Daniel: "*Então os sábios brilharão como o resplendor do firmamento, e os que tiverem conduzido muitos para a justiça refulgirão, como as estrelas, por toda a eternidade*" (Dn 12,3).

XIII. COMENTÁRIO de 39,12 a 42,14

1. HINO A DEUS QUE É JUSTO E BOM (39,12-35)

a) Convite ao louvor (39,12-15)

[12] *Tendo meditado mais ainda, continuarei a falar,*
pois estou repleto como a lua cheia.
[13] *Escutai-me, rebentos santos, e crescei,*
como roseira plantada junto à água corrente.
[14] *Como o incenso, exalai suave odor;*
desabrochai em flores, como o lírio;
elevai a voz e entoai cânticos,
bendizei o Senhor por todas as suas obras.
[15] *Proclamai a magnificência do seu Nome*
e prorrompei na confissão do seu louvor,
no cântico de vossos lábios e em vossas harpas.
Falai assim em vossa louvação:

O elogio do Sábio/escriba, em terceira pessoa, desemboca numa exortação emocionada a seus discípulos, após a nota autobiográfica em primeira pessoa (v. 12), numa imagem que lembra o c. 24,30-31. Quanto à "lua cheia", no v. 12, a NV traduz "a lua no seu duodécimo dia". A exortação é carinhosa, enriquecida de imagens abundantes, e de repente se transforma em invitatório de Hino. O aprendizado e a atividade sapiencial já têm algo de cúltico, como perfume de incenso agradável (v. 14). E o Hino se toma explícito em palavras e ao som de instrumentos (v. 15).

b) Hino (39,16-35)

[16] *"As obras do Senhor são todas magníficas,*
e todas as suas ordens são cumpridas a seu tempo!"
[17] *Não se deve dizer: "Por que isto? Para que aquilo?*
"Tudo será esclarecido a seu tempo.
Por sua palavra, a água se juntou como em represa;
ao aceno de sua boca, formaram-se os reservatórios das águas.
[18] *Quando ordena, tudo se realiza segundo lhe agrada,*
e não há quem possa diminuir sua obra de salvação.
[19] *As obras de cada ser humano estão diante dele*
e não é possível ocultar-se a seus olhos.
[20] *Seu olhar se estende de eternidade em eternidade*
e não há nada que lhe cause admiração.
[20b] *(Hebr.)* Nada é pequeno ou insignificante para ele;
nada para ele é difícil ou impossível.
[21] *Não se deve dizer: "Por que isto? Para que aquilo?"*
Pais tudo foi criada segundo sua finalidade.

[22] *Sua bênção recobre tudo como um rio*
e, como um dilúvio, embebe a terra seca.
[23] *Por outro lado, as nações experimentarão a sua ira,*
como quando mudou as águas em salmoura.
[24] *Seus caminhos são retos para os santos*
mas, para os maus, cheios de obstáculos.
[25] *Desde o princípio, os bens foram criados para os bons,*
assim como, para os pecadores, os males.
[26] *São de primeira necessidade, para a vida humana:*
a água, o fogo, o ferro, o sal,
a farinha de trigo, o leite e o mel,
o sangue da uva, o óleo e a veste.
[27] *Tudo isso são bens para os piedosos*
mas se transformaram em males para as pecadores.
[28] *Há ventos que foram criadas para a vingança*
e na sua fúria reforçam seus flagelos:
quando é tempo de destruir, desencadeiam sua força
e aplacarão o furor de quem os fez.
[29] *Fogo e granizo, fome e morte,*
tudo isso foi criado para a vingança.
[30] *Os dentes das feras, os escorpiões, as víboras*
e a espada vingadora, que extermina os ímpios,
[31] *todos alegram-se em executar suas ordens:*
estão sobre a terra, prontos para quando necessário
e, chegados seus momentos, não transgredirão sua palavra.
[32] *Eis por que, desde o princípio, tive certeza*
e, depois de refletir, o escrevi:
[33] *"As obras do Senhor são todas boas,*
e ele provê a todas as necessidades a seu tempo.
[34] *Não se deve dizer: 'Isto é pior do que aquilo!',*
porque tudo a seu tempo será comprovado.
[35] *Agora, de todo o coração e a plena voz,*
cantai e bendizei o nome do Senhor!"

O Hino se estrutura em quatro estrofes, que constituem um capítulo de apaixonada *teodicéia,* isto é, justificação de Deus, tema que já foi apresentado no c. 33,7-15. O Sirácida parte da sua convicção (v. 16), que vai ser reafirmada no v. 32, de que toda a criação, todas as coisas, *tudo é bom*, segundo o refrão repetido sete vezes no primeiro capítulo do Gênesis (Gn 1,4.10.12.18.21.25.31). Se a experiência pessoal e histórica parecem demonstrar o contrário, o Sábio apresenta a sua resposta para a objeção que ele mesmo formula negativamente no v. 17a e retoma nos vv. 21 e 34: "Não se deve dizer: Por que isto? Para que aquilo?" E a sua resposta é simples: tudo é bom, com bondade funcional, "a seu tempo" (v. 16b e 17b). Deste modo, se o louvor não brota espontâneo como o perfume, madurará como fruto de reflexão e de perseverança.

O v. 16b afirma a onipotência da vontade divina; o v. 17b, após a objeção de 17a, traz logo o exemplo do início da obra criadora, quando Deus, pela sua palavra, organizou o caos, separando as águas primordiais (cf. Sl 33,7). Nos vv. 18-20, notar a reafirmação de

cada tese em forma negativa: ninguém pode diminuir a obra divina de salvação, ninguém pode ocultar-se aos seus olhos, não há nada que possa causar-lhe admiração... Sintetizando essas afirmações, o texto hebr. (v. 20b) tem este belo pensamento: "Nada é pequeno ou insignificante para ele; nada para ele é difícil ou impossível". Neste sentido, cf. 15,19; 16,17-23; 42,18-20.

A segunda estrofe, vv. 21-25, começa retomando a objeção do v. 17, com ligeira modificação no segundo hemistíquio: em 17b se dizia que "tudo será esclarecido a seu tempo"; aqui, em 21b, se lembra que "tudo foi criado segundo a sua finalidade", isto é, cada criatura tem a sua função. Nos vv. 22-25 introduz-se uma importante distinção: embora todas as coisas sejam boas, contudo elas podem agir sinistramente para punir os maus, como ele sintetiza no v. 25. E como primeiro exemplo é apresentada a água: vindo da bênção, ela fertiliza a terra; vindo da ira divina, transforma-se em salmoura... alusão a Sodoma e Gomorra (cf. Sl 107,33-35 em ordem inversa). Bênção e ira, portanto, são duas atitudes e ações de Deus: a primeira, fruto do seu amor; a segunda, conseqüência do pecado humano. Os caminhos de Deus são os mesmos: é o homem que introduz a distinção e perturba a ordem criada.

Na terceira estrofe, vv. 26-31, exemplifica-se o que foi afirmado no v. 25: as coisas boas para os bons transformam-se em males para os maus. O v. 26 enumera dez coisas necessárias para a vida, fundamentalmente boas (em 29,21 o elenco das coisas "fundamentais" reduzia-se a quatro ítens: água, pão, vestido, casa). No v. 27 afirma-se que esses bens transformam-se em males para os pecadores: os primeiros, talvez por sua ambivalência; os segundos, por seu abuso. Nos vv. 28-30 enumeram-se nove males, quando também esperaríamos dez: talvez aos ventos se acrescentassem terremotos. É uma passagem impressionante pela sua objetividade cruel, com elementos de teofania. Em Jeremias e Ezequiel encontramos freqüentemente, em oráculos de ameaça, a tríade devastadora da "peste, fome e guerra", à qual, às vezes, como em Ez 5,14, se acrescentam as "feras" (ver também Lv 26,21-25). No final do v. 30 o texto hebr. acrescenta: "Todas essas coisas foram criadas para a sua finalidade; estão armazenadas e serão utilizadas no tempo oportuno..."

A última estrofe, vv. 32-35, começa com a confissão pessoal do autor, meio estranha num Hino, mas não menos expressiva: ele está convicto, depois de muita reflexão, da tese que é novamente apresentada nos vv. 33-34. O tema inicial retorna com nova força, a objeção é de novo descartada, a teodicéia desemboca e conclui no convite ao louvor (v. 35). – Muito diferente esta certeza segura, comparada à incerteza angustiada de Jó, que sentiu na carne a desgraça, apesar de inocente. Ben Sirá tem certeza de que o sofrimento é fruto da maldade e do pecado, mas não desce ao nível individual e subjetivo do problema, nem muito menos alude às suas causas sistêmicas (embora, logo a seguir, em 40,1-17, ofereça também uma séria reflexão sobre a dolorosa condição humana!)... E isto, mesmo vivendo numa época turbulenta, marcada por guerras entre Selêucidas e Lágidas, naquele "corredor" palestinense constantemente percorrido por exércitos estrangeiros em conflito, que o transformavam em cenário de tanto sofrimento inocente!

2. A CONDIÇÃO HUMANA (40,1-17)

Bastante abruptamente, o Sirácida muda de tom. É uma passagem que, especialmente na primeira parte (v. 1-11), combina mais com o pessimismo do Eclesiastes do que com o otimismo do autor do Hino precedente. A segunda parte (vv. 12-17) já é mais "siracidiana", com a sua contraposição entre maldade e bondade.

a) Sorte mísera dos mortais (40,1-11)

[1] *Grande aflição foi dada a cada ser humano*
e pesado jugo oprime os filhos de Adão,
desde o dia em que saem do ventre materno
até o dia da volta para a mãe comum.
[2]*Objeto de suas reflexões, e temor de seu coração*
é a expectativa do que os espera, o dia de sua morte.
[3] *Desde quem está sentado em trono glorioso*
até o humilhado na terra e na cinza;
[4] *desde quem veste púrpura e cinge a coroa*
até quem está coberto de linho cru:
[5] *eis o furor, inveja, inquietação, agitação,*
temor da morte, ressentimento e discórdia.
Até na hora do repouso, sobre a cama,
o sono da noite apenas alterna os cuidados.
[6] *Repousam um pouco, quase nada,*
e logo, em sonho, estão preocupados como em pleno dia:
perturbam-se com as visões do coração,
como se fugissem diante do combate.
[7] *No momento de escapar, acordam,*
admirando-se do seu vão temor.
[8] *Para toda carne, do ser humano até o animal,*
mas para os pecadores sete vezes mais:
[9] *morte e sangue, discórdia e espada,*
calamidades, fome, destruição e flagelos.
[10] *Tudo isso foi criado contra os ímpios*
e é por causa deles que veio o dilúvio.
[11] *Tudo o que é da terra volta para a terra,*
e o que vem das águas retorna para o mar.

A primeira estrofe, vv. 1-5a, não distingue entre bons e maus. O sofrimento abarca toda a vida humana colocada sob a iminência da morte, sem distinção de rico ou pobre, de rei ou mendigo. O "jugo pesado" (v. 1) não é atribuído a causas físicas ou doenças: é estritamente psicológico, incluindo perplexidades, medo, inquietação, raiva, angústia... (cf. v. 5a). Ver no livro da Sabedoria, em contexto mais tranqüilo, a descrição da igual condição humana de todos, ao nascerem: Sb 7,1-6.

A segunda estrofe, dos vv. 5b-7, mostra como o próprio sono não realiza a sua finalidade natural de repousar, mas é perturbado até por pesadelos. Comparar com a descrição psicológica da miragem do faminto ou do sedento, em Is 29,8; a própria inanidade do sonho, afirmada em 34,1-8, não diminui o seu poder de aterrorizar.

Na última estrofe, vv. 8-11, aparecem os males físicos, "criados para os ímpios", segundo o v. 10 e segundo a tese do Hino precedente (cf. 39,28-30). Acontece, porém, que, segundo o v. 8, eles atingem a todos sem exceção, inclusive aos animais, embora, "aos pecadores, sete vezes mais!" Em contraste paradoxal, o salmista do Sl 73 reflete sobre experiência diferente: a do bem-estar e da impunidade dos ímpios, em contraste com os infortúnios dos justos...

O v. 11, que no segundo hemistíquio foi mal entendido pelo tradutor grego, deve ser completado pelo texto original hebr.: "e tudo o que vem do alto volta para o alto". Assim é novamente afirmada a igualdade de todos na morte, pois o alento vital vem do alto e para lá retorna, quer o dos homens, quer o dos animais (cf. Ec1 12,7; Sl 104,29, que alude a Gn 2,7). Outro caso interessante de mudança do texto original é o do v. 4a: "quem veste púrpura e cinge a coroa", que no texto hebr. referia-se ao sumo sacerdote: "quem endossa o peitoral e cinge a tiara". Vivendo o neto-tradutor numa época em que o sacerdócio, após várias tristes peripécias, tinha acabado nas mãos da dinastia guerreira dos asmoneus, entende-se a sua alteração.

b) Maldade e bondade (40,12-17)

[12] *Todo suborno e toda injustiça desaparecerão,*
mas a fidelidade permanecerá eternamente.
[13] *As riquezas dos injustos secarão como a torrente,*
e passarão como o trovão que ribomba na tempestade.
[14] *Como o justo se alegra, abrindo as mãos,*
assim os transgressores serão abandonados à ruína.
[15] *Os rebentos dos ímpios não multiplicarão seus ramos:*
são raízes impuras sobre rocha escarpada.
[16] *São como o caniço à beira d'água e às margens do rio,*
que antes de qualquer outra erva é arrancado.
[17] *A bondade é como um paraíso de bênçãos,*
e a esmola permanece para sempre.

Se a morte é o fim comum a todos (v. 12), não o será, porém, da mesma maneira para justos e injustos. É o tema desta passagem, afirmado incisivamente no primeiro e no último versículo (vv. 12 e 17) de maneira positiva, formando inclusão, enquanto os vv. restantes (vv. 13-16) descrevem, com imagens expressivas, o fim desastroso dos injustos (v. 13) e de seus descendentes (v. 15).

Surpreende que o primeiro valor negativo mencionado seja o "suborno", em paralelismo com a "injustiça" (v. 12a), enquanto os valores perenes são a "fidelidade" (v. 12b) e a "bondade" (v. 17a), exatamente os dois atributos fundamentais de Deus no AT (cf. Ex 34,6 – hebr. *hesed we'emet*, gr. *cháris kai alêtheia* – retomados por João para a Palavra Encarnada, em Jo 1,14), aqui, porém, sendo qualidades do ser humano. Notar também a bela imagem do v. 17, que retornará no v. 27, lá designando o "temor de Deus"; e ainda, no v. 17, a "bondade" sendo concretizada pela "esmola".

A imagem do v. 13a ocorre mais vezes em outros livros, p. ex. em Jó 6,15, referindo-se a seus irmãos inconfiáveis, e Jr 15,18, onde é aplicada ousadamente ao próprio Deus: "*Tu és para mim como torrente enganadora...*": alusão às torrentes efêmeras do inverno, no deserto palestinense. – De resto, o texto desses vv. (13-16) está bastante mal transmitido e obscuro: o v. 14, p. ex., é todo conjectural; no v. 16, a imagem parece ser antes a de plantas aquáticas que por primeiro se ressecam, vindo a seca, do que são "arrancadas".

Em todo caso, o último v. (17) é estimulante: se a liturgia tradicional nos salmos afirma que "*a misericórdia de Deus é eterna*" (SI 136), Ben Sirá aplica o princípio ao ser humano, que se eterniza por sua misericórdia e caridade, por elas dando sentido à sua vida. Notar os densos termos hebr. originais, correspondentes a "bondade", *hesed,* e "esmola", *çedaqah,* lit. "justiça", numa evolução semântica que perdura até hoje: *çedaqah,* na tradição rabínica, traduz-se por "caridade", e concretamente é "esmola".

3. O BEM MAIOR (40,18-27)

[18] *É agradável a vida de quem se basta e a de quem trabalha,*
mas é mais feliz quem encontrou um tesouro.
[19] *Ter filhos e fundar uma cidade perpetuam o nome,*
mas acima disso está a posse da Sabedoria.
[19b] *Rebanhos e pomares fazem florescer a saúde,*
mas é melhor que eles a mulher devotada.
[20] *O vinho e a música alegram o coração,*
mas acima de ambos está a afeição dos amigos.
[21] *A flauta e a harpa tornam o canto agradável,*
mas acima delas está a língua sincera.
[22] *Graça e beleza são o desejo dos olhos,*
mas acima delas está o verde dos campos semeados.
[23] *Amigo e companheiro se encontram no momento oportuno*
mas, acima deles, a mulher sensata.
[24] *Irmãos e auxílios são úteis no tempo da aflição,*
mas, acima deles, é a esmola que liberta.
[25] *Ouro e prata dão firmeza aos pés,*
mas acima deles se apreciará um conselho.
[26] *Riqueza e força exaltam o coração,*
mas acima de ambas está o temor do Senhor.
Com o temor do Senhor, nada falta;
com ele, não é preciso procurar socorro.
[27] *O temor do Senhor é como um paraíso de bênçãos;*
sua proteção é como a da glória do Senhor.

Literariamente muito elaborada, esta composição do Sirácida recupera a sua perspectiva otimista, depois da sombria perícope anterior. São dez sentenças que recordam as dez bem-aventuranças de 25,7-11, aqui como lá culminando no valor maior, que é o "temor de Deus". Em cada v. o Sábio-poeta apresenta dois valores, ao qual contrapõe um valor ainda maior (portanto, um total de trinta valores!): todos são dons de Deus, mas alguns são mais preciosos que outros...

Infelizmente, o estado atual do texto gr. tem algumas incongruências, p. ex.: no v. 19, o bem maior não é a "mulher irrepreensível", que vai aparecer em 19b, mas a "posse da Sabedoria", maneira mais lógica para "perpetuar o nome" (cf. 39,9-11). O v. 19b, do hebr., que não consta no texto gr. atual, estabelece o belo confronto entre "rebanhos e pomares" e a "mulher devotada". No v. 20, o bem maior não é o "amor à Sabedoria", que já apareceu no v. 19, mas a "afeição dos amigos" ou, segundo outra versão, o "amor conjugal". No v. 23, o bem maior é a "mulher sensata" segundo o texto hebr., melhor do que "a mulher com o marido" segundo o texto gr., que não combina bem com a posição reconhecidamente patriarcal do Sirácida (cf. acima, 25,13--26,27). Assim, por duas vezes entra a mulher na categoria de "bem maior": no v. 19b e no v. 23, além da referência à sua beleza física no v. 22. – Quanto à estrutura, acrescentando-se o v. 19b do texto hebr., temos quatro estrofes homogêneas, de três v. cada uma.

Na primeira estrofe, vv. 18-19, os "bens maiores" são, sucessivamente, o tesouro, a Sabedoria, a mulher, que, aliás, se inter-relacionam para Ben Sirá: a Sabedoria se considera um tesouro e se apresenta como esposa (1,25; 6,30-31; 15,2), e também a esposa é comparada a um tesouro (Pr 31,10). No v. 19a certamente se faz alusão a uma das características dos soberanos helenistas, que multiplicaram Alexandrias, Antioquias, Seleucias, em seus territórios, assim perpetuando o nome através da fundação de cidades.

Na segunda estrofe, vv. 20-22, os bens maiores são a amizade, a sinceridade (melhor traduzir do hebr. que do gr., língua "sincera", não apenas "suave"), e o verde dos campos, tais como os celebra o Sl 65,10-14. Notar que a escala de valores não é de um v. para o outro, como também não na primeira estrofe, mas no interior de cada versículo.

A terceira estrofe, vv. 23-25, destaca o "bem maior" da mulher (novamente, como no v. 19b), da esmola (prática que o Sirácida tanto preza, cL 29,8-13), e do conselho, do qual tratou em 37,7-15: são valores que dão apoio e protegem na vida quotidiana.

Mas o "bem maior" por excelência é o "temor do Senhor", apresentado na última estrofe, vv. 26-27. Com ele, "nada falta" (v. 26b)! Impossível não lembrar aqui o pequeno admirável poema de Teresa de Ávila:

"Nada te perturbe - nada te espante.
Deus não se muda - tudo passa.
A paciência tudo alcança.
Quem tem a Deus, nada lhe falta.
Só Deus basta!"

O último v. (27) ultrapassa os limites das comparações quotidianas, equiparando o "temor de Deus" ao "jardim de delícias" de Gn 2,8-9, e ao abrigo escatológico de Is 4,5-6.

4. MENDICÂNCIA E MORTE (40,28--41,13)

Nova alternância de temas, após a bela perícope anterior que passava em revista as "coisas boas" da vida. Aqui Ben Sirá vai considerar "coisas ruins", a começar da

mendicância (40,28-30), passando logo para a morte (41,1-4) e suas conseqüências nos ímpios: descendência abominável e má fama (41,5-13).

A mendicância (40,28-30)

[28] *Filho, não leves vida de mendigo:*
é preferível morrer a mendigar.
[29] *O homem que olha para a mesa de outro*
não tem uma vida digna de ser vivida:
mancha a alma com comida de estranhos,
da qual se absterá o homem instruído e educado.
[30] *Na boca do desavergonhado a mendicância é doce,*
mas nas entranhas arde-lhe como fogo.

Chama a atenção o vocativo carinhoso, "filho", que pela última vez apareceu em 38,16, encabeçando aqui uma exortação breve, aliás não muito inspirada, contra a mendicância, ou seja, viver de esmolas. Mesmo demonstrando reservas para com a riqueza (cf. 31,1-10), o Sirácida evidentemente não aconselha a pobreza como ideal de vida: veja-se o que ele diz sobre as agruras dos sem-teto e dos sem-terra, em 29,21-28. Ele aqui rechaça a indigência, como afronta para o homem "instruído e educado". E, se exalta o "dar esmola" (29,8-13), considera preferível morrer, a mendigar (v. 28)! A propósito, recorde-se a palavra do administrador infiel em Lc 16,3: "Mendigar? Tenho vergonha..." Pelo visto, a mendicância que ele comenta é um “estilo de vida” no qual alguém poderia cair por acomodação ou preguiça, mendicância portanto culposa, e não a mendicância imposta por causas estruturais, da qual ele não poderia dizer o que está dizendo.

A morte (41,1-4)

[1] *Ó morte, quão amarga é tua lembrança*
para quem vive em paz entre seus bens,
para a pessoa sem preocupações e bem-sucedida em tudo,
e que ainda tem forças para gozar do prazer.
[2] *Ó morte, agradável contudo é tua sentença*
para o indigente e sem forças,
para alguém no extremo da velhice e cheio de preocupações,
ou revoltado e sem ânimo.
[3] *Não temas a sentença da morte:*
lembra-te dos que te precederam e dos que te seguirão.
[4] *É sentença proferida pelo Senhor para todo ser vivo.*
Por que te recusarás ao beneplácito do Altíssimo?
Quer vivas dez, cem, ou mil anos,
no Hades não há discussão sobre a vida.

A apóstrofe "ó morte", solene e dramática, encabeça duas reflexões contrastantes: a primeira (v. 1), sobre a amargura que a sua lembrança representa para quem está no auge da vida; e a segunda (v. 2), sobre o alívio que a sua certeza traz para quem da vida nada mais espera.

O Sirácida já tratou da morte em 38,16-23, ao abordar o luto; e em 40,1-11, ao refletir pessimisticamente sobre a condição humana. Aqui importa-lhe incutir ao discípulo (v. 3-4) resignada serenidade: é sentença universal da qual não há como fugir, sendo aconselhável portanto a submissão com dignidade. Nenhuma perspectiva da outra vida, ao contrário dos luminosos horizontes do NT, p. ex. no final da primeira carta de Paulo aos coríntios, 1Cor 15.

A descendência dos ímpios (41,5-13)

[5] *Tornam-se abomináveis os filhos dos pecadores,*
os que freqüentam as moradas dos ímpios.
[6] *Perecerá a herança dos filhos dos pecadores,*
mas a desonra permanecerá com a sua posteridade.
[7] *Os filhos repreenderão o pai ímpio.*
pois é por causa dele que são desonrados.
[8] *Ai de vós, ó ímpios,*
que abandonastes a Lei do Altíssimo!
[9] *Se nasceis, é para a maldição que nasceis;*
se vos multiplicais, é para a perdição;
se morreis, é para a maldição que sereis destinados.
[10] *Tudo que vem da terra voltará para a terra;*
assim, os ímpios, que vêm da maldição para a ruína.
[11] *O luto dos falecidos concerne a seus corpos,*
mas o nome dos pecadores, não sendo bom, será apagado.
[12] *Cuida do teu nome, pois ele te acompanhará*
mais do que mil tesouros de ouro.
[13] *Uma vida feliz dura certo número de dias,*
mas o bom nome permanece para sempre.

Única superação possível da morte, na perspectiva do Sábio, seria a sobrevivência nos filhos e na boa fama (cf. 39,9-11), o que, porém não se verifica com os ímpios. É o que ele afirma vigorosamente nos vv. 5-7. Nos vv. 8-10 os "ímpios" apostrofados são talvez pessoas como, depois dele, Jasão e Menelau, usurpadores do cargo de sumo sacerdote e partidários declarados da helenização, tão incriminados nos livros dos Macabeus (cf. 2Mc 4; também 1Mc 1). Impressiona a condenação formal que lhes lança Ben Sirá, habitualmente tão comedido, porque eles "abandonaram a Lei do Altíssimo" (v. 8; cf. c. 2,12-14).

Nos vv. 12-13, uma exortação positiva a preservar o bom nome, mais precioso do que "mil tesouros" (cf. o elogio do justo no Sl 112, exaltando a sua descendência, v. 2, e a sua memória, v. 6).

5. VERDADEIRA E FALSA VERGONHA (41,14--42,8)

O Sirácida volta aqui, mais especificamente, ao tema que ele já abordou em 4,20-28, e que já apareceu também, esparso, em 5,14; 6,1; 20,22-23; 25,22; 29,14. Trata-se da

vergonha – ligada ao conceito de “honra” – que às vezes é pudor, às vezes respeito humano, e que ele pretende esclarecer segundo o seu método característico: faz uma lista de situações ou ações das quais convém “envergonhar-se” (41,17-42,1), e logo apresenta outra série de ações ou situações das quais “envergonhar-se” não convém (42,2-8). As listas são um gênero didático freqüente, p. ex. as listas dos mandamentos (Ex 20,1-17; 34,10-26; Dt 5,6-22), listas de maldições e de bênçãos (Dt 27,14-26 e 28,2-14) etc.

a) Vergonha oportuna (41,(14-16) 17--42,1ab)

[14] Filhos, guardai em paz esta instrução:
sabedoria oculta e tesouro invisível,
para que servem uma e outro?
[15] É preferível aquele que oculta a loucura,
àquele que oculta a sabedoria.
[16] Mostrai-vos, pois, envergonhados, só nos casos que vou expor;
porque não é bom entreter toda espécie de vergonha,
e nem tudo é julgado com fidelidade por todos.
[17] Diante do pai e da mãe, sim, envergonhai-vos
por causa da libertinagem;
diante do príncipe e do poderoso,
por causa da mentira;
[18] diante do juiz e da magistrado,
par causa do delito;
diante da assembléia e do povo,
por causa da transgressão da Lei;
diante do companheir e do amigo,
par causa da injustiça;
[19] diante da vizinhança onde moras como estranho,
por causa do roubo.
Envergonha-te, diante da verdade de Deus e de sua Aliança,
por apoiar os cotovelos sobre os pães;
por ser desdenhoso quando recebes ou dás;
[20] por calar-te frente a quem te saúda;
por dirigir olhares à prostituta;
[21] por evitar o encontro com um parente;
por apropriar-te de uma herança ou doação;
por seguir com os olhos a mulher de outro;
[22] por ter familiaridade com a tua serva (não te aproximes de seu leito!);
por pronunciar palavras ofensivas aos amigos (não ofendas depois de dar!);
[42,1] por repetir o que ouviste;
por revelar notícias secretas.
É assim que terás a verdadeira vergonha,
e encontrarás graça diante de todos!

Na introdução (v. 14-16), o Sábio se dirige aos discípulos no plural, "filhos", quando normalmente o tem feito no singular ("filho", p. ex. 40,28). E sua primeira advertência é contra a timidez, a falsa vergonha de quem, por respeito humano, "esconde" a Sabedoria (v.

14-15). Isto lembra a palavra de Jesus aos discípulos, alertando-os a fazerem brilhar a própria luz "diante dos outros" (cf. Mt 5,14-16). O v. 16 insiste no discernimento: "vergonha", só nos casos, cerca de vinte, que ele vai expor.

As situações são heterogêneas, embora todas se refiram à convivência social. Vários casos pertencem à legislação sagrada do povo, outros são normas de boa educação. Notar, nos primeiros casos (vv. 17-19), a especificação das testemunhas diante das quais determinada ação seria particularmente constrangedora, a começar da menção "do pai e da mãe" (v. 17; cf. 3,1-16). Seguem, por ordem: o príncipe, o juiz, a assembléia, o companheiro, a vizinhança estranha... Infelizmente, todo o texto é muito sintético e não foi bem transmitido, sendo difícil captar os dados concretos das situações às quais o Sábio alude.

A partir do v. 19b, a testemunha qualificada é "a verdade de Deus e sua Aliança", se bem entendemos o texto que temos. Notar também que o interlocutor, desde 19a, não é mais plural, como nos vv. 14-18 ("filhos"), mas é de novo singular: "a vizinhança onde moras como estranho", como em todo o restante da perícope. Ainda quanto a 19a, temos aí uma possível alusão à situação da diáspora.

Quanto a "apoiar os cotovelos sobre os pães" (v. 19c), não pode tratar-se apenas de más maneiras à mesa, como em 31,14.18, mas de algo mais grave como, talvez, recusar ostensivamente dar pão ao faminto...

A conclusão, em 42,1b, é incentivadora: tendo a "verdadeira vergonha", o resultado será a simpatia, o favor diante de "todos", judeus e não judeus.

b) A falsa vergonha (42,1c.-8)

[1c] *Não te envergonhes, porém, das seguintes coisas,*
e não faças acepção de pessoas a ponto de pecar:
[2] *não te envergonhes da Lei do Altíssimo e de sua Aliança,*
da sentença que jaz justiça ao ímpio,
[3] *de jazer as contas com colegas e companheiros de viagem,*
de ter parte na herança de amigos,
[4] *da exatidão na balança e nos pesos,*
de fazer grandes ou pequenas aquisições,
[5] *da vantagem que os negociantes tiram da venda,*
da correção freqüente dos filhos,
de jazer sangrar as costas de um servo mau.
[6] *Com mulher curiosa é bom lacrar os documentos;*
e onde há muitas mãos, passa a chave.
[7] *O que entregas em depósito, jaze contar e pesar;*
o que deres e receberes, põe tudo por escrito.
[8] *E ainda não te envergonhes de corrigir o insensato e o tolo,*
nem o velho decrépito, acusado de libertinagem.
É assim que te mostrarás verdadeiramente instruído
e receberás a aprovação de todos os viventes.

Por contraste, Ben Sirá alerta agora contra cerca de quinze casos em que a vergonha, o respeito humano, a acepção de pessoas, não devem absolutamente entrar. O primeiro caso é óbvio, mas era de particular importância naquele momento histórico em que a atração do helenismo ia trazer a tentação da vergonha de ser judeu, a ponto de alguns procurarem dissimular a própria circuncisão (cf. 1Mc 1,15). Aliás, a menção da "Lei do Altíssimo" em primeiro lugar, nesta lista, recebe para nós um significado comovedor, ao sabermos que este c. 42 foi encontrado inteiro em Massadá, em 1964. Quer dizer que o livro do Sirácida sustentou até o fim a fidelidade corajosa dos defensores da célebre fortaleza, na resistência contra os romanos.

Os outros casos situam-se no campo das relações sociais, da economia, da administração, chegando a pormenores da vida doméstica. O Sábio quer prevenir contra o falso receio de parecer severo ou meticuloso ou exigente demais. Aqui o inspira seu pragmatismo objetivo, que deixa de lado o que lhe parece uma inconveniente sensibilidade, p. ex.: não ter vergonha de fazer as contas (v. 3); de tirar a vantagem, supostamente lícita, do negócio (v. 5, mas cf. a advertência de 26,29 e 27,2); de passar a chave onde há muitas mãos (v. 6); de anotar direitinho depósitos e entradas (v. 7)... Observe-se a insistência em teses já antes defendidas: o rigor na educação dos filhos (v. 5b, cf. 30,1-13), a severidade para com os servos ou escravos (v. 5c, cf. 33,25-33), o controle sobre a esposa (v. 6a, lit., "*com mulher má é bom usar o sinete*"; cf. 25,13-26; também 33,20-24)...

A conclusão (v. 8c) é semelhante à da seção anterior, anunciando a aprovação social, o reconhecimento público (sem qualquer referência teológica) para com aquele que tiver agido com firmeza, sem falsa vergonha.

6. PREOCUPAÇÕES PELA FILHA (42,9-14)

[9] *Uma filha é para o pai preocupação secreta,*
e a inquietação por ela tira o sono:
na juventude, para que não passe da flor da idade;
depois de casada, para não ser repudiada;
[10] *na virgindade, para não ser seduzida*
e ficar grávida na casa paterna;
estando com o marido, para que não caia em falta;
coabitando com ele, para que não fique estéril.
[11] *Em relação à filha indócil, redobra a vigilância,*
para que não faça de ti a irrisão dos inimigos,
o comentário da cidade, o alvo do ajuntamento do povo,
e te cubra de vergonha diante da multidão.
[12] *Que ela não exiba a beleza para qualquer homem*
nem se assente no meio das mulheres.
[13] *Porque, assim como é da veste que sai a traça,*
também é da mulher que procede a malícia feminina.
[14] *É preferível a dureza do marido à indulgência da mulher;*
a mulher que desonra expõe ao insulto.

Temos aqui uma passagem que completa o quadro não muito luminoso do conceito de Ben Sirá sobre a mulher, conceito já exposto longamente na passagem de 25,13 a 26,27. Como já vimos, o ponto de vista do Sábio é unilateralmente patriarcal e machista. Aqui, ele descreve a preocupação de um pai com sua filha, preocupação porém que visa apenas preservar o bom nome e o bom conceito do pai, sem qualquer consideração para com a filha como pessoa humana. Inclusive não são aqui mencionadas suas qualidades positivas, que em 26,1-4 e 13-18 contrabalançam o quadro negativo.

O texto dos vv. 12-14 está irremediavelmente corrompido, o tradutor gr. não tendo entendido o texto hebr., como o mostra a BJ e os comentaristas em geral. Em todo caso, na tradução conjectural que apresentamos, continua o tema dos vv. 11-13, ainda o pai preocupado com sua filha. É estranha a advertência do v. 12b, confirmada pela misoginia exacerbada do v. 13, sobre a influência, considerada nefasta, de mulheres mais velhas, sobre a jovem filha.

Amenizando o clímax do antifeminismo, no v. 14a ("*é melhor a maldade do homem que a bondade da mulher*"), a conjectura de DI LELLA contrapõe, coerente com a metodologia do Sirácida, no v. 14b: "mas é melhor uma filha piedosa do que um filho desavergonhado. . ." ALONSO-SCHÖKEL tem outra conjectura para todo o v. 14: "É preferível a dureza do marido à indulgência da mulher; a mulher de má fama traz desonra para casa".

Enfim, como não sabemos exatamente o que o Sirácida escreveu, nestes versículos, corremos o risco de julgá-lo mal por posições que talvez não tenham sido as dele. De resto, sem querer justificá-lo, o rabinismo posterior manifesta a mesma tendência negativa contra a mulher, tendência que hoje claramente reconhecemos não ser justa (cf. acima, o comentário a 25,13--26,27),

XIV. COMENTARIO de 42,15 a 43,33

HINO À SABEDORIA DE DEUS NA CRIAÇÃO

Aqui iniciamos a parte final do livro, claramente distinta de tudo o que precede. Ben Sirá abandona a forma literária do ensinamento sapiencial através de provérbios, para dar largas à sua inspiração poética num grande Hino, que primeiro exalte a Sabedoria de Deus (42,15--43,33) e depois se estende no elogio entusiasmado dos heróis de Israel (c. 44--50).

A confissão de fé dos antigos israelitas partia originariamente do núcleo fundamental da libertação do Egito (Ex 20,2; Dt 5,6) e da conquista da terra (Dt 26,3-10), para estender-se depois aos ciclos dos patriarcas (Gn 12--50). O discurso sobre a Criação (Gn 1--11) veio num segundo momento, fornecendo uma perspectiva universal à experiência particular de Israel e entrosando-a com a história dos povos (Gn 5; Gn 10). Assim, da experiência da história chegou-se à compreensão da natureza, e chegou-se à intuição do lugar do ser humano na criação (Gn 1; 2-3).

O Sirácida move-se com desenvoltura no horizonte unificado da história e da natureza e, como teólogo digno desse nome, reconhece e exalta a centralidade de Deus. É de Deus, portanto, da sua Sabedoria e do seu Poder, que ele quer partir.

1. A SABEDORIA DE DEUS (42,15-25)

[15] *Vou agora recordar as obras do Senhor.*
e aquilo que vi vou descrever.
Pelas palavras do Senhor foram feitas suas obras,
e segundo seu beneplácito realizou-se o seu decreto.
[16] *O sol brilhante vê tudo lá do alto,*
da glória do Senhor está cheia a sua obra.
[17] *Aos santos do Senhor não foi dado contar todas as suas maravilhas,*
aquelas que o Senhor Todo-poderoso estabeleceu
para tudo se consolidar em sua glória.
[18] *Ele sonda o abismo e o coração*
e penetra em todas as suas astúcias;
pois o Altíssimo possui toda a ciência
e fixa o olhar nos sinais do tempo,
[19] *manifestando o passado e o futuro*
e revelando os vestígios das coisas ocultas.
[20] *Nenhum pensamento lhe escapa*
e nenhuma palavra lhe fica escondida.
[21] *Dispôs em ordem as maravilhas de sua Sabedoria,*
pois só ele existe antes dos séculos e para sempre.
Nada lhe foi acrescentado, nada lhe é tirado,
e ele não precisa de conselheiro algum.
[22] *Quão amáveis são todas as suas obras,*
mesmo se conseguíssemos observar apenas uma centelha!

[23] *Tudo isto vive e permanece para sempre,*
em todas as circunstâncias, e tudo lhe obedece.
[24] *Todas as coisas existem aos pares, uma diante da outra,*
e ele nada fez de incompleto:
[25] *uma coisa completa a bondade da outra.*
Quem, pois, se fartará de contemplar a sua glória?

Esta seção faz de abertura solene para tudo o que segue. Podemos estruturá-la em três estrofes, com três temas principais: 1) os limites do louvor humano, apesar do vivo desejo do autor em proclamá-lo, vv. 15-17; 2) a onisciência e a Sabedoria do Criador que esquadrinha o "abismo", também o do coração humano, vv. 18-21; 3) a bondade e beleza de toda a Criação, "nada nela existindo de incompleto", vv. 22-25.

"Vou agora recordar" (v. 15): é um passo importante para a fé, que naufraga se perder a capacidade da memória, capacidade que é, aliás, um mandamento insistente e essencial: "*Não esqueças nenhum de seus benefícios*" (Sl 103,2; cf. Sl 77,12). "Palavras" (v. 15b): o texto hebr. tem "palavra", no singular, como o Sl 33,6 e, no NT, o prólogo de João: "*No princípio era a Palavra... tudo foi feito por meio dela...*" (Jo 1,1-3).

No v. 17 os "santos" são os anjos de Deus, a sua corte, como no Sl 89,6: nem eles têm a capacidade de conhecer e apreciar todas as obras de Deus!

Na segunda estrofe (vv. 18-21), a onisciência é expressa pelos paradoxos: Deus sonda o abismo dos mares e esquadrinha também o coração humano; passado e futuro, pensamento e palavra, nada lhe escapa... cf. Sl 139. No v. 21, a menção expressa das "maravilhas da sua Sabedoria", a Sabedoria de quem "não precisa de conselheiro algum" (cf. Rm 11,34).

A terceira estrofe (v. 22-25) sintetiza e reforça a "justificação de Deus", isto é, a *teodicéia* do Hino do c. 39,16-35: "todas as obras" de Deus são "amáveis", "completas", "boas", "obedientes"... mesmo tendo nós apenas a capacidade de observar delas "uma centelha" (v. 22)! Nos vv. 24-25a, notar a perspectiva otimista, diversa da fria objetividade – ou pessimismo? – do Coélet, em Ecl 3,1-8. No v. 25, a sensibilidade estética, contemplação da beleza, implícita em vários salmos, se torna explícita aqui, talvez pelo influxo da cultura grega. - Seja como for, é algo que se exprime num tom entusiasmado, alegre, que envolve o leitor, mais ou menos como a música de Haydn, no oratório "A Criação".

2. MARAVILHAS DE DEUS NO CÉU (43,1-12)

[1] *Orgulho das alturas* é o *límpido firmamento:*
eis a visão do céu num espetáculo de glória!
[2] O *sol que aparece proclama, ao sair,*
que coisa maravilhosa é *a obra do Altíssimo.*
[3] *Ao meio-dia resseca a terra:*
quem poderá resistir ao seu calor?
[4] Se *alguém acende a fornalha para* os *trabalhos a fogo,*

o *sol esquenta as montanhas três vezes mais:*
exala vapores ardentes
e, *dardejando seus raios, ofusca* os *olhos.*
[5] *É grande* o *Senhor que o fez*
e *que, com suas ordens, lhe acelera* o *curso.*
[6] *Também a lua, sempre pontual* em *suas fases,*
indica os *tempos* e é *um sinal perene.*
[7] *É a lua que assinala as festas,*
diminuindo a claridade até desaparecer.
[8] *É dela que* o *mês recebe* o *seu nome,*
enquanto cresce maravilhosamente em *suas mudanças.*
Ela é o farol dos exércitos do alto,
rebrilhando no firmamento do céu.
[9] *Beleza do céu é o brilho das estrelas,*
ornamento que resplende nas alturas do Senhor.
[10] *As ordens do Santo ficarão, segundo* o *seu decreto,*
sem jamais abandonarem seus postos de vigia.
[11] *Olha o arco-íris e bendize quem* o *fez,*
magnificamente belo em *seu resplendor:*
[12] *cinge* os *céus com um círculo de glória,*
pelas mãos do Altíssimo estendido.

Começa a grande resenha das obras de Deus no céu e na terra, ocupando todo o c. 43. É um poema esmerado, no qual se conjugam a descrição deslumbrada, o lirismo que se derrama em exclamações, várias imagens que "domesticam" a natureza.

Nesta primeira seção (vv. 1-12), são apresentados com entusiasmo o firmamento, v. 1; o sol, vv. 2-5; a lua, vv. 6-8; as estrelas, vv. 9-10; o arco-íris, vv. 11-12. O autor se inspira evidentemente no relato sacerdotal da Criação, Gn 1, mas de modo especial nos salmos, notadamente o Sl 104 (também 147 e 148).

Após as exclamações que admiram o firmamento (v. 1), seguem quatro vv. sobre o sol, destacando-se-lhe o calor e o brilho ofuscante do meio-dia. A admiração do v. 3 se dirige à obra, enquanto a do v. 5 se volta para o seu autor.

A estrofe sobre a lua (v. 6-8) ressalta a pontualidade de suas fases e o seu papel central no calendário das festas judaicas: p. ex., Páscoa e Tendas tinham início na lua cheia (cf. Lv 23,5.34). O v. 8 alude ao mesmo vocábulo hebr. que significa "lua nova" e "mês". O v. 10, sobre as estrelas, ressalta a sua prontidão e fidelidade, lembrando o Sl 147,4: "*Ele conta o número das estrelas, e chama cada uma pelo nome*" (cf. igualmente Br 3,33-35). O autor também talvez queira contrapô-las, na sua fixidez, ao crescer e minguar da lua, e ao nascer e pôr-se do sol.

O arco-íris, que ocupa lugar tão marcante na narrativa do dilúvio (cf. Gn 9,13-16), impressiona pela amplitude, brilho e significado perene: apesar de estendido no céu, e exatamente por isso, o Senhor não o usará mais para desferir os dardos da sua ira sobre a terra. Ao menos não como no cataclismo do qual apenas Noé com os seus, na arca, foi preservado.

3. MARAVILHAS DE DEUS NA TERRA E NO MAR (43,13-26)

[13] *Por sua ordem faz cair o raio*
e lança os relâmpagos do seu julgamento.
[14] *Por causa disso é que se abrem seus tesouros*
e as nuvens esvoaçam como pássaros.
[15] *Em sua grandeza condensa as nuvens*
e as pedras de granizo se fragmentam.
[17a] *A voz do seu trovão aterroriza a terra*
[16] *e ante a sua visão as montanhas se abalam.*
Por sua vontade sopra o vento do sul,
[17b] *assim como o furacão do norte e os ciclones.*
Espalha a neve como pássaros que descem
e ela cai como gafanhotos que pousam.
[18] *A beleza de sua alvura arrebata o olhar,*
e o coração se sente extasiado ao vê-la cair.
[19] *Despeja sobre a terra a geada, como o sal,*
e ela enrijece como pontas de espinhos.
[20] *O vento frio do norte põe-se a soprar,*
fazendo condensar-se o gelo sobre a água;
e sobre toda a massa líquida se estende, como de uma couraça revestindo a água.
[21] *Esse vento devora as montanhas e abrasa o deserto,*
e consome o verdor das plantas como fogo.
[22] *A névoa úmida é pronto remédio para tudo isso:*
e o orvalho, que chega após o calor ardente, traz alegria.
[23] *O Senhor, com seu desígnio, aplacou o oceano*
e nele plantou as ilhas.
[24] *Os que navegam sobre o mar descrevem seus perigos,*
e ficamos admirados com o que ouvimos a respeito:
[25] *há nele coisas estranhas e maravilhosas,*
animais de toda espécie e monstros marinhos.
[26] *Pelo Senhor, porém, seu mensageiro chega à meta*
e por sua palavra se coadunam todas as coisas.

Nesta seção cresce o lirismo do Sábio-poeta, que sabe fixar em poucas palavras os espetáculos da natureza. No v. 13a o texto recebido traz "neve", a qual, porém, começará a ser descrita no v. 17c. Aqui devemos ler "raio", como no texto hebr., e é o paralelismo exigido pelos "relâmpagos" do v. 13b, além de ser o contraste, tremendo mas luminoso, do "arco-íris" do v. anterior.

Os vv. 14-17b apresentam bela descrição dos elementos da tempestade, armazenados em seus "tesouros" (cf. 39,23-31; também Jó 38,22-23): nuvens, granizo, trovão, ventos, ciclones, com algumas imagens de teofania, como em 16a.

Os vv. 17c-18 descrevem com entusiasmo o espetáculo da nevasca, os flocos de neve caindo e arrebatando o coração... cf. Sl 147,16: "*Ele faz cair a neve como lã!*" Nos vv.

19-20 já se trata da geada, ou da neve derretida e enregelada: interessantes as imagens do "sal", dos "espinhos" e da "couraça", para descrever esses fenômenos. O v. 21 refere-se ainda ao vento gelado, do norte, das alturas perenemente nevadas do Hermon, vento que "queima como fogo", mas ao qual se contrapõe, no v. 22, a névoa úmida e o orvalho, prenúncios da primavera.

Meio de repente, após passar em revista tantos fenômenos atmosféricos em terra, Ben Sirá aborda o mar, esse elemento estranho e temeroso, apresentado nas mitologias como monstro rebelde, mas que o Senhor domina (cf. Sl 74,13-14; ver também a Nota da BJ a Jó 7,12). O Senhor "aplacou o oceano e nele plantou as ilhas" (v. 23): estas, são as numerosas ilhas do Mediterrâneo oriental, especialmente no mar Egeu, as quais, sendo habitadas, eram a prova da "domesticação" do mar e de seus "monstros" (v. 25).

O v. 26, muito sintético, parece fazer a transição entre o tema do mar e o do conjunto da ação criadora de Deus: o "seu mensageiro" pode ser o navegante, que,. com a proteção divina, chega ao porto, realizada a tarefa; ou, então, qualquer das suas criaturas, colocadas a seu serviço, atentas à sua palavra, pela qual "se coadunam todas as coisas", isto é, até os contrários se completam. Notar aí a menção da Palavra criadora, fazendo inclusão com o começo do Hino (v. 42,15b).

4. A GLÓRIA DE DEUS E SEU LOUVOR (43,27-33)

27 *Poderíamos dizer muitas coisas e não chegaríamos ao fim.*
Eis o resumo das palavras: "Ele é tudo!"
28 *Onde acharíamos força para glorificá-lo?*
Ele é o Grande, acima de todas as suas obras.
29 *O Senhor é terrível e soberanamente grande,*
e admirável é seu poder.
30 *Glorificando, exaltai-o quanto puderdes,*
pais estará sempre ainda mais acima.
Para exaltá-lo redobrai as forças
e não vos canseis, pois não chegareis ao fim.
31 *Quem o viu para podê-lo descrever?*
Quem o louvará, assim como ele é?
32 *Há muitos mistérios, maiores ainda,*
porque vemos poucas dentre as suas obras.
33 *Pois o Senhor criou todas as coisas*
e a seus fiéis concedeu a Sabedoria.

O autor sente que deveria dizer muito mais, recordar muito mais, louvar muito mais, pois se encontra diante daquele que é "tudo" ou, literalmente, como diz o texto original, com artigo, ele é "o tudo", "o universo" (v. 27b). Todos os comentários observam, porém, que essa fórmula causa estranheza pelo seu aparente *panteísmo:* Deus confundindo-se, ou identificando-se, com a natureza, o universo? Aliás, expressão análoga encontramos no hino a Zeus (= Júpiter), do estóico Cleante, de Axos. Mas todo o contexto e todo o restante do livro exclui qualquer confusão entre o Criador e a criação; ele permanece distinto de todas as criaturas justamente porque as transcende, e o v. 28, imediatamente seguindo ao v.

27, é uma grandiosa declaração dessa transcendência: ele é "maior", está "acima de todas as suas obras".

Com certa impaciência, e renunciando a particularizar outras descrições, Ben Sirá sobe, nesta estrofe, das criaturas ao Criador, que supera e sintetiza tudo, e convoca, agora, a assembléia, com insistência, ao louvor: "*exaltai-o quanto puderdes, redobrai as forças, não vos canseis...*" (v. 30).

No entanto, novamente se constata a incapacidade humana: como descrever o Deus invisível? Como louvá-lo "assim como ele é" (v. 31)? – São perguntas que recordam as do começo do livro, no c. 1: "*quem pode contar a areia dos mares, as gotas da chuva...?*" (1,2), quem, senão a Sabedoria, e aqueles a quem a Sabedoria foi dada (1,8-10)? Pois bem, os seus "fiéis" têm essa capacidade, pois dele receberam, justamente, a Sabedoria (v. 30): Sabedoria para entender e proclamar suas obras; e Sabedoria para entender que, postos a louvar a Deus, é preciso louvá-lo sempre mais... Como não perceber a correspondência desta passagem com certos temas do prólogo de João, que termina justamente dizendo: "*Ninguém jamais viu a Deus; o Filho Unigênito – Palavra e Sabedoria do Pai – no-lo deu a conhecer*"? (Jo 1,18).

Ainda um detalhe: quem são esses "fiéis" (v. 33b) a quem a Sabedoria é dada? A expressão gr. traduz um original hebr. que volta em 44,1-10 e significa, literalmente, "homens de bem" *('aneshê hesed),* isto é, benfazejos e fiéis, que praticam a misericórdia/fidelidade representada pelo termo *hesed* (de onde vêm também os "*hasidim*": cf. Nota da BJ a 1Mc 2,42): são justamente aqueles que vão tornar gloriosa a história de Israel, segundo o que o autor vai demonstrar a seguir (cc. 44--50).

XV. COMENTÁRIO de 44,1 a 50,21

HINO À SABEDORIA DE DEUS NA HISTÓRIA

Elogio dos antepassados de Israel

Esta é talvez a parte mais conhecida do livro do Sirácida. Ele a compôs como um paralelo e complemento ao Hino anterior, que celebra a Sabedoria de Deus *na criação.* Aqui ele descreve a Sabedoria e atividade divina *na história,* através dos heróis do seu povo, uma história tipicamente israelita.

O autor justifica plenamente a sua própria alusão a longos estudos e a profunda familiaridade com os escritos e tradições do seu povo (cf. 39,1-3), qualidade testemunhada também pelo neto-tradutor, no prólogo. Ele se mostra conhecedor de todo o corpo das escrituras canônicas, como nós as conhecemos hoje, apenas não mencionando Rute, Ester (talvez ainda não redigido), o Cântico, e Esdras; também Daniel não é citado, e nem podia sê-lo, porque no tempo de Ben Sirá ainda não estava escrito.

Mudança interessante é a do gênero literário: enquanto a maioria de suas fontes são textos em prosa, o Sirácida os resume e reproduz em expressiva e digna poesia. Ele, porém, não é o único, nem o primeiro, a sumarizar a história passada: já as antigas confissões de fé o faziam, como Dt 26,5-9 ou Js 24,2-13; três salmos igualmente o fizeram: Sl 78, Sl 105, Sl 106; Ezequiel recordou a história pré-exílica em forma de alegoria (Ez 16 e 23), e em linguagem direta (Ez 20); semelhante recordação do passado aparece também na confissão de Esdras, em Ne 9,7-37... Todos esses sumários são histórias religiosas, sob a perspectiva da relação da aliança entre Deus e seu povo, normalmente exaltando a fidelidade de Deus enquanto denunciavam e reconheciam a infidelidade do povo.

A perspectiva de Ben Sirá é positiva, como vamos ver a seguir. E a sua influência nos autores que o seguiram parece inegável, como podemos constatar no livro da Sabedoria. Este, no c. 10 também recorda a história dos patriarcas, de Adão até Moisés, e a seguir devota oito capítulos ao *midraxe* do Êxodo. No NT, possivelmente o magnífico c. 11 da carta aos Hebreus, sobre a fé exemplar dos "antigos", também aqui se inspirou.

Ainda uma observação, esta, crítica: onde se encontram, nesta resenha de trinta heróis, onde se encontram as heroínas? Onde estão as "mães de Israel": Sara, Rebeca, Lia, Raquel? Onde está Míriam, a irmã de Moisés? E Débora, juíza e profetisa? E Jael, a vingadora? E Rute, a moabita? E Hulda, a profetisa? (quanto a Judite, e talvez também Ester, seus livros parecem posteriores ao Sirácida). Sim, onde estão as mulheres? a mulher? – De fato, é uma lista masculina, elaborada pelo inconsciente patriarcal e machista do nosso autor, viciada, portanto por essa lacuna que, felizmente, e exatamente com as figuras femininas mencionadas, o cânon bíblico repara. De resto, esta lista *masculina* parece ter em vista a lista também masculina dos heróis e sábios da Grécia, cujo valor, apregoado pelos helenistas, não devia provocar inveja alguma entre os judeus. Numa hora

de sobreposição do helenismo, Ben Sirá mostra-se arauto incomparável, mesmo se parcial, de sua raça e de seu povo.

1. INTRODUÇÃO (44,1-15)

[1] *E agora louvemos os homens ilustres,*
nossos pais através das gerações.
[2] *O Senhor manifestou neles uma glória imensa*
e mostrou sua grandeza, desde os tempos antigos.
[3] *Uns exerceram a soberania em seus reinados*
e tornaram-se famosos por seu poder;
outros, conselheiros por sua inteligência,
fizeram revelações em profecias.
[4] *Uns guiaram o povo com seus conselhos,*
hábeis na arte de escrever,
deixando palavras sábias para a instrução;
[5] *outros compuseram cânticos melodiosos*
e escreveram narrativas poéticas;
[6] *outros foram ricos e dotados de força,*
vivendo em paz em suas casas.
[7] *Todos foram honrados por seus contemporâneos,*
alvo de elogios ainda em vida.
[8] *Alguns deles deixaram um nome*
que se proclama com louvores;
[9] *outros não deixaram recordação alguma,*
desaparecendo como se não tivessem existido:
viveram como se não tivessem vivido,
e seus filhos também, depois deles.
[10] *Não assim, contudo, com os homens de bem,*
cujos atos de justiça não caíram no esquecimento.
[11] *Com a sua posteridade permanecem suas obras,*
uma boa herança para seus descendentes.
[12] *Sua descendência mantém-se fiel à Aliança,*
e os filhos de seus filhos, graças a eles.
[13] *Sua descendência permanecerá para sempre*
e sua glória não se apagará jamais.
[14] *Seus corpos foram sepultados em paz*
e seu nome vive através das gerações.
[15] *Os povos proclamarão sua Sabedoria*
e a assembléia celebra o seu louvor.

Antes do desfile dos personagens, que começam a ser nomeados a partir do v. 16, temos quinze vv. de introdução geral, que se abrem com o convite: "E agora *louvemos. . .*" Note-se que "louvar" é o verbo do louvor hínico dirigido a Deus, mas aqui o Sirácida convida a associar-nos a ele no louvor de seres humanos, esses homens "ilustres", cuja memória e cujos exemplos ele quer evocar. A propósito, a expressão "homens ilustres"

(v.1), ou "gloriosos", interpreta helenisticamente no gr. uma expressão hebr. que é traduzida no gr., no v. 10, por *andres eleous,* lit. "homens de misericórdia", segundo o que já observei acima, ao comentar o v. 43,33b: homens que praticam o *hesed,* essa qualidade divina que é o que Deus mais procura no ser humano, segundo Os 6,6... E esses homens "ilustres" são "nossos pais através das gerações": forte expressão de continuidade e de pertença, quase tradição biológica. O v. 2 dá a perspectiva teológica a toda a resenha: é o Senhor quem os suscitou e que lhes concedeu manifestar a sua glória.

Os vv. 3-6 sintetizam por antecipação as qualidades dos que vão ser recordados nominalmente na resenha: reis, conselheiros, profetas, líderes do povo, salmistas... Infelizmente o texto não está claro e saltam aos olhos as lacunas: não estão incluídos aí os sacerdotes, aos quais o Sirácida dá tanto realce (cf. Aarão e Finéias, no c. 45, e o sumo sacerdote Simão, no final, c. 50), e não aparecem também os artesãos e operários, sem os quais "*cidade alguma é construída*" (38,32)...

A contraposição dos v. 8-9 é lógica, embora meio deslocada e obscura aqui: não se vê bem quem seriam "alguns deles" e quem seriam os "outros", uma vez que o Sábio vai recordar nominalmente só quem deixou "*um nome que se proclama com louvores*".

O v. 10 novamente reafirma e sintetiza o elogio dos homens "de bem" (cf. v. 1, supra), cujos "atos de justiça", lit. "justiças" (no rabinismo posterior, *çedaqah,* justiça = caridade!), não caíram no esquecimento. Os vv. 11-15 acentuam de vários modos sua "imortalidade", mas só a da descendência e do bom nome (cf. todo o Sl 112). O v. 15 reafirma o que 39,10 dissera sobre o Sábio e 31,11 sobre o rico generoso: "*a assembléia celebra o seu louvor*". Aliás, a primeira parte do v. resume todas as virtudes dos homens "de bem" numa só: a Sabedoria.

2. OS ANTIGOS PATRIARCAS (44,16-23b)

Começa a resenha. Como não podia deixar de ser, pelo livro do Gênesis, do qual o Sirácida escolhe Henoc e Noé e, a seguir, Abraão, Isaac e Jacó (cf. a mesma seqüência na carta aos Hebreus, Hb 11,5.9). No final da resenha, em 49,14-16, ele suprirá a omissão, aqui, de Adão, Sem, Set e José.

a) Henoc e Noé (44,16-18)

16 ***Henoc*** *agradou ao Senhor e foi trasladado,*
exemplo de conversão para as gerações.
17 ***Noé*** *foi encontrado perfeito e justo,*
e no tempo da ira tornou-se reconciliação:
por ele é que permaneceu um resto sobre a terra quando se deu o dilúvio.
18 *Alianças eternas foram firmadas com ele,*
para que não fossem mais destruídos todos os viventes por um dilúvio.

Henoc, que já avulta no elenco dos patriarcas antediluvianos pelas especiais notícias a seu respeito em Gn 5,21-24, tornar-se-á depois um personagem famoso no judaísmo

tardio, o qual lhe atribuirá o apocalíptico *"Livro de Henoc",* segundo o qual ele possui o conhecimento dos segredos, quer naturais quer sobrenaturais. Ele é a única pessoa, no AT, da qual se faz o mesmo elogio feito a Noé: "*andou com Deus*" (Gn 5,22.24; cf. Gn 6,9). A expressão "exemplo de conversão" é mais coerente no texto hebr.: "exemplo de conhecimento", isto é, de Sabedoria.

Bela apresentação, em dois vv., da simpática figura de Noé, segundo os relatos de Gn 6-9. O "resto" é um tema profético insistente, que aparece p. ex. em Am 5,15 e Is 10,20-23; aqui, é a continuidade humana estreitada numa família. Noé é o mediador da primeira reconciliação de Deus com a humanidade (cf. Gn 9,9-17), primeiro e notável exemplo do justo fiel que se salva e salva a raça humana. E ele o consegue preservando-se no meio da perversidade, modelo evidente para os contemporâneos de Ben Sirá, atraídos e tentados pelo helenismo.

b) Abraão, Isaac e Jacó (44,19-23b)

[19] ***Abraão** é o grande pai de uma multidão de nações,*
e não se encontra mancha alguma em sua glória.
[20] *Observou a Lei do Altíssimo*
e entrou em aliança com Ele;
ratificou a Aliança em sua carne
e na prova mostrou-se fiel.
[21] *Por isso, Deus lhe assegurou, com juramento,*
que as nações seriam abençoadas pela sua descendência,
que ele se multiplicaria como o pó da terra,
que a sua descendência seria exaltada como as estrelas,
e que receberiam em herança o país que se estende de mar a mar,
e desde o Rio até as extremidades da terra.
[22] *Também a **Isaac** renovou o juramento,*
por causa de Abraão seu pai.
A bênção de todas as nações, e a Aliança,
[23] *Ele as fez repousar sobre a cabeça de **Jacó**.*
Confirmou-o nas bênçãos que eram dele,
e concedeu-lhe a terra em herança.
E ele dividiu-a em lotes, distribuindo-os entre as doze tribos.

O segundo grupo inclui os três patriarcas, com a alusão final às doze tribos. O v. 20 sintetiza os quatro maiores méritos de Abraão: observou a Lei, entrou em aliança com Deus, circuncidou-se, superou a prova da obediência. Mesmo sendo historicamente anacrônico (porque a Lei foi promulgada vários séculos depois de Abraão), o primeiro mérito é muito significativo, e supõe a crença rabínica na preexistência da Lei (uma das sete criaturas que precederam à criação do mundo), cuja revelação ao patriarca teria sido assim antecipada.

É interessante que o Sirácida inverte a ordem dos fatos do Gênesis: na narrativa bíblica, Deus primeiro chama e logo faz a promessa (Gn 12,1-3), também logo celebra a Aliança (Gn 15,18). Portanto, antes de Abraão ser circuncidado (Gn 17,24s) e antes

também que prove a sua fidelidade no grande teste (Gn 22)... Entretanto, o Sirácida apresenta a tríplice promessa, no v. 21, como recompensa pelos méritos do patriarca (cf. a posição de Tiago sobre a justificação de Abraão pelas obras, que comprovaram a sua fé, em Tg 2,21-23).

No final do v. 21, as dimensões da terra prometida ultrapassam os termos das primeiras promessas do Gênesis, onde Deus promete apenas a terra de Canaã (cf. Gn 12,7; 13,14s; 17,8); aliás, já em Gn 15,18 há um alargamento até o Eufrates, enquanto os limites "de mar a mar" provêm de textos messiânicos como Sl 72,8 e Zc 9,10. Aliás, impressiona a evocação dessa promessa numa época em que, por volta de 190-180 a.C, a Palestina está inteiramente sob o domínio dos Selêucidas!

A referência a Isaac é breve, no v. 22a, como é relativamente breve o seu ciclo de narrativas no Gênesis, onde, como aqui, é personagem de transição. Breve também a referência a Jacó, vv. 22a-23c, mostrando nele e em seus doze filhos (as doze tribos!) a realização da promessa a Abraão (cf. as bênçãos de Jacó moribundo a seus filhos, em Gn 49). Nenhuma referência ao logro praticado por Jacó contra o irmão e contra o pai, justamente para obter a bênção da primogenitura (Gn 27), a não ser que a confirmação "nas bênçãos que eram dele" (v. 23b) seja uma referência positiva ao resultado, querido por Deus, do estratagema. Nenhuma referência também, por enquanto, à figura de José, esse extraordinário exemplar de "homem de bem" e cheio de sabedoria (Gn 37; 39-50), o qual será, porém, relembrado, embora muito laconicamente, no final da resenha, em 49,15.

3. MOISÉS, AARÃO E FINÉIAS (44,23c--45,26)

É inesperada, para nós, a seleção e avaliação das figuras que Ben Sirá destaca no centro do Pentateuco, nos livros do Êxodo, Levítico e Números. Para nós, Moisés é certamente a figura central, especialmente como líder libertador do seu povo. Não o é, porém, para o nosso autor, que dá a palma, sem hesitar, a Aarão, o sacerdote, a quem dedica dezesseis vv., comparados aos 5 vv. atribuídos a Moisés e 4 vv. dedicados a Finéias, este, aliás, um desconhecido para nós.

a) Moisés (44,23c--45,5)

[23c] *De Jacó fez sair um homem de bem, que gozou da estima de todos,*
[45,1] *amado de Deus e dos humanos:*
***Moisés**, cuja memória é abençoada!*
[2] *Concedeu-lhe glória semelhante à dos santos*
e o engrandeceu, para terror dos inimigos.
[3] *Com suas palavras, Moisés fez cessar os prodígios,*
e Deus o glorificou em presença dos reis;
deu-lhe os mandamentos para seu povo
e mostrou-lhe uma parcela de sua glória.
[4] *Por sua fidelidade e mansidão o consagrou,*
e escolheu-o dentre todos os viventes.
[5] *Fê-lo ouvir sua voz e o introduziu na nuvem escura:*
deu-lhe, face a face, os mandamentos,

a Lei da vida e do conhecimento,
para que ensinasse a Jacó sua Aliança e a Israel os seus decretos.

Se no elogio de Abraão (44,19-21) se ressaltava o mérito do ser humano, para Moisés se realça a iniciativa e a ação de Deus, que é o sujeito da maior parte dos verbos empregados: "fez sair", "concedeu-lhe", "e o engrandeceu..." É estranha, no início, a ligação imediata de Moisés com Jacó (44,23c), o que faz pensar numa possível alteração ou perda do texto que, originalmente, aqui mencionava José. Em todo caso, em 45,1 o personagem contemplado já é claramente Moisés, "amado de Deus e dos humanos", cujas façanhas são resumidas nos vv. a seguir.

Resumidas demais, comparando-se com o retrato seguinte, de Aarão, porque nenhuma palavra devota o Sirácida à situação de opressão na qual Moisés surge, nenhuma palavra explícita sobre o êxodo e a travessia do mar (ao contrário do longo *midraxe* do Êxodo no livro da Sabedoria, cc. 11-19)... Em todo caso, é ressaltada a sua escolha excepcional (v. 4), o seu poder diante dos inimigos e dos reis (vv. 2-3), a sua intimidade com Deus e a sua mediação na promulgação da Lei (v. 5). Mas justamente porque a Lei significa tanto para o Sirácida, que ele a identifica com a Sabedoria (c. 24), estranhamos que o mediador humano da Lei não seja exaltado com mais ênfase.

b) Aarão (45,6-22)

[6] *Exaltou também* ***Aarão****, santo semelhante a Moisés,*
seu irmão, da tribo de Levi.
[7] *Estabeleceu-o numa aliança eterna*
e deu-lhe o sacerdócio do seu povo.
Tornou-o feliz com belos ornamentos
e cingiu-o com uma veste gloriosa.
[8] *Revestiu-o de magnificência perfeita*
e cingiu-o com as insígnias do poder: túnica, manto e efod.
[9] *Rodeou-lhe a veste com romãs,*
com numerosos sininhos de ouro em volta,
os quais retiniam quando ele andava,
fazendo-se ouvir no santuário, como memorial para os filhos do seu povo.
[10] *Ornou-o com uma veste sagrada, tecida de ouro,*
com o peitoral do julgamento e os reveladores da verdade,
e com o tecido de fios de escarlate, obra de artista;
[11] *com pedras preciosas, gravadas como sinetes,*
incrustadas em ouro, obra de joalheiro,
como memorial, numa inscrição gravada, segundo o número das tribos de Israel.
[12] *Por cima do turbante um diadema de ouro,*
tendo gravada a marca da consagração,
insígnia de honra, obra magnífica,
ornamentos que deliciam os olhos.
[13] *Antes dele não se tinham visto ornamentos semelhantes,*
e um estrangeiro jamais os revestira,
mas somente seus filhos, e seus descendentes em todas as gerações.

[14] *Seus sacrifícios se consumirão por completo,*
duas vezes por dia, perpetuamente.
[15] *Moisés conferiu-lhe a investidura*
e o ungiu com óleo santo.
Foi uma aliança eterna para ele e para a sua descendência, enquanto durar o céu,
a fim de presidirem ao culto, exercerem o sacerdócio
e abençoarem o povo pelo Nome.
[16] *Escolheu-o dentre todos os viventes*
para apresentar ao Senhor as oferendas,
o incenso e o perfume memorial,
e para fazer o rito da expiação por seu povo.
[17] *Confiou-lhe seus mandamentos,*
com autoridade sobre as disposições dos decretos,
para ensinar a Jacó seus testemunhos
e iluminar Israel mediante a Lei.
[18] *Mas estrangeiros conspiraram contra ele,*
tomados de inveja a seu respeito no deserto:
os homens de Datã e de Abiram
e o bando de Coré, furiosos e violentos.
[19] *O Senhor, porém, os viu e se indignou,*
e foram exterminados no ardor de sua ira.
Operou prodígios contra eles
e os consumiu, com a chama de seu fogo.
[20] *E aumentou ainda mais a glória de Aarão,*
atribuindo-lhe uma herança verdadeira:
deu-lhe em quinhão as primícias dos produtos da terra
e assegurou-lhe, sobretudo, pão em abundância.
[21] *Alimentam-se, portanto, dos sacrifícios do Senhor,*
que ele lhe deu, assim como à sua descendência.
[22] *Em contraposição, não tem herança na terra do povo,*
nem entre o povo há uma parte para ele,
pois disse: "Eu mesmo sou a tua parte e tua herança!"

Aarão representa o culto, e ocupa mais espaço do que Moisés, que representa a Lei... É que, para Ben Sirá, o culto, a celebração pública do Deus de Israel, constitui a flor, a glória da religião. O culto, porém, não é separado da Sabedoria ou da Lei (e nem da vida: cf. a longa passagem de 34,21--35,22!): tanto assim que as responsabilidades de Aarão incluem a *torá,* a instrução, claramente dependente da Sabedoria: cf. v. 17.

Impressiona a complacência com que nosso autor descreve os emblemas e ornamentos da dignidade sacerdotal, copiando-os de Ex 28 e 39. Dedica-lhes seis longos versículos (vv. 8-12), ressaltando a sua beleza visual e repetindo que o Senhor é quem deles reveste Aarão! Notar, aliás, entusiasmo ainda maior pelo culto sacerdotal no último capítulo, 50,1-21, ao descrever com deslumbramento a liturgia do sumo sacerdote Simão II.

Algumas observações para entendermos esta passagem (e também a de 50,1-21), especialmente em nossa época de reformas litúrgicas marcadas pela simplificação de ritos

e vestes, simplificação, porém, que tem encontrado, também seus opositores, saudosos do rito tridentino. É verdade, também, que a simplificação chegou, às vezes, quem sabe muitas vezes - indevidamente, é verdade - à banalização, aparentemente alicerçada no basismo dominante. As observações podem ser estas: 1) o Sirácida, que já desmascarou o falso culto em 34,21-31, se entusiasma com o culto legítimo, como expressão da vida religiosa do povo; 2) vestes e cerimônias são para ele de instituição divina, constante nos livros sagrados, garantindo a legitimidade e validade desse culto; 3) essas vestes e cerimônias, embora tenham perdido muito do seu sentido e valor em nossa época, mesmo em nossa liturgia, conservam, quando têm bom gosto e simplicidade, o seu alto valor simbólico, valor que não se pode depreciar. Aliás, talvez não seja fora de propósito recordar aqui a palavra de Joãozinho Trinta, o conhecido líder da escola de samba "Beija-flor", do Rio de Janeiro, reconhecido pelo seu trabalho de promoção das classes populares, palavra cheia de sabedoria, e sabedoria popular: "O povo gosta de luxo. Miséria é coisa de intelectual..."

Alguns detalhes no texto: 1) o "peitoral do julgamento" (v. 10) era uma espécie de bolsa onde se guardavam os "reveladores da verdade" (os *urim* e *tumim),* espécie de dados coloridos, pelos quais o sacerdote dava as respostas oraculares aos fiéis, em nome de Deus, cf. Ex 28,15-30; 2) as pedras "como memorial" (v. 11) eram doze pedras preciosas, cada uma com o nome de uma das tribos de Israel, cf. Ex 28,17-21; 3) a "marca da consagração", por cima do turbante, eram as palavras "consagrado ao Senhor", cf. Ex 28,36-33.

Os vv. 7 e 15 mencionam a aliança especial com Aarão, aliança diferente da celebrada com Abraão (44,20), diferente e superior, também, à aliança com Davi, lembrada no v. 25 a seguir. É uma aliança fundada na sua unção, fazendo dele um *ungido,* um Messias. Notar a expectativa da comunidade de Qumrã, dois séculos mais tarde, esperando a vinda de um Messias "de Aarão", além do Messias" de Israel".

Os vv. 16 e 17 descrevem o duplo ofício sacerdotal: o ofício propriamente litúrgico, de oferecer sacrifícios (v. 16 e também v. 14: cf. Lv 1-7 sobre os vários sacrifícios e Lv 16 sobre o dia da Expiação, *Yom Kippur);* e o ofício "jurídico" e "catequético", cuja característica era a instrução, a *torá*. A propósito, recorde-se o texto de Jr 18,18, que apresenta como característica do profeta a "palavra", *dabar*; característica do sábio o "conselho", *'eçah*: e característica do sacerdote, exatamente, a "instrução". Confira-se, a propósito, Lv 10,9-11 e Dt 17,8-13. É verdade que no tempo do Sirácida estava crescendo em importância o ensinamento dos escribas leigos, entre os quais está o próprio Sirácida, cf. 39,1-11.

Nos vv. 18-19 temos a alusão ao episódio dramático da revolta de Coré, Datã e Abiram, que se levantaram contra Moisés e Aarão (o Sirácida menciona aqui só Aarão!), reivindicando igualdade de direitos na comunidade de Israel. O grito de revolta é expressivo, e lembra o de Lutero no séc. XVI: "*Toda a comunidade e todos os seus membros são santos... Por que então vos exaltais acima da assembléia de YHWH?*" (Nm 16,3). Ben Sirá, ao recordar o caso, demonstra mais uma vez o seu respeito e admiração pelos sacerdotes, reconhecendo sem hesitar o seu "status especial", a seu ver determinado por Deus. Ele se posiciona assim claramente contra os Tobíadas, os quais, não por razões democráticas mas por seus próprios interesses, eram adversários dos sumos sacerdotes da

época. E hoje? Vivemos também um tempo em que a hierarquia sofre contestações freqüentes, mesmo no âmbito da Igreja Católica, que tem constante tradição hierárquica. A posição do Sirácida poderá parecer por demais subserviente, mas quem sabe nos ajude a não resvalar para um basismo ou igualitarismo que solapa a comunhão, em vez de promovê-la. Por outro lado, a hierarquia, advertida pelo Senhor Jesus a "servir, e não ser servida" (cf Mc 10,45), não pode esquecer-se da fundamental dignidade dos membros de um "povo todo sacerdotal" (1Pd 2,9 e Ap 1,6).

Os vv. 20-22 sintetizam os direitos de Aarão e dos levitas, por um lado excluídos da posse da "terra do povo" (v. 22), mas por outro lado recebendo as primícias, os pães, os sacrifícios, segundo o que está disposto em Nm 18,8-32, e Paulo sintetiza na 1Cor 9,13: *"Não sabeis que... os que servem ao altar têm parte no que é oferecido sobre o altar?"* Notar, ainda, a bela palavra final de Deus a Aarão, colhida pelo Sirácida no livro dos Números: "*Eu mesmo sou a tua parte e a tua herança*" (Nm 18,20).

c) Finéias (45,23-26)

[23] ***Finéias**, filho de Eleazar, é o terceiro em glória.*
Mostrou-se zeloso no temor do Senhor,
mantendo-se fiel, diante da apostasia do povo,
com a bondade e a prontidão de sua alma:
e assim expiou em favor de Israel.
[24] *Por isso foi estabelecida com ele uma aliança de paz,*
para que presidisse ao santuário e ao povo.
Assim, a ele e à sua descendência
foi dado o sumo sacerdócio, para sempre.
[25] *Houve também aliança com Davi, filho de Jessé, da tribo de Judá.*
Por ela, a herança real passa do pai a um só filho,
enquanto a de Aarão se transmite a todos
os seus descendentes.
[26] *Que o Senhor vos infunda a sabedoria nos corações, ó sacerdotes,*
para julgardes o seu povo com justiça,
e para que sua prosperidade não desapareça,
nem sua glória, através das gerações.

O Sirácida o apresenta como "o terceiro em glória", logo após Moisés e Aarão. Quem é ele, para merecer tanto? O que se recorda a seu respeito é a sua violenta intervenção em Baal Fegor contra o israelita e a madianita que ousaram à vista de todos consumar a sua união: Finéias os seguiu à tenda e os traspassou juntos (cf. Nm 25,6-9). Assim ele "expiou em favor de Israel" (v. 23) e "lhe foi dado o sumo sacerdócio para sempre" (v. 24). Tal gesto de violência, pouco consoante com o modelo sacerdotal do Sirácida (cf. vv. 16-17), recebe aqui só uma alusão, não sendo descrito nem aqui, nem no Sl 106,30-31, nem pelo velho pai dos Macabeus, Matatias, que também o recorda em 1Mc 2,54.

A insistência do Sirácida na sucessão sacerdotal legítima parece condicionada historicamente: a família dos Tobíadas queria intrometer-se (como o fará em seguida, através de Menelau e Jasão, cf. 2Mc 4) contra os织íadas sadoquitas, que então garantiam

a legitimidade do culto e também a pureza frente aos influxos gregos. Na época, a dinastia davídica já não reina, havia muito tempo, enquanto a estirpe sacerdotal conserva a tradição e a identidade do povo. Notar, a propósito, como a aliança com Aarão é colocada acima da aliança com Davi, no v. 25.

O último versículo, v. 26, é uma apóstrofe aos sacerdotes, contemporâneos de Bem Sirá (cerca de 190/180 a.C: talvez já Onias III, que vai ser destituído pouco depois, cf. ainda 2Mc 4). Naquela pequena Judéia, que gravita em torno de Jerusalém e do Templo, o sumo sacerdote herdou praticamente não só o ofício sacerdotal, mas também a responsabilidade de rei. Bem por isso a exortação e prece que o autor faz concerne mais ao governo do que ao culto. É o que Salomão pedira, segundo 1Rs 3,9-12: sabedoria no coração, para governar o povo com justiça.

4. JOSUÉ E CALEB, JUÍZES, SAMUEL (46,1-20)

Deixando o Pentateuco, o Sirácida passa para os livros de Josué, Juízes e Samuel. Apenas três figuras são escolhidas nominalmente, além da referência aos Juízes como grupo (v. 11-12). É notável que ele dê mais espaço a Josué do que a Moisés: se este recebeu cinco versículos (45,1-5), Josué recebe seis versículos sozinho (46,1-6), além de mais quatro junto com Caleb (v. 7-10).

a) Josué e Caleb (46,1-10)

1 *Valoroso na guerra foi **Josué**, filho de Nun,*
sucessor de Moisés na profecia.
Fazendo jus a seu nome, mostrou-se grande
na salvação dos eleitos do Senhor
e na punição dos inimigos que se lhe opunham:
assim deu a Israel a posse de sua herança.
2 *De que glória se cobriu ele, levantando as mãos*
e brandindo a espada contra as cidades!
3 *Quem procedeu assim antes dele?*
Ele próprio dirigiu as guerras do Senhor.
4 *Não foi por sua mão que o sol parou*
e que um só dia se tornou como dois?
5 *Invocou o Altíssimo soberano,*
enquanto os inimigos oprimiam de todos os lados.
E o Senhor supremo o escutou,
arremessando pedras de granizo de potência esmagadora.
6 *Atirou-se contra a nação inimiga*
e na descida destruiu os que se lhe opunham,
para que as nações conhecessem a força de suas armas
e soubessem que era contra o Senhor que eles guerreavam.
Com efeito, seguia sempre o Poderoso,
7 *e já nos dias de Moisés praticara a piedade:*
ele e Caleb, filho de Jefoné, resistiram diante da multidão

e impediram o povo de pecar,
fazendo acalmar-se a murmuração perversa.
[8] *Por isso, somente estes dois foram preservados, dentre os seiscentos mil,*
para serem introduzidos na herança,
na terra onde correm leite e mel.
[9] *E o Senhor concedeu força a **Caleb** (força que nele permaneceu até a velhice)*
para subir às alturas da terra.
E a sua descendência tomou posse da herança,
[10] *para que todos os filhos de Israel ficassem sabendo*
que é bom seguir o Senhor.

No v. 1 há uma referência especial ao significado do nome *Josué,* que significa "Javé salva", em gr. *Iesous,* Jesus, também nome pessoal do Sirácida: ele, Josué, mostrou-se "grande na salvação" dos eleitos do Senhor. É curiosa a expressão "sucessor de Moisés na profecia", talvez significando que Josué, além de partilhar do "espírito de Moisés" (Nm 11,24-30) e receber o seu encargo (Dt 31,7-8), executa-o, isto é, leva a bom termo a obra de Moisés. Curiosa também a interpretação das campanhas de Josué, que eram de conquista, vistas aqui como "*punição dos inimigos que se lhe opunham*"...

Nos vv. 2-3 novamente a glorificação do guerreiro, iniciada no v. 1**,** "valoroso na guerra": "brandindo a espada" (v. 2), ele dirigiu "*as guerras do Senhor*" (v. 3). Notar como esta última expressão faz parte da ideologia da "guerra santa", típica do AT e ainda atuante entre os muçulmanos, como atuante o foi ao longo da história cristã, justificando, por exemplo, as Cruzadas na Idade Média, e justificando também tantas outras guerras empreendidas "em nome de Deus", até recentemente! Essa expressão encontra-se ainda em 1Sm 18,17, a propósito de Davi.

Os vv. 4-6 sumarizam as vitórias narradas em Js 6-11, destacando naturalmente os episódios mais prodigiosos: a parada do sol sobre Gabaon e a saraivada de pedras sobre os amorreus (Js 10,10-15), embora se omita a tomada de Jericó (Js 6). Quanto à "invocação do Altíssimo" (v. 5, aludindo a Js 7,6-9), temos aí o substrato hebr. *Elyon* ou *El Elyon,* antigo nome divino que se encontra quatorze vezes no Sirácida a partir do c. 41, não antes.

A partir do v. 7, com Caleb, se volta atrás, ao período do deserto, ao episódio da exploração de Canaã e da amotinação do povo (cf. Nm 14,1-9). Essa intervenção de Josué e Caleb é considerada, no texto gr., um ato de "misericórdia" ou "piedade", gr. *éleos,* palavra que traduz o hebr. *hesed,* aqui e muitas vezes, "fidelidade": praticar a "piedade" é manter-se fiel. No v. 9, a alusão à herança de Caleb em Canaã: a região montanhosa de Hebron, cf. Nm 14,6-14.

b) Os juízes (46,11-12)

[11] *Vêm depois* os ***Juízes****, cada um com seu nome,*
varões cujo coração não se prostituiu
e *que não se desviaram do Senhor:*
abençoada seja sua memória!
[12] *Seus ossos refloresçam de seus túmulos.*

e *seu nome possa ser renovado, nos filhos desses homens gloriosos!*

Surpreendentemente, dois versículos apenas são dedicados aos "Juízes", vocábulo que traduz o hebr. *shofetim,* e que seria melhor traduzido como "líderes", ou mesmo, "libertadores", executores do *mishpat* divino, isto é, do "julgamento" de YHWH. No caso, sua intervenção justiceira e libertadora através deles, em favor do povo arrependido que clamava por socorro. Cf. a síntese do próprio livro dos "Juízes" em Jz 2,11-19.

Também surpreendentemente, nem sequer o nome desses "Juízes" é lembrado, como o faz p. ex. Hb 11,32, que pelo menos declina o nome de Gedeão, Barac (omite Débora!), Sansão e Jefté. O v. 11b parece distinguir entre Juízes fiéis e infiéis, estes sendo os Juízes cujo coração se "prostituiu", como Gedeão (cf. Jz 8,27) e o próprio Sansão (Jz 16).

Em todo caso, Ben Sirá suspira por sua volta, pela volta do seu espírito, para que apareçam também agora, nesse período em que Judá está reduzido a "estado-tampão" entre Síria e Egito. Voltem, pois, esses heróis que lideraram o povo antes da monarquia! Os Macabeus, pelo menos num primeiro tempo, parecem ter sido a resposta a esta prece. – A expressão "refloresçam os seus ossos", do v. 12, voltará em 49,10, aplicada aos doze profetas.

c) Samuel (46,13-20)

[13] *Amado de seu Senhor,* ***Samuel,***
profeta do Senhor, estabeleceu a realeza,
e *ungiu príncipes para governar* o *povo.*
[14] *Julgou a comunidade segundo a Lei do Senhor*
e o *Senhor visitou Jacó.* .
[15] *Por sua fidelidade revelou-se verdadeiro profeta,*
e *por suas palavras foi reconhecido como vidente fidedigno.*
[16] *Invocou* o *Senhor soberano*
quando os inimigos o *acossavam de todos os lados,*
oferecendo um cordeiro ainda tenro.
[17] *Do alto do céu* o *Senhor fez reboar* o *trovão*
e *com grande estrondo fez ouvir sua voz.*
[18] *Exterminou os chefes dos inimigos*
e *todos os príncipes dos filisteus.*
[19] *E, antes da hora de seu repouso definitivo, pôde atestar,*
diante do Senhor e *de seu Ungido:*
"Não recebi nada de ninguém,
nem dinheiro nem um par de sandálias".
E ninguém o *acusou.*
[20] *Mesmo depois de adormecido, profetizou*
e *anunciou ao rei seu próximo fim.*
Do seio da terra elevou a sua voz
para apagar, com a profecia, a iniqüidade do *seu povo.*

Em oito versículos, Samuel é apresentado como profeta, vidente, juiz, sacerdote, e fundador da monarquia, uma vez que foi ele quem ungiu primeiro Saul, e depois Davi. Saul não é nomeado, embora esteja incluído no v. 13 e, como "Ungido", no v. 19 e, como rei, no v. 20.

O versículo inicial (v. 13) é mais expressivo ainda no texto hebr.: "Amado pelo povo e agradável ao seu Criador, oferecido *(ou* implorado) desde o seio de sua mãe, consagrado a YHWH como profeta, Samuel, juiz e sacerdote, foi ele quem, pela palavra de Deus, estabeleceu a monarquia..." A propósito, notar o silêncio do Sirácida quanto às repetidas advertências de Samuel sobre a ambigüidade do novo regime (cf. 1Sm 8,10-18).

Três episódios da sua atuação são expressamente mencionados: 1) a sua vitória sobre os filisteus, segundo 1Sm 7,9-10, recordada com detalhes em três versículos (vv. 16-18); 2) o seu discurso de despedida perante o povo e Saul (não nomeado, v. 19), segundo 1Sm 12; 3) último prodígio, "profeta depois de morrer", o episódio da sua evocação por Saul (não nomeado), através da pitonisa de Endor (também não mencionada), segundo 1Sm 28,3-20. Esse estranho episódio é também recordado, embora negativamente, em 1Cr 10,13-14. Aqui, a profecia de Samuel é apresentada como "cancelando" a iniqüidade do povo: talvez, através do trágico fim de Saul e de seu exército nas montanhas de Gelboé (1Sm 30).

5. DAVI E SALOMÃO (47,1-22)

Com a menção de Natã (v. 1) como personagem de transição, ligada imediatamente a Samuel, Davi não é introduzido como sucessor de Saul mas como o verdadeiro iniciador da monarquia. Ele e seu filho Salomão recebem, cada um, do Sirácida, a quota de onze versículos.

a) Davi (47,1-11)

[1] *Depois dele surgiu Natã,*
para profetizar no tempo de Davi.
[2] *Como se separa a gordura do sacrifício de comunhão,*
assim também ***Davi****, entre os israelitas.*
[3] *Brincou com leões como se fossem cabritos*
e com ursos, como se fossem cordeiros.
[4] *Não foi ele que na juventude matou o gigante*
e afastou de seu povo a desonra,
ao levantar a mão com a pedra, na funda,
para abater o orgulho de Golias?
[5] *Com efeito, invocou o Senhor, o Altíssimo,*
o qual deu força a seu braço direito
para exterminar o vigoroso guerreiro,
e reerguer o poder de seu povo.
[6] *E assim o glorificaram pelos dez mil*
e o louvaram pelas bênçãos do Senhor, oferecendo-lhe um diadema de glória.
[7] *Pois esmagou os inimigos que o cercavam*

e aniquilou os filisteus, seus adversários,
abatendo até hoje o seu poder.
[8] *Em todas as suas obras rendia homenagem*
ao Santo Altíssimo, com palavras de louvor:
de todo o coração cantava hinos,
tanto ele amava seu Criador.
[9] *E estabeoeceu diante do altar cantores de salmos,*
cujo acompanhamento devia suavizar as melodias,
dia por dia louvando-o com seus cantos.
[10] *Deu esplendor às festas e abrilhantou ao máximo as solenidades,*
fazendo entoarem louvores a seu santo Nome,
desde o amanhecer sonorizando o Santuário.
[11] *O Senhor lhe perdoou seus pecados*
e exaltou para sempre o seu poder;
concedeu-lhe a aliança real
e um trono glorioso em Israel.

O retrato de Davi começa com a bela imagem, tirada do culto, exaltando a sua escolha de predileção por parte de Deus (v. 2). Seu retrato é equilibrado, extraído tanto dos livros de Samuel como do primeiro livro das Crônicas. Do 1º e 2Sm vêm os "leões" e "ursos" (v. 3), a luta e vitória contra Golias (v. 4-5), seus sucessos militares (v. 6-7) e os seus pecados (v. 11; no texto hebr. é no singular, "o seu pecado", certamente destacando o adultério com Betsabéia, 2Sm 11-12); do primeiro livro das Crônicas vem a sua composição de salmos e hinos de louvor, bem como a organização da liturgia do Templo (1Cr 16 e 23).

Nesse retrato omitem-se as várias peripécias sofridas pela hostilidade de Saul (1Sm 18) e pela revolta de seu filho Absalão (2Sm 15-19). Os traços finais contribuem para terminar a imagem positiva do herói: Deus "*exaltou para sempre o seu poder e concedeu-lhe a aliança real*", essa aliança que em 45,25 é colocada em cotejo com a aliança sacerdotal e, de certo modo, superada por ela.

b) Salomão (47,12-22)

[12] *Depois dele surgiu um filho sábio*
que, graças ao pai, viveu em amplos domínios.
[13] ***Salomão*** *reinou em tempos de paz.*
Deus lhe deu tranqüilidade ao redor,
a fim de que edificasse uma Casa para seu Nome
e *preparasse um Santuário para sempre.*
[14] *Como eras sábio na juventude,*
e *transbordante de inteligência como um rio!*
[15] *Tua alma recobriu a terra*
e *a encheste com parábolas* e *enigmas.*
[16] *Teu nome chegou até as ilhas distantes*
e *foste amado por tua paz.*
[17] *Por teus cânticos, provérbios, parábolas* e *interpretações,*

todos os países te admiraram.
[18] *Em nome do Senhor Deus, chamado Deus de Israel,*
juntaste ouro como se fosse estanho
e *como chumbo acumulaste prata.*
[19] *Mas inclinaste teus flancos às mulheres,*
e em *teu corpo foste subjugado.*
[20] *Maculaste assim a tua glória*
e *profanaste a tua descendência:*
atraíste a ira sobre teus filhos
e *os fizeste sofrer, por tua insensatez.*
[21] *Teu domínio foi dividido* em *dois,*
e *de Efraim surgiu um reino rebelde.*
[22] *Mas* o *Senhor não desiste da sua misericórdia*
e *não deixa perecer nenhuma de suas palavras.*
Por isso não destruiu a posteridade do seu eleito
nem exterminou a descendência daquele que o *amava.*
Deu a Jacó um resto
e *a Davi, uma raiz que dele nasceu.*

Poderíamos esperar, do sábio Sirácida, um retrato idealizado de Salomão, "o mais sábio dos reis", segundo o que fizeram os autores de 2º Crônicas e do livro da Sabedoria. O Sirácida, porém, não idealiza seu suposto patrono. Mantém-se fiel às suas fontes (incluindo 1Rs 11,1-8, sobre as mulheres estrangeiras de Salomão, cf. Ne 13,26) e recusa passar por cima do que merece censura. Esclarece que Salomão foi favorecido por Deus em vista dos méritos de seu pai (v. 12): eis por que gozou de "paz" (seu nome quer dizer "pacífico"), riqueza e "amplos domínios", inclusive para que pudesse edificar o Templo (v. 13).

Do v. 14 ao v. 21 temos uma passagem que surpreende pelo tom dramático, penetrante, na qual o Sirácida apostrofa o próprio Salomão em discurso direto, na segunda pessoa (como o fará também no cap. seguinte, 48,4-11, dirigindo-se a Elias). Há um contraste comovedor entre o começo da apóstrofe, em que ele recorda a Salomão a sabedoria da sua juventude (v. 14), uma sabedoria transbordante "como um rio" (hebr. = "como o Nilo"), enchendo a terra com parábolas, enigmas, cânticos, provérbios... e sua insensatez posterior (v. 20), insensatez atribuída à sua fraqueza em relação às mulheres, ao deixar-se por elas dominar (v. 19)!

O V. 18, assim como está, parece positivo, exaltando a riqueza de Salomão. Mas, à luz de Dt 17,17 poderia também ser censura, pois este texto do código deuteronômico, que integra a "lei do rei", diz textualmente: "*Que ele não multiplique o número de suas mulheres, para que o seu coração não se desvie. E que não multiplique excessivamente a sua prata e o seu ouro...*" Aliás, quanto ao v. 19, Ben Sirá parece censurar o próprio excessivo relacionamento com as mulheres como tal, enquanto 1Rs 11,1-13 denuncia mais o fato de que as mulheres, sendo idólatras, fomentaram a idolatria do reino.

Conseqüência trágica, no v. 20: assim Salomão "maculou a sua glória", isto é, o seu nome, sua boa fama, e "profanou sua descendência", perdendo exatamente os dois bens que garantem a sobrevivência do Sábio: a boa fama e uma digna descendência (cf.

44,10-15). O v. 21 refere-se à conseqüência histórica dos erros de Salomão: o Cisma, e a origem do "reino rebelde de Efraim", o reino do Norte, que no tempo do Sirácida era apenas uma lembrança.

No v. 22, voltando à terceira pessoa, o autor exprime, apesar de tudo, a sua fé na realização das promessas divinas: Deus é fiel, não falta à sua palavra, não destruiu "a posteridade do seu eleito", "daquele que o amava", Davi. No final aparecem ainda dois termos da esperança messiânica: o "resto" de Jacó, e a raiz", o rebento de Davi (cf. Is 11,1). É estranho, porém, que o Sirácida, vivendo num período de tanta humilhação nacional, não insista mais claramente nessa esperança.

De resto, a partir daqui ele regularmente vai discriminar entre aprovados e reprovados, seguindo os julgamentos dos profetas e a teologia da retribuição, do Deuteronômio. Assim, este "elogio dos antepassados" não é um invariável panegírico. Inclui censuras explícitas contra homens ímpios, e esses exemplos negativos são parte importante da mensagem do Sábio.

6. O REINO DO NORTE, ELIAS E ELISEU (47,23--48,15b)

Seguindo as vicissitudes da história do seu povo, o Sirácida aborda aqui a origem e o fim do reino do Norte (47,23-25; 48,15ab) e as duas grandes figuras proféticas que o ilustraram, Elias e Eliseu (48,1-14), cujas façanhas, embelezadas pela tradição popular, encontram-se nos livros dos Reis (1Rs 17--2Rs 13).

a) O reino do Norte (47,23-25)

[23] *Salomão repousou com seus pais*
e *deixou depois de si um filho, Roboão,*
causa da loucura do povo e desprovido de inteligência:
foi ele, com a sua decisão, quem fez o *povo rebelar-se.*
Por sua vez, Jeroboão, filho de Nabat, fez Israel pecar
e *ensinou a Efraim* o *caminho do pecado.*
[24] *E tanto se multiplicaram seus pecados,*
que foram exilados de sua terra.
[25] *Excogitaram toda sorte de iniqüidades,*
até que a vingança abateu-se por cima deles.

O Sábio atribui a culpa do cisma, da rebelião das tribos do Norte, à insensatez de Roboão (cf. 1Rs 12,1-19), fazendo um irônico trocadilho com o seu nome em hebr.: *rab* = "rico" em loucura e "desprovido de inteligência", e *'am* = povo, "fez o povo rebelar-se". Mas também Jeroboão, o líder das tribos separadas, não é sem culpa, porque "*ensinou a Efraim o caminho do pecado*" (cf. 1Rs 12,26-33). Os vv. 24-25 sintetizam os duzentos anos do reino do Norte como uma história de pecados multiplicados, "até que a vingança abateu-se por cima deles!" (cf. 2Rs 17,5-23).

Notar que, nesta análise de Ben Sirá, a história é feita praticamente só pelos líderes e reis, o povo sendo aparentemente conduzido, de lá para cá, sem iniciativa própria. Hoje, nossa leitura histórica procura resgatar, com justiça, a parte essencial que desempenharam, nessas vicissitudes, os pobres, os sem-nome, mesmo os vencidos, os que não constam nos registros dos vencedores.

b) Elias (48,1-11)

[1] *Surgiu, porém, o profeta* ***Elias****, como o fogo,*
e sua palavra queimava como a tocha.
[2] *Fez vir a fome sobre eles,*
e por seu zelo os reduziu a pequeno número.
[3] *Pela palavra do Senhor fechou o céu*
e de lá fez cair fogo por três vezes.
[4] *Ó Elias, como te tornaste glorioso por teus prodígios!*
Quem poderia vangloriar-se de ser semelhante a ti?
[5] *Tu, que retiraste um homem da morte*
e do Hades, pela palavra do Altíssimo;
[6] *tu, que levaste reis à ruína*
e do cetro despojaste homens ilustres;
[7] *tu, que ouviste censuras no Sinai*
e decretos de vingança no Horeb;
[8] *que ungiste reis para a desforra*
e profetas, para te sucederem;
[9] *tu, que foste arrebatado num turbilhão de fogo,*
num carro de cavalos também de fogo;
[10] *tu, que, nas ameaças para os tempos futuros,*
foste designado para apaziguar a ira antes que se desencadeie,
para reconduzir o coração dos pais aos filhos,
e restabelecer as tribos de Jacó!
[11] *Felizes os que te viram e os que adormeceram no amor,*
pois nós também, com certeza, viveremos.

No meio dessa escuridão, porém, brilha a tocha de Elias, o profeta que surge "como o fogo" (v. 1, cf. 1Rs 17--2Rs 2). O Sirácida devota-lhe onze versículos, a maior parte dos quais (vv. 4-11) em forma de apóstrofe entusiasmada, à semelhança da apóstrofe lancinante aquela - antes dirigida a Salomão (47,14-21).

Ben Sirá recorda os prodígios do profeta, cujo ministério começa exatamente pelo desafio a Baal, deus da chuva e da fertilidade, com o anúncio da seca e da fome (vv. 2-3). É recordado o seu poder sobre a morte e sobre os reis (vv. 5-6). No v. 6, o gr. leu “leito”, em vez de “cetro”, confundindo o hebr. *metteh*, cetro, com *mittah*, leito. Menciona-se também a sua experiência de Deus no Sinai/Horeb (v. 7: é a primeira explícita identificação dos dois nomes), e o seu arrebatamento ao céu numa carruagem de fogo (v. 9)... O v. 10 cita claramente Malaquias, o último dos doze profetas, que anuncia a volta de Elias e o seu ministério de reconciliação (Ml 3,23-24), ao qual se acrescenta o anúncio de Is 49,6, sobre a restauração das "tribos de Jacó".

O v. 11, infelizmente, não corresponde ao contexto, nem à escatologia do autor (cf. 14,11-19; 17,27-28). Nem como releitura, supondo no tradutor a convicção de Dn 12 e 2Mc 7 sobre a vida futura, o texto atual não parece lógico. O texto hebr., mais coerente, diz no v. 11a: "*Feliz daquele que te vir antes de morrer!*"; quanto à segunda parte do v., 11b, está mutilada, sendo difícil qualquer conjectura.

Com referência às ações de Elias, descritas no v. 10, mais tarde a literatura rabínica as engrandecerá, apresentando-as como sinais da era messiânica: restaurar Israel, ungir o Eleito, intervir na ressurreição dos mortos... – A propósito, o NT viu em João Batista os traços de Elias (cf. Lc 1,16-17; também Mt 17,10-13 e seu prl Mc 9,10-13). No quarto evangelho, Jesus aplica a João Batista a metáfora da “tocha/lâmpada” (v.1), aqui aplicada a Elias: “*João era a lâmpada que arde e brilha, e vós quisestes, por um momento, alegrar-vos com sua luz*” (Jo 5,35).

c) Eliseu (48,12-15ab)

[12] *Apenas Elias foi envolto num turbilhão,*
***Eliseu** ficou repleto do seu espírito.*
Durante a vida não se deixou intimidar por chefe algum,
e *ninguém conseguiu dominá-lo.*
[13] *Nada estava acima de suas forças*
e *até na morte seu corpo profetizou.*
[14] *Durante a vida realizou prodígios*
e *na morte suas obras foram maravilhosas.*
[15] *Apesar de tudo,* o *povo não* se *converteu.*
E não se *afastaram de seus pecados,*
até que foram deportados de seu país
e *dispersos por toda a terra.*

Em apenas três versículos se resume o prodigioso ministério do sucessor de Elias, Eliseu, para quem "*nada estava acima de suas forças*" (v. 13, cf. 2Rs 2-13). É de notar o silêncio do Sirácida sobre a ação política deste profeta, que apóia e consagra Jeú, o autor de um sangrento golpe de Estado que mais tarde será censurado por Oséias (cf. Os 1,4... contra 2Rs 10,30).

O v. 15ab recorda novamente o triste fim do reino do Norte (cf. 47,24-25), atribuindo-o aos seus pecados. E menciona, além da deportação de seu povo, também a sua dispersão (a diáspora!) "por toda a terra", castigo semelhante ao da soberba dos construtores da torre de Babel (cf. Gn 11,8-9).

7. JUDÁ: EZEQUIAS E ISAÍAS, E JOSIAS (48,15c--49,3)

[15c] *Restou apenas um povo pouco numeroso,*
com um chefe da casa de Davi.
[16] *Alguns dentre eles fizeram o que agrada ao Senhor,*

mas outros multiplicaram seus pecados.

Passando agora para o reino do Sul, que continuou fiel à dinastia de Davi (v. 15c) e que vai perdurar ainda 134 anos (de 720 a 586 a.C), o Sirácida aborda com satisfação as figuras de Ezequias e Josias, que são alguns, dentre os reis, que "fizeram o que agrada ao Senhor". Entretanto, "*outros multiplicaram os seus pecados*" (v. 16) – o que já introduz a tragédia que será recordada em 49,6.

a) Ezequias e Isaías (48,17-25)

[17] ***Ezequias*** *fortificou a cidade*
e trouxe água para dentro dela.
Abriu o rochedo a ferro,
e construiu reservatórios para as águas.
[18] *Em seus dias subiu Senaquerib e enviou Rabsaces;*
e levantou a mão contra Sião,
vangloriando-se enormemente, em seu orgulho.
[19] *Então estremeceram seus corações e suas mãos,*
sentindo dores como mulheres no parto.
[20] *E invocaram o Senhor, o Misericordioso,*
estendendo para ele suas mãos.
E lá do céu o Santo logo os ouviu
e os resgatou pela mão de Isaías.
[21] *Feriu o acampamento dos assírios*
e seu Anjo os exterminou.
[22] *Pois Ezequias fez o que era agradável ao Senhor*
e se conservou firme nos caminhos de Davi, seu pai,
conforme lhe indicara ***Isaías****, o profeta,*
grande e verdadeiro em suas visões.
[23] *Em seus dias, o sol retrocedeu*
e ele prolongou a vida do rei.
[24] *Na força do Espírito, viu os últimos acontecimentos*
e consolou os que choravam em Sião.
[25] *Mostrou o que há de acontecer até o fim dos tempos*
e as coisas ocultas, antes de se realizarem.

Ben Sirá segue, de modo geral, os editores dos livros dos Reis (parte final da história deuteronomística, que começa com Josué) em seus julgamentos sobre os méritos e/ou deméritos da dinastia davídica. Eles julgam Ezequias um dos melhores reis, e assim o faz o Sirácida, que começa aproveitando o significado do nome do rei, "Deus fortifica", para apresentar sua primeira obra, a fortificação de Jerusalém e a construção do famoso canal de Siloé, por dentro da rocha (v. 17).

Os vv. 18-21 estão consagrados à perigosa invasão de Senaquerib, no ano 701 a.C, que provoca a angústia da população da capital e sua oração coletiva (da qual não falam as fontes: nem Rs, nem Cr, nem Is), terminando com o resgate "pela mão de Isaías", através do Anjo exterminador que devasta o acampamento dos assírios (cf. 2Rs 18-19).

O v. 22 emite o juízo favorável a Ezequias, que seguia "o que lhe indicara Isaías, o profeta", "grande e verdadeiro em suas visões". Quanto a esse acordo entre Ezequias e Isaías, não é bem o que revelam os oráculos do profeta, constantemente reprovando as alianças políticas do rei: cf Is 30,1-5; 31,1-3 etc. As "visões" aludem talvez ao próprio título do livro do profeta, cf. Is 1,1, também Is 2,l.

Os vv. 23-25 tratam só de Isaías, recordando a sua intervenção na cura do rei (v. 23, cf. 2Rs 20,1-11 e Is 38,1-22), as suas profecias "de consolação" (são os cc. 40-55 do seu livro) e as suas profecias escatológicas (esparsas ao longo do livro, mas especialmente nos cc. 60-66). Isto supõe que o Sirácida conhecia o livro de Isaías como o temos agora, mas não o abordava criticamente como nós: para ele o autor do livro é um só, nada sabendo ele de um Dêutero ou Trito-Isaías.

b) Josias (49,1-3)

[1] *A memória de* ***Josias*** é *como uma mistura de incenso*
preparada pela arte do perfumista.
Em todas as bocas é *doce como* o *mel,*
e *como música num banquete com vinho.*
[2] *Ele* se *empenhou na conversão do povo*
e *extirpou as abominações da iniqüidade.*
[3] *Dirigiu* o *coração para* o *Senhor*
e *fez prevalecer a piedade nos dias dos iníquos.*

O longo e belo v. 1 introduz com satisfação a memória de Josias, o extraordinário rei de Judá que soube aproveitar o momento histórico do declínio da Assíria, no final do séc. VII a.C, para recobrar a independência política, realizar a reforma religiosa (em 622 a.C, cf. 2Rs 23) e expandir as fronteiras do seu reino. Infelizmente, tudo isso foi abortado pelo desastre de Meguido (em 609 a.C, cf. 2Rs 23,28-30), que deixou ecos dolorosos na memória do povo (cf. o "traspassado" de Zc 12,10), mas aos quais o Sirácida não faz a menor referência.

Alguns detalhes: comparar as imagens do v. 1 com a imagem do início do elogio a Davi, em 47,2; as "abominações" da iniqüidade, no v. 2, são o mesmo termo tornado proverbial em Dn 9,27 ("a abominação da desolação") e no NT, cf. Mc 13,14 e prl; belo o paradoxo do v. 3b: "fez prevalecer a piedade", hebr. *hesed,* misericórdia e fidelidade, "nos dias dos iníquos", lit. “de violência”, hebr. *hamas*.

8. ÚLTIMOS REIS E ÚLTIMOS PROFETAS (49,4-10)

HERÓIS RECENTES E HERÓIS ANTIGOS (49,11-16)

Ben Sirá vai chegando ao final da sua resenha histórica. É estranho que ele se apresse na evocação de figuras como Jeremias e Ezequiel, não diga uma palavra sequer sobre o

Exílio, nem, depois, sobre Esdras, ao passo que vai demorar-se bastante no retrato do seu contemporâneo Simão II, sumo sacerdote da época, ao qual vai consagrar nada menos que vinte e um versículos (cf. 50,1-21).

a) Últimos reis e últimos profetas (49,4-10)

[4] *Com exceção de Davi, Ezequias e Josias,*
todos multiplicaram suas transgressões.
E assim, por terem abandonado a Lei do Altíssimo,
os reis de Judá desapareceram.
[5] *Tiveram de entregar seu poder a outros,*
e sua glória a uma nação estrangeira.
[6] *E os inimigos puseram fogo à cidade eleita do Santuário,*
*tornando desertas suas ruas, segundo a palavra de **Jeremias**.*
[7] *Pois o haviam maltratado, justamente a ele,*
profeta consagrado desde o seio de sua mãe
para arrancar, destruir e fazer perecer,
mas também para construir e plantar.
[8] ***Ezequiel** teve a visão da Glória,*
que o Senhor mostrou-lhe sobre o carro dos querubins.
[9] *Pois recordou-se dos inimigos na chuva torrencial*
mas beneficiou os que procedem por vias retas.
[10] *Quanto aos **doze profetas**,*
que seus ossos refloresçam de seus túmulos!
Pois consolaram Jacó
e o resgataram com a sua firme esperança.

O juízo sobre os reis de Judá é taxativo: todos, "com exceção de Davi, Ezequias e Josias" , "todos multiplicaram suas transgressões" (v. 4). Assim, o próprio Salomão parece incluído entre os transgressores, não escapando também Asa nem Josafá, que entretanto são louvados, respectivamente, em 2Rs 15,9-24 e 2Rs 22,41-51. Entre os "transgressores" talvez sejam mais visados Jeoiaquim e Sedecias, os últimos reis de Judá, que tanto fizeram sofrer a Jeremias.

O v. 6 alude à queda de Jerusalém sob os babilônios (sem nomeá-los), mencionando o seu incêndio e a sua desolação "segundo a palavra de Jeremias", mas sem qualquer referência à deportação e ao Exílio, como já observei acima. O v. 7 é uma sintética referência ao ministério e à vocação profética de Jeremias, segundo os termos da sua vocação em Jr 1,4-10.

Surpreende também a rapidez com que se recorda Ezequiel, o profeta do novo Templo, cuja visão inicial grandiosa não é situada no local onde ocorreu: "entre os exilados, junto ao rio Cobar" (Ez 1,1). O v. 9, ainda sobre Ezequiel, é um caso interessante de mal-entendido do texto consonantal hebr. pelo tradutor gr.: o nome de Jó, *'ijob,* foi confundido com *'oieb,* inimigo, e resultou no texto que temos, que dá para entender como sendo alusão a Ez 38,22 (a chuva torrencial contra Gog, no conjunto de Ez 38-39). No entanto, o original hebr. é uma referência a Ez 14,14.20: "e também recordou-se de Jó, que

se manteve em todos os caminhos retos..." – Assim, Ben Sirá inclui também a Jó, um não-israelita, nesta "galeria dos antepassados de Israel".

Por fim, no v. 10, a referência, também sintética, aos "doze profetas", apresentados como unidade literária, no volume (pergaminho) que conservava todos os seus oráculos, assim como havia um volume só para Isaías, outro para Jeremias e outro para Ezequiel. Quanto a Daniel, que no tempo do Sirácida ainda não estava escrito, sequer é mencionado. Aliás, quando redigido, foi acrescentado aos "Escritos", não aos "Profetas", como ainda hoje na Bíblia hebraica.

Ainda quanto a este v. 10: 1) o voto de que "seus ossos refloresçam" é o mesmo do v. 46,12, referente aos Juízes, aqui suspirando por uma renovação da atividade profética; 2) a menção do "consolo" de suas profecias esquece, ou pelo menos deixa na sombra, a dureza das suas denúncias e ameaças, especialmente dos profetas pré-exílicos, consolo e dureza que "resgatou" o povo “com a sua firme esperança”, lit. “*pela fidelidade da esperança*”.

b) Heróis recentes (49,11-13)

[11] *Como engrandeceremos* ***Zorobabel****?*
Ele é como o sinete na mão direita.
[12] *Assim também* ***Josué****, filho de Josedec:*
em seus dias, reedificaram a Casa
e reergueram o Santuário, consagrado ao Senhor.
[13] *Também de* ***Neemias*** *é imensa a memória,*
pois reergueu nossas muralhas em ruína,
restaurou as portas e os ferrolhos
e tornou a levantar nossas casas.

Com uma pergunta retórica, passa o Sirácida a tecer o elogio dos restauradores do culto e da comunidade pós-exílica, começando por Zorobabel, o misterioso davidida que é o grande eleito da profecia de Ag 2,23 (onde aparece exatamente a imagem do "sinete"), exaltado também na visão de Zc 4, mas de cuja atuação posterior praticamente nada sabemos. Segue logo a menção de Josué, filho de Josedec (v. 12), sacerdote, associado a Zorobabel na obra da restauração, a qual de fato aconteceu entre 520 e 515 a.C (cf. livro de Esdras, cc. 3-6). O Templo é “o mesmo” de antes, reedificado, e tem um destino glorioso, segundo anuncia Ag 2,1-9.

No v. 13 é exaltado Neemias, governador da província de Judá por muitos anos, que em 444 a.C restaurou os muros e portas de Jerusalém e empreendeu uma reforma sócio-religiosa, à qual, porém, o Sirácida não se refere. Outros silêncios do nosso autor: 1) nenhuma palavra sobre Esdras, o escriba, famoso pela primeira leitura pública do Pentateuco (Ne 8) e por suas reformas em torno dos três grandes valores do judaísmo pós-exílico: a raça eleita, o Templo, a Lei... 2) nenhuma palavra também sobre o Exílio e a diáspora, de onde exatamente vieram esses reconstrutores: Zorobabel e Josué, de Babilônia, e Esdras e Neemias, da Pérsia.

c) Heróis antigos (49,14-16)

[14] *Ninguém, sobre a terra, foi criado igual a **Henoc**,*
pois ele é quem, da terra, foi arrebatado.
[15] *Nem como **José** nasceu homem algum,*
pois até seus ossos foram honrados.
[16] ***Sem** e **Set** foram glorificados entre os homens,*
*mas, acima de toda criatura vivente, eis **Adão**.*

À maneira de inclusão, Ben Sirá volta aos primeiros patriarcas, introduzindo José entre os personagens de antes do dilúvio. Reaparece Henoc, arrebatado ao céu e ainda vivo, que recebe um elogio hiperbólico: "ninguém"... igual a ele! Mas José igualmente, cujos ossos tiveram a honra de serem transportados por Moisés, como lembra a Mixná *(Sotah* 1,9; d. Ex 13,19), é incomparável: “ninguém” nasceu como ele...

Enfim, "acima de toda criatura vivente", e depois de mencionar Sem, pai dos semitas (Gn 11,10-26), e Set, que encabeça a linha adamítica benfazeja (Gn 5), aparece Adão (v. 16b). Pela primeira vez na Bíblia surge a sua figura aureolada de glória, talvez pela esperança messiânica de um novo Adão. Notar como a genealogia de Jesus, em Lc 3,23-28, remonta a Adão, depois de passar por Sem, Noé e Set.

9. O SUMO SACERDOTE SIMÃO (50,1-21)

[1] *Guia de seus irmãos* e *glória de seu povo*
foi Simão, filho de Onias, sumo sacerdote.
Durante a sua vida, restaurou a Casa
[2] e, em *seus dias, fortificou* o *Santuário.*
Por ele foram colocados os fundamentos do alto muro duplo,
o *alto contraforte da muralha do Templo.*
[3] *Em seus dias foi talhado* o *reservatório das águas,*
uma cisterna imensa como o mar.
[4] *Zeloso* em *preservar da ruína* o *seu povo,*
fortificou a cidade para o *caso de cerco.*
[5] *Como era esplêndido ao rodear* o *Santuário,*
quando saía da casa do Véu!
[6] *Era como a estrela da manhã no meio da névoa,*
como a lua cheia nos dias da festa;
[7] *como* o *sol resplandecendo sobre* o *santuário do Altíssimo,*
como o *arco-íris brilhando entre nuvens de glória;*
[8] *como a flor das roseiras* em *dias de primavera,*
como o *lírio junto às fontes das águas,*
como a vegetação do Líbano em *dias de verão.*
[9] *Era como o fogo e o incenso no turíbulo,*
como um vaso de ouro maciço,
ornado de toda espécie de pedras preciosas;
10 como a oliveira carregada de frutos,
cama o *cipreste que se eleva até as nuvens.*

[11] *Quando revestia seu manto de glória*
e *se adornava com a perfeição do esplendor,*
ao subir os degraus do altar santo,
enchia de glória o recinto do Santuário.
[12] *Ao receber das mãos dos sacerdotes as porções das vítimas,*
estando de pé junto ao braseiro do altar.
seus irmãos ao redor formavam uma coroa
como rebentos de cedro sobre o *Líbano,*
e o *circundavam como troncos de palmeiras.*
[13] *Todos os descendentes de Aarão, em sua glória,*
com a oferenda do Senhor nas mãos,
mantinham-se diante de toda a assembléia de Israel.
[14] *E ele, completando a liturgia sobre o altar,*
e para tornar mais bela a oferenda do Altíssimo Todo-poderoso,
[15] *estendia a mão sobre a taça*
e *fazia a libação do sangue da uva:*
derramava-o sobre as bases do altar
como perfume agradável ao Altíssimo, rei do universo.
[16] *Nesse momento, os descendentes de Aarão começavam a aclamar,*
faziam soar as trombetas de metal batido
e produziam um imenso clamor,
como memorial diante do Altíssimo.
[17] *E todo o povo, ao mesmo tempo,*
Se apressava a prostrar-se com o rosto por terra
para adorar o seu Senhor,
o Todo-poderoso, o Deus Altíssimo.
[18] *Os cantores o louvavam com suas vozes,*
sua melodia suave misturando-se ao clamor imenso.
[19] *E* o *povo suplicava ao Senhor Altíssimo,*
em oração diante do Misericordioso,
até que se completasse a solenidade do Senhor
e *se concluísse a sua liturgia.*
[20] *Então ele descia do altar e elevava as mãos*
sobre toda a assembléia de Israel,
para dar com seus lábios a bênção do Senhor
e *ter a honra de pronunciar* o *seu Nome.*
[21] *E* o *povo se prostrava, pela segunda vez,*
para receber a bênção vinda do Altíssimo.

Trata-se de Simão II, filho de Onias II, da linhagem dos sadoquitas, que foi sumo sacerdote entre 219 e 196 a.C, a quem o Sirácida deve ter conhecido pessoalmente, por ele nutrindo grande veneração. É com a sua memória, com a evocação comovida da liturgia do Templo presidida por ele, que vai terminar, como num clímax, ligando passado e presente, esta galeria de heróis de Israel.

Celebrando a solene liturgia, o sumo sacerdote representa a continuidade religiosa do povo santo, que é o "seu povo" (v. 4), e ao mesmo tempo é penhor do futuro (ao menos assim o esperava o Sirácida). O esplendor do culto é a manifestação de uma glória maior, o

sacerdote sendo mediador da presença divina. Quando ele pronuncia o Nome santo (v. 20), o povo sente a presença de Deus, se prostra, adora, recebe a bênção (v. 21).

Perigo de "culto da personalidade", em relação a quem preside a liturgia? Perigo de alienação do povo, hipnotizado pelo espetáculo que enche os olhos (cf. a descrição dos v. 5-10) e os ouvidos (v. 16 e v. 18)? Quem não lembraria os exemplos mais recentes das celebrações de massa do nazismo ou do fascismo, que também enchiam os olhos? e as paradas militares da Praça Vermelha? e as multidões na basílica e na praça de São Pedro? – O perigo da ambigüidade, da alienação, é real. Mas não me parece que a solução esteja em suprimir, em cortar essas manifestações do coletivo, do espetacular, do emocional, que respondem à necessidade da nossa natureza social e sensível. Porque, lembrando de novo Joãozinho Trinta, do carnaval carioca, já citado ao comentarmos as vestes litúrgicas de Aarão (cf. supra, 45,6-22): "O povo gosta de luxo. Miséria é coisa de intelectual". A solução, portanto, não está em suprimir, mas em conscientizar. Exemplo disso, aliás, é o próprio Ben Sirá, o Sábio experimentado e viajado, e consciente de que Deus quer "mais a misericórdia que o sacrifício ritual" (cf. supra, c. 34,21--35,22), e, no entanto capaz de vibrar com a liturgia solene do seu povo.

Mas voltemos ao texto. No v. 1 corrigimos o texto gr. de acordo com o hebr., trazendo de volta, para 50,1a, o hemistíquio que no texto gr. foi parar em 49,15b: não é José do Egito, mas Simão, sumo sacerdote, que o Sirácida apresenta como "guia dos seus irmãos e glória do seu povo", logo a seguir passando a descrever os seus trabalhos de restauração da cidade e do Templo (v. 1-4). Flávio Josefo cita uma carta de Antíoco III da Síria ao governador da Palestina, logo após a vitória dos selêucidas, em Pânion, contra os Lágidas do Egito (em 199 aC). Nessa carta, Antíoco autoriza semelhantes trabalhos de restauração em Jerusalém, exatamente no tempo do pontificado de Simão II (cf. *Ant. Jud.* XII,3,3). Sabe-se que, nessa época, o sumo sacerdote era chefe religioso e também civil de Jerusalém e do pequeno território que em torno dela gravitava. Quanto às obras de fortificação da cidade, elas prenunciavam os vários assaltos que Jerusalém viria a sofrer no tempo dos sucessores de Antíoco III, época também em que explode a insurreição dos Macabeus.

Os vv. 5-10 formam um contraste inesperado com esses prenúncios de guerra: o que há de mais belo no céu, e entre as plantas, e entre as jóias, numa sucessão de doze imagens que lembram as de 24,13-17 sobre a Sabedoria, é evocado pelo Sirácida para descrever o esplendor do oficiante e da cerimônia. Como Moisés saía radiante do trato com o Senhor (Ex 34,29-35), algo assim era o sumo sacerdote Simão ao sair da "casa do Véu", isto é, do "Santo dos Santos", no Dia do *Yom Kippur,* o dia da Reconciliação, segundo Lv 16. Acontece que os detalhes da cerimônia, especialmente nos v. 11-19, parecem referir-se ao quotidiano sacrifício matutino e vespertino, lembrado também em 45,14 e melhor especificado a seguir na Mixná *(Tamid* 7,2-3).

No v. 12, a descrição dos sacerdotes, "filhos de Aarão", em torno do sumo sacerdote, provoca mais duas imagens siracidianas: "rebentos de cedro" e "troncos de palmeiras". Nos vv. 16-19 ressaltam-se os elementos sonoros da liturgia: as trombetas (cf. Nm 10,1-10), as prostrações, os salmos dos cantores, os clamores de súplica do povo, tudo produzindo uma experiência forte da *"Shekiná",* ou seja, a presença de Deus.

Os vv. 20-21 descrevem o momento conclusivo: o sumo sacerdote abençoa o povo, pronunciando sobre a multidão o Nome sagrado de YHWH, segundo Nm 6,22-27 (cf. Sl 67,2.7: *Deus tenha piedade de nós e nos abençoe, fazendo brilhar sobre nós a sua face... Que Deus, o nosso Deus, nos abençoe!*), enquanto todos mais uma vez se prostram, recebendo "a bênção vinda do Altíssimo". No livro do Levítico lemos cena semelhante, referente a Aarão: "Aarão levantou as mãos em direção ao povo e o abençoou. Havendo assim realizado o sacrifício pelo pecado... entrou na Tenda da Reunião... Diante do que via, o povo soltou brados de júbilo e todos prostraram-se com o rosto em terra" (cf Lv 9,21-24). Como não ver, no NT, o paralelismo entre esta cena e a bênção solene de Jesus a seus discípulos no momento da Ascensão, segundo Lc 24,50-52a?

E aqui, encerrando o comentário desta perícope, vale a pena ainda uma pergunta: poderíamos descobrir um motivo profundo para o Sirácida concluir desta maneira, com a descrição da liturgia solene do Templo, a sua resenha da história de Israel? Creio que encontramos este motivo em Ex 4,23: o povo escravo, Israel, a quem Javé assume como seu filho, deve ser libertado, deve poder sair, do Egito, *para "servir"*, isto é, para "prestar culto" ao Senhor. Quer dizer, este povo existe para louvar a Deus, sendo por isso mesmo um "povo sacerdotal", segundo Ex 19,6, retomado pelo Trito-Isaías: "*Quanto a vós, sereis chamados sacerdotes de YHWH*" (Is 61,6)... Assim, numa época em que a monarquia não mais existe, e a profecia está silenciosa, o sacerdócio representa a nação e a exprime. Visão cultual e elitista, como querem alguns? A carta aos Hebreus apresentará também uma interpretação cultual e sacerdotal do Cristo, e de sua morte, ele, sim, o sumo sacerdote por excelência, não mais segundo Aarão, mas "*segundo a ordem de Melquisedec*" (Hb 7,11, citando o Sl 110,4; mas cf. toda a parte central da carta aos Hebreus).

XVI. COMENTARIO de 50,22 a 51,30

CONCLUSÃO

1. EXORTAÇAO E SÚPLICA (50,22-24)

[22] *Agora, bendizei o Deus do universo*
que por toda parte realiza grandes coisas:
ele exaltou nossos dias desde o seio materno
e age conosco segundo a sua misericórdia.
[23] *Que ele nos dê a alegria do coração*
e conceda em nossos dias a paz,
paz em Israel, como nos dias de outrora!
[24] *Que a sua misericórdia permaneça fielmente conosco*
e nos resgate em nossos dias!

Tendo concluído a descrição da liturgia solene, da qual participara como leigo, do meio do povo, o Sirácida volta a ser o intérprete da história do seu povo e conclui sua resenha dos heróis de Israel, resenha iniciada no c. 44. Ele exorta seu povo a louvar, e também a pedir: pedir especialmente a paz, "paz em Israel, como nos dias de outrora", e a redenção, isto é, a libertação "em nossos dias" (v. 23-24).

Isto, no texto gr., produzido pelo neto do autor, no Egito, cerca de sessenta anos depois, quando o sacerdócio sadoquita não existia mais, estando agora em mãos dos asmoneus, e Judá estava vivendo a época ambígua do primeiro desses descendentes dos Macabeus, João Hircano (134-104 aC). Isso explica a releitura do texto hebr. original, que vale a pena reproduzir integralmente aqui (vou destacar, em redondo, as alterações essenciais):

[22] *E agora bendizei* o *Deus* de Israel
que faz maravilhas na terra:
ele cria o ser humano desde o *ventre materno*
e age com ele segundo a sua vontade.
[23] *Que ele vos conceda* sabedoria *de coração*
e *que reine a paz* entre vós.
[24] *Que permaneça a sua bondade* para com Simão
e realize para ele a aliança com Finéias,
e não a retire dele nem da sua descendência enquanto perdurar o céu.

Portanto, na exortação original, o título divino é "*Deus de Israel*", não "do universo"; e ele age "*segundo a sua vontade*", não "segundo a sua misericórdia" (v. 22). O Sirácida pede a "*sabedoria*" do coração, não "a alegria", e pede a paz interna, "*entre vós*" (v. 23), não simplesmente "a paz". E o último v. é todo uma súplica pelo próprio Simão II (aliás, já falecido quando o Sirácida escreve, mas cuja memória está viva) e pelos seus descendentes "enquanto perdurar o céu..." De fato, essa esperança e certeza da indefectibilidade do sacerdócio legítimo (cf. 45,15 e 24) vai ser desmentida pelos fatos: Onias III, o filho de Simão II, que lhe sucedeu no sumo sacerdócio, é destituído por Antíoco IV Epífanes e

substituído por seu próprio irmão, o filo-helenista Jasão, em 174 aC, sendo este por sua vez destronado pelo usurpador não sadoquita, Menelau, em 171 aC. Vinte anos depois, em 152 a.C, Jônatas, um dos irmãos Macabeus, assume, além do reino, o sacerdócio... E isto, não por sucessão legítima, mas "por obra e graça" de Alexandre Balas, filho do já citado Antíoco IV Epífanes...

2. VIZINHOS MALVISTOS (50,25-26)

[25] *Contra duas nações minha alma se irrita,*
e a terceira nem é nação:
[26] *os estabelecidos na montanha de Seir, e os filisteus,*
e o povo insensato que habita em Siquém.

Inesperados neste ponto do livro, após a comovida exortação e súplica dos vv. 22-24, e logo antes da subscrição e conclusão da obra (vv. 27-29), vem este epigrama numérico violento contra três povos vizinhos! Atestados por todos os manuscritos e versões, devemos considerar estes versículos como autênticos, e esforçar-nos por entendê-los como contraste enérgico, segundo o gosto semita, entre a insensatez dos ímpios e a Sabedoria do povo de Deus... Nada, aqui, portanto, de ecumenismo!

Nomeados por primeiro são os idumeus, "estabelecidos na montanha de Seir" (v. 25), os quais se notabilizaram pelo ódio contra os judeus nos períodos do Exílio e do pós-exílio, e que são alvo do violento livro de Abdias e de vários oráculos arrasadores em lsaías (cf. Is 34; 63,1-6!) e nos outros profetas: Am 1,11-12; Jr 49,7-22; Ez 25,12-14; Ml 1,2-4. Duas gerações depois do Sirácida, os idumeus serão submetidos por João Hircano (134-104 a.C) e coagidos, os sobreviventes, à circuncisão!

Os filisteus, nomeados em segundo lugar, eram os inimigos tradicionais de Israel desde o tempo dos Juízes, e na época de Ben Sirá eram o símbolo do paganismo, pelo entusiasmo com que haviam adotado os costumes helenistas. No primeiro livro dos Macabeus (1Mc 10 e 11) lemos sobre a conquista de Gaza, Azoto, Jafa e outras cidades filistéias, pelos mesmos Macabeus.

Quanto aos samaritanos, o "povo insensato que habita em Siquém" (v. 26b) e que "nem é nação" (v. 25b), herdeiros do antigo reino do Norte, rebelde à dinastia davídica (cf. 47,23-25), o próprio NT, quase três séculos depois, testemunha o mau relacionamento dos judeus com eles: "*os judeus não se dão com os samaritanos*" (Jo 4,9b). De fato, eles dificultaram a restauração dos judeus no pós-exílio (cf. Esd 4 e Ne 3), construíram um templo sobre o Garizim sem reconhecer o sacerdócio de Jerusalém, e sua cidade se helenizou, na passagem de Alexandre Magno (333 a.C). A seguir, tornou-se, no tempo do Sirácida, sede do governador selêucida... É evidente que os asmoneus não podiam deixá-la em paz, e de fato a arrasaram em 107 aC, como já haviam feito com seu templo anos antes, em 128 a.C, na época do já citado João Hircano.

3. PÓS-ESCRITO (50,27-29)

[27] *Uma instrução de inteligência e ciência gravou, neste livro,*
Jesus, filho de Sirac, filho de Eleazar, de Jerusalém,
que derramou como chuva a sabedoria do seu coração.
[28] *Feliz, quem se voltar incessantemente a estes ensinamentos:*
quem os fixar em seu coração, há de tornar-se sábio.
[29] *E, se os praticar, será forte em tudo,*
porque o temor do Senhor é a sua vereda
e aos seus fiéis ele concede a Sabedoria.
Bendito seja o Senhor para sempre! Amém, Amém.

Não era costume um antigo autor hebreu assinar a sua obra. O livro do Eclesiastes, anterior ao Sirácida, o faz, mas através de um pseudônimo (Ecl 12,9-10). Quanto ao Sirácida, ele identifica-se com clareza: é "Jesus, filho de Sirac, filho de Eleazar, de Jerusalém" (v. 27b) ou, segundo o texto hebr., "Jesus, filho de Eleazar, *Ben Sirá*", isto é, Sirá, em gr. Sirac, seria o avô e não o pai do nosso autor. Para todos os efeitos, é o "*Sirácida*", ou "Ben Sirá", quem "gravou" neste "livro" (ou "volume", longo rolo de pergaminho, à semelhança dos encontrados em Qumrã) uma "instrução de inteligência e ciência".

Notar os vários termos sapienciais reunidos nestes três versículos: instrução, inteligência, ciência, sabedoria, ensinamentos, temor do Senhor. .. No v. 27c, uma última imagem, típica do autor: ele "derramou, como chuva, a sabedoria do seu coração", assim como, no c. 24, apresentou-se qual "canal, aqueduto, rio, mar..." (cf. 24,30-31) .

Nos vv. 28 e 29, uma última bem-aventurança, colocando a felicidade e a Sabedoria em paralelo: é preciso "voltar continuamente a estes ensinamentos" e "fixá-los no coração" (cf. o que Lucas diz de Maria, por duas vezes: "*ela guardava todas estas palavras, conferindo-as em seu coração*", Lc 2,19-51) e, ainda, "pô-los em prática" (cf. o final do Sermão da montanha: Mt 7,21-27): quem o fizer "será forte em tudo", isto é, superará todas as dificuldades, e será feliz. E a razão desta segurança é o *"temor* do Senhor", o sentido religioso, síntese de todo o ensinamento do Sábio. O final do livro, assim, se liga ao seu começo.

Alguns detalhes ainda: 1) no v. 29b, o texto hebr. diz, quem sabe mais expressivamente: "o temor do Senhor é a vida"; 2) também no v. 29b, o texto gr. II amplia o pensamento com um paralelismo sobre a Sabedoria, que Deus concede "aos seus fiéis", os "piedosos" (hebr. *hasidim),* e acrescenta uma bênção conclusiva.

4. SALMO DE AGRADECIMENTO E HINO DE LOUVOR (51,1-12 e 12a-o)

O livro já está concluído. No entanto, o próprio autor deve ter acrescentado ulteriormente este Salmo de agradecimento individual, bem como o testemunho pessoal que o segue (v. 13-30), porque nós os encontramos em todos os manuscritos e versões, e a versão gr. inclusive os introduz com o título: "*Oração de Jesus, filho de Sirac*".

a) Salmo de agradecimento (51,1-12)

[1] *Eu te glorificarei, ó Senhor, ó Rei,*
e te louvarei, ó Deus meu Salvador.
Glorifico o teu Nome,
[2] *pois foste para mim abrigo e socorro*
livrando meu corpo da perdição,
do laço da língua caluniadora
e dos lábios que produzem a mentira.
Na presença de meus adversários
[3] *tu foste o meu amparo, e me livraste*
segundo a grandeza da tua misericórdia e do teu Nome.
Das mordidas dos que estavam prestes a devorar-me,
das mãos dos que procuravam tirar-me a vida me livraste,
e das muitas tribulações que sofri:
[4] *da fogueira sufocante que me cercava,*
do meio do fogo que não acendi,
[5] *da profundeza das entranhas do Hades,*
da língua impura e da palavra mentirosa,
[6] *dos dardos de uma língua injusta.*
Minha alma esteve próxima da morte
e minha vida chegou perto da profundeza do Hades.
[7] *Cercavam-me por toda parte e não havia quem me socorresse;*
olhava, buscando amparo, e não o encontrava.
[8] *Lembrei-me, então, de tua misericórdia, Senhor,*
e de teus benefícios, desde sempre.
Pois livras as que perseveram confiando em ti,
e os salvas da mão dos malvados.
[9] *Da terra fiz subir minha oração*
e te roguei que me preservasses da morte.
[10] *E proclamei:* ***Tu és meu Pai****, meu poderoso Salvador!*
Não me abandones nos dias da tribulação,
no tempo do desamparo causado pelos soberbos.
[11] *E eu louvarei teu Nome sem cessar,*
e cantarei hinos em ação de graças.
Então minha prece foi atendida:
[12] *Tu me salvaste da perdição e me livraste do tempo mau.*
Por isso te glorificarei e louvarei,
e bendirei o Nome do Senhor!

O Salmo segue a forma usual de um salmo de ação de graças: a introdução, a narrativa da situação desesperadora, a súplica, a libertação, o louvor. Há contínuas reminiscências dos salmos conhecidos, e a situação é considerada de perigo mortal. Imagens várias se sobrepõem para simbolizar a suprema angústia humana, fruto de uma conjuração inimiga, tema também tradicional nos salmos. Domina, porém, o tema da calúnia e da mentira, armas terríveis de destruição.

Concretamente, a que se refere o Sirácida? terá ele passado por esse perigo mortal, por essa calúnia que por pouco a condena? A única informação que temos é a do c.

34,10-13, em que ele, falando de suas viagens, se refere vagamente a "provações" (34,10) e diz que esteve "muitas vezes em perigo de morte" (v. 13), sem, porém, referir-se a conjurações ou calúnias.

Chamam a atenção os títulos divinos acumulados no v. 1, Deus sendo chamado "rei" e "salvador", como em vários salmos. Os vv. 2-6 antecipam que o Senhor já libertou o orante dos perigos descritos, entre os quais sobressaem o "laço" e os "dardos" da "língua caluniadora" (vv. 2, 5 e 6); a "presença dos adversários" e suas "mordidas" (vv. 2 e 3); a "fogueira sufocante", o "fogo", as "entranhas do Hades" (vv. 4 e 5). Os vv. 6 e 7 descrevem a situação aflitiva, sem socorro humano algum. O v. 8 marca a transição, o nascimento da esperança, quando se interpõe a lembrança da misericórdia do Senhor, que liberta e salva os que "perseveram, confiando" nele: cf. os vv. 12-13 no Sl 77.

Os vv. 9-11ab descrevem os termos da súplica, já com a promessa de ação de graças. No v. 10 preferi o texto hebr., aliás assumido pela NV, mais coerente com a teologia do Sirácida, que aqui mais uma vez se dirige a Deus como pai, assim como já o fizera em 23,1 e 23,4. O texto gr., cuja tradução se encontra em algumas de nossas bíblias (cf. BJ, BV, TEB, p. ex.), não entendeu o texto hebr. e introduziu um tema messiânico: Deus como pai do Messias (cf. Sl 2,7; também Sl 89,27, referindo-se a Davi), receando talvez a expressão de intimidade filial usada pelo Sirácida.

Finalmente, os vv. 11c-12 descrevem o resultado da oração, já antecipado nos vv. 2-6, com nova promessa de louvor, possivelmente introduzindo o Hino a seguir. – Uma observação ainda quanto ao emprego litúrgico desta página, na liturgia romana anterior à reforma do Vaticano II, como primeira leitura da Missa de uma Virgem e Mártir. Trata-se do sentido "acomodado" - legítimo na liturgia - de um texto tão expressivo, cujo sentido histórico é claro, mas cujas expressões servem extraordinariamente para traduzir a confiança, angústia, e louvor de um(a) mártir, por ocasião ou na aproximação do seu martírio.

b) Hino de louvor (51,12a-o)

a Louvai o Senhor porque ele é bom,
porque sua misericórdia é eterna.
b Louvai o Deus dos louvores,
porque sua misericórdia é eterna.
c Louvai o guardião de Israel,
porque sua misericórdia é eterna.
d Louvai o Criador do universo,
porque sua misericórdia é eterna.
e Louvai o redentor de Israel,
porque sua misericórdia é eterna.
f Louvai o que reúne os dispersos de Israel,
porque sua misericórdia é eterna.
g Louvai o que reconstrói a Cidade e o Templo,
porque sua misericórdia é eterna.
h Louvai o que restaura o poder da casa de Davi,
porque sua misericórdia é eterna,

I Louvai o que escolheu como sacerdotes os filhos de Sadoc,
porque sua misericórdia é eterna.
j Louvai o escudo de Abraão,
porque sua misericórdia é eterna.
k Louvai o rochedo de Isaac,
porque sua misericórdia é eterna.
L Louvai o Forte de Jacó,
porque sua misericórdia é eterna.
m Louvai o que escolheu Sião,
porque sua misericórdia é eterna.
n Louvai o Rei dos reis,
porque sua misericórdia é eterna.
o Ele restaura o poder de seu povo,
para o louvor de todos os seus fiéis,
p de Israel, seu povo predileto. Aleluia.

Ao terminar sua oração pessoal de agradecimento, o autor se dirige à assembléia, segundo o costume tradicional. Entoa um hino litânico, como o Sl 136, com o mesmo refrão, mas com outras invocações. O primeiro v. era já consagrado na liturgia, e o encontramos também no Sl 118. A tradução desse refrão varia, por causa da pluralidade de sentidos tanto do verbo, "louvai" = glorificai, dai graças, como do atributo divino invocado: sua "misericórdia" (hebr. *hesed!)* = bondade, amor, fidelidade...

Quanto à autoria do Hino, provavelmente não é do Sirácida, porque nenhuma das antigas versões o traz: ele é transmitido só pelo ms B, hebr., encontrado na Genizá do Cairo (cf. Introdução n. 6, sobre o texto). Por outro lado, sua antigüidade pode remontar à época do Sirácida ou pouco depois, quando os sadoquitas ainda detinham o sumo sacerdócio, portanto, antes dos Macabeus (cf. v. *i).* A não ser que o autor, mesmo depois dos Macabeus, tenha sido alguém que, pertencendo ao círculo de Qumrã, continuava a reconhecer como sacerdotes legítimos somente os sadoquitas, mesmo se já destituídos.

Como quer que seja, é um belo Hino, que tem o tom da emoção das épocas turbulentas da história e que, mesmo formalmente sendo Hino, é no fundo uma prece nacional, com pontos de contacto com a súplica do c. 36,1-22. Alguns notaram sua afinidade também com as "dezoito bênçãos" da tradição judaica.

A estrutura é clara. Após o v. *a* temos três estrofes, a primeira (vv. *b-e)* alternando títulos universais de Deus com títulos históricos referidos a Israel; a segunda (vv. *f-i),* expressando a certeza da intervenção escatológica de Deus. que "reúne os dispersos de Israel", "reconstrói a Cidade e o Templo", "restaura a casa de Davi", confirma a "escolha dos filhos de Sadoc"; a terceira estrofe (vv. *j-m),* novamente apresentando títulos divinos, desta vez referentes aos patriarcas, sendo, o último, referente à eleição de Jerusalém.

Os últimos versículos (*n* e *o*) começam com o título superlativo "Rei dos reis", que no AT só se encontra em Dn 2,37, referido a Nabucodonosor, embora em Dt 10,17 encontremos os títulos análogos "Deus dos deuses e Senhor dos senhores"; e terminam com a citação integral do Sl 148,14: "ele restaura o poder de seu povo..."

5. TESTEMUNHO E EXORTAÇÃO (51,13-30)

O poema conclusivo do livro, em sua forma atual, é autobiográfico na primeira parte (vv. 13-22) e todo ele em acróstico, alfabético, no original hebraico. Essa forma acróstica é também a do poema conclusivo do livro dos Provérbios (31,10-31), sobre a "mulher virtuosa", ou seja, "de valor", símbolo da Sabedoria, e também de vários salmos, cujos versículos começam sucessivamente por cada uma das letras do alfabeto hebraico (cf. o Sl 119). Não há maiores novidades no conjunto, cujas idéias já se encontram em forma exortativa no c. 6,18-31. Infelizmente, o texto gr. está bastante alterado, motivando a introdução de algumas conjecturas a partir do hebr., especialmente nos vv. 19 e 28 (cf. o texto "recebido" na BJ ou na BV).

a) Testemunho (51,13-22)

[13] Alef. *Na minha juventude, ainda inocente,*
procurei abertamente a sabedoria em minhas preces.
[14] Bet. *Diante do Santuário eu a pedi,*
e até o fim vou procurá-la.
[15] Guimel. *Em sua flor, como na uva que amadurece,*
meu coração se alegrava.
Dalet. *Meu pé andou pelo caminho reto,*
pois desde a juventude segui suas pegadas.
[16] He. *Inclinei um pouco o ouvido e a acolhi,*
e encontrei para mim abundante instrução.
[17] Wau. *Por meio dela fiz progressos:*
por isso, darei glória a quem me dá a Sabedoria.
[18] Zain. *Com efeito, resolvi pô-la em prática:*
fui zeloso no bem e não serei confundido.
[19] Het. *Minha alma se apegou ardentemente a ela*
e na prática da Lei procurei ser minucioso.
Tet. *Levantei minhas mãos para* o *alto*
e deplorei minhas faltas a seu respeito.
[20] Iod. *Para ela orientei minha alma*
e na purificação eu a encontrei.
Kaf. *Com ela adquiri inteligência, desde* o *princípio,*
e por isso não serei abandonado.
[21] Lamed. *Minhas entranhas comoveram-se à sua procura:*
de fato, um bem precioso adquiri.
[22] Mem. *Em recompensa, o Senhor me deu a língua,*
e com ela o louvarei.

O autor conta em primeira pessoa os esforços e o empenho por adquirir a Sabedoria, desde a sua juventude, "ainda inocente": assim, numa interpretação mais coerente da fraseologia hebr., que costuma ser traduzida lit., e assim o foi no gr. e no lat.: "antes de andar errante", ou "vagueando", ou "antes de viajar"... Lembrar o próprio retrato que ele traça do Sábio, em 39,1-11, bem como a passagem autobiográfica de 34,9-13, sobre

viagens e provações, além de 14,20-27, sobre a intimidade com a Sabedoria. Aqui Ben Sirá personifica a Sabedoria como uma noiva de quem se enamora e a quem a todo custo quer conquistar, inclusive pela oração perseverante (vv. 13-14), o estudo e a purificação (v. 20; cf. a referência aos pecados no v. 19d).

Notar a imagem siracidiana do v. 15: "em sua flor, como na uva que amadurece..." E a "purificação", no v. 20, também poderia ser uma imagem conjugal: referindo-se à própria Sabedoria, é o tempo em que as relações sexuais são lícitas, segundo Lv 15,19 e 18,19.

De resto, vários destes verbos se empregam com referência a Deus, nos salmos, e com referência à Lei, no Deuteronômio. No v. 17b, o reconhecimento explícito de que é Deus quem "dá a Sabedoria". Finalmente, no v. 22, a "recompensa" da língua, dom que é também tarefa e missão, instrumento da Sabedoria e do louvor: cf. 4,24 e 39,6 (também Is 50,4: a "*língua de discípulo...*").

b) Exortação (51,23-30)

[23] Nun *Aproximai-vos de mim, vós que não tendes instrução,*
e freqüentai a ***Casa do ensino****.*
[24] Samek. *Por que ainda careceis destas coisas,*
e vossas almas têm tanta sede?
[25] 'Ain. *Já abri a boca e falei:*
Comprai-a para vós sem dinheiro!
[26] Pe. *Ponde o pescoço debaixo de seu jugo*
e vossa alma receba a instrução,
Tsade. *pois ela está perto e se pode encontrá-la.*
[27] Qof. *Vede com vossos olhos que eu pouco trabalhei,*
e no entanto encontrei grande repouso.
[28] Resh. *Participai da instrução ao menos um pouco,*
e com ela ganhareis ouro abundante.
[29] Shin. *E vossa alma se alegre*
com a misericórdia do Senhor,
e não vos envergonheis do seu louvor.
[30] Tau. *Realizai vossa obra antes do tempo fixado,*
e ele, no tempo que é seu, vos dará a recompensa.
Sabedoria de Jesus, filho de Sirac.

Agora fala o Sábio, em termos que lembram a proclamação da Sabedoria em Pr 8,1-11 e Pr 9,1-6. É um convite insistente aos que "não têm instrução", para que freqüentem a "Casa do ensino", em hebr. *beit midrash,* termo próprio que pela primeira vez aparece num documento e designava a escola rabínica. Os vv. 24-25 reproduzem a proclamação do profeta, em Is 55,1-3, na conclusão dos oráculos do II Isaías. A imagem do "jugo", no v. 23, é tirada da exortação do c. 6,23-31, e será retomada por Jesus, em Mt 11,29-30.

Os vv. 27-28 contrapõem o "pouco" e o "muito"; partindo da própria experiência, o Sábio insiste em que, diante do muito, do "ouro" que é a Sabedoria, todo esforço que se

faça é pouco, sem comparação. Infelizmente, o v. 28, no texto gr. "recebido" (cf. supra), não entendeu o original e se exprime contraditoriamente ao que está afirmado nos vv. 24-25, e cujo desfecho se encontra aqui: lá se convida a "adquirir" a instrução "sem dinheiro", e aqui se anuncia que "um pouco" de aprendizado produzirá "ouro abundante", isto é, o ouro da Sabedoria, que vale "mais do que o ouro" (Pr 8,19).

Os vv. 29 e 30 exortam à alegria e ao louvor mas, também, a não procrastinar, não deixar para depois, não adiar indefinidamente a "obra": e o Senhor, a seu tempo, não faltará com a sua "recompensa". É a síntese do que precede: a Sabedoria é graça, é dom, mas supõe o empenho humano. Quanto ao "tempo fixado", ou "tempo oportuno", cf. 1,23-24; 4,20; 22,16b; também Ecl 3,1-8.

No fim, a subscrição, dos editores da versão gr., resumindo os dados do próprio autor em 50,27. O texto hebr. tem uma subscrição mais longa, que podemos reproduzir aqui. O curioso é que chama o Sirácida de "Simão, filho de Jesus, filho de..." quando em 50,27 seu nome é "Jesus, filho de Sirac... ". Eis o texto:

"Até aqui, as palavras de Simão, filho de Jesus, Ben Sirá. Sabedoria de Simão, filho de Jesus, filho de Eleazar, Ben Sirá. Seja bendito o Nome do Senhor, agora e sempre!"

APÊNDICES

TÁBUA CRONOLÓGICA
(séc. III e II aC)
(seg. DI LELLA, p. 15)

OS LÁGIDAS Egito	OS JUDEUS	OS SUMOS SACERDOTES SADOQUITAS	OS SELÊUCIDAS Síria
Ptolomeu I Lagos, 323-285		Onias I, 323-300	Seleuco I Nicátor, 312-280
Controle da Palestina após a batalha de Ipsos, 301	Sob o domínio dos Lágidas	Simão I, o Justo, filho de Onias I (datas incertas)	
Ptolomeu II Filadelfo, 285-246			Antíoco I Soter, 280-261
Inícios da tradução dos LXX, ca. 250	Nasc. do Sirácida, ca. 250 (?)	Manassés, tio de Simão I (datas incertas)	Antíoco II Theós, 261-146 Seleuco II Calínico, 246-226
Ptolomeu III Evergetes, 246-221 Ptolomeu IV Filopátor, 221-203 Ptolomeu V Epífanes 203-181	Sob o domínio dos Selêucidas	Onias II, filho de Simão I, + 219 Simão II, filho de Onias II, 219-196 (cf. Sir 50)	Seleuco II Ceruno, 226-223 *Antíoco III Magno*, 223-187 Conquista da Palestina, 200-198
	Comp. do Sirácida, ca.190-180	Onias III, filho de Simão II, 196-174	Seleuco IV Filopátor, 187-175
Ptolomeu VI Filométor, 181-146 Ptolomeu VII Físcon Evergetes, 146-117 (co-regente desde 170)	Profanação do Templo, 167	Joshuá/ Jasão, irmão de Onias III, 174-171 Menahem/Menelau, usurpador não-sadoquita, 171-162	*Antíoco IV Epífanes* 175-164
	Judas Macabeu, 166-160 Re-consagração do Templo, 164	Jakim/ Alcimo, sadoquita ilegítimo, 162-159	Antíoco V Eupátor, 164-162 Demétrio I Soter, 162-150
Tradução do Sirácida p/o grego, após 132 (ano 38 de Ptolomeu VII Evergetes)		SUMOS SACERDOTES MACABEUS/ ASMONEUS Jônatas, 152-142 Simão, 142-134 João Hircano, 134-104	Alexandre Balas, 150-145 Demétrio II Nicátor 145-140 Antíoco VII Sidetes 139-129 Demétrio II Nicátor 129-125 Antíoco VIII Gripo 125-113

BIBLIOGRAFIA

Nota: Sendo um livro deuterocanônico, seu texto não se encontra nas edições protestantes da Bíblia, a não ser em edições ecumênicas, como a TEB ("Tradução Ecumênica da Bíblia"), Ed. LOYOLA, 1994, e a “Bíblia Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, Ed. Paulinas e Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

Entre as Bíblias de estudo, católicas, além da BJ, Bíblia de Jerusalém, temos a “Bíblia do Peregrino”, Paulus, 2002, com os preciosos comentários de Luís ALONSO-SCHÖKEL.

a) em português:

A. MINISSALE. *As raízes na tradição.* Col. Pequeno Comentário Bíblico, Ed. Paulinas (Paulus), 1993

STORNIOLO, I. *Como ler o livro do Eclesiástico: a identidade de um povo.* São Paulo, Paulus, 1994, 63 p., Série “Como ler a Bíblia”

ANDERSON-GORGULHO. *Os sábios* e *a luta do povo.* São Paulo, ed. dos autores, 1987.

BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia* III/2 (Os Livros Poéticos/Sapienciais). Petrópolis, Ed. Vozes, 1985 (trad.) , p. 253-282.

KIPPENBERG, H. G. *Religião* e *formação de classes na antiga Judéia: estudo sócio-religioso sobre* a *relação entre tradição* e *evolução social.* São Paulo, Ed. Paulinas, 1988 (trad.), ver cap. 5 e 6 sobre o período helenista.

PAUL, A. O *judaísmo tardio,* História Política. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983 (trad.).

PIXLEY, J. *História de Israel* a *partir dos pobres.* Petrópolis, Ed. Vozes, 1990², ver o cap. XIII, sobre o período da dominação helenística.

ROBERT-FEUILLET. *Introdução à Bíblia* (AT, tomo lI). São Paulo, Ed. Herder, 1967 (trad.), p. 305-311.

VILCHEZ-LÍNDEZ, J. *Sabedoria e Sábios em Israel.* São Paulo, Ed. Loyola, 2011, 2ª edição, pp. 93-131, cap. VI: “A sabedoria antiga e o Sirácida”

MORLA-ASENSIO, V. *Livros sapienciais e outros Escritos.* São Paulo, Ed. Ave Maria, 2005, 2ª edição, pp. 189-225: “O livro do Eclesiástico”

b) comentários consultados:

A.MINISSALE. *Siracide, le radici nella tradizione,* col. Leggere oggi Ia Bibbia, vol. 1.17. Brescia, Ed. Queriniana, 1988.

ALONSO-SCHÖKEL, L. *Provérbios y Eclesiástico,* col. Los Libros Sagrados. Madrid, Ed. Cristiandad, 1968; *Eclesiástico*, na “Bíblia do Peregrino”, São Paulo, Paulus, 2002, pp. 1574-1684

DI LELLA, A. A.; SKEHAN, P. W. *The wisdom of Ben Sira.* Anchor Bible, New York, Doubleday, 1987.

MACKENZIE, R. A. F. *Sirach,* col. Old Testament Message, vol. 19. M. Glazier, Inc., Wilmington, Delaware, 1983.

MICHAUD, R. "Ben Sira et le Judaisme", *La Littérature de Sagesse, Histoire et Théologie,* III. Paris, Les Éditions du Cerf, 1988.

MINISSALE, A, *Siracide (Ecclesiastico),* col. Nuovissima Versione della Bibbia, voI. 23. Roma, Ed. Paoline, 2002[3].

SPICQ, C. "L'Ecclésiastique", in PIROT-CLAMER, *La Sainte Bible,* Tome VI. Paris, 1946, pp. 537-841.

b) **estudos recentes:**

PASSARO, A. e BELLIA,G. (org.). *The Wisdom of Ben Sira. Studies on Tradition, redaction and Theology* (DCLS 1), De Gruyter, Berlin-New York 2008, recensão de VIGNOLO, R. in *Riv.Bibl.Ital.* 40 (2012), pp. 261-270

GILBERT, M., *Où en son les etudes sur le Siracide?* art. in Biblica 92 (2011), pp. 161-181

c) estudos do autor:

PEREIRA, N. B. "A mulher no Sirácida". *Encontros Teológicos,* ITESC, Florianópolis, 3 (1987/1): 16-21; também in *Estudos Bíblicos,* Vozes, 20 (1988): 46-58; e in *Rev. de Cultura Bíblica,* Loyola, 53-54 (1990): 128-142.

____________. "A escravidão nos Sapienciais". *Rev. de Cultura Bíblica,* Loyola, 49-50 (1989): 46-60.

____________. "O sentido do trabalho nos Sapienciais". *Estudos Bíblicos,* Vozes 11 (1986): 83-91.

_____________"Sabedoria e Política". *Encontros Teológicos,* ITESC, Florianópolis, 16 (1994/1): 5-12

_____________ Tradução do texto do Livro do Eclesiástico na *TEB,* Ed. Loyola, 1994, e na *Bíblia da CNBB*, 2001

_____________ "Eclo 38,8: saúde? Paz? Bem-estar? Texto e contexto bíblico do lema da CF 2012", in "*Encontros Teológicos*", ITESC, Florianópolis, n. 61 (2012/1), pp. 105-118; e in REB, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, fasc. 286, abril 2012, pp. 449-459